ANGIE MELLO

Amar de olhos fechados



ANGIE MELLO

Amar de olhos fechados

FICHA TÉCNICA

1ª Edição. Brasil. 2021

Todos os direitos desta edição são reservados à **ANGELA MARIA DE MÉLO**

E-mail: angelina1071@gmail.com

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Autora: Angie Mello

Título original: Amar de Olhos Fechados

Revisão e copidesque: Luhana Andreoli

Capa: L.A. Design

Ilustrações: Macrovector, Kjpargeter (Freepik)

1ª EDIÇÃO — ANGELA MARIA DE MÉLO — SÃO PAULO

Copyright © 2021 Angie Mello

Todos os direitos reservados à autora.

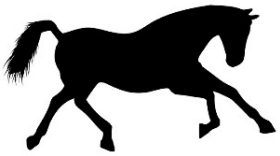


Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização por escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n° 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Edição digital – Criado no Brasil



LINK DA PLAYLIST NO SPOTIFY

https://open.spotify.com/playlist/7heThGLpkKLgmbOa4YIJTz?si=JAJJFexJRI-WwrYh5AZLaQ&dl_branch=1

SUMÁRIO

SINOPSE

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
EPÍLOGO
SOBRE A AUTORA
AGRADECIMENTOS
OUTROS TÍTULOS

SINOPSE

UM ENCONTRO INESPERADO LEVA A UMA SURPRESA QUE BALANÇA SEUS MUNDOS...

Santino acabou de perder tudo o que tinha de mais importante na sua vida: a mãe para o câncer e a fazenda para o banco. Agora, ele vai ter que fazer o possível e o impossível para tentar se reerguer. Além da própria

sobrevivência, anseia por algo que possa fazê-lo sentir-se vivo e inteiro de novo.

Uma oferta de trabalho em outro estado chegou na hora certa e pode ser o recomeço que ele tanto necessita. Sem hesitar, joga seus poucos pertences na carroceria, enfia as roupas numa mochila, entra na velha caminhonete e pega a estrada, deixando Nova Londrina para trás.

Chegando em Goiânia, resolve parar e passar a noite na cidade. Enquanto aguarda a liberação do quarto de hotel, decide ir até o bar. Está no segundo gole do seu drinque, quando ao passear os olhos pelo lugar, depara-se com uma bela e intrigante mulher.

Como não tem nada a perder, aceita o convite impresso naquele olhar azul e vive o momento, sem fazer a menor ideia do que o destino tem reservado para ele.

Pilar nasceu em berço de ouro, mas nem por isso sua vida foi sempre fácil. Órfã de mãe desde os três anos de idade, tem em seu pai, seu maior ídolo e símbolo de força, embora não seja nenhum segredo o quanto ele a subestima, chegando a duvidar da sua competência em sucedê-lo nos negócios.

Buscando pela aprovação paterna, deseja se formar no curso de Veterinária para voltar para a fazenda e provar para Romero Flores, o maior criador de gado do país do que a filha dele é capaz.

Certo dia, a seu pedido, ela vai até Goiânia, a fim de representar a Dourado Flores na Exposição de Agropecuária. Tudo corre como o previsto e ela se preparar para retomar sua rotina, quando, em sua última noite, um homem sexy e misterioso cruza o seu caminho.

Mexida, Pilar decide quebrar as regras, ao menos uma vez, coloca seus pudores de lado e dá vazão à atração explosiva que nasce entre os dois.

Amar de Olhos Fechados conta uma história onde segredos do passado, a chantagem e intrigas se fazem presentes, manipulando destinos.

****Contém cenas inapropriadas para menores de idade.***

****Livro Único.***

PRÓLOGO

— Os médicos me desenganaram. Não há mais o que fazer, apenas tomar os remédios para amenizar a dor. Paliativo, me disseram.

De repente, um acesso de tosse sacode o corpo frágil. Eu me apresso em pegar uma garrafa com água, despejo um pouco no copo, elimino a distância entre nós e me sento na beira da cama para ajudá-la a beber. Com uma mão na nuca, elevo sua cabeça. Ela toma dois pequenos goles e vira o rosto para o lado, recusando-se a beber mais.

— É suficiente — diz, e eu não insisto. Estico o braço e devolvo o copo à mesinha de onde o peguei. — Agora que eu não tenho muito tempo, preciso lhe dizer algo importante — emenda após um suspiro resignado. Está tão pálida e fraca que chego a pensar que pode se partir só de ser tocada.

— Por favor, não fale assim. Eu não consigo acreditar que... — Não sou capaz de completar a frase, pois ela me corta.

— Que estou morrendo? Infelizmente, é um fato imutável. Você não terá opção além de aceitar. E foi por saber que o meu fim está próximo que eu pedi para chamá-lo. Eu não posso morrer levando esse segredo comigo. Sei que demorei muito tempo para revelá-lo, mas quero ir-me deste mundo sem esse peso na consciência. E você tem que me prometer que vai fazer tudo ao seu alcance para ajudá-lo e que jamais lhe dirá a verdade!

Ansioso e frustrado, corro meus dedos pelos cabelos.

— Você está me pedindo demais. Eu não acho que serei capaz de fazer isso. Mentir sempre foi contra a minha natureza, ainda mais para... ele. Além disso, sabemos que o passado não pode ficar em segredo para sempre.

Pensativa, ela chacoalha a cabeça, anuindo.

— Tem razão, e eu sei o quanto será difícil para você guardar essa verdade, mas vai ter que ser assim. Ele odiará a minha memória por ter lhe ocultado um fato tão importante e que poderia mudar a vida que ele conhece para sempre — seus olhos se arregalam quase a ponto de saírem das órbitas, quando se voltam para o meu rosto. Me encolho por dentro ante aquele olhar vidrado — eu preciso da sua promessa! Não permita que eu me despeça deste mundo sem ela. — Para de falar, seu peito sobe e desce.

Percebo que respirar é um esforço grande demais para ela.

— Acalme-se e descanse um pouco. Eu não pretendo sair daqui.

Ela assente, fecha os olhos e parece dormir. Minutos se passam e meus pensamentos voam. Quando volta a abri-los, ela parece mais tranquila e até me lança um olhar carinhoso e porque não dizer, saudoso.

— Eu te amei mais que tudo na vida... Tanto, tanto... Mais que todas aquelas mulheres magras e elegantes com as quais você saía. Esperei que o tempo passasse, que algo mudasse e que eu pudesse gritar aos quatro ventos o meu amor por você, mas a vida não me permitiu... E, hoje, isso já não importa mais. Guarde esse segredo em nome de um sentimento que, apesar de tudo, nunca deixamos de sentir um pelo outro — apela, e sua voz falha no final.

Com a mão livre, aceno e engulo o bolo na minha garganta. Seguro sua mão na minha e noto-a trêmula e fria. Abalado, eu cedo, pois sou incapaz de lhe negar qualquer coisa, principalmente nesse momento, com a vida dela esvaindo-se aos poucos.

— Está bem. Você tem a minha palavra. Enquanto eu viver, ele não saberá a verdade.

Ela relaxa os músculos tensos do rosto.

Puxa o fôlego.

Está curto.

Puxa-o de novo com mais força.

— Era tudo o que eu precisava ouvir antes de ir, e vou em paz sabendo que você se ocupará dele — murmura e, cansada, cerra os olhos, afundando a cabeça no travesseiro e soltando o corpo magro no colchão.

Cada respiração que ela dá é seguida de um ronco estranho. Destroçado com a crueldade da realidade diante de mim, fico olhando para o rosto pálido, a mente vagando em um turbilhão constante em que passado e presente se misturam.

Eu não sei dizer quanto tempo se passa, mas, ao sair das minhas divagações, escuto o som de uma inspiração rasgada e profunda.

Prendo o fôlego e espero, mas ela não expira o ar retido em seus pulmões. Estupefato, percebo que está tudo acabado. Sinto o coração pesar uma tonelada no peito. Lágrimas sobem e enchem meus olhos, começando a escorrer pelas minhas bochechas.

Eu não costumo chorar e nem consigo lembrar da última vez que isso aconteceu, mas quando me vejo ante a finitude de uma vida, sou lembrado da minha própria mortalidade. Fraco e vulnerável, inclino-me para frente, apoio os cotovelos sobre os joelhos, tampo o rosto com as mãos e, dando vazão à minha dor, choro em silêncio.

CAPÍTULO 1

Pilar

Remexo o interior da bolsa à procura do celular. Quando eu o encontro, desbloqueio a tela e vejo que recebi algumas mensagens, a maioria de minha amiga Adela. Respondo-as rapidamente e coloco o aparelho de volta na bolsa, mas desta vez dentro de um dos compartimentos internos, e me preparo para voltar para o meu quarto. De repente, estaco e sinto a nuca formigar.

Impulsionada por uma sensação estranha e irresistível, viro a cabeça e sinto como se tivesse sido golpeada no exato momento em que meu olhar recai sobre um homem que imediatamente classifico como magnífico. Abro mais os olhos, surpresa por ele ter conseguido a proeza de tirar o meu fôlego apenas por estar ali. Fascinada, eu não consigo deixar de olhá-lo, mantendo meus olhos sobre ele por mais tempo do que eu gostaria.

Eu não posso negar que é um dos homens mais atraentes que já vi, e embora esteja vestido com roupas civilizadas – jaqueta preta de couro, camisa branca e calças escuras –, ele possui a elegância que certos homens trazem de berço, mas não são capazes de ocultar um toque sutil de perigo, o que lhes confere um charme selvagem.

Apoiado no móvel estreito e comprido, seu ar displicente pode confundir os desatentos, porém, um olhar mais apurado percebe que seu corpo não está tão relaxado como aparenta e que os olhos se movem alertas ao redor. A expressão indolente que ele sustenta nas feições é só fachada. Comparo-o a um caçador que aguarda pacientemente por sua presa.

Cada vez mais intrigada e tentando compreender a minha reação à sua presença, deixo-me levar pela aparência e passo a analisá-lo o mais

discretamente possível. Dono de uma beleza incomum que chega a ser inacreditável, ele é alto, e deduzo que deve ter mais de um metro e oitenta. As sobrancelhas escuras e grossas possuem um arqueado natural, o nariz é reto, a boca é firme, bonita, com um lábio superior fino e o inferior mais cheio, tão masculina quanto a mandíbula quadrada que a barba, precocemente grisalha, não consegue ocultar.

Subitamente, ele move a cabeça e nossos olhares se cruzam. Seguro o ar nos pulmões ao sentir a força de sua virilidade crua. A intensidade de seu olhar parece aquecer a pele dos meus ombros, que o modelo do vestido deixa nus, provocando uma onda de calor que desce ao longo dos meus braços.

Um pouco sem jeito por ter sido pega no ato, faço o possível para disfarçar o meu interesse, porém, algo me diz que não fui bem-sucedida. Obtenho a confirmação da minha total falta de habilidade em ser sutil quando um garçom se aproxima da minha mesa, retira a taça vazia e a substitui por outra, contendo uma dose de vinho. Uno as sobrancelhas e brindo-o com um olhar interrogativo. Ele lê a minha pergunta muda e apressa-se em responder:

— Um cálice de vinho do Porto com os cumprimentos do cavalheiro de jaqueta preta. — Move a cabeça para olhar na direção do bar. Como a pessoa curiosa que sou, estico o pescoço para imitá-lo e me deparo com o homem que estive admirando não faz nem cinco minutos. Mantendo a mesma posição e sob meu olhar inquisitivo, ele sorri e levanta o próprio copo a título de saudação. A julgar pela cor do conteúdo, creio que seja uísque.

Determinada e afrontosa, levanto o queixo e fito-o com ar de desafio, e ele também me encara sem se abalar com o confronto. Logo me dou conta

de que é o tipo de homem que não precisa adotar uma postura autoritária, pois só de observá-lo percebe-se que domina o ambiente em que se encontra.

Permanecer encarando-o por vários segundos não é, na realidade, uma dificuldade. Não apenas pela sua evidente beleza física, como também por seu olhar intenso, que parece estar em chamas, ameaçando aniquilar tudo em seu caminho.

Com um lampejo de admiração, ergo a taça e, assim, agradeço a gentileza, retribuindo sua saudação a um só tempo. E como se apenas esperasse pelo meu gesto para se mover, ele se afasta do balcão e cruza o saguão com largas passadas, proporcionando-me uma visão de si bem melhor e mais completa.

Os ângulos de seu rosto ficam mais evidentes conforme ele elimina a distância entre nós, e em questão de um minuto ou dois ele para bem na minha frente. Por céus! O homem é muito maior do que pareceu à distância. Tem o físico de um atleta, com lindos olhos azuis e pele morena. Impactada, observo-o em silêncio.

Ele faz uma pergunta e eu movo a cabeça, assentindo. Eu não sei bem como aconteceu, mas quando saio do meu transe momentâneo, ele está acomodando o corpo grande na cadeira vazia oposta à minha. Seu aroma chega até mim e...

É divino!

Um cheiro limpo, masculino e amadeirado que eu inspiro com gosto, pois se há algo que eu adoro, é um homem cheiroso. Para minha surpresa, a nossa conversa, embora superficial, flui com naturalidade, e, entre um drinque e outro, minha inibição e cautela iniciais vão diminuindo, ao

contrário da atração física que esse homem me inspira. Esta só faz aumentar a níveis alarmantes.

— Com licença, preciso me ausentar por um instante, mas não saia daqui. Eu já volto — avisa e me brinda com um olhar e um sorriso capazes de excitar uma mulher sem ao menos tocá-la.

Eu concordo, e só então ele fica de pé e caminha com passadas seguras até a recepção, dirigindo-se ao recepcionista ao chegar. Durante todo o tempo que dura a troca de palavras entre os dois homens, o atraente desconhecido não tira os olhos de mim. Sinto sua força e posso ver a confiança e o vigor destacados no rosto másculo.

E por que não dizer... um pouco arrogante? Eu não tenho dúvidas de que ele sabe o poder que tem, que é um homem charmoso, viril e muito atraente.

— O que acha de sairmos daqui e irmos para um lugar mais tranquilo? — indaga com sua voz de barítono quando retorna.

Há um quê de malícia em seu olhar, e os lábios estão repuxados em um sorriso de canto que amenizam um pouco as feições duras. Ele está tão perto de mim que consigo ver que seus orbes são contornados por um aro mais escuro, quase preto, e pequenos vincos e linhas permanentes na pele bronzeada espalham-se, saindo dos cantinhos dos olhos.

Remexo-me no assento, pois a pergunta me deixou nervosa. Porém, antes que eu possa pensar em formular uma resposta, ele me oferece a mão e eu aceito o convite. Contrariando minha natureza desconfiada, passo a mão na bolsa e, juntos, atravessamos o *foyer* do hotel, indo em direção aos elevadores. Chegamos e entramos em um deles, que já se encontra parado no térreo. No seu interior, ele aperta o botão de número oito.

Ficamos um de frente para o outro e trocamos um olhar significativo, então ele pragueja baixo e me empurra contra a parede do elevador. Bruto, fecha os dedos no meu queixo, magoando a carne sensível, e sustenta meu olhar um segundo antes de me beijar com fome e desejo.

Deslizo os braços em torno da coluna do seu pescoço, deixando nesse momento de ser uma mulher racional. Ansiosa e transloucada, eu o beijo de volta, obedecendo a um instinto animal. Mergulhados um no outro, mal percebemos quando o aparelho para com um pequeno solavanco, e no instante em que as portas de aço se abrem, nós nos separamos e saímos para o oitavo andar.

Imediatamente sou conduzida ao longo de um corredor. Equilibrando-me em meus saltos muito altos e um pouco instáveis, preciso me esforçar para acompanhar suas passadas largas e cada vez mais rápidas. Até que, finalmente, paramos diante da porta de um dos vários quartos.

— Uau, você está mesmo impaciente — comento, um pouco ofegante por conta da nossa pequena corrida.

Parada junto à porta e com o coração palpitando no peito, meu olhar colide com os olhos de um azul magnético do homem à minha frente. Sinto um enrosco de antecipação se formar na boca do estômago e mordo o cantinho do lábio inferior quando uma onda de calor desce pelo meu corpo, concentrando-se bem no meio das minhas coxas e deixando-me ainda mais consciente do que está prestes a acontecer.

— Você não imagina o quanto... — Um sorriso lento e sem-vergonha desliza pelo seu rosto.

Ele se inclina para frente e me pega pela cintura, então, abaixando a cabeça, roça a boca na minha, mas não me beija. Eleva o braço e corre o

polegar pelo meu lábio inferior com uma calma enervante. O gesto sensual visa me provocar, e o leve tremor de meus lábios denuncia que seu objetivo foi alcançado. O homem mal me tocou, mas seu efeito eletrizante me deixa paralisada e com as pernas bambas.

Então, ele sorri novamente, sem desviar os olhos dos meus, e desta vez o sorriso é de um predador. E recolhe a mão. Cada vez mais excitada, eu preciso resistir à vontade de me contorcer e esfregar as coxas uma na outra a fim de acalmar um espasmo interno e involuntário. Procuro me distrair, observando-o pescar uma chave do bolso da calça social e destrancar a fechadura.

— Vem — ele me chama e segura minha mão. — Você é tão linda... E tem um corpo tão perfeito que me deixa louco — sussurra no meu ouvido, os lábios tocando minha orelha enquanto fala. Reconheço que eu nunca me senti como me sinto quando estou ao seu lado. E como eu adoro ouvi-lo fazer esse elogio... Eleva a minha autoestima ver a admiração nos seus olhos quando me fita.

Ele empurra a porta com o ombro e, em seguida, adentramos o cômodo espaçoso. Com sua mão enorme espalmada nas minhas costas, permito-me ser guiada suavemente para o centro do aposento. Afastando-se de mim, ele acende as lâmpadas dos abajures espalhados de maneira estratégica pelo quarto, deixando o ambiente numa penumbra agradável.

Uma música lenta e sensual começa a tocar. Quando ele volta para mim, deixa cair o rosto e mordisca um ponto sensível do meu pescoço. Inquietas, suas mãos se movem errantes pelos meus quadris por cima do tecido macio da saia do meu vestido. A boca morna desce, parando na curva entre a clavícula e o ombro. Enquanto ele beija o meu pescoço,

aproveita para desabotoar o fecho com dedos hábeis. Definitivamente ele é um homem que sabe muito bem como excitar uma mulher.

Meus músculos se contraem sob suas carícias e um calor abrasador espalha-se pelo meu corpo. Sinto-me pulsar em expectativa quando ele segue provocando-me com a língua, lábios e dentes, ao mesmo tempo que sugere todos os tipos de ideias picantes com sua voz rouca. De repente, eu me vejo imaginando mil coisas com esse homem. Fico tão excitada que murmuro pedindo mais quando ele faz uma pequena pausa e se afasta apenas o suficiente para retirar a jaqueta.

— O que estamos fazendo é mesmo uma loucura, não é? — indago, e meu coração acelera quando ele se livra da peça e eu tenho uma bela visão do seu corpo e de como a parte superior afunila até a cintura estreita. Em um rompante de confiança, enrolo os dedos no cós da calça, logo abaixo do V delicioso.

— Sim, é a porra de uma loucura. Uma fantástica e deliciosa loucura. — Com um gesto seguro, ele me puxa para junto de si. Arfo, apreciando o seu jeito intenso e um tanto possessivo de ser.

Quando seus quadris pressionam os meus, sinto a protuberância dura em suas calças, e é como se cada célula do meu corpo despertasse, ganhasse vida, e um arrepio gostoso desliza por minha espinha.

— Você também não está para brincadeira — comenta, e há um brilho irônico em seus olhos.

— Que sentido tem fazer joguinhos, se somos adultos e sabemos para onde isso está indo? — inquiro, olhando-o com doçura.

Ousada, afundo os dedos nos músculos firmes de suas nádegas e pressiono os seios contra a parede dura do peitoral trabalhado. Os ombros

fortes e largos e os fios curtos de sua barba me deixam completamente louca.

— Estou adorando esse seu jeito impetuoso, mas nós precisamos conversar antes de continuarmos. — Embora abaixe ligeiramente o olhar, tirando seus olhos dos meus, sua voz segue sendo profunda e hipnótica. Dou um passo para trás e ergo o rosto para olhar melhor o seu rosto.

— A que você se refere? — indago, franzindo a testa, enquanto ele volta a fixar o olhar em mim.

— Há uma coisa que você precisa saber. Algo que eu tenho que esclarecer, para que não haja nenhum mal-entendido entre nós — responde, e a curiosidade me faz levantar uma sobrancelha.

Afasto-me dele e sento-me na beira da cama imensa.

— Estou escutando — acedo, e com movimentos deliberados cruzo primorosamente as pernas, mas sem cortar o nosso contato visual.

CAPÍTULO 2

Cruz

Eu sou um cara realista e estou sempre com os pés bem plantados no chão. Mantenho meus sentimentos em estado de alerta e faço questão de conservar um certo distanciamento, demonstrando que não me deixo conduzir pelas loucuras do coração. Não escondo de ninguém o quanto gosto da minha vida de solteiro, mas as mulheres não deixam de se envolver emocionalmente comigo por causa disso.

Faz um bom tempo que perdi a conta de quantas mulheres passaram pela minha cama desde a minha primeira transa com uma das primas do Thiago, meu melhor amigo na época, aos quinze anos de idade. E nenhuma durou mais do que seis meses.

Fico surpreso quando percebo que me distraí e acabei esquecendo o que tinha para dizer à mulher que me espera sentada, pacientemente, na ponta da cama. De volta ao presente, eu me perco por alguns instantes nas profundezas dos olhos verdes adornados por cílios escuros, os mais eróticos que já tive sobre mim e que me lembram os de uma gata selvagem.

Sacudo a cabeça, saindo de vez das minhas divagações, limpo a garganta e me recomponho.

— Como eu disse no restaurante, estou de passagem pela cidade. Pego a estrada amanhã cedo, o que significa que nós temos apenas esta noite. Sem nomes. Sem troca de telefones. Preciso que você esteja ciente disso antes de prosseguirmos — aviso com seriedade.

Eu podia ter falado isso lá embaixo? Podia. Mas a chance de levar um rotundo não na cara era maior. E não sou idiota. Eu quis dar uma amaciada

na garota primeiro, porém, caso ela não aceite os meus termos, nós nos separamos, cada um toma seu rumo e vida que segue.

Ela sorri, e confesso que era a última coisa que eu esperava. Na verdade, eu me preparei para a sua fúria, pensei que ficaria indignada e sairia do quarto batendo a porta. Sem deixar de sorrir para mim, suave e sensualmente ela levanta, aproxima-se e corre os dedos bem devagar pelo meu peito.

Descendo um pouco mais, alcança a barra da minha camisa e puxa o tecido para fora do cós da calça. Seus dedos resvalam no meu abdômen, fazendo os músculos se retraírem. Ao notar o movimento involuntário, ela me lança um olhar sedutor. A safada umedece os lábios usando só a pontinha da língua, fazendo-me engolir em seco.

— Hum, que homem misterioso... Não vou negar, eu adoro um mistério — declara com voz rouca enquanto roça o corpo no meu. Mas logo emenda, sem desviar os olhos do meu rosto: — Eu não vejo problema, pelo contrário, mas... por acaso você não teria um nome qualquer para me dar? É chato não ter como te chamar. Pode ser um nome inventado mesmo.

Reflito por um momento, passo a mão pela barba e respondo:

— Está bem. Nesse caso, você pode me chamar de Cruz.

Ela sorri e seus olhos vão direto para a tatuagem na lateral do meu pescoço.

— Cruz — repete o nome que lhe dei em tom de aprovação, passando as pontas dos dedos pelas três cruzes que tenho desenhadas na minha pele. — E você pode me chamar de Ísis. Ah, e quanto a ser um encontro de apenas uma noite, não há nada com que se preocupar. O que eu quero de

você é apenas sexo. Pode me dar isso? — questiona, brindando-me com um olhar atrevido que me deixa desnorteado.

Ísis, repito mentalmente. Nome de uma deusa egípcia, o que me deixa impressionado, pois tem tudo a ver com essa mulher de beleza única e sensualidade indiscutível. Eu não me canso de admirá-la. O vestido preto justo e com um decote modesto, parando na curva dos joelhos, não faz nada para esconder suas curvas perigosas; em vez disso, incentiva-me a tirá-lo.

Ela mantém a aparência de uma rainha em público, mas, pelo que vejo, entre quatro paredes a coisa muda de figura e a mulher contida e elegante se solta e se transforma deliciosamente em uma garota má. Embora eu esteja um pouco surpreso com tamanha audácia, sinto-me um tanto aliviado, pois gosto de mulheres que dominam a própria sexualidade e a atração física sem se deixar envolver pela emoção.

— Sabe muito bem que eu quero passar esta noite com você, tanto quanto você deseja passá-la comigo — respondo. Mas quando vou beijá-la, ela move a cabeça, desviando a boca da minha, e meus lábios tocam a lateral de seu rosto, próximo à orelha.

— Não tão rápido. Você precisa pegar uma coisa primeiro...

Levanto uma sobrancelha confusa e me pergunto se ela está fazendo isso apenas para me atiçar.

— Ah, sim? — indago, e Ísis confirma com um leve mover de cabeça.

— Proteção. Sem preservativo, sem sexo! — declara firme, e eu sorrio, concordando. Estico o braço, abro a gaveta e retiro uma caixa de preservativos. Quando ela vê a caixa, puxa-me pela gola da

camisa. — Agora não temos nada mais a dizer — murmura, procurando minha boca.

Passional, ela morde meu lábio, puxa meu cabelo e enfia a mão por dentro da minha camisa. Com pressa, a mulher abre os botões, um a um, e afasta o tecido para os lados. A sensação indescritível de estar pele contra pele me deixa a ponto de perder a cabeça. Durante o beijo, experimento uma onda de desejo que me deixa atordoado.

Ísis é tudo o que eu imaginei e muito mais. Sexy, desinibida. E adoro que seja tão impaciente. Quando seus dedos desabotoam a minha calça e começam a descer o zíper, eu já estou quase a ponto de bala e tenho que respirar fundo para controlar uma súbita descarga de adrenalina. Ela agarra o meu pau completamente duro e... *Porra!*

Trinco os dentes e reprimo um gemido quando Ísis agita-o com força, como se por instinto ela soubesse que é exatamente assim que eu gosto.

Costumo ser o mais ativo na cama, mas também acho muito excitante que seja o contrário, assim, estreito os olhos, umedeço os lábios secos e aprecio o momento.

Apesar do salto alto, o topo de sua cabeça apenas toca a base do meu queixo, por isso ela precisa se esticar para conseguir alcançar a minha boca e me beijar, enquanto segue me acariciando.

Estou ciente que o que sinto é uma forte atração e me pego imaginando como será sua paixão na cama, se também é ansiosa para atingir o clímax.

— Eu sou uma mulher exigente, espero que você se preocupe comigo — como se fosse capaz de ler meus pensamentos, Ísis murmura no meu ouvido. E se isso não é uma provocação, eu não sei o que é.

Um frenesi toma conta de mim e só preciso de dois passos para espremê-la contra a parede mais próxima. De modo firme e um tanto brusco, eu me ajusto entre as suas pernas. Meu sangue ferve, o desejo irradia do meu corpo e passeio meu olhar por ela, a fim de gravar cada pequeno detalhe. Seu rosto é simétrico e os lábios são cheios, rosados e sensuais; uma boca que é um verdadeiro convite ao pecado.

O cabelo castanho e mais claro nas pontas está preso em um coque francês. De repente, eu me pego desejando enfiar os dedos nele para desfazê-lo. Quase perco o fôlego, aturdido pela beleza de seu rosto e a perfeição do corpo no formato de uma ampulheta e, deliciosamente, voluptuoso.

Ela é incrível e me atraiu logo de cara. E, agora, eu não vejo a hora de levá-la para a cama e arrancar suas roupas. Eu a desejo tanto que sinto que morrerei se não me afundar em seu corpo nos próximos minutos, o que me surpreende, porque faz um bom tempo que não sou tomado por um tesão como o que essa mulher me desperta.

Com a idade, reconheço que fiquei mais calmo e seletivo. Creio que é um processo natural. A chegada da maturidade nos leva a isso, e percebi que tenho buscado por mais qualidade nos relacionamentos à quantidade de parceiras, como eu fazia antigamente.

Entretanto, eu não me vejo assumindo um compromisso mais sério com uma mulher em um futuro próximo. Até hoje, apenas uma mulher conseguiu driblar as minhas defesas e deixar sua marca em minha vida: Antonela Gusmão. Filha única de um dos maiores produtores de café do Estado do Paraná, a mulher soube como mexer comigo e abalar as minhas estruturas.

Quando nos conhecemos, ela tinha acabado de ficar noiva, e o noivo era o filho de um influente político local, mas isso não impediu que nós tivéssemos um romance clandestino, tórrido e cheio de erotismo, porém, breve. Fiquei sabendo, pela própria Antonela, que existiam interesses escusos e poderosos demais por trás daquela união arranjada, e quando chegou o momento, mesmo se declarando apaixonada por mim, ela não suportou a pressão, acabou com o que tínhamos e contraiu matrimônio apenas duas semanas após terminarmos.

Aquela foi a primeira e a última vez que eu baixei a guarda, abri meu coração e me deixei levar por uma paixão louca, alucinada. Arrasado, levei um bom tempo para esquecer um amor fadado ao fracasso desde o princípio.

Uma década depois e prestes a completar trinta e cinco anos, eu nunca cheguei nem perto de me casar. O que isso diz a meu respeito? Que sou um solitário, ou que tenho medo de compromissos? Bom, talvez eu seja um pouco dos dois.

Refreio a minha linha de raciocínio, pois não vai me levar a lugar nenhum. Eu não sei o que está acontecendo comigo, não sou de ficar relembrando o passado.

Foco! É disso que eu preciso, afinal, voltar a vê-la não é uma opção real. Estou em um momento de transição, minha vida e emoções, estão um caos e eu não preciso de nada que possa tornar as coisas ainda mais complicadas, mesmo que a mulher seja a tentação em forma de gente.

Ísis é a exceção à regra que me impus anos atrás, sobre evitar manter casos de uma noite com mulheres aleatórias. Desta vez, eu não resisti e cedi à química explosiva e repentina que surgiu entre nós. E nos tornamos amantes à primeira vista.

Me arrisco a pensar que, se eu não estivesse de passagem pela cidade, talvez, só talvez, as coisas entre nós poderiam ser diferentes. Bem que eu gostaria de explorar um pouco mais essa coisa doida e gostosa que nos puxa para o outro, desde a nossa primeira troca de olhares. Mas, infelizmente, não é possível.

Inspiro o ar com força, concentro-me e busco por controle, dominando os meus instintos. Há muito tempo deixei de ser um adolescente guiado pelos hormônios, além disso, não há razão para pressa, afinal, temos uma noite inteira pela frente. Com isso em mente, pouso as mãos nos ombros da mulher à minha frente e escorrego-as pelos braços até segurar seus pulsos.

Faço o caminho de volta e, com uma torção, desfaço seu coque. Fascinado, admiro o cabelo pesado, farto e brilhante desmanchar-se, caindo em ondas e cobrindo uma boa parte de suas costas. Minhas mãos vão para o zíper do vestido e começo a descê-lo bem devagar. Ela balança os quadris e o tecido desliza por suas pernas, formando um montinho em torno dos tornozelos.

Ísis fica com as pernas envoltas em meias finas, daquelas que vão até o meio das coxas, e com o conjunto de lingerie mais sexy que eu já vi, uma calcinha perversa e um sutiã transparente que mal lhe cobre os seios. Eu não consigo evitar e sigo devorando-a com o olhar. Passo os olhos pela cintura acentuada que culmina em um par de quadris arredondados; vou para o traseiro empinado, desço pelas pernas compridas e tonificadas. Alta, esguia e dona de um corpo escultural, Ísis poderia facilmente desfilar para qualquer grife famosa. É uma sereia bela, sensual e perfeita.

Antes que eu esqueça, separo-a de mim por um instante, pego a caixa de preservativos e, para evitar problemas, retiro alguns e atiro em cima da

cama. Feito isso, deito-a sobre o colchão e penso em como a visão dessa mulher é um banquete para os sentidos. E, pelos deuses, eu não vejo a hora de apreciar cada um deles. Estico-me e pairo sobre ela, capturo sua boca e sinto suas curvas moldando-se ao meu corpo. Devolvendo o beijo de maneira apaixonada, Ísis enfia os dedos nas minhas costas.

— Deus do céu... como você é gostosa — sussurro, batendo firme na bunda dela, apreciando a realização de uma das minhas fantasias sexuais mais recorrentes.

Ela geme alto.

— Hummm... eu não sou masoquista, mas confesso que gosto das suas palmadas.

Deslizo as palmas por aquelas nádegas, deliciosamente, quentes e, instigado pela sua resposta, volto a beijá-la. Com dois movimentos rápidos e um jogo de corpo, eu a coloco montada sobre mim. A realidade ultrapassa a imaginação, nada se compara a tê-la aqui, com as coxas femininas apertadas contra os meus quadris, arrastando-me com ela para um mundo de luxúria e perdição.

— Dispa-se para mim — peço com voz baixa e um pouco grossa. — Eu quero olhar você.

Ela me brinda com um sorriso travesso e começa a tirar o sutiã como se fizesse um show para uma plateia; no caso, eu. Mas em vez de deixá-lo cair sobre a cama, segura-o sobre o peito e solta uma alça, depois faz o mesmo com a outra, para então deslizá-las devagarinho pelos braços. Tudo isso sem desviar os olhos dos meus.

Prendo a respiração, e quando Ísis finalmente larga a peça, revelando os seios ante o meu olhar ávido, exalo o ar junto com um grunhido de

satisfação. Eles são firmes, altos e do tamanho exato, com mamilos de um cor-de-rosa escuro e que parecem suplicar por minhas carícias. Mansa e lentamente, Ísis desliza as meias pelas pernas, e faz isso sem deixar de me provocar com os olhos, lábios e língua.

— Precisarei de ajuda com a calcinha — murmura e contrai o rosto em uma expressão brincalhona, mas que logo muda para sensual.

Disposto a fazer qualquer coisa que ela me peça, assinto com um gesto. Inclinando-se para frente, seus lindos seios ficam a milímetros da minha boca, então ela começa a retirar a peça diminuta. Deitado de costas, eu me apoio em um cotovelo, estendo a outra mão para segurar sua cintura e aproveito para acariciar a base de sua coluna, apreciando o contato com a maciez da pele nua. Quando a calcinha está na altura dos joelhos, ela muda de posição e ergue as pernas, elevando-as alguns centímetros acima do meu peito.

— Tire-a. — Ísis estreita os olhos na minha direção, o lábio inferior preso entre os dentes, tronco elevado, cotovelos fincados no colchão e os cabelos longos deliciosamente despenteados.

Mais do que feliz em ajudá-la, eu arranco a calcinha e me lanço sobre ela. Solto um gemido luxurioso quando envolvo um mamilo rígido com os lábios, sugando e roçando-o com a ponta da língua.

Ísis ofega enquanto eu aspiro seu aroma puramente feminino. Tateio sua carne quente, palpitante, e saboreio cada centímetro de pele dourada, atento a cada uma de suas reações ao meu toque.

— Você gosta? — sussurro a pergunta, acariciando o outro seio com a ponta do dedo e vendo como o mamilo endurece e se levanta. — Do que mais você gosta? Me diz.

— Está indo muito bem, eu não tenho nenhuma queixa — ela consegue dizer entre suaves gemidos. — Adoro um homem que não se apressa e não pensa somente no próprio prazer.

— Mas o que estou fazendo me faz sentir um grande prazer — retruco num tom baixo, vendo a beleza da mulher à minha frente. — E esse sorrisinho perverso me diz que vamos nos divertir muito.

— Acho que você tem o dom de ler mentes — comenta, fitando-me sem o menor pudor.

— Me mostre onde quer que eu a toque. — Observo as nuances do seu rosto, e pela sua expressão está claro para mim que ela sabe que se trata de uma provocação. Com os olhos presos aos meus, Ísis enrola os dedos em meu pulso e guia minha mão até o vão entre suas coxas.

— Bem aqui... — responde e deixa escapar um arfar devasso quando abro suas dobras e começo a mover os dedos em sua boceta lisinha.

Fico ali por alguns minutos, então levanto a cabeça e, olhando diretamente para ela, falo:

— Agora feche os olhos, procure relaxar e apenas sinta.

— O que você vai fazer?

— Eu vou cuidar de você, Ísis. Eu te darei toda a atenção que você merece — respondo, e com um rosnado baixo pego-a pelo quadril, posiciono-me e começo a prová-la com vontade. Escuto um arfar seguido de um gemido enquanto mantenho suas pernas afastadas.

Sim, ela gosta do que estou fazendo. Eu também posso ser perverso quando quero, penso, chupando e acariciando seu clitóris com a língua. De

olhos fortemente fechados, ela arqueia as costas e enreda os dedos em meu cabelo. Ísis não é nada tímida, sabe muito bem o que quer, e eu adoro isso.

As carícias continuam e eu olho em seu rosto no exato instante em que cobre a boca com a mão para abafar um grito. Eu me concentro no que estou fazendo e não paro até que ela esteja mole, mergulhada em ondas de prazer e imersa numa intensa mansidão sensual.

CAPÍTULO 3

Pilar

Cruz afasta-se de mim e imediatamente sinto falta do calor de seu corpo e toque. Eu disse que tudo o que queria dele era sexo, mas eu não estava sendo completamente honesta. Esse homem me desconcerta, ele me tira do sério. Cruz me fascina.

Loucura. Desatino.

São estas as melhores palavras para descrever a atração que sinto por ele. Entretanto, também tenho medo dessa coisa mais profunda, dessa unicidade que surgiu e está crescendo entre nós.

Quando eu poderia imaginar que um encontro casual com um estranho sexy me renderia um dos orgasmos mais intensos que já tive na vida? me pergunto, enquanto a música ambiente soa cada vez mais distante. Sigo flutuando numa névoa de êxtase, macia como algodão.

Ainda sob os últimos resquícios do gozo recente, abro os olhos pesados de desejo, ajeito-me na cama e, lânguida, passo a observá-lo por entre os cílios.

Ele se move pelo quarto e apressadamente puxa a carteira do bolso e a joga sobre a cama. Com gestos abruptos, impacientes e apressados, tira a camisa e livra-se das calças, atirando-as ao chão. Seu corpo magro e musculoso parece maior, mais forte e mais bronzeado. Vorazes, meus olhos pairam por um par de pernas longas e bem definidas.

Elevo um pouco o olhar até a boxer preta, e não consigo desviar os olhos daquele volume indecoroso por um longo momento. Devagarinho,

passo a língua pelos lábios, e, quando subo um pouco mais, vislumbro o abdômen trincado e um torso firme e poderoso.

Meus olhos pousam em seus braços fortes e musculosos e eu me perco nos contornos das tatuagens que descem do pescoço, passando por toda a extensão do braço esquerdo e terminando no pulso. Curiosa, eu me pergunto sobre os significados dos desenhos. Não há dúvida que são lindos, mas a trinca de cruzes na lateral do pescoço, além de bela, é impactante.

Após livrar-se da cueca, Cruz tateia entre os lençóis revirados em busca do preservativo. Protegido, pousa o olhar muito sério sobre mim. Ficamos nos olhando sem dizer nada, até que ele se aproxima e me agarra pela cintura. A eletricidade que emana dele transpassa meu corpo.

— Está pronta para mim? — indaga, inclinando-se para me beijar ao mesmo tempo que abre as minhas pernas com o joelho.

Nós nos beijamos até quase perdermos a respiração, então, ele separa nossas bocas, e, ofegando, eu sigo o encarando. Minha resposta silenciosa é enlaçar sua cintura com as pernas, arquear as costas e descer a mão para segurar seu pau, aproximando-o da minha boceta palpitante e encharcada.

— Eu quero você mais do que qualquer coisa que já desejei na minha vida — ronrono com os olhos semicerrados, envolvida por um desejo absurdo. Mordo o lábio, reprimindo um gemido, e inclino o corpo quando esfrego a cabeça do pau grosso e quente no meu clitóris. Desço um pouco mais, sentindo-o pulsar entre os dedos, pronto para entrar e me fazer dele.

Cruz abre ainda mais o sorriso diante da minha impaciência, contudo, percebo que ele está no limite, assim como eu. Seu corpo desce, as mãos deslizam, meu coração martela e meu sexo pulsa. A espera e a expectativa são dolorosas, um misto de prazer e angústia. Sem conseguir se segurar por

mais tempo, ele levanta os quadris e empurra para frente, penetrando-me com uma única investida.

Suspiro longamente quando ele mergulha fundo dentro de mim e chamo seu nome, sentindo-o me preencher por inteiro. Cruz se detém por um instante, e penso que é por receio de ter me machucado com a força do seu ímpeto. Para tranquilizá-lo, enrolo meus dedos em seus braços e peço para que ele continue enquanto agarro seus ombros.

Sou calada quando ele saqueia minha boca em um beijo faminto e feroz. Nosso encontro é ansioso e movido pelo instinto, com nossos corpos unidos em um encaixe perfeito. Ele começa a se mover e logo acelera, tornando frenético o ritmo do sobe e desce. Entregue, eu o sigo com meu corpo, mantendo o sincronismo, dando tanto quanto tomo e exigindo tudo o que ele tem.

— Ísis, está comigo? Preciso que você esteja comigo, porque eu estou quase lá.

— Eu estou com você, Cruz — sussurro a resposta em seu ouvido. — Continue. Está bom demais. Por favor, não pare — peço de modo despudorado, sendo consumida por uma paixão alucinante e selvagem.

Percebo que ele está lutando para manter o controle e logo deixa escapar um grunhido abafado, empurrando a pélvis com mais força. Eu não penso em nada, só em acompanhar seus movimentos vigorosos, engolindo e apertando o pau delicioso dentro de mim. Escuto seus gemidos, aspiro seu cheiro de macho e sinto-o até nos ossos. Como eu desejo absorver cada gota de sua essência!

Tudo deixa de existir quando percebo que o prazer se aproxima. Agarro-o pelos ombros e estremeço violentamente, como se tivesse sido

atingida por um raio. Tudo à minha volta explode. Um mundo de sensações me faz gritar, perdida em meio aos estremecimentos causados pelo orgasmo. Ondas indescritíveis de prazer parecem que vão durar para sempre, enquanto as paredes da minha vagina contraem-se em torno do pau dele.

Aperto os olhos e jogo a cabeça para trás, mordendo o lábio inferior. Incansável e mantendo um ritmo incessante e acelerado, Cruz segue estocando. Seus músculos estão cada vez mais rígidos sob meus dedos, e sou incapaz de controlar um gemido alto quando uma última e profunda estocada me atinge, misturando-se ao urro rouco que escapa das profundezas de sua garganta no instante que se liberta.

Ofegante, exausto e suado, ele tomba em cima de mim, esmagando-me. Embora seja grande e pesado, eu não me queixo, em vez disso, abraço-o com tal força que, mesmo se quisesse, ele não poderia se afastar. Quando meus pulmões reclamam, aspiro com força, enchendo-os do ar necessário para voltar a respirar normalmente.

Arfando, Cruz se move, desliza o pau para fora da minha boceta escorregadia e, devagar, desvencilha-se do meu abraço. Após retirar o preservativo, ele dá um nó na ponta e entra no banheiro para descartá-lo. Quando retorna, sorri e se deixa cair pesadamente no colchão. Move a cabeça e olha para mim, jogada ao seu lado com os membros tomados por uma sensação deliciosa depois de uma sessão de sexo de qualidade.

— Você acabou comigo! Estou sem forças — declara, respira fundo e passa a língua pelos lábios de modo lascivo, com uma expressão satisfeita estampando seu rosto.

— Nem me fale. Também estou morta — confesso. — E então, quando vamos fazer de novo? — pergunto, com um sorriso sacana

brincando no cantinho da boca. Sua mão procura a minha e ele entrelaça os nossos dedos.

— Ísis, a nossa noite mal começou. Eu só preciso de uns minutos e já estarei mais do que pronto para a próxima rodada. — Quando ele pisca e sorri de um modo safado, meu coração dá um salto e dispara no peito.

Horas mais tarde, e, por fim, saciados, eu rolo para cima dele.

— O que houve? — indaga Cruz, questionando a intensidade do meu olhar. — Por que está me olhando assim?

Desgrudo os cabelos dos meus ombros suados com as mãos, emolduro a face forte e, com os olhos, percorro todos os detalhes: os cílios, o nariz, a barba viril, a boca tentadora...

— Estou memorizando seu rosto. — Sorrio vagamente e permaneço onde estou, aninhada no peito quente e musculoso.

O que aconteceu aqui, neste quarto, foi uma coisa rara. Nossos corpos se encaixaram perfeitamente. Nossa química é simplesmente incrível. Nenhum homem me fez sentir tão linda e desejada. Nenhum homem me deu tanto prazer no sexo, nem me fez sentir essa paz depois de tudo. Meus olhos pesam, mas antes de cair no sono ao lado dele, penso que encontrei alguém especial. Como poderei ir embora sem saber quem ele realmente é?

De manhã, eu vou descobrir.

CAPÍTULO 4

Cruz

Desperto com o som do celular vibrando e, um pouco atordoado, levo alguns segundos para me localizar e descobrir onde estou. Olho para o lado e vejo Ísis adormecida. Sorrateiro, deslizo para fora da cama, pego minha calça do chão e puxo o aparelho de dentro de um dos bolsos da frente.

Caminho até a janela e faço uma careta quando leio o nome da minha ex na tela. Um rápido olhar sobre o meu ombro me indica que Ísis segue dormindo tranquila. Decido não atender, bloqueio o número e desligo o telefone. Eu já devia ter feito isso há muito tempo. Fui burro por ter mantido o número dela na minha agenda.

Renata e eu estávamos saindo havia três meses quando as coisas entre nós começaram a esfriar de vez. Eu já procurava um meio de me livrar de seus ataques possessivos quando recebi uma proposta de trabalho irrecusável, então decidi que era o momento de colocar um ponto final naquela relação que se tornara doentia e turbulenta, com brigas e cobranças sem sentido.

Infelizmente, o nosso término não foi tão calmo e tranquilo quanto eu esperava. Inconformada, Renata tornou-se uma pessoa obsessiva. Começou a me seguir e a aparecer na minha casa sem avisar. Ela me ligava o tempo todo, inclusive em horários inapropriados. Por várias vezes tentou me manipular com pedidos dramáticos e muitas lágrimas, mas quando suas manipulações não surtiram o efeito esperado, vieram as recriminações, que evoluíram para ameaças, mas nada disso foi capaz de me fazer mudar de ideia. Pelo contrário. Fiquei ainda mais decidido a acabar com aquele martírio de uma vez por todas.

Depois de todo o estresse e atribulações que vivi nos últimos tempos, um recomeço era o que eu mais precisava, e a oferta de emprego em outro estado não podia ter surgido em uma hora melhor. Há um mês, minha mãe perdeu a batalha contra o câncer, após uma luta que durou menos de um ano. Senti e ainda sinto demais a sua perda. Por conta das dívidas que contraí nesse período, a casa onde vivíamos, bem como as terras ao seu redor, foram tomadas pelo banco.

Quando coloquei um ponto final no meu caso com a Renata, nada mais me prendia a Nova Londrina. Quarenta e oito horas depois de receber o último aviso de despejo, enfiei minhas roupas e uns poucos pertences dentro de uma mochila grande, entrei na minha velha caminhonete e deixei a cidade. Confesso que a viagem tem sido prazerosa pelos lugares que estou conhecendo pelo caminho, mas também cansativa.

Ontem, após dirigir por quase doze horas seguidas, o que eu mais queria era conseguir um quarto, tomar um bom banho, comer alguma coisa e desmaiar na cama, mas colocar meus planos em prática mostrou-se uma tarefa um pouco complicada, visto que cheguei em meio à Exposição Agropecuária do Estado de Goiás, um evento anual realizado no Parque de Exposições de Goiânia que reúne diversas categorias de expositores, como empresas de insumos, de maquinários, cutelaria, pecuária e os maiores produtores de grãos do país.

A cidade fervilhava, repleta de forasteiros. Os hotéis, pensões e pousadas estavam quase todos lotados, porém, a sorte me sorriu, quando uma reserva foi cancelada no minuto que me aproximei da recepção deste hotel, minha sexta tentativa de obter uma vaga disponível.

Um sorriso curva-se em minha boca quando eu me lembro de como a noite terminou. No fim, nem tudo ocorreu como planejei, mas não tenho do

que me queixar. Levo meus olhos para o céu iluminado pela lua cheia e inspiro o ar frio e revigorante que vem de fora. Então, ouço um ruído vindo da cama que me traz de volta para o presente.

Viro a cabeça, e não se passa muito tempo até ela se mover e despertar. Endireitando-se sobre o colchão, Ísis afasta uma mecha do cabelo do rosto. Sensual e perigosamente adorável. Ela me vê, enrola-se no lençol, desce da cama e vem até mim. Quando sorrio, recebo de volta um sorriso tão caloroso quanto o meu. E ao olhar para aqueles olhos quentes e receptivos, eu me dou conta da vibração despertando dentro de mim. Ignoro-a.

Ísis se aproxima e se encolhe contra o meu corpo.

— Cruz? — indaga e esfrega os olhos com a mão livre. — Por que não está na cama?

— O meu telefone tocou e eu me levantei para atender. Eu não quis atrapalhar o seu sono e acabei ficando um pouco mais aqui, apreciando o silêncio da noite.

Ela acena com a cabeça.

— Eu queria que você soubesse de uma coisa... — começa a falar, mas hesita em prosseguir.

— Que coisa? — estimulo.

— Eu nunca fiz isso. — Ergo uma sobrancelha incrédula, então ela esclarece: — Quero dizer, essa foi a primeira vez que eu aceitei o convite para passar a noite com um estranho. Eu nunca quis... antes de encontrar você — Ísis admite.

Por que essas palavras me deixam satisfeito, mesmo sabendo que não voltarei a vê-la novamente?

Ela toca meu peito, mas retira a mão a seguir. No entanto, minha pele nua arrepia-se ao calor do seu toque fugaz. Ísis levanta o rosto para encontrar meus olhos, e diferentemente da garota ousada de antes, olha-me entre tímida e ansiosa. Sinto que o desvario dessa mulher apenas toca a superfície, o que me faz vibrar e desperta meus instintos masculinos.

Minha mão vai para o seu queixo e eu o seguro com certa brutalidade. Meus olhos se detêm aos dela, e, famintas, nossas bocas se encontram. Nossas línguas se tocam, e basta um beijo mais demorado para que eu saiba que preciso tê-la novamente. A eletricidade que provém de Ísis me queima quando seus lábios sugam os meus.

— Porra, como você é deliciosa! — Meu sussurro sai grave.

Afastando-se com relutância e como se soubesse que me deu apenas o suficiente para me atiçar, Ísis mordisca a boca, subjugando-me e colocando-me em ponto de ebulição. Umedeço os lábios secos e sinto o sabor úmido e tentador da minha sereia na língua.

Estamos nos provocando e nos excitando na mesma medida. Eu não consigo me lembrar da última vez em que me senti assim, tão excitado e perigosamente envolvido. Mesmo sendo uma estranha, eu sinto nela essa coisa inexplicável que vai além do desejo físico. Diante desta constatação, percebo que todas as outras mulheres serviram apenas para saciar o meu apetite.

Ísis volta a se aproximar e se gruda em mim, como se suas pernas fossem incapazes de sustentá-la. Eu a pressiono contra a parede com meu corpo e tomo sua boca, deixando-a ofegante e pedindo por mais. Unidos,

atravessamos o quarto e caímos na cama. Eu me atrapalho em romper a embalagem e retirar a camisinha com ela beijando meu rosto, lábios e pescoço.

Nossos corpos se fundem, fazendo cada fibra clamar pela posse. Protegido, penetro-a lentamente, saboreando a textura aveludada e estreita do corpo macio ligado ao meu. Um impulso selvagem percorre meu corpo quando penso que tê-la nos braços e estar dentro dela é uma das melhores sensações do mundo.

Permaneço imóvel, até que Ísis agarra minhas costas, arqueia o corpo e implora para ter mais do meu pau dentro de si. Tento me controlar, mas ela afrouxa os dedos e passa os braços em torno do meu pescoço, aproximando-se ainda mais e movendo os quadris, esfregando-se, encorajando-me a prosseguir. Seus gemidos excitados me levam à loucura.

Cego a tudo, exceto ao prazer, entro e saio da carne macia. Meu autocontrole torna-se ausente e sou tomado por uma sensação tão devastadora que supera a própria experiência. Passo a me movimentar sem parar, com ela me seguindo. Mais tarde, quando tudo termina, Ísis se joga sobre mim e fica me encarando em silêncio por um longo momento.

— O que houve? — indago, observando-a desgrudar os cabelos dos ombros e envolver o meu rosto com as mãos. — Por que está me olhando assim?

— Estou memorizando seu rosto — responde, pensativa.

Eu aceno e ela sorri, desliza para o lado e, aconchegada ao meu peito, volta a dormir, usando o meu ombro como travesseiro.

O dia mal amanheceu quando sou acordado pela luz que entra por uma fresta na cortina. Minhas pálpebras tremem um segundo antes de eu abrir os olhos devagar, acostumando-me com a claridade aos poucos. Mais uma vez, observo a mulher adormecida ao meu lado e repentinamente a possibilidade de deixá-la me deprime.

Ísis é uma estranha, e além de eu não estar à procura de um caso amoroso, eu não sou dado a romances de longa distância, preciso ter a mulher à mão. Ademais, há um trabalho me esperando em São Miguel do Araguaia. Mesmo assim, saber que nunca mais vou vê-la me faz sentir triste e solitário.

Um pensamento estranho... Mais estranho ainda é ter sentimentos tão fortes por alguém que eu praticamente não conheço, até porque, eu jamais considerei ter um relacionamento mais profundo com as mulheres com quem saí nos últimos anos.

Mas com a Ísis é diferente, meu inconsciente alerta.

Continuo olhando para ela com o desejo de começar tudo de novo aflorando. Quero acordá-la, tomá-la nos braços e beijá-la até fazê-la esquecer o próprio nome; quero voltar a afundar o rosto nos seus cabelos e mergulhar minha carne no corpo jovem e macio. Mas resisto à tentação. Eu vou sair daqui agora e pegar a estrada sem olhar para trás.

Eu sei que estou sendo covarde – até mesmo um pouco canalha – agindo assim, mas acho que será mais fácil ir embora antes que ela acorde. Já percebi que Ísis me desestabiliza, e eu preciso manter o foco na oportunidade que me foi apresentada. Minha mente tem que estar no objetivo que tracei para mim. Eu não posso, nem pretendo, desviar-me um milímetro sequer do que planejei.

Determinado, jogo as pernas para fora da cama e rapidamente recolho as roupas espalhadas pelo chão. Sempre procurando fazer o mínimo de barulho possível, eu me visto e caminho até o banheiro. Quando volto para perto dela, acabo cedendo a um impulso e afasto o cabelo castanho de cima de seus olhos, apreciando a maciez sedosa da mecha que se anela em meu dedo. Sem desviar o olhar de seu rosto, devagarinho e com pesar, eu retiro a mão.

— Adeus, minha bela desconhecida — em um sussurro, eu me despeço. — Cuide-se, sereia.

Ísis estremece, mas não desperta, nem mesmo quando eu beijo seus lábios uma última vez. Então, dou as costas para ela, pego a mochila que deixei apoiada na parede ao lado da porta e deixo o quarto.

CAPÍTULO 5

Pilar

O insistente barulho da chuva contra os vidros das janelas invade os meus ouvidos. Desperto lentamente, sentindo-me confortável e aquecida na cama imensa. Com um longo suspiro, passo as mãos pelo rosto, tentando espantar um resto de sono.

Sento-me na cama quando percebo que não estou no meu quarto. Eles não são parecidos, nem no tipo de mobília, nem na cor das paredes. O aposento no qual estou hospedada é um pouco menor; as paredes são pintadas de bege, em vez de azul; e os móveis são feitos em madeira de cor mais clara, em vez de escura, como este.

Procuro me acalmar, e meus lábios se curvam em um sorriso no instante em que me lembro de tudo o que aconteceu na noite anterior. Porém, meu sorriso se apaga quando me viro e descubro que estou sozinha.

Aquele estranho bonito esteve aqui, não esteve?

Não foi apenas um sonho, ou foi?

Não, não foi apenas um sonho, percebo ao me mexer, sentindo meu corpo tomado por uma deliciosa sensibilidade e uma sensual letargia.

Vasculho o lugar com os olhos e noto que as roupas, as botas e a mochila de lona que estavam no chão desapareceram. Preciso de um instante para assimilar o fato de que Cruz não está mais aqui. Por fim, aceito sua ausência sem surpresa, até porque, ele me avisou que partiria de manhã cedinho.

Claro que eu não esperava receber flores, nem declarações românticas e apaixonadas. Nada disso. No entanto, é no mínimo desconcertante acordar

sozinha sem um bilhete de despedida. Ele se foi e me deixou com essa péssima sensação de ter sido descartada.

Fito o teto e levo uma das mãos à cabeça.

Meu pai! O que foi que eu fiz?

O que você fez, Pilar?

Você passou uma noite inteira ao lado de um completo desconhecido, respondo às minhas próprias perguntas.

Apesar do efeito do vinho e do encanto da noite, eu não entendo como vim parar nesta cama com ele. Tudo bem que o homem é lindo, charmoso e sexy, mas eu não o conheço. Fui impulsiva apenas uma vez no passado, e foi com um ex-namorado. E, mesmo com ele, eu não tive nem um quinto da intimidade no primeiro encontro como tive com o Cruz.

Mais lembranças chegam à superfície da minha mente. Depois de fazermos amor, acabei cochilando, e, quando acordei, eu o vi de pé na janela. Levantei-me, enrolei-me no lençol e fui até ele. Lembro-me do que se seguiu, dos beijos e das carícias apaixonadas que trocamos.

Já mais familiarizados um com o corpo do outro, a segunda vez foi ainda melhor e mais prazerosa que a primeira. Cruz me proporcionou um prazer que eu jamais sonhei que um dia pudesse sentir. Não me admira que, mesmo tendo dormido, eu me sinta tão cansada. Um cansaço gostoso, é verdade.

A noite foi fantástica, inesquecível, mas é óbvio que ele é um mulherengo. O que ocorreu entre nós, de certa maneira, foi especial para mim, mas está claro que não foi o mesmo para ele, e com toda certeza eu não fui a primeira mulher que chegou às alturas em seus braços.

No restaurante, durante o jantar, eu não pensava em conhecer alguém, nem estava à procura de sexo casual, contudo, além da atração física instantânea, e depois de passar um par de horas na companhia daquele estranho que exalava confiança e era dono de um charme arrasador, senti que meu corpo era incapaz de permanecer indiferente ao dele.

Enquanto conversávamos, o brilho de desejo que Cruz exibia quando me olhava era evidente. Todos aqueles olhares insinuantes que ele me deu, todo aquele ar de mistério e sedução. Ele flertou abertamente comigo, e a descoberta fez com que eu sentisse uma excitação e um formigamento na parte mais sensível do meu corpo. Fazia um bom tempo que ninguém demonstrava aquele tipo de interesse em mim. Eu já havia quase me esquecido do quanto era bom me sentir tão desejada. Como eu poderia tê-lo evitado, após sentir-me tão excitada?

Quando ele fez o convite com aquela voz rouca, profunda e aveludada, enviou um arrepio para a minha espinha, e o simples contato de sua respiração em minha pele me fez querer derreter em seus braços fortes. Meu coração acelerou e eu me perguntei por que não ir adiante sem culpa, sem compromisso, sem precisar analisar tudo?

Sou jovem, saudável, e me sinto à vontade com a minha sexualidade, então foi natural eu me sentir tentada a viver uma aventura louca. Ignorei a voz interior que me avisava para ir com calma, porque eu não sabia nada sobre ele, e tomei a decisão de seguir os meus instintos sem pensar nas consequências, encantada demais com toda aquela atenção, pois eu nunca havia me envolvido com um homem tão atraente e, certamente, muito experiente como o Cruz.

Com quantas mulheres ele não deve ter feito o mesmo? Eu nem sei por que estou me perguntando isso, e não devia me importar. Ele não me

enganou ou tentou me iludir. Eu estava ciente das implicações por trás do seu convite quando tomei a decisão de aceitá-lo, ainda mais quando deixou bastante claro que se tratava de uma única noite, portanto, não há lugar para recriminações ou arrependimentos. Livro minha mente desses pensamentos negativos e procuro me ater à parte boa e agradável do nosso encontro, ou seja, às lembranças dos momentos deliciosos que vivi ao lado dele.

— Droga! — exclamo quando procuro pelas horas no despertador sobre a mesinha ao lado da cama e me dou conta de que estou atrasada. O voo para São Paulo está marcado para as oito da manhã, então preciso me apressar, caso contrário, corro o risco de perdê-lo.

Chuto o lençol e pulo da cama, indo em busca das minhas roupas. Eu me visto em tempo recorde, ajeito o cabelo com os dedos, pego minha bolsa e saio para o corredor. Momentaneamente perdida, olho para os lados, mas logo me situo e sigo na direção dos elevadores. Enquanto espero, eu não controlo a ansiedade e aperto o botão de chamada várias vezes. Quando ele chega, eu me jogo em seu interior.

Desço no andar onde fica o meu quarto e saio correndo. Destranco a porta, entro, largo a bolsa em um canto e vou direto para o banheiro. Tomo um banho rápido e me troco. Vestida com roupas confortáveis – uma jaqueta de couro por cima de uma blusa branca de seda, um par de jeans claros rasgados nos joelhos e botas pretas de salto médio –, desço para o térreo e atravesso o lobby.

Puxando a mala de rodinhas atrás de mim, eu me dirijo ao balcão da recepção. Depois de efetuar o pagamento da estadia e do que consumi, despeço-me da recepcionista com um breve aceno e um sorriso educado. Chego à calçada e sou recebida pelo motorista do táxi do hotel. Prestativo,

ele tira a mala das minhas mãos, coloca no bagageiro e o fecha com uma batida forte. A seguir, rodeia o sedã, abre e segura a porta para eu entrar.

— Obrigada — agradeço a gentileza e me acomodo no assento de trás do automóvel. Dentro de pouco tempo, entramos na rodovia que vai nos levar ao aeroporto.

Depois de quase duas horas dentro de um avião e trinta minutos no trânsito pesado de São Paulo, por fim, eu adentro o meu apartamento alugado, que fica a cinco minutos do campus da universidade. As cores dos ambientes são alegres e claras. O espaço aqui não é grande e não há muitos móveis. Na sala, apenas um sofá de três lugares, uma mesinha de apoio, a televisão e uma mesa que serve tanto para fazer refeições quanto para estudar. Na cozinha minúscula há um armário, pia, fogão, geladeira e micro-ondas.

Seguindo pelo corredor, encontra-se o banheiro e o meu quarto, com um guarda-roupa pequeno, uma cama de solteiro e a mesinha de cabeceira. A decoração se resume a meia dúzia de porta-retratos espalhados pelos cômodos com as fotos que eu trouxe comigo quando me mudei, bem como as que acrescentei a cada visita que fiz à fazenda nos últimos cinco anos. No canto do quarto há uma estante com todos os meus livros, cadernos e apostilhas, tudo muito bem organizado. Pequeno, sim, mas perfeito para mim.

Há alguns anos, incentivada pelo meu pai, eu vim para esta cidade a fim de cursar veterinária, e desde então a minha vida vem sendo uma sucessão de estudos, atividades extracurriculares e trabalhos esporádicos que encaixo no meu, puxado e corrido, dia a dia.

Poucas vezes eu me dei o prazer de curtir os principais pontos desta selva de pedra. Atualmente eu me divido entre a capital e o interior, pois as

disciplinas relacionadas à produção animal, que ocorrem a partir do quinto semestre do curso, levam-me à cidade de Pirassununga. É lá que os alunos têm contato com animais de grande porte, embora lidar com eles não seja uma novidade para mim, mas preciso fazer, porque faz parte da grade escolar.

Sorrio quando uma lembrança gostosa se apresenta. Eu devia ter uns doze anos quando vi o doutor Ricardo Sales, o veterinário que cuidava dos animais da fazenda na época, ajudar uma égua a trazer seu potrinho ao mundo e decidi que queria fazer o mesmo quando crescesse.

Deixo a mala no canto da sala e saio abrindo as janelas. Paro para apreciar a vista por alguns minutos e me jogo no sofá quando retorno à sala. Encho os olhos com as minhas coisas enquanto inalo os cheiros e aromas conhecidos. Eu gosto de viajar, ainda mais quando é para lugares onde acontecem as maiores exposições e feiras de pecuária do Brasil, ou seja, eventos ligados à fazenda onde nasci e vivi até completar o Ensino Médio.

Arregalo os olhos quando me lembro de que combinei de avisar Adela assim que eu chegasse em casa. Localizo o celular dentro da minha bolsa e dou início à uma chamada de vídeo. Para minha surpresa, o sinal está ótimo, e em poucos segundos o rosto sorridente de minha amiga surge na tela.

— Ai, meu Deus! Que bom que você chegou! — exclama, bastante animada. — Me conta, mulher! Como foi? Correu tudo bem? — Adela fala como se eu tivesse ficado fora por um ano, e não apenas três dias.

— Foi tudo bem. Eu consegui fechar os negócios que meu pai me pediu. Tenho certeza de que ele ficará bastante satisfeito com o resultado, mas eu não quero falar disso agora. Me conta de você, como foi o seu fim de semana sem mim? — indago com um sorriso.

Adela diz que foi normal, que saiu no sábado, mas como o programa estava sem graça, retornou cedo para casa. Então, ela volta a me fazer perguntas. Indaga sobre a exposição e pergunta se havia muitos cowboys bonitões e se a cidade é mesmo tão linda como aparece nas fotos da internet. Munindo-me de paciência, eu faço um resumo.

— Poxa, eu tenho uma vontade enorme de conhecer Goiânia — confidencia com ar sonhador. — Mas é sério que não teve nada de diferente? Pensei que essa viagem seria mais interessante, porque você não ficou sozinha. Ah, vai! Me conta! — pede com voz manhosa, mas nem espera pela minha reposta e sua expressão se ilumina. — Me fala do Lorenzo Lobos. O homem é tão bonito como nas fotos que ele posta no Instagram?

Fecho a cara quando Adela menciona o meu "acompanhante". Há uma semana, eu fui intimada, de última hora, a comparecer à exposição no lugar do meu pai. Conforme ele me explicou por telefone, estava tudo certo, era só entrar no jato executivo e seguir viagem, mas um imprevisto com uma de suas éguas Puro-sangue Árabe exigiu sua atenção, impedindo-o de decolar.

Papai não foi claro quando lhe perguntei qual havia sido o problema, mas afirmou que estava cuidando do assunto e, em breve, este seria solucionado. No entanto, o que me deixou mais chateada não foi ter que viajar às pressas, e sim meu pai ter me imposto o filho mais velho de um amigo seu durante o período em que eu ficaria em Goiânia sem nem ao menos cogitar me consultar a respeito.

O que me fez ficar bastante irritada foi que eu nem pude contestar, porque quando deixei as dependências do aeroporto, lá estava o homem me esperando, todo sorridente encostado em uma Land Rover estacionada no

meio-fio. Pega de surpresa, eu não vi outra saída além de aceitar o inevitável, embora o tenha feito de má vontade.

No final, achei melhor não me indispor com papai, pois mesmo sendo um pouco intrometido, ele só quer o melhor para mim, e, na sua cabeça, o filho do seu velho amigo é um excelente candidato a genro. É uma pena eu não pensar como ele.

Devido à correria e com Lorenzo nos meus calcanhares, exigindo uma atenção que eu não estava disposta a dar, eu mal tive tempo de respirar e não pude apreciar o evento direito. Para evitá-lo e ter algumas horas de sossego, isso quando não havia uma reunião com um possível comprador marcada, eu preferia me refugiar no meu quarto. De vez em quando, eu conseguia dar uma fugidinha e apreciar um pouco da cidade sozinha.

— Por favor, nem me lembre dessa parte! Eu não gostei nada do meu pai querer me empurrar para o Lorenzo. — Suspiro. — Pior que ele nem se tocou que eu não estava à vontade na companhia dele e não saiu do meu pé. Nossa, nunca vi um cara tão chato! Parecia um carrapato, grudado o tempo todo em mim. Eu só tive um pouco de paz na última noite, o que me lembra de que eu tenho, sim, uma novidade. E das boas... — revelo, deixando um certo suspense no ar.

Chego a me assustar quando Adela solta um grito eufórico e dá uns pulinhos ridículos sem sair do lugar.

— Oba! Eu sabia! Vai, conta logo. O que é? — indaga após parar de pular feito uma doida.

Quando ela volta a olhar para mim, suas bochechas estão rosadas e sua respiração está levemente ofegante. Balanço a cabeça em negativo.

— Hum, é uma pena, mas não vai dar... — coloco uma pá de cal sobre a sua alegria, que murcha diante dos meus olhos. Tudo bem, eu sei que estou sendo malvada, mas é tão divertido vê-la se estrebuchar. Adela bate o pé, dá uma bufada e fecha a cara.

— Como assim não vai dar? Para de me enrolar e conta logo! — demanda com expressão aborrecida.

Para ganhar tempo, eu tiro uma mecha de cabelo do rosto, jogo-a para trás dos meus ombros e falo:

— Está bem, eu conto, mas vai ter que ser pessoalmente.

Ela arregala os olhos e abre a boca, estampando toda a sua indignação.

— Por acaso você endoidou? Quer me matar de curiosidade? — berra como uma alucinada. Instintivamente, estico o braço e afasto o telefone alguns centímetros do meu rosto. — Pilar, você não pode fazer uma coisa dessas comigo! — choraminga e fez uma expressão de coitadinha.

— Posso e vou! — reafirmo e reprimo uma risada, porque, conhecendo-a como conheço, Adela não vai aguentar esperar muito tempo.

— Eu deveria te denunciar por maus-tratos, porque o que você está fazendo tem nome, e se chama tortura! Isso não se faz com a sua melhor amiga! — ela reclama e faz beicinho, apelando para a chantagem emocional.

Eu não aguento mais segurar e solto uma gargalhada do seu tom dramático. Adela faz uma careta e mostra a língua para mim.

— Um gesto muito maduro, amiga — falo com ironia, então continuo: — Você sabe que drama e ameaças não funcionam comigo. Eu já disse e repito: só vou falar pessoalmente! — reforço, sem me deixar manipular. —

Agora eu preciso desligar. Ainda tenho um bocado de coisas para fazer hoje — concluo.

Mesmo contra a vontade, Adela cede e aceita a minha condição.

— Como é chata! E sorte a sua, pois eu também precisar desligar. Meu intervalo acabou, mas vou passar no seu apartamento assim que sair daqui. Hoje a senhorita não me escapa! Quero saber tudinho, cada detalhe dessa sua *"novidade das boas"*.

— Pois pode vir, eu vou estar bem aqui esperando — provoco, e Adela faz uma careta. Nós nos despedirmos e eu finalizo a chamada.

Pensativa, permaneço olhando para tela por alguns segundos, até largá-lo em cima de um móvel a caminho da cozinha.

CAPÍTULO 6

Pilar

Termino de almoçar, lavo a louça usada e guardo tudo no armário. Mais tranquila, ligo para o meu pai e lhe dou as boas-novas. Falo da compra, junto à *ABS Pecplan*, das doses de sêmen de Big Cayak, o touro superior e premiado que ele tanto queria. Conto que vendi os lotes de gado Nelore colocados à venda e do ótimo preço que consegui em todas as negociações.

Lembro que no começo papai foi muito obstinado, mas ele não foi capaz de resistir aos meus apelos e acabou me ensinando a conduzir uma boa parte dos negócios da fazenda. Eu ouvi e absorvi tudo. Fui atenta a cada detalhe e aprendi o máximo que pude. Eu me saí tão bem que, em alguns eventos, mesmo estando longe, apenas visitando a fazenda em um ou outro fim de semana prolongado e nas férias, meu pai confiava o suficiente para eu agir em seu lugar nas ocasiões em que alguma situação o impedia de fazer por si mesmo.

Eu amo tudo o que envolve a vida do campo, e meu plano é, após me formar, retornar de uma vez para a Dourado Flores, o lugar ao qual pertenço, o meu verdadeiro lar. Mesmo adaptada à cidade grande, eu sei que a minha vida sempre estará naquele mundo de terras e pastos a perder de vista. Eu gosto da adrenalina que envolve os negócios, mas o meu objetivo é o cuidado com os animais; o rebanho de gado Nelore, a manada de cavalos para o manejo, e os maravilhosos Puros-sangues Árabes do meu pai.

O toque da campainha me traz de volta à realidade. Rapidamente procuro pelas horas no relógio na parede e descubro que já são cinco e

quinze da tarde. Fecho o notebook, levanto-me e abro a porta para Adela. Esfuziante e alegre, minha amiga me agarra pelo pescoço. Nós nos saudamos com dois beijinhos no rosto e vamos nos sentar no sofá da sala. Nos primeiros cinco minutos, falamos sobre coisas corriqueiras e aleatórias, até que, não aguentando mais, Adela toca no motivo principal que a fez vir correndo até aqui.

Como eu também estou doida para me abrir com ela, não me faço mais de rogada. Sem me conter, coloco um sorriso bobo no rosto e começo a descrever como foi meu encontro com o Cruz. As caras e bocas que minha amiga faz conforme eu avanço no meu relato são engraçadas demais.

— Que coisa mais excitante! — exclama assim que termino. Empolgada, ela se aproxima um pouco mais e abaixa o tom de voz, como se fosse me confidenciar algo que ninguém mais pudesse ouvir. — Até parece aquelas fantasias em que a gente conhece um estranho lindo de viver, misterioso, charmoso e absurdamente sexy. — Gesticula como se a imagem ganhasse vida à sua frente. — Então, os nossos olhares se encontram, uma atração forte e incontrolável explode, e, sem pensar em mais nada, transamos por horas sem parar — conclui e gargalha da cena criada pela sua imaginação.

Disfarço um ligeiro desconforto, pois na verdade o que Adela acaba de descrever está muito perto do que aconteceu entre mim e o Cruz.

— Esta manhã, quando acordei, a primeira coisa que fiz foi procurar por ele, mas percebi logo que fui deixada sozinha naquele quarto de hotel. Ele foi embora enquanto eu ainda dormia.

Adela deixa o sorriso apagar, sua expressão volta a ficar séria, e, um pouco espantada, ela fala:

— Como assim, ele foi embora sem se despedir? Que filho da mãe! Isso não se faz, amiga!

Fico em dúvida sobre concordar ou não com ela, então eu só faço um movimento com a cabeça.

— Admito que fiquei um pouquinho decepcionada, mas nem tive muito tempo para ficar remoendo o assunto, eu precisava me vestir e sair de lá o mais rápido possível, caso contrário, podia perder o meu voo de volta.

— Entendi, mas mesmo assim eu não consigo me conformar. Poxa, foi muita maldade desse Cruz deixar você sem uma palavra sequer. Que cara mais frio e insensível! — Adela insiste, o semblante carregado.

Como eu não sei quais foram os reais motivos que o levaram a agir daquela maneira, eu me reservo o direito de não o julgar e dou de ombros, fingindo indiferença.

— Insensível até pode ser, mas frio... definitivamente aquele homem não é. Cruz está mais para um vulcão em plena atividade — brinco com ela, a fim de manter a leveza da nossa conversa, no que não sou bem-sucedida, visto que minha amiga revira os olhos para mim.

— Está tão engraçadinha! — Adela faz uma careta e, com ar de deboche, emenda: — Você me entendeu. Eu me referi à atitude dele. Custava te acordar para se despedirem, como duas pessoas civilizadas? Afinal, vocês passaram uma noite inteira juntos. E não foi uma noite qualquer, diga-se de passagem.

— Eu concordo que ele poderia ter me acordado, e não nego que fiquei um tantinho para baixo por causa disso. Sei lá, pareceu que ele não deu a mínima, que o que houve entre nós não teve nenhuma importância...

— É disso que eu estou falando! — minha amiga exclama num tom beligerante.

— Calma lá! Se for pensar bem, foi até melhor assim. Ele acabou me poupando de uma cena constrangedora — retruco em tom apaziguador. — O que diríamos um ao outro? *"Obrigado pela noite e nos vemos por aí"*? Seria hipocrisia, porque nós sabíamos que isso não ia acontecer. Eu prefiro acreditar que o Cruz teve seus motivos para ir embora do jeito que foi. Pode ser que ele tenha recebido um chamado urgente e precisou sair correndo, ou simplesmente é o tipo de cara que não gosta de despedidas — especulo.

— Pode até ser, mas continuo achando que ele foi um ogro com você — Adela insiste, olhando-me com os braços cruzados na frente do corpo e a cara amarrada.

— Bom, isso tudo não tem mais nenhuma importância. Nós concordamos que seria uma única noite e que não voltaríamos a nos ver — afirmo e, inesperadamente, algo esquisito acontece. Sinto um vazio dentro de mim e meu peito fica apertado.

Eu não tenho como parar e analisar tais sentimentos, uma vez que Adela segue falando:

— No seu lugar, eu não teria tanta certeza. O destino colocou os dois frente a frente uma vez. O que impede que aconteça o mesmo uma segunda vez? Nós não temos como saber. — Com uma expressão esperançosa no rosto, ela nem parece a pessoa brava, indignada e que criticava ferozmente o Cruz pelo seu comportamento não faz nem cinco minutos.

Embora eu não alimente ilusões, não consigo deixar de pensar na possibilidade, ainda que remota, de um reencontro entre nós, mas decido

cortar logo esse pensamento. Nós nem trocamos informações pessoais, justamente para não termos como localizar um ao outro. Assim, se vamos ou não voltar a nos esbarrar no futuro, só o tempo dirá.

— Olha o lado romântico dela aflorando... — implico, mas logo volto a ficar séria. — Eu prefiro não ter esperança nenhuma, e não acredito nessa coisa de destino. Foi bom enquanto durou, mas acabou.

— Hum... eu não sei se acredito nisso, não. Eu nunca ouvi você falar de um homem como fala desse tal de Cruz. Vamos lá, Pilar! Admita de uma vez que ficou mexida, e de um jeito que nenhum cara conseguiu antes.

— Isso... eu não posso negar, porque fiquei mesmo. Mas acontece que nós não vivemos em um mundo de fantasia. Quer saber o que eu vou fazer? Eu vou registrar o que aconteceu como uma experiência e seguir em frente com a minha vida!

Apesar de colocar um tom decisivo na voz, parece que eu não fui convincente o suficiente, porque no instante que volto a mirar o rosto de Adela, sua expressão é a de quem não bota a menor fé, nem em mim e menos ainda no que acabei de dizer.

CAPÍTULO 7

Cruz

Estou inquieto desde que deixei aquele quarto de hotel. Sinto-me um pouco culpado por ter abandonado a Ísis daquele jeito. Sem uma palavra. Deixar um bilhete de despedida era o mínimo que eu poderia ter feito depois da noite selvagem que tivemos.

A noite passada foi a primeira em que eu me envolvi com uma mulher mantendo o anonimato, porém, eu nunca senti nada tão intenso antes. Eu sei que um reencontro entre nós é quase impossível, o que é uma pena, pois a garota conseguiu mexer mesmo comigo, e fazia anos que uma mulher não me perturbava tanto. Ísis é uma verdadeira delícia, mas eu já estive com mulheres bonitas antes.

Acredito que o que mais me encantou nela foi a sua atitude ousada, sem falsos pudores ou moralismos, unida a uma química explosiva que me deixou tonto. Digo a mim mesmo que não havia um futuro para nós, que o que tivemos foi uma transa de uma noite. Nada além disso. Fiz o que tinha que fazer e cortei o mal pela raiz, mas admito que a certeza de que eu não a verei novamente me deixa com uma angústia no peito, uma sensação que se assemelha a desespero. Um pouco exagerado, eu sei, mas só mostra o quanto aquela garota me impressionou.

Merda! Eu nem sei seu nome real e a mulher já está se instalando em meu cérebro como se fosse dona dele, recrimino-me mentalmente.

Eu não sou um homem de devaneios, sou prático, do tipo que age. Quando quero algo, não fico fantasiando a respeito, vou lá e pego. Tenho a natureza possessiva e os instintos de um predador, mas paradoxalmente a isso, eu gosto de mulher sem frescura e que sabe o que quer.

O melhor que eu faço é esquecê-la, junto com todo o resto.

Procuro me convencer disso, mas suspeito de que não vou poder apagar a sua imagem da minha mente, nem arrancar o que vivemos da minha pele. Não tem como eu esquecer aquele primeiro olhar, o primeiro toque, o primeiro beijo, nem os nossos corpos ondulando e vibrando em uma sintonia perfeita.

Em uma tentativa de deixar de pensar nela e no que fizemos, ligo o rádio e procuro por uma *playlist*. Preciso preencher a cabine com algo capaz de abafar meus pensamentos. Faço uma careta quando ouço a voz rasgada de Chris Templeton cantando *Tennessee Whiskey*, porque, ao contrário do que desejo, a música consegue me fazer lembrar ainda mais dela. Decido buscar outra, mas o som alto de gotas batendo no teto da caminhonete chama minha atenção.

Imerso nas minhas lembranças, eu nem percebi a mudança do tempo. Rajadas repentinas de vento atingem o para-brisas e a chuva aumenta de intensidade no exato momento em que me aproximo de uma curva fechada. Desacelero quando estou prestes a entrar nela, mas a caminhonete desliza na pista molhada. Prevendo o perigo, enrijeço os músculos dos braços, enfio o pé no freio e seguro firme o volante, colocando toda a minha força nele para me manter no asfalto, mas não consigo.

O freio grita, a picape derrapa por vários metros, os pneus perdem o contato com o asfalto, e eu vejo o mundo girar quando a caminhonete começa a capotar, uma, duas, três vezes. Apesar de, para mim, os movimentos acontecerem quase em câmera lenta, na verdade a picape gira numa velocidade vertiginosa e impressionante, não me dando tempo de

fazer absolutamente nada. Nem mesmo de rezar, pedindo para sair inteiro dessa. Então, ela para com as quatro rodas viradas para cima.

Escuto o som do aço retorcido e penso que uma das portas deve ter se soltado da dobradiça. O cheiro de borracha queimada impregna o ar com o seu odor desagradável. Minhas pálpebras pesam e sou obrigado a fechá-las. Eu não faço ideia de quanto tempo se passou quando volto a abri-las.

Atordoado, mas agradecido por estar vivo, apuro os ouvidos e consigo escutar diferentes vozes. Somando-se a elas, o som inconfundível de sirenes ao fundo, sobrepujando o barulho da chuva que continua a cair, forte, densa e incessante. A água forma uma cortina que me impede de ver o que acontece do lado de fora.

Uma voz masculina e urgente dando ordens chega bem perto de onde eu estou. Alguém fala comigo. Abro a boca e minha voz não sai. Tento responder acenando com a cabeça e descubro que não posso me mover, pois estou preso entre as ferragens. O movimento mínimo desencadeia uma dor lancinante que parece que vai arrebentar o meu cérebro, e uma outra, insuportável, parece querer explodir o meu peito, fazendo cada respiração que dou queimar tudo por dentro.

Na minha agonia, noto que o ruído de pessoas se movendo, assim como suas vozes, vai ficando cada vez mais distante.

Então, é assim que acaba...

Eu deveria estar com medo. Eu deveria entrar em pânico. Em vez disso, sou tomado por uma emoção, uma sensação estranha que me acalma e me faz sentir uma grande paz. Meu peito pesa e eu tento puxar o ar, mas ele não vem.

Fecho os olhos e apago.

CAPÍTULO 8

Cruz

— Eu estava trocando a bolsa de soro, quando ele moveu a mão e resmungou algumas vezes, mas eu não consegui entender nada, doutor. — Escuto uma voz feminina narrar em tom rápido, em um misto de ansiedade e euforia.

Procuro abrir os olhos para ver quem é a pessoa que está falando, mas as minhas pálpebras estão pesadas demais e não consigo. Sinto uma dormência estranha, meu corpo inteiro dói e tento me mover, mas sou impedido por uma imobilidade que prende meus músculos. Quero gritar, quero fazer qualquer tipo de som para que saibam que estou acordado, mas a minha voz morre, presa na garganta.

— Entendi. Rosana, por favor, localize o doutor Jonas e peça para ele vir até aqui o mais rápido possível. Se não me engano, eu o vi entrar na sala de descanso quando vinha para cá — uma voz masculina fala, em tom firme e profissional.

Novamente, a voz da mulher, que agora eu sei se chamar Rosana, faz-se ouvir:

— É claro, doutor. Farei isso agora mesmo;

A seguir, escuto o som de passos frenéticos e o clique de uma porta sendo fechada sem muita força.

Leva um tempo, que para mim parece ser uma eternidade, para eu voltar a ouvir alguma coisa. Alguém empurra a porta e sons de passos pesados ecoam pelo silêncio, invadindo minha mente, mas logo cessam.

— Que bom que você pôde vir rápido, Jonas. Peço desculpas por atrapalhar o seu descanso, mas parece que o nosso amigo aqui está regressando ao mundo dos vivos. — Escuto um breve grunhido, mas não consigo dizer se é positivo ou negativo.

Neste momento, eu sou obrigado a deixar de lado o que acontece ao meu redor, porque minha cabeça começa a latejar forte, como se houvesse uma furadeira ligada na potência máxima dentro dela.

Que dor infernal é essa?

O momento passa e eu caio em um poço sombrio e nebuloso. De tempos e tempos, eu entro e saio da inconsciência.

Eu quero acordar. Quero muito voltar. Deixe-me voltar.

Com isso em mente, permaneço parado, imóvel, impotente, mal respirando, e, quando estou pronto, faço uma nova tentativa e finalmente abro os olhos. Pisco várias vezes quando uma luz se aproxima e ofusca minha visão.

— Olá. Bem-vindo. É muito bom vê-lo acordado. — Volto a piscar e foco no homem baixo e moreno à minha frente. — Eu sou o doutor Fernando Medeiros, e esse é o doutor Jonas Gusmão. No começo, você poderá se sentir um pouco desorientado, mas não se preocupe, em breve vai se sentir melhor.

Assinto com um breve balançar de cabeça, desço o olhar para a cama hospitalar e respiro forte quando encontro o acesso do soro enfiado no dorso de uma das minhas mãos. Com o coração acelerado, esquadrinho o lugar, começando pelas paredes brancas e nuas. Depois pouso os olhos na poltrona solitária e banhada pela claridade do dia, que entra através da

única janela de vidro. E, finalmente, localizo um armário de duas portas às minhas costas.

Abro a boca para falar, mas minha garganta está tão seca e estreita que parece não saber o que é água há muito tempo. Percebendo o meu desconforto, o médico de nome Jonas vai até uma mesinha, enche um copo descartável com água e me entrega quando retorna. Projeto o braço para pegá-lo e percebo que estou tremendo. Sem o controle do membro, o jeito é envolver o copo com as duas mãos para manter o equilíbrio e conseguir trazê-lo até a boca.

Eu me surpreendo, pois um gesto tão simples e fácil estranhamente exige um grande esforço de mim, mas ignoro tudo isso quando o líquido desliza suavemente pela minha garganta sedenta. O alívio que sinto é imenso, contudo, na ânsia de saciar logo a minha sede, eu engasgo. Tusso um pouco e, depois de recuperar o fôlego, continuo a beber, só que desta vez me obrigo a tomar a água em pequenos goles. Termino, devolvo o copo e observo o médico jogá-lo dentro da lixeira atrás da porta. Mais uma vez, procuro pela minha voz e luto para obrigá-la a sair.

— Estou em um hospital... O-o que houve? — por fim, consigo perguntar baixinho.

— Exatamente — doutor Fernando, o médico que examinou meus olhos, confirma. — Você está no Hospital de Neurologia Santa Mônica, em Goiânia.

Como assim, eu estou em Goiânia?

Penso em questionar o que acabo de ouvir, mas antes de conseguir dizer alguma coisa, ele pergunta:

— Você pode me dizer qual é o seu nome e sobrenome?

Não estou entendendo nada.

Que tipo de pergunta é essa?

Será algum teste?

Vasculho o quarto com os olhos em busca da minha mochila, mas não a encontro.

Onde ela foi parar?

E a porra do meu celular?

E a minha carteira?

Volto a mirar o médico, que ainda espera por uma resposta.

— Santino... Eu me chamo Santino Cruz.

Ele faz um sinal de aprovação.

— Muito bem. E quantos anos você tem? — volta a indagar.

— Trinta e quatro — a contragosto, eu respondo, e levo o olhar de um para o outro. — Por que esse interrogatório? E onde estão minhas coisas? Como eu vim parar aqui? — pergunto, ansioso.

Os médicos trocam um olhar de entendimento, e o gesto me deixa ainda mais nervoso. Fernando, o mais baixo, volta a dirigir o pequeno foco de luz para os meus olhos, mas logo se afasta. Neste momento, meu sexto sentido me adverte que alguma coisa está muito errada comigo.

— E então? Vocês dois vão me dizer o que houve ou não? — insisto.

Doutor Jonas enruga a testa e responde a minha pergunta com outra:

— Santino, você não se lembra de nada?

Posso estar desorientado, mas não sou idiota. Ele está ganhando tempo, e eu me pergunto qual é a necessidade disso. É só dizer a porra do motivo que me fez vir parar aqui e pronto!

— Lembro do quê? — questiono e procuro a resposta na expressão dos dois.

— Você sofreu um acidente grave — o doutor Fernando responde.

— Um acidente grave? Eu quebrei alguma coisa? — Olho para os médicos.

Atento às suas reações, vejo que um deles respira forte, fita o chão, ergue o rosto e fala:

— Um caminhoneiro que vinha logo atrás de você contou aos policiais que, por causa da pista molhada, a sua caminhonete derrapou numa curva e capotou várias vezes. Mesmo protegido pelo cinto de segurança, você sofreu uma lesão séria na cabeça. Uma costela quebrou e perfurou o pulmão esquerdo. Além disso, você sofreu escoriações em várias partes do corpo — explica em tom metódico. Depois de uma pausa, emenda: — A boa notícia é que não teve nenhuma fratura exposta, caso contrário, sua recuperação seria muito mais demorada e dolorosa.

Ergo o braço livre, passo a mão pela minha cabeça e encontro a faixa que a envolve. Em seguida, usando as pontas dos dedos apalpo o curativo que cobre uma parte da face direita. Intrigado, tento fazer meu cérebro trazer à tona as memórias do tal acidente, e resmungo de frustração quando não consigo lembrar.

— Dor... forte... demais... — Arquejo e contraio os músculos do rosto. Trinco os dentes quando um espasmo repentino e involuntário faz meu corpo se contorcer, tirando-me a capacidade de raciocinar.

O que está acontecendo comigo?

— Calma. Já vamos cuidar isso. — Ouço uma movimentação pelo quarto, e quando sinto uma picada de agulha no braço, relaxo e respiro aliviado com o efeito imediato da droga, que me livra da dor violenta e excruciante.

— Melhor? — o médico pergunta. Eu abro os olhos e me deparo com seu semblante preocupado.

— Sim, muito melhor. O que diabos foi isso? — Minha voz é quase um sussurro.

— Você teve uma forte contração muscular. Deve ter sido causada pelo tempo que seu corpo permaneceu imóvel.

Deve?

— Entendi. E... quanto ao acidente, e-eu não lembro de nada — gaguejo, ainda um pouco ofegante.

— Não é raro pacientes que sofreram traumas, especialmente na cabeça, não saberem contar como as coisas aconteceram. O esquecimento, em alguns casos, é uma barreira que o cérebro utiliza para se proteger da dor e do sofrimento que lembranças traumáticas demais podem desencadear.

Respiro fundo e relaxo o corpo sobre o colchão.

— Fora essa coisa de não me lembrar do acidente e as dores musculares, eu estou bem, não estou? Pergunto porque tenho que voltar logo para a estrada. Preciso muito começar num trabalho novo e não posso me demorar mais.

O doutor Fernando faz menção de querer dizer algo, mas hesita. Analiso suas feições com cuidado e um detalhe que ouvi e chamou minha atenção, mas que eu não pude dizer nada na hora, retorna de supetão.

Tem alguma coisa que não está batendo.

Olho pela janela de novo, só para me certificar de que não estou errado.

Como eu posso estar em Goiânia, quando eu saí de Nova Londrina e peguei a estrada de manhã? Nem que a caminhonete voasse eu poderia ter percorrido oitocentos quilômetros e chegado a esta cidade com o dia ainda claro.

Puta merda! Agora que eu me toquei. Se a caminhonete derrapou e tombou, como disseram, não deve ter sobrado muita coisa dela.

Inquieto e com raiva, eu me remexo na cama.

— Imagino o quanto esta situação deve estar sendo confusa para você, mas tente manter a calma, ou precisarei contê-lo com medicamentos — sereno, o médico me adverte. Em silêncio, eu assinto. — Infelizmente, não será possível fazer o que disse. Por causa dos seus ferimentos, você ficou em coma por duas semanas — ele revela.

Meu queixo cai.

— O quê?! — Meu olhar de descrença abrange os dois ao mesmo tempo, e, contrariando a advertência que acabei de receber, tento me levantar e sair da cama. Eu não consigo e solto um grunhido irritado quando sou obrigado a voltar a me deitar. — Porcaria de fraqueza dos infernos! — rosno entredentes. — O senhor está dizendo que eu estive fora do ar por quinze dias? — Pânico e um sentimento de impotência me envolvem.

Dando um passo para trás, doutor Fernando coloca a lanterninha que usou para examinar meus olhos dentro do bolso do jaleco.

— Dezesseis dias, para ser mais exato.

Balanço a cabeça, sem acreditar no que estou ouvindo. Ante a minha negação, o doutor Jonas me encara com intriga nos olhos.

— Santino, qual é a última coisa da qual se lembra?

Contraio os músculos do rosto e me concentro.

— Eu me lembro de jogar a mochila dentro da caminhonete, pegar a estrada e deixar a minha cidade, que fica no norte do Paraná — respondo, e tenho certeza de que meu rosto expressa a minha confusão e as dúvidas que pipocam em meu cérebro.

— E você tem alguma lembrança do momento em que foi socorrido até a sua chegada no hospital?

Fecho os olhos e puxo novamente pela memória, porém, só encontro um espaço vazio.

— Não. Nada — respondo, e intimamente eu me pergunto o que posso ter feito durante esse lapso de tempo que agora não passa de uma tela em branco na minha cabeça.

Penso um pouco e chego à conclusão de que não devo ter feito nada de mais. Mas, se é assim, como explicar essa sensação esmagadora que tenho no peito? Sinto como se me faltasse algo importante, e por mais que eu me esforce, não consigo atinar o que seja.

Ergo a cabeça e volto a encarar o médico.

— Pelo que está me contando, você não se recorda do que aconteceu... desde o início da sua viagem, até os momentos anteriores ao acidente.

— Espera, quer dizer que as lembranças do que eu vivi desde que saí da minha cidade até o acidente se perderam? Para sempre?

— Como o doutor Fernando explicou, você recebeu uma pancada muito forte na cabeça, o que resultou em uma fissura no crânio. Nos exames que fizemos, não tinha nenhuma lesão cerebral aparente, portanto, nada que pudesse dizer que haveria sequelas. Vamos fazer alguns testes específicos e exames complementares, no entanto, existem partes do cérebro que seguem sendo um mistério. Suas memórias podem retornar a qualquer momento, mas pode ser que isso leve dias, semanas ou...

— Pode ser que elas nem voltem — concluo por ele, que, mesmo relutante, concorda comigo.

— É uma possibilidade. Infelizmente, não há garantias. E estivemos a ponto de perdê-lo um par de vezes devido a uma extensa hemorragia interna. Foi uma sorte tremenda você ter sobrevivido.

Caralho! E eu aqui me preocupando com meia dúzia de lembranças perdidas, quando podia ter morrido!

Estremeço só de pensar nisso.

— Então, o acidente foi mesmo feio, mas, tirando a parte da amnésia, das dores musculares e dessa fraqueza maldita, de resto eu estou bem, não estou?

Doutor Jonas assente.

— Fisicamente, o senhor está quase recuperado, porém, terá que permanecer internado por mais alguns dias. Como eu disse, serão feitos

exames específicos e uma bateria de testes, a fim de investigarmos se trata-se de uma perda seletiva de memória, tendo como motivo o trauma sofrido, ou se há uma outra razão impedindo o resgate dessas lembranças.

— Olha, eu preciso mesmo chegar a São Miguel. Se bem que, a essa altura, o meu futuro empregador já deve ter contratado outra pessoa. — Tomo ar, sentindo que acabei perdendo a minha chance, mas não posso deixar essa situação toda me abalar mais. Eu sou forte, e a vida me ensinou a levantar e sacudir a poeira, sempre mantendo a esperança de que dias melhores virão.

— No seu lugar, eu não tiraria conclusões apressadas. Romero Flores tem a fama de ser um homem justo, ele pareceu bastante preocupado quando soube o que aconteceu com você, e mais ainda ao ser avisado sobre o seu estado.

Meu coração dispara. Talvez nem tudo esteja perdido.

— E como foi que ele soube? — Surpreso, olho para o doutor Fernando.

— A assistente social decidiu avisá-lo quando encontrou um cartão de visitas com o nome e o telefone do senhor Romero dentro de um dos bolsos externos da sua mochila. E, por falar nisso, ela foi trazida e colocada ali dentro. — Usando o queixo, ele indica o armário. — Romero Flores é bastante conhecido por estas bandas. É um homem rico, poderoso e muito influente.

Respiro fundo e procuro ignorar o incômodo que sinto ao ouvir isso. Sei exatamente quem é Romero Flores. Eu já sabia muito a seu respeito há bastante tempo, mesmo assim, pesquisei um pouco mais sobre os seus negócios antes de viajar. E, segundo alguns sites de agropecuária e revistas

especializadas, a fazenda dele é a segunda maior do país, tanto em tamanho como em número de cabeças de gado. Possui mais de uma centena de milhares de hectares, sendo maior que muitas cidades grandes, como Nova York e São Paulo, por exemplo.

Interrompo os meus pensamentos e volto a minha atenção para o que o médico está falando.

— Inicialmente, você foi levado para um hospital que não tinha condições de atendê-lo da maneira mais adequada, e o senhor Romero, em pessoa, providenciou a sua transferência para este — doutor Jonas acrescenta.

Emudecido pelo choque, eu balanço a cabeça em completa descrença.

— Bem, agora precisamos ir — diante do meu mutismo, o doutor Fernando avisa. — Em breve, a enfermeira Rosana virá buscá-lo. Ela vai te levar para a sala de exames. Nós nos vemos mais tarde — ele se despede, e faço um gesto para demonstrar que entendi.

Pensativo, fixo o olhar no teto, sentindo-me atordoado com essa coisa maluca de despertar na cama de um hospital depois de ter estado desacordado por duas semanas, e, ainda por cima, não me lembrar de nada do que aconteceu, nem antes nem depois do acidente.

CAPÍTULO 9

Cruz

Assim que os dois médicos me deixam sozinho, eu tento organizar os meus pensamentos, mas, em vez disso, tenho a mente invadida pelas lembranças do dia mais triste da minha vida. De todas as despedidas pelas quais já passei, aquela, sem dúvida, foi a mais insanamente dolorosa.

Lembro que mantive os olhos fixos na lápide sob os meus pés com o nome dela cravado na placa simples de granito preto por um bom tempo. As lembranças mais marcantes que eu tinha dela passaram como um filme em minha cabeça: os aniversários, as viagens que fizemos, os fins de tarde sentados na varanda...

Depois de um dia de trabalho árduo, permanecíamos em um silêncio contemplativo, como um ritual, apreciando sempre que dava o maravilhoso pôr do sol que se escondia devagarinho atrás dos montes cobertos por uma vegetação luxuriante, de um verde esplendoroso e exuberante.

Pensei no amor incondicional que ela sentia por mim, visualizei seu rosto animado e corado pelo calor do fogão a lenha quando ela resolvia colocar a mão na massa e preparar barreado, meu prato preferido.

Ainda sem desviar os olhos daquela pedra, senti uma mão invisível apertar meu peito quando as memórias da última vez que eu a vi com vida preencheram cada recanto do meu cérebro. Seu olhar era triste, mas, ao mesmo tempo, ela me pareceu resignada e tranquila, apesar da iminência do descanso eterno, do fim de sua passagem pela Terra.

"Quando eu não estiver mais aqui, uma pessoa irá te procurar. Não questione, aceite o que lhe for oferecido. E jamais esqueça o quanto eu amo você, Santino."

Eu não estava lá quando minha mãe deu seu último suspiro. Naquela manhã, uma situação inesperada se apresentou e eu fui obrigado a deixar seu quarto. Eu tinha passado a noite inteira ao seu lado, adormeci na poltrona e acordei sobressaltado, com o sol nascendo e ao som de batidas urgentes na porta.

Esfreguei os olhos tentando me livrar dos resquícios do sono, virei-me para a cama e percebi que minha mãe continuava dormindo, plácida e sob o efeito da última injeção de morfina que eu havia aplicado no meio da madrugada em seu braço fino demais. Sem o remédio analgésico e narcótico, ela não suportaria a dor alucinante que lhe corroía da carne até os ossos.

Levantei-me, esfreguei o rosto para terminar de despertar, fui até a porta e, quando abri, deparei-me com Margarete, a empregada. Torcendo as mãos uma na outra, ela disse que Natanael precisava falar comigo e que era urgente, mas não soube explicar o motivo da pressa quando eu a questionei.

Depois de dispensá-la, entrei no banheiro e, em poucos minutos, já estava a caminho das cocheiras. Entretanto, antes de chegar, fui interceptado por Natanael, que me contou qual era a situação que não podia esperar para ser resolvida.

Sobral era o único cavalo que restara na fazenda, um esplêndido Mangalarga que eu tinha adquirido há uns cinco anos. Eu tinha um apego especial pelo animal, por isso hesitei muito em desfazer-me dele. Muita coisa havia sido vendida, menos os móveis, porque estavam empenhados, do mesmo modo que a fazenda e tudo ao redor dela, pois eram de madeira maciça, antigos, elegantes e sofisticados.

Agora, parecia que Sobral estava com problemas. Recusava-se a comer, beber, e sua barriga estava rija. Tudo indicava que estava com

cólicas, e realmente parecia algo grave. Imediatamente, entrei em contato com o veterinário e aguardei sua chegada.

Levou cerca de uma hora e meia para a dor abdominal do cavalo ser controlada após a medicação. Encarreguei Natanael para ficar atento e seguir ministrando o tratamento, mas como não era a primeira vez que acontecia, eu não entendi por que ele precisou me chamar, já que tinha autonomia e condições de cuidar desse tipo de situação por si mesmo.

Eu não sei explicar o motivo, mas tive a impressão de ter sido tirado de propósito do quarto da minha mãe. Por alguma razão que desconheço, não era para eu estar com ela.

Olhei uma última vez para o túmulo e, com o coração afundado, fui embora daquele lugar. Mais tarde, quando entrei no pátio, parei e fiquei ali, de pé e estático, remoendo o fato de que só teria quarenta e oito horas para deixar, para sempre, o único lugar que conhecia como lar.

Fiz o que pude para mantê-lo, trabalhando dia e noite, fizesse chuva ou fizesse sol, para saldar a montanha de dívidas deixadas pelo meu pai. Por causa das dificuldades que eu vinha enfrentando nos últimos dois anos, tornou-se cada vez mais difícil honrar os pagamentos com o banco.

Quando o prazo final das parcelas atrasadas da hipoteca venceu, eu não tive como pagá-las. Eu me senti um fracassado por ter perdido a fazenda, mas não havia mais o que fazer para postergar o inevitável.

Lembro-me de ter pensado que o novo proprietário, fosse quem fosse, teria que investir uma grana alta para recuperar o antigo esplendor daquele casarão.

Meus olhos ainda estavam sobre ele quando minha atenção foi despertada pelo barulho estrondoso das hélices de um helicóptero,

interrompendo a quietude daquela manhã quente de novembro.

A primeira coisa que notei foi a cor. Todo preto, ele era maior e mais potente que os helicópteros comumente usados pelos ricos fazendeiros da região. Imponente, a aeronave sobrevoou, a baixa altitude, os currais desertos, e em minutos o piloto aterrizava em uma área plana.

Fascinado, eu olhava a manobra e me perguntava quem poderia ser. Os poucos amigos e alguns conhecidos que compareceram ao enterro já tinham ido para as suas casas. E quem eu conhecia que tinha dinheiro suficiente para fazer uma entrada tão dramática e triunfal? A resposta era ninguém.

Com os olhos ainda cravados no aparelho, vi quando a portinhola foi aberta e, a seguir, um homem desceu. Curvava o corpo esbelto, a fim de evitar as hélices que giravam sobre sua cabeça. Bem vestido, trazia os cabelos grisalhos bem cortados, e considerando as rugas no rosto bronzeado e parcialmente coberto pela barba, deduzi que devia estar no final da casa dos sessenta anos.

Quando já estava a uma distância segura do aparelho, ele aprumou o corpo, e percebi que, além de esguio, também era alto, talvez um palmo mais baixo que eu. Sem deixar transparecer o que se passava pela minha mente, fiquei parado e observei o forasteiro caminhar na minha direção.

— Bom dia. Eu gostaria de falar com o dono desta propriedade — disse, parando a dois passos de onde eu estava.

— Eu sou o dono. Quero dizer, era. Estou de mudança — respondi, sem entrar em detalhes.

Fitei-o com uma curiosidade que considerei natural diante de uma pessoa que havia invadido a minha propriedade. Bom, ela ainda era minha pelos próximos dois dias.

Procurando proteger os olhos do sol forte, o homem ergueu uma das mãos até a linha das sobrancelhas, fazendo uma cabaninha.

— Entendo... A propósito, eu sou Romero Flores — apresentou-se e estendeu a mão. Mesmo intrigado, eu a aceitei. Seu aperto era firme e forte.

Daquele momento em diante, eu soube exatamente com quem estava falando, mas mantive o rosto inexpressivo, impassível e indecifrável, tudo para não o deixar perceber que eu o havia reconhecido. Não, eu não tinha visto Romero Flores em pessoa antes daquele dia, mas já esbarrara com algumas fotos suas na internet.

— Santino Cruz — eu me apresentei, contudo, algo me dizia que, assim como eu, ele também sabia exatamente com quem estava falando.

Seu olhar afiado não deixou meu rosto em nenhum momento. Estreitei os olhos quando o poder que emanava dele fez eriçar os pelinhos da minha nuca.

— Eu estive no enterro da sua mãe. Sinto muito pela sua perda, Santino. Amparo foi uma grande mulher.

Determinado a não me deixar intimidar, eu não recuei e segurei o seu olhar no meu.

— Obrigado — agradeci as condolências. — O senhor era amigo da minha mãe? — indaguei, imaginando o motivo daquela visita.

— De certo modo, sim. Mas isso aconteceu há muito tempo. — Sua expressão tornou-se distante, nostálgica, e, após pigarrear, ele voltou a cravar os olhos no meu rosto. — Quando nos tornamos adultos, a vida nos separou e cada um seguiu seu caminho.

— Então, o senhor conheceu minha mãe antes de ela vir morar aqui, em Nova Londrina?

Ele desviou os olhos para o casarão por um instante, mas logo voltou a olhar para mim.

— Isso mesmo. E você deve estar se perguntando qual o motivo de eu ter vindo até aqui, e sem avisar. E, bem, eu não sou homem de protelar, portanto, vou direto ao ponto. Santino, eu vim te oferecer um emprego na minha fazenda, em São Miguel do Araguaia.

— O senhor tem um trabalho para mim? — precisei perguntar, foi mais forte que eu, e o fiz sem desviar os olhos dos dele. — Como soube que eu preciso de um emprego?

— Eu estive com Amparo, antes de... — Sua voz falhou, mas ele não demorou a se recompor. — Nós conversamos um pouco. — Lancei um olhar interrogativo na direção dele e o vi o puxar uma respiração profunda. Ele então continuou: — Quando ela mandou me chamar, eu fiquei surpreso, porque não nos víamos havia vários anos. E foi doloroso revê-la em um momento tão... — O homem não completou o pensamento, e ficou calado por um longo momento, até sacudir a cabeça como se quisesse limpar a mente de uma lembrança desagradável. — O que estou dizendo? Desculpe-me, imagino quanto esta situação é difícil para você. — Seu semblante era triste, ele parecia estar sentindo muito a morte dela.

Tomar ciência daquilo me incomodou bastante, a ponto de eu precisar cerrar os punhos para não tomar uma atitude impensada. Meu estômago revirou e um gosto amargo subiu pela minha garganta.

Naquele momento, lembrei-me de parte do que minha mãe me dissera.

"Não questione, apenas aceite o que lhe for oferecido."



"O impacto atingiu o córtex, a parte do cérebro responsável pelas memórias recentes. Os exames físico geral e neurológico não mostraram alterações. Os exames de tomografia computadorizada e ressonância magnética do encéfalo foram normais. O exame de cintilografia tomográfica perfusional cerebral mostrou distribuição heterogênea do rádio fármaco em córtex cerebral com hipoperfusão frontal, temporal bilateral, predominantemente à esquerda. No seguimento ambulatorial, o paciente diz não se lembrar de qualquer fato ocorrido depois das primeiras horas da manhã do dia 08 de março."

Termino de ler a parte final do meu prontuário sem nem mesmo tentar decifrar os jargões médicos especificados nele, e com um suspiro eu o jogo sobre a cama hospitalar. Faz uma semana que voltei do coma, e durante esse tempo fiz todos os exames e testes solicitados pelo doutor Jonas, o neurologista. Hoje, finalmente fui informado de que vou receber alta e poderei deixar este lugar. Mas, honestamente, eu não sei o que vou fazer a partir daqui.

Eu não conheço ninguém nesta cidade, perdi minha caminhonete, o dinheiro que me sobrou está no fim, e eu não sei se ainda tenho um emprego. Abro a mochila, tiro uma muda de roupa, tomo um banho, visto-me, e lentamente preparo-me para deixar este quarto. Distraído, sobressalto-me quando a porta se abre de modo repentino.

— É muito bom ver que você está bem e pronto para ir embora. Como vai, Santino? Eu peço desculpas por não ter vindo antes, infelizmente tive um contratempo que me impediu de viajar.

— Senhor Romero?! Não me entenda mal, mas o senhor era a última pessoa que eu esperava ver por aqui.

O homem esfrega as mãos e sorri, parecendo nervoso.

— Eu refleti e cheguei à conclusão de que precisava estar aqui quando você fosse liberado.

— Nesse caso, acho que devo me sentir honrado, porque, segundo eu soube, o senhor é um homem muito ocupado — comento, sem conseguir ocultar um toque de ironia na voz. Mas o homem à minha frente não parece notar.

— É verdade, eu sou bastante ocupado. Mas estou aqui porque me sinto um pouco responsável pelo que houve com você. Se eu não tivesse lhe feito aquela oferta de emprego, você não teria necessidade de vir até aqui... e talvez nada disso tivesse acontecido.

Olho em seus olhos com estranheza.

— O senhor não tem que se sentir assim. Eu aceitei a sua oferta porque preciso de um trabalho, e a decisão de vir dirigindo foi exclusivamente minha.

Ele dá de ombros, acenando com a mão.

— Mesmo assim, é como eu me sinto. Fiquei aliviado quando soube que você havia acordado e que estava bem — conclui, vira-se e dirige-se a um homem calado que permanece no corredor. — Orestes, por favor, leve a mochila do Santino para a picape — ordena.

Abro a boca para dizer que sou perfeitamente capaz de carregar minhas coisas, mas o tal Orestes adentra o quarto e, de maneira segura e ágil, pega a mochila e sai antes que eu possa pronunciar uma única palavra.

Deixo os ombros caírem e me apoio na cama ao sentir uma súbita tontura e o amolecimento das pernas.

Como eu odeio me sentir assim, fraco e vulnerável.

Penso no motivo que levou o senhor Romero a se deslocar do Araguaia até aqui, quando podia ter enviado um dos seus empregados. Eu não engoli sua justificativa tosca sobre sentir-se culpado pelo meu acidente. Eu nunca ouvi falar de um patrão se mostrar tão preocupado com um potencial funcionário. Mas de uma coisa eu sei: eu não quero ficar devendo mais nada para esse homem, por isso faço questão de pagar cada centavo que ele desembolsou comigo.

Como ainda tenho um par de questões a serem esclarecidas, levo meu olhar diretamente para o rosto dele e busco tirar minhas dúvidas:

— Eu soube que foi o senhor que cuidou da minha transferência para este hospital. Pode me dizer o motivo? E, desta vez, que seja o verdadeiro. E eu também gostaria de saber como o senhor descobriu sobre a minha alta, se eu mesmo só fui avisado uma hora atrás?

O homem me lança um olhar que eu classifico como surpreso, com um quê de aborrecimento, mas estou pouco me lixando para os seus sentimentos.

— Santino, o doutor Jonas Gusmão é filho de um velho amigo. Estive em contato com ele desde que fui informado sobre o seu acidente. E, quanto à sua outra questão, eu entendo que tenha dúvidas, mas podemos conversar melhor depois que sairmos daqui. Hospitais me dão calafrios. Podemos ir?

Eu assinto gravemente, e, como já fui liberado, juntos, deixamos o quarto. No corredor, um jovem com uma cadeira de rodas me espera e diz que preciso seguir as normas do hospital. Sem querer criar um caso ou

admitir que ainda tenho dificuldades para me manter de pé por mais de dez minutos, sento-me nela e atravessamos o corredor. Logo estamos passando pelas portas duplas de vidro que dão na calçada.

Estreito os olhos quando sou recebido pelos raios do sol e inclino o rosto para absorver o calor agradável da manhã. O auxiliar de enfermagem para de empurrar a cadeira, eu me levanto e faço um gesto de agradecimento na direção dele. Ele retribui e retorna para o interior do prédio. Então, eu me volto para Romero, que indica a Ford Ranger preta que se encontra estacionada do outro lado da avenida.

— Eu mandei um dos empregados buscar a sua caminhonete no pátio da polícia rodoviária e levar para a oficina mecânica de um conhecido meu. Ela foi consertada e enviada para a fazenda. — Contraio o rosto, pois o que escuto me pega de surpresa.

Depois do que me contaram, eu pensei que não havia sobrado nada dela, que o seu destino seria o ferro-velho. Honestamente, eu não pensei que ela pudesse ser recuperada, e menos ainda a mando do meu futuro patrão. Junto os lábios e reprimo um suspiro de desânimo quando penso que tenho mais essa dívida para acertar com ele.

— Eu agradeço tudo o que fez por mim, mas quero que saiba que pretendo pagar cada centavo — faço questão de esclarecer, mas ele se mantém em silêncio.

Atravessamos a avenida, e só quando estamos a ponto de entrar na picape é que Romero volta a falar comigo:

— Santino, não se preocupe com isso. Neste momento, você deve se concentrar em ficar bom. Não faltarão oportunidades para conversarmos. Nós temos umas seis horas de viagem pela frente, e, se tudo correr bem,

sem imprevistos, chegaremos a São Miguel por volta das cinco da tarde. De lá, ainda temos umas boas duas horas de estrada até a sede da fazenda. Então, sugiro que aproveite esse tempo para descansar.

Percebo, pelo seu tom de voz e pela expressão em seu rosto, que, por ele, o assunto está encerrado. Eu não vou insistir, porque ainda me sinto fraco, apesar das sessões de fisioterapia destinadas a fortalecer os músculos, principalmente das minhas pernas, as quais me submeti todos os dias da última semana.

Questionei o médico a respeito do meu estado de sonolência constante, e ele me disse se tratar de um efeito colateral dos remédios, mas que eu não preciso me preocupar, pois em breve não vou mais precisar tomá-los.

Demonstro a Romero que entendi com um aceno e entro na picape. Eu me acomodo no banco traseiro e recosto a nuca no suporte, enquanto isso, ele ocupa o lugar ao lado do motorista.

— Orestes, nós já podemos ir — autoriza, puxando o cinto de segurança por cima do peito.

O homem calado e de semblante fechado faz um sinal de positivo, liga o motor e coloca o automóvel em movimento. Sem nada melhor para fazer, aproveito o suave deslizar da picape pelo asfalto para tentar cochilar um pouco, mas só acordo quando, bem mais tarde, paramos em um posto de gasolina.

Abro os olhos e reparo ao meu redor. Percebo que dormi durante quase todo o trajeto. Estou mais descansado e alerta, sem aquela sensação de fraqueza me incomodando. Sentindo-me mais bem-disposto, esfrego o rosto com as mãos e penso em como será minha vida daqui em diante.

Depois de passar uma vida inteira administrando o meu próprio negócio, vou ser um simples funcionário. Mas eu não tenho opção; na verdade, tenho que agradecer por ter conseguido esse emprego e por Romero não ter colocado outra pessoa no meu lugar mesmo antes de saber se eu teria condições de realizar o trabalho após despertar do coma.

Enquanto Orestes instrui o frentista a completar o tanque, eu solto um suspiro, meio cansado, meio desanimado. E como me animar, quando perdi tudo o que julgava ser o mais importante na minha vida, e de uma tacada só?

Minha mãe se foi. Os animais que lutei tanto para manter, também. E, por fim, as terras que estavam na família há mais de três décadas. Meu pai morreu faz catorze anos. Não que ele fosse grande coisa como pai, marido ou administrador. Pelo contrário, era realmente péssimo em tudo. Um ser humano egoísta, de caráter fraco e abusivo, um viciado em jogatina e todo tipo de bebida. Eu havia recém completado vinte anos quando fui obrigado a tocar a fazenda e assumir as dívidas deixadas por ele.

Nunca foi fácil, mas eu consegui manter um equilíbrio financeiro, ainda que precário, por mais de uma década. Mas aconteceu de minha mãe receber o diagnóstico de câncer de mama, avançado e agressivo, assim, o que já não estava bom, ficou mil vezes pior. Tudo isso agora faz parte do passado. Todos eles se foram e eu me tornei o último membro dos Donato Cruz, uma família outrora rica e influente, porém, arruinada nos dias atuais.

Estou vivo e preciso seguir adiante. Eu não tenho receio de não me sair bem, porque lidar com a terra, cuidar do manejo dos animais e passar horas em cima do lombo de um cavalo sempre fizeram parte da minha vida. Eu nunca tive medo de trabalho duro e honesto.

— Chegamos — anuncia Romero, quando Orestes desliga o motor da picape na frente da casa pintada de azul e branco.

Eu abro a porta da caminhonete e desço para o pátio. Do lado de fora, faço alguns movimentos para que o sangue volte a circular pelas minhas pernas. Enquanto faço isso, Romero e Orestes também descem.

— Acho que você deve estar sentindo falta de apreciar uma boa comida caseira. A comida que costumam servir nos hospitais... aquilo não presta! — Romero faz uma careta e prossegue: — Vamos entrando, Santino. A Vilma foi avisada da nossa chegada e deve estar nos esperando com a janta pronta. — Vira-se e começa a subir a escadaria que leva ao alpendre.

Aceno em concordância, aprumo o corpo, ajeito as alças da mochila nos ombros e subo os degraus, logo atrás dele.

CAPÍTULO 10

Pilar

Faço uma careta quando engulo a bile que sobe pela minha garganta. Cubro a boca com a palma de uma mão e seguro o estômago com a outra.

Um mal-estar tem me perseguido há dias, e desde então eu tenho me alimentado basicamente de saladas, peixe e frango grelhado, os únicos alimentos que não me obrigam a colocar tudo para fora.

— Acorda, Pilar! — Adela estala os dedos na minha frente, cortando o fluxo dos meus pensamentos.

— O quê? — indago, um pouco aérea. Ela fixa os olhos castanhos no meu rosto, que, a essa altura, deve estar tão verde quanto a cara do Shrek.

— Tem certeza de que está bem? — insiste na pergunta.

— É claro que eu tenho — minto descaradamente, prendendo meu cabelo com as mãos num gesto descuidado. — Por quê? — indago, pego um cardápio e coloco-o bem na frente do meu rosto, protegendo-me do escrutínio dela.

— Eu te peguei saindo do banheiro da faculdade, trêmula e pálida feito um fantasma, três vezes só esta semana — explica. — Desde que você voltou daquela viagem, está distante, dispersa e distraída — reclama, e não é a primeira vez. Devagar, eu devolvo o cardápio à mesa. Sem ter como negar suas observações, suspiro e deixo cair os ombros.

— Está certa. Eu não sei exatamente o que está acontecendo, mas sei que há algo errado com o meu estômago. Eu acho que peguei uma virose ou ganhei uma gastrite nervosa — especulo.

Adela se debruça sobre a mesa e me lança um olhar duvidoso.

— Você acha? E não foi ao médico descobrir o que tem? — Nego com a cabeça. Insatisfeita, Adela apruma o corpo, afasta a cadeira e cruza os braços sobre o peito. — E desde quando você está se sentindo assim?

Estreito os olhos, tentando fazer minha mente trabalhar.

— Hum... agora que você perguntou, eu acho que faz pouco mais de uma semana.

Diante da minha resposta, Adela me brinda com um olhar especulativo e desconfiado.

— Tudo isso? E você está esperando a gastrite virar uma úlcera para ir ao médico? — questiona com ar de reprimenda.

Eu me preparo para responder, mas meu telefone toca. Pego o aparelho de cima da mesa, olho a tela e vejo que é a governanta da fazenda.

Enrugo a testa, pois é raro eu receber uma chamada dela. Normalmente, nós trocamos mensagens, porque Vilma só me liga quando o assunto é urgente. Com isso em mente, eu atendo, e quando nos saudamos, percebo logo pelo seu tom de voz que algo ruim aconteceu.

Eu não preciso esperar, pois, sem muitos rodeios, ela me conta que meu pai passou mal e, sentindo fortes dores no peito, foi levado para o hospital. Ao ser examinado, foi constatado se tratar de um infarto. Devastada com a notícia, eu sou tomada por um sentimento de impotência. Peço a Deus, numa prece silenciosa, que não o tire de mim. Meu pai é a única família que eu tenho.

— Pilar? Pilar?! — Escuto ao longe a voz de Adela me chamando e olho na direção dela. — O que aconteceu? Você está branca.

— O meu pai... ele sofreu um infarto e está no hospital.

Adela aproxima-se de mim e aperta meus ombros para me confortar.

— Calma, respira fundo — ela instrui, e com um gesto de ternura afasta o cabelo da minha testa. — Agora, conte-me o que houve com o seu pai.

Eu explico e vamos para o meu apartamento. Enquanto eu jogo algumas peças de roupas no interior da mala, Adela reserva o primeiro voo que encontra para Goiânia. Horas mais tarde, quando deixo o aeroporto, entro no táxi e sigo para o hospital. Sinto meu coração pulsar mais forte em um misto de sensações, afinal, estou há mais de um ano sem ver meu pai pessoalmente.

Estudar em São Paulo me ensinou a ser uma mulher mais independente e decidida. Uma boa parte disso, eu devo à Adela. Nós fazemos o mesmo curso, mas em salas diferentes. Ela trabalha como secretária em um escritório de advocacia, mas seu sonho, assim como o meu sempre foi, é ser veterinária.

Daqui a um mês, nós vamos nos formar, e eu nem acredito que cinco anos se passaram desde o dia em que saímos às ruas em um trote solidário, onde pedíamos ajuda para abrigos de animais abandonados. Minha amiga até já tem um trabalho em vista. Jorge Freitas, um primo seu, é dono de um haras em Paulínia e a chamou para trabalhar com ele.

Eu não consigo ingerir nada por horas, por isso, compro um capuccino na lanchonete do hospital mesmo, na esperança de acalmar meu estômago irritado. Segurando firme o copo, adentro o prédio e ando até o balcão. Entro na fila e, quando chega a minha vez, cumprimento a atendente, que anota meus dados e me entrega o crachá de acompanhante.

Vou para os elevadores e, cinco minutos depois, desço no sexto andar. Eu me detenho quando encontro o doutor Edgar e procuro saber os detalhes sobre o que de fato aconteceu com meu pai e qual é o seu estado de saúde real. Descubro que foi preciso submetê-lo a um cateterismo, que o procedimento foi bem-sucedido e que papai está fora de perigo.

Ouvir isso tira um peso enorme do meu coração, e, aliviada, agradeço efusivamente ao médico cardiologista que o atendeu. Pego o corredor e sigo direto até o quarto 603.

Agora, enquanto eu o observo deitado na cama, noto o quanto está pálido. Papai sempre me pareceu invencível, e fico em choque ao descobrir que ele não é. Meu peito literalmente dói só de pensar que eu poderia tê-lo perdido.

— Não fique tão preocupada, Pilar — ralha comigo ao ver a expressão de meu rosto. — Ainda terei uns bons anos pela frente. Só vou ter que maneirar um pouco, mudar alguns hábitos e diminuir o ritmo de trabalho. Não é nada de mais — diz, minimizando a situação.

— E eu vou me certificar disso — afirmo, determinada.

— Como assim? — ele questiona, a confusão estampando seu rosto.

— Eu não vou voltar para São Paulo até o senhor ficar bom.

— Espera um pouco... — diz, sentando-se na cama. — Uma coisa é você pegar um avião para ver com seus próprios olhos que eu estou bem, outra bem diferente e desnecessária é ficar sentada aqui segurando a minha mão. Eu tenho a Vilma, o Orestes e o Santino para cuidarem de mim.

Abro a boca para ressaltar que, como sua única filha, é meu direito cuidar dele, e não um privilégio dos empregados, mas ele não me dá chance de dizer o que penso quando continua falando:

— Eu andei pensando e, depois do que houve, decidi passar a administração da fazenda para as mãos dele. É trabalhador, experiente e está mais do que capacitado para dirigir a *Dourado Flores*. Tenho sorte em tê-lo comigo. — Não há como negar o toque de admiração e respeito em sua voz.

— Esse Santino... é algum funcionário novo?

— Sim, eu o contratei há pouco mais de um mês. Para substituir o Januário.

— O senhor mandou o Januário embora? — pergunto, surpresa, pois o homem trabalhava na *Dourado Flores* desde os tempos dos meus avós.

— É claro que não! — papai responde e me olha como se minha pergunta tivesse sido ofensiva. — Januário está na casa dos setenta, e sua saúde se complicou muito nos últimos tempos, assim, ele achou melhor se aposentar e ir morar em Bonito. Foi viver perto do filho e dos netos.

— Entendi. Mas o senhor não me falou nada sobre ter contratado um novo gerente.

— Ah, não? Eu devo ter esquecido. — Ele dá de ombros.

— Pai, gerente de pecuária é um cargo de confiança, há de se ter certos cuidados quanto à índole da pessoa a ser contratada para esse cargo. Ela precisa atender a requisitos específicos antes de uma decisão final ser tomada.

Meu pai ergue uma sobrancelha inquisitiva.

— E o que te faz pensar que o Santino não preenche esses requisitos? Está questionando a minha capacidade de administrar a minha própria fazenda, Pilar?

Incomodada com seu olhar de censura, eu me remexo no assento.

— Não, de jeito nenhum. Eu só estou me perguntando o que esse homem fez para ganhar a sua confiança em tão pouco tempo.

Papai olha para mim, a testa franzida.

— Eu tenho os meus motivos para confiar nele — diz em um tom de quem não aceita ser contestado. E como sei que quando é assim eu não vou conseguir tirar mais nada dele, retorno ao assunto da minha permanência na fazenda.

— Pai, eu quero ficar em casa — insisto.

Ele suspira, fitando-me contrariado.

— Pilar, você vai me fazer mais feliz voltando para a faculdade e se formando. Depois, eu espero que encontre um homem responsável, inteligente e ambicioso para ser seu marido e dividir com você a direção da *Dourado Flores* quando eu me aposentar. Quem sabe, mais tarde, você me dê um neto ou dois. Mas as chances de conseguir qualquer uma dessas coisas se isolando na fazenda são praticamente nulas.

Fico calada por causa do seu estado, mas intimamente eu me pergunto se estaria sendo mandada embora se eu fosse um filho, em vez de uma filha. Eu não quero aborrecê-lo, mas a minha vontade é gritar que eu não preciso de um marido para tocar a fazenda.

— Eu ficaria bastante satisfeito se você decidisse dar uma chance para o Lorenzo. É um rapaz trabalhador, de boa família... E qualquer um pode ver que ele arrasta um caminhão por você.

Eu quase tenho um troço ao ouvir seu comentário. Papai já tinha insinuado outras vezes que gostaria que Lorenzo e eu engatássemos um

namoro, mas sempre de um modo mais velado. Esta é a primeira vez que ele é tão direto. Mordo a língua para não lhe dar uma resposta malcriada e dizer o que realmente penso sobre o seu "projeto de genro perfeito".

— Desculpa, papai, mas eu acho melhor não irmos por esse caminho. Está convalescente, e a última coisa que quero agora é me indispor com o senhor. — Estou chocada por ele tentar me manipular mais uma vez.

Meu pai suspira e recua diante do meu ar decidido.

— Como queira, mas só por enquanto. Ainda considero que o Lorenzo será o marido ideal para você — frisa. — Estou um pouco cansado — afirma, deita e fecha os olhos. E eu fico ali, observando seu sono, remoendo o que acabei de ouvir.

Decido me hospedar em um hotel na cidade, será mais prático e eu não vou precisar fazer a viagem de duas horas, ida e volta, da fazenda todos os dias. Quer queira ou não, eu só volto para São Paulo quando estiver absolutamente certa de que meu pai seguirá à risca cada uma das recomendações do médico.



No sétimo dia após a minha chegada, agradeço aos céus o fato de meu pai estar se recuperando tão bem, a ponto de ser liberado do hospital. Irritadiço e rabugento, ele não via a hora de poder ir para casa.

Atendendo ao pedido dele, eu chamo Orestes e peço para providenciar o nosso transporte para a fazenda. Ele concorda, eu desligo, faço a mala e fecho a conta do hotel. Horas mais tarde, papai, seu segurança pessoal e eu seguimos para o heliporto. Decolamos vinte minutos depois.

O trajeto leva uma hora até a fazenda. As terras, os montes verdes e o céu muito azul enchem meus olhos. Assim que pousamos, descemos do

helicóptero com a ajuda de Orestes, que já nos aguardava. Calado, sério e introspectivo, o homem é especialista em segurança pessoal, e foi contratado quando papai sofreu uma tentativa de sequestro anos atrás. Desde então, Orestes se tornou praticamente sua sombra; inclusive, foi ele que o socorreu e o levou para o hospital.

Segundo os médicos, sua intervenção rápida e segura influenciou tanto no pronto atendimento quanto na recuperação do meu pai. E quando Orestes não faz a sua segurança pessoalmente, por estar de folga ou por qualquer outro motivo, a empresa de segurança contratada envia um dos seus melhores agentes para substituí-lo. Essa mesma empresa também é a responsável pela segurança da *Dourado Flores*.

— Espero que tenham feito uma boa viagem — Orestes fala e pega a minha mala.

— Sim, nós fizemos — é papai quem responde. — E por aqui, alguma novidade enquanto eu estive fora?

— Tudo na mais perfeita ordem, como sempre — Orestes assegura.

Juntos, caminhamos na direção da casa, construída numa ligeira elevação. De lá, pode-se ver os campos e prados, até onde a vista alcança. É toda rodeada por um jardim muito bem cuidado, composto de vegetação rasteira, arbustos devidamente podados e várias árvores que sombreiam o complexo principal.

Há um lago na parte de trás da construção, e uma piscina olímpica foi acrescentada à sua lateral. Lembro-me do dia em que papai contou que arquitetos de renome haviam sido contratados para reformá-la, há duas décadas, mas que pedira para que respeitassem a estrutura original e cada detalhe da arquitetura em estilo imperial.

Sua voz profunda me tira dos meus devaneios.

— Eu sou capaz de subir sozinho — fala em tom ríspido quando faço menção de ajudá-lo a subir as escadarias.

Automaticamente eu recolho a mão, mas não me afasto, subindo quase colada a ele. Está bravo porque desobedeci e não voltei para São Paulo, como ele queria.

— Que bom tê-lo de volta, senhor! — Vilma saúda, a postos na porta de entrada. — E você também, Pilar. Bem-vinda!

— Obrigada, Vilma. É bom estar de volta — agradeço com um sorriso.

Vilma Lacerda é uma mulher de aparência comum, tem pouco mais de quarenta anos, e o cabelo castanho é mantido preso em uma trança enrolada na base da nuca. Está sempre vestida com roupas de cores escuras – preto e cinza, na maioria das vezes –, o único adorno que usa é uma corrente com uma cruz prateada pendurada no pescoço. Viúva e sem filhos, nos últimos quinze anos mora na fazenda, servindo como governanta da casa grande. Discreta, faz seu trabalho sem chamar atenção. E, aos meus olhos, a mulher não envelheceu um só dia desde que eu fui estudar fora, há cinco anos.

Ela sorri, e quando adentramos a sala, sobe para o primeiro andar com o meu pai, enquanto Orestes segue atrás, levando a minha mala. Eu fico na sala um minuto mais, a fim de admirar a decoração. O mobiliário da casa é elegante e sofisticado, arrumado numa ordem precisa. Tudo é confortável, mas muito prático.

É mesmo muito bom voltar para casa, penso, e com um suspiro subo para o meu antigo quarto.

Desfaço a mala, que Orestes deixou perto da porta, em cima da cama e dedico os próximos minutos a guardar minhas roupas dentro do armário.

Tomo um banho, escolho um short jeans, uma blusinha leve e me troco. Sento-me no baú aos pés da cama, calço as meias e as botas de cano curto. Pego um chapéu para proteger a cabeça dos raios de sol e, depois de me certificar de que papai está no quarto descansando, pois o médico orientou que ele ficasse deitado duas horas pela manhã e duas horas à tarde, eu desço.

— Tudo bem, Vilma? Precisa de alguma coisa? — pergunto, mas basta um olhar ao redor da cozinha espaçosa e bem equipada para indicar que tudo está sob controle.

— Tudo bem, Pilar — é sua resposta serena para as minhas perguntas superficiais. Mas quando eu me viro para ir embora, ela me chama.

— O jantar estará pronto às seis e meia — anuncia.

— Eu vou dar uma saída, mas não demoro. Só quero matar um pouco a saudade daqui.

Ela sorri e retorna aos seus afazeres. Eu saio pela porta da frente, desço as escadarias quase correndo e pego o caminho que me levará às cavalariças. Estou louca para rever Baruc, o cavalo Mangalarga que costumo montar quando estou por aqui. Mas desvio da minha rota ao perceber uma movimentação nos currais. Eu me aproximo e encontro meia dúzia de peões com os braços debruçados na cerca e atentos ao que acontece no centro do redondel.

Olho por entre as tábuas sólidas e vejo Bento, o treinador de cavalos, fazer sua magia em Eclipse, um garanhão Puro-sangue Árabe de dois anos e meio de idade. Esplêndido, de pelagem alazã marrom-avermelhada, escura e lustrosa, o animal trota, majestoso, mostrando seu perfil em forma de arco, pescoço sinuoso e arqueado, e cauda elevada. Praticamente em transe,

observo a fantástica interação homem-animal por um tempo, e quando não aguento mais segurar a minha curiosidade, pergunto onde posso encontrar o novo gerente.

— Ele saiu bem cedinho. Foi com o Antero atrás dos novilhos desgarrados — Jerônimo, um dos peões, responde.

— Hum... e foram muito longe?

— Eles foram lá para as bandas dos aceiros que ficam a uns cinco quilômetros do rio, mas devem estar de volta antes do sol se pôr, senhorita — completa, simpático.

Eu assinto com um gesto, ciente de que só me resta esperar para descobrir o que esse homem tem de especial, capaz de deixar o senhor Romero Dourado Flores tão impressionado.

CAPÍTULO 11

Cruz

O céu está salpicado de laranja e amarelo, com o sol escondendo-se atrás do topo de uma montanha, quando avistamos os prédios da fazenda. Os cavalos apressam o passo, dirigindo-se velozes para a possibilidade de comida, água e descanso. O suor escorre pelo meu rosto, grudando a camisa contra o peito, descendo pelas costas e molhando o cós da calça jeans desbotada.

Depois de perseguir novilhos desgarrados por um dia inteiro, com a vegetação açoitando a minha pele e os raios do sol inclemente sobre a cabeça, eu quase me arrasto ao levar Titã, um capão Crioulo de pelagem castanha avermelhada, para as cocheiras. Cansado e seco por dentro, agradeço por meu companheiro ser um vaqueiro experiente e ter feito metade do trabalho, pois, de outra maneira, eu estaria engolindo poeira até agora.

Porém, antes de pensar em descansar, é preciso cuidar do cavalo. Posso pedir para um dos rapazes fazer isso? É claro que sim, mas prefiro fazer eu mesmo. Retiro a sela e a manta. Titã resfolega, pois está tão cansado quanto eu. Enquanto o animal se farta de água e aveia, eu me recosto em um pilar e o espero terminar. Depois de saciar a sede e matar a fome, eu o puxo pelas rédeas e seguimos para um local aberto e arejado.

Chegando lá, começo a tirar os nacos de terra incrustados nos cascos e ranilhas. Limpo tudo, inclusive as ferraduras, com um limpador próprio para isso. Termino e, com uma escova dura, começo a escová-lo com vontade. A fricção constante ajuda a aliviar a tensão dos músculos, por se parecer com uma massagem, além de retirar a sujeira.

— Você viu quem *tá* de volta? — Escuto a pergunta de um dos dois peões que adentra o estábulo. Com o canto do olho, vejo um deles ajeitar os equipamentos que trouxe consigo em cima do banco de madeira e balançar a cabeça, concordando.

— A Vilma disse que a Pilar ficou na cidade, hospedada em um hotel, durante o tempo em que o patrão ficou internado. Eu vi quando pai e filha desceram do helicóptero. O Orestes estava lá para receber os dois, e mais tarde ela apareceu no curral, bem na hora que o Bento trabalhava com o garanhão novo.

Pilar...

Então esse é o nome da mulher que chamou minha atenção quando Antero e eu retornamos do campo. Desde que cheguei aqui, já ouvi comentários positivos, e outros nem tanto, sobre a *Princesa da Dourado Flores*, como a maioria dos rapazes a chama. Meus pensamentos voltam para o preciso momento em que adentrei o quintal da fazenda. Eu passava pelos currais e, mesmo estando a uns bons metros de distância, pude ver a garota esguia e de longos cabelos castanhos parcialmente escondidos por um chapéu. Uma beleza alta, vestida com uma blusa mínima e short jeans que revelavam um corpo curvilíneo e muito sensual.

Cheguei a me perguntar de quem se tratava, mas eu estava tão cansado que acabei empurrando a questão para o fundo da mente. Contudo, algo interessante e completamente fora de lugar aconteceu. Conforme ela se movimentava, eu não conseguia desviar os meus olhos da sua figura.

Quando tirou o chapéu e riu de algo que lhe foi dito por um dos rapazes, ela jogou a cabeça para trás, fazendo aquela cascata brilhante e generosa cair pelas costas e o tecido da blusa colado na pele morena esticar e delinear o contorno dos seios firmes e atraentes.

Ante aquela doce e instigante visão, e a despeito do quanto exaurido eu estava, senti uma fisgada repentina, mas fiz questão de ignorá-la e continuar no meu caminho.

Exalo o ar, volto para o presente e continuo o que estou fazendo.

— Eita mulher gostosa da porra! Aquela garota gosta demais de chamar atenção, andando por aí com um short curtinho e uma blusa agarrada, mostrando o corpão! — um deles exclama.

— E as pernas? Parece que não acabam nunca! Perfeitas para uma chave de coxa daquelas! — o segundo comenta. Os dois caem na risada, cheios de malícia.

Pelo jeito, eles não perceberam que eu estou aqui, ou será que agiriam do mesmo modo sabendo que alguém mais está ouvindo? Eu ainda não a conheço, mas a maneira como os dois se referem à filha do Romero, assim como o tom nada lisonjeiro e desrespeitoso, provoca-me um incômodo, a ponto de fazer meu sangue ferver nas veias. Sem deixar de escovar a pelagem escura do meu cavalo, aprumo o corpo, denunciando assim a minha presença. Estreito os olhos e ranjo os dentes quando os encaro. Pegos de surpresa, os dois se voltam para mim ao mesmo tempo.

— Ah, você está aí, Santino... Pensamos que o estábulo estivesse vazio — Roberto, um dos funcionários mais antigos, apressa-se em explicar.

— Pois é. Estou. E de quem vocês estão falando? Da filha do patrão? — Ambos trocam um olhar apreensivo, mas não respondem. — Fazem bem em não repetir, as paredes podem ter ouvidos, não é mesmo?

— E o que você tem com isso? Mal chegou e já está se metendo onde não deve! — Carlos coloca-se na defensiva, mas logo percebo que sua valentia é só de fachada. Uma das pernas não para de tremer, denunciando

seu nervosismo. Imagino que seja por eu ter testemunhado a conversa dos dois.

— Hum, agora eu fiquei curioso... — Viro-me para Roberto. — E se fosse um dos peões falando assim da sua filha ou da sua esposa? — Eu não espero por uma resposta e me dirijo para o mais novo: — E se alguém dissesse isso da sua namorada, Carlos? — Abarco a ambos com um único olhar. — Vocês iam gostar de saber que elas são alvo de um falatório como esse que os dois acabaram de protagonizar? — De olhos bem abertos, eles negam, acenando de modo efusivo com a cabeça. — Pois eu tenho para mim que o senhor Romero também não ficaria nada contente de saber que os funcionários da fazenda dele fazem esse tipo de comentário a respeito da filha. Capaz até de mandar uns dois ou três embora — concluo.

Crispando as mãos de nervoso, Roberto arqueia uma sobrancelha larga e escura enquanto me encara.

— E quem vai contar? Você, forasteiro? — indaga, desafiador.

— Eu sei que sou novo aqui, mas não sou dedo-duro. Só que outra pessoa pode ouvir, e sabe como é... — Displicentemente, eu movo os ombros, deixando o restante da frase no ar.

Ele me olha com uma expressão de desagrado no rosto redondo. Ignoro-o e volto à escovação de Titã, mas escuto-o bufar, irritado.

— Está certo. Não está mais aqui quem falou. Nós já entendemos o recado — assegura, o semblante ainda emburrado. Contudo, um segundo depois, suas feições relaxam e se iluminam, como quando nos lembramos de algo. — A Pilar perguntou de você, Santino. O Jerônimo disse que você tinha ido atrás dos novilhos com o Antero — conta, parecendo bastante contente por encontrar uma razão para desviar o assunto de si mesmo.

Deixo passar. Eu só quis adverti-los sobre as possíveis consequências por faltarem com o respeito a uma mulher. Qualquer uma. Pior ainda em se tratando da filha do homem que paga o salário deles. Não é da minha vontade me indispor com ninguém aqui.

— É só isso? — indago, procurando não mostrar sinal de interesse.

— Não. Ela também queria saber quando vocês iam voltar.

Eu não digo nada, mas me pergunto intimamente qual será o assunto que a menina dos olhos de Romero tem para tratar comigo. Talvez ela só queira saber quem é o novo gerente de pecuária da fazenda. Será que ela sabe que o pai me sondou, antes do infarto, sobre me passar a direção da *Dourado Flores*, mesmo que a mudança ainda não tenha sido oficializada?

Admito que fui pego de surpresa, pois jamais passara pela minha cabeça que Romero fosse me considerar para ocupar tal cargo. Não por eu não ser qualificado para exercer a função, mas sim pelo pouco tempo que estou na fazenda. É verdade que nessa minha nova vida o que eu mais quero é me dedicar ao que faço de melhor, tendo como única satisfação trabalhar duro a cada dia e cair exausto na cama a cada noite. Mesmo assim, sua proposta me intrigou. Contudo, eu não cheguei a pensar muito a respeito, até porque, Romero infartou e não foi possível voltar a tocar no assunto. Até hoje.

— O senhor Romero disse que sabe que está querendo se lavar primeiro, mas que depois é para você ir para a casa grande — avisa Carlos. — E disse para não perder tempo comendo, porque está convidado para o jantar — conclui, com um brilho de inveja nos olhos.

— Obrigado. — Meneio a cabeça, procurando não dar importância demais ao fato, pois já imagino a motivação dele ao me chamar. — Diga a

ele que estarei lá em menos de meia hora.

— Está bem — o rapaz assente e sai do estábulo em disparada.

Mais tarde, de banho tomado e usando uma muda de roupa limpa, eu me sinto quase humano de novo. Sustentando-me nas pernas exaustas de tanto montar, entro no pátio e dirijo-me para a casa grande.

— Boa noite, Vilma — saúdo assim que a governanta abre a porta.

— Boa noite, Santino! — Com um pequeno sorriso, a mulher retribui o meu cumprimento e coloca-se de lado, a fim de me dar passagem. Aceno em agradecimento e adentro o hall de entrada. Romero está na sala de estar. Para quem teve um infarto e passou uma semana inteira internado, sua aparência é muito boa. Ele ergue os olhos e sorri quando me vê.

— Como foi a caçada aos novilhos? — pergunta, adicionando cubos de gelo a um copo.

Inspiro fundo.

— Foi bem-sucedida — respondo de maneira sucinta.

— Quer tomar alguma coisa antes do jantar? — oferece.

— Uma dose de uísque com gelo, por favor — digo sem vacilar.

Pegando uma garrafa de cristal de uma bandeja, Romero joga uma dose da bebida sobre os cubos no copo.

— Está com cara de cansado — comenta, trazendo o copo até mim.

— Obrigado — digo com um sorriso retorcido e tomo um trago da bebida.

— Venha, vamos nos sentar. A Vilma virá nos avisar quando o jantar estiver na mesa. Eu só estou esperando por... — Romero para de falar

quando sons de saltos contra o mármore ressoam no ambiente. — Ah! Já não precisaremos esperar mais. Aqui está ela — diz, elevando o olhar para o topo da escadaria.

Instintivamente, eu o imito, e antes mesmo de olhá-la, sou tomado por uma sensação de *déjà-vu*. Então eu a vejo de perto. Fico paralisado e percebo que minha respiração falha. A fisgada que senti mais cedo resolve dar as caras e um repentino desejo toma conta de mim, mas eu faço um esforço para negá-lo.

Meu corpo todo reage e meu coração dá uma cambalhota no peito. Durante vários segundos, eu não pisco. Eu não me movo. Mesmo contra a vontade, pois não quero passar uma mensagem equivocada ou parecer interessado demais, mantenho a atenção na sua aparência. Ela tem um rosto criado para roubar o ar de um homem e perseguir seus sonhos. É, talvez, o mais perto da perfeição que a natureza permite.

Eu me recomponho e volto a olhá-la. Bela e elegante, dentro de uma blusa preta, alças cruzadas no pescoço delicado, deixando os ombros nus, e uma saia cuja barra termina na metade das coxas. Pilar aproxima-se mais de onde eu e Romero estamos.

Os olhos nitidamente verdes estão fixos nos meus, e ela ondula o corpo magnífico enquanto atravessa a sala com o andar sinuoso e a languidez sensual de uma sereia. Ante tal visão, eu engulo em seco e mal me dou conta de que aperto o copo de uísque entre os dedos. Não há dúvida de que a mulher reúne todos os atributos suficientes para seduzir qualquer homem.

— Santino, eu te apresento minha filha, Pilar! — Romero anuncia quando ela finalmente chega. — Pilar, esse é Santino Cruz, o novo gerente que eu te falei e futuro administrador da *Dourado Flores*! — exclama com entusiasmo.

Mantenho meu olhar em seu rosto, e o modo como ela me encara e separa os lábios dá a entender que deseja dizer alguma coisa. No entanto, um breve olhar para o pai faz sua expressão tornar-se hesitante e insegura, então ela se volta novamente para mim. É como se tivesse receio de algo, e esse medo a faz mudar de ideia.

— É um prazer conhecê-la, Pilar — digo e estendo a mão em sua direção.

Os olhos grandes arregalam-se, suplicantes, e penso ter testemunhado um brilho de sensualidade em suas profundezas. Noto o toque da língua feminina por entre os lábios vermelhos e cheios de maneira convidativa, o que é uma verdadeira tentação.

Pilar projeta o braço, aceitando o aperto de mão. Quando sinto o toque de sua palma, um tremor atravessa o meu corpo, e sem aviso prévio flashes de imagens da mulher à minha frente dentro de um vestido preto extremamente sexy e com os cabelos presos em um coque invadem a minha mente. Em um deles, eu me vejo enfiando os dedos nos fios macios e puxando-os com um pouco de força; em outro, a minha boca apodera-se da dela em um beijo faminto e apaixonado. Confuso, pisco e franzo a testa.

Como isso é possível, se, até onde eu sei, nós nunca nos vimos antes? Devem ser fantasias criadas pela minha imaginação, porque, definitivamente, nós não frequentamos os mesmos círculos, digo a mim mesmo, para me convencer.

Ainda assim, mantenho o foco nas imagens fragmentadas, numa tentativa desesperada de montá-las, mas sou obrigado a parar quando sinto uma pontada familiar e dor na cabeça, falta de ar e o gosto metálico do pânico na língua. Será que algum dia eu vou me sentir normal de novo? Ou esse é o meu normal agora?

Fico irritado quando meu olhar e meu corpo continuam atraídos por ela. Eu não estou sabendo lidar com todos esses sentimentos que Pilar desperta em mim. Por fora, sustento uma máscara de normalidade, mas, por dentro, estou lutando bravamente para sair do transe momentâneo no qual eu me encontro.

CAPÍTULO 12

Pilar

Afundo meu corpo na água perfumada da banheira e, enquanto relaxo, procuro apagar todo e qualquer pensamento da mente, aproveitando apenas o prazer sensual do banho. Quando saio, enrolo uma toalha no cabelo lavado, fazendo um turbante no alto da cabeça.

Caminho para o quarto e paro diante do espelho. Sentada na banqueta, passo máscara e delineador nos cílios espessos e aplico uma camada de batom cereja nos lábios – uma ponta necessária de cor no rosto pálido. Retiro a toalha e desembaraço o cabelo com escovadas longas e vigorosas.

Vou até o armário e gasto um tempo escolhendo uma roupa para o jantar. Opto por uma blusa preta, modelo frente única de tecido brilhoso, e uma saia curta bem talhada e da mesma cor. Nos pés, um par de sandálias multi tiras de salto fino na cor prata. Brincos cravejados de strass modelo franja completam a produção. Eu me afasto um passo para admirar o visual elegante, mas com uma sensualidade discreta e perfeita para causar uma ótima primeira impressão.

Ouço vozes abafadas conforme eu me aproximo do topo da escadaria, então me dou conta de que estou apreensiva e passo a mão nervosa pela saia. Começo a descer, pretendendo conhecer o homem que papai não me contou que havia contratado. Contrariada, comprimo os lábios, pois a ideia não me agradou em nada. Ao longo dos anos, ele sempre confiou em mim, ensinando-me sobre o trabalho diário e os negócios da fazenda, até que eu os conheci quase tão bem quanto ele. A intimidade entre nós é algo que eu prezo demais, e descobrir uma falha tão significativa na nossa comunicação me deixa inquieta.

De volta ao presente, eu continuo a descer, mas quase tropeço quando um par de olhos azuis pousam em mim. Imediatamente, sinto todos os meus nervos se retesarem e me perco naquele brilho selvagem e escuro como um mar revolto ante uma tempestade iminente. Pisco para me certificar de que meus olhos não estão me enganando.

Mas não estão.

Santo Deus!

É ele mesmo!

É o Cruz!

Meu coração para.

Completamente.

De todos os lugares do mundo onde ele poderia estar, eu jamais imaginei que o encontraria aqui, na minha casa. E como poderia, se Cruz não me deu nenhuma pista do local para onde estava indo? Revelou apenas que, assim como eu, estava de passagem pela cidade.

Recordo a mim mesma de que não há razão para eu me portar como uma adolescente reprimida, e meus olhos se empenham em admirar sua beleza física, distribuída em músculos que, eu sei, são duros feito rocha, e um rosto capaz de fazer a mais recatada das mulheres suspirar.

Usando um blazer preto bem cortado e uma camisa da mesma cor, com um zíper começando na gola e indo até o meio do peito largo, calças jeans escuras e botas, ele está mais bonito do que eu me lembrava. Sua beleza não é comum. É única. Exclusiva. Arrebatadora.

Mantenho o olhar no rosto másculo e sinto um baque no peito ao vê-lo enrugar a testa, olhando-me como se não me conhecesse. Perturbada com

essa reação inesperada, eu termino de descer as escadarias, e estou a ponto de fazer um comentário a respeito, mas sou impedida ao notar a forte presença do meu pai, de pé, ao seu lado.

Esbelto, papai tem a postura muito ereta, e está elegante dentro de um par de calças num tom escuro de cinza e de tecido resistente, paletó e camisa quadriculada com um colarinho bem engomado. Suas botas estão brilhando, de tão engraxadas. O cabelo encontra-se permeado de fios grisalhos, assim como a barba, que ele usa bem aparada.

Para um homem vigoroso, cheio de vitalidade e distinto como ele, mesmo após o infarto, bastaria sua posição na comunidade para torná-lo alvo de mulheres em busca de um marido. Isso e sua ótima aparência o tornam duplamente desejado.

Papai e Cruz são dois espécimes masculinos dignos de nota, sem a menor sombra de dúvida. Ambos são altos e de compleição esguia, porém, musculosa. Charmosos e bonitos, possuem uma elegância natural na maneira como se expressam, se locomovem e no modo de se vestirem, dentro do estilo de cada um, que, por se tratar de uma dupla de fazendeiros, é até bem parecido.

Nas vezes em que meu pai procurava por companhia feminina, ele o fazia de maneira discreta. Eu nunca me senti ameaçada pelas suas saídas noturnas ocasionais, e encarava com um certo desprezo qualquer mulher que tentasse ter com ele um relacionamento mais sério. Confesso que quando era adolescente, eu tive muito ciúmes das mulheres que o bajulavam onde quer que ele fosse, mas sua aparente indiferença ao assédio delas acabou por me tranquilizar, dando-me a certeza de que papai não tinha interesse em voltar a se casar.

Recordo dele me contando algumas coisas sobre a minha mãe, mas as principais foram que ambos se amavam muito e que ela morreu devido às complicações causadas pela malária, quando eu tinha apenas dois anos de idade. Uma foto em um porta-retrato sobre um móvel na sala confirma sua existência, mas eu não tenho nenhum sentimento de perda por alguém de quem não tenho nenhuma lembrança.

Saio das minhas divagações e sinto uma pontada de culpa por ter me esquecido por um momento de que Cruz e eu não estamos sozinhos.

— Santino, eu te apresento minha filha, Pilar! — papai nos apresenta quando eu paro diante dos dois. — Pilar, esse é Santino Cruz, o novo gerente que eu te falei e futuro administrador da *Dourado Flores*! — exclama, entusiasmado.

Desvio o olhar do meu pai e volto para o rosto de Cruz.

— É um prazer conhecê-la, Pilar. — Parecendo ignorar o meu estado de nervosismo e agitação, Cruz estende sua mão para mim.

Lanço um olhar ansioso e perturbado para ele, mas fico calada. Meu instinto me adverte de que este não é o momento certo para confrontá-lo, então decido seguir a corrente, curiosa para saber até onde ele vai com essa farsa. Cruz não me fará de boba! É claro que eu pretendo tirar tudo isso a limpo, mas só farei quando estivermos a sós.

Uma vertigem repentina se apodera de mim e sinto-me um pouco zonza. Inspiro e expiro de um modo forçado.

Deus, não permita que eu passe mal na frente deles. – Imploro.

Hipnotizada por seu olhar fixo e penetrante, abano a cabeça para conseguir raciocinar melhor e faço um esforço para lembrar o que eu preciso dizer.

— Santino Cruz — murmuro seu nome ao mesmo tempo que aceito o seu aperto de mão. — É um prazer finalmente conhecê-lo. — Estou gelada e sinto meu coração chegando à boca. — Meu pai me falou muito de você — acrescento, controlando a respiração.

Ele dá uma olhada para o meu pai antes de indagar:

— Ah, é? Então o Romero andou lhe falando coisas a meu respeito?

Antes que eu possa responder, nossa atenção é desviada pelo toque de um celular. Eu sei que não é o meu, e, pela reação de Cruz, tampouco é o dele.

Giro meu rosto e vejo papai puxando o aparelho do bolso. Ele pede licença e afasta-se uns passos, a fim de atender à ligação, mas não fica longe o suficiente para que eu possa conversar abertamente com o homem à minha frente.

— Bem, eu só espero que ele esteja satisfeito com o meu trabalho. — Cruz volta a olhar diretamente para mim.

— Meu pai é só elogios quando fala de você, o que, até certo ponto, me surpreendeu, pois ele não costuma ser tão efusivo. Inclusive, ele me falou do desejo repentino de torná-lo administrador da *Dourado Flores*, razão que me fez ficar ainda mais curiosa por conhecê-lo.

— E essa decisão dele... te incomodou? — Cruz está muito relaxado, ao contrário de mim, que estou uma pilha.

— Um pouco, afinal, eu não sei nada sobre você. — Apesar do nosso encontro aleatório e de ele ter mexido comigo como nenhum outro homem jamais conseguiu, eu realmente não o conheço. — Eu não sei se você é a pessoa leal e de confiança que o meu pai pensa que é. — Admito, sem preâmbulos.

Com um olhar penetrante e intenso, Cruz faz a distância entre nós desaparecer. Ele domina o espaço e preenche o ambiente com uma energia capaz de efervescer cada terminação nervosa de meu corpo. Desde a primeira vez que coloquei os olhos nele, tive essa mesma sensação, essa atração louca. E mesmo depois de mais de um mês sem vê-lo, eu sinto que o homem me causa o mesmo efeito.

— Vejo que você é desconfiada. — Cruz toma um gole do seu uísque. *E sou mesmo, mas, ainda assim, eu confiei em você naquela noite!*, quero dizer, mas me controlo.

Devido à secura na garganta e ao estômago revolto que não me dá trégua, eu caminho para o bar e me sirvo de meia garrafinha de água tônica. De canto de olho, percebo que Cruz me seguiu.

— Quando se trata do meu pai e dos negócios, sim, você está certo. Eu desconfio, pois já houveram situações no passado em que pessoas tentaram se aproveitar da generosidade dele. – Vou direto ao ponto.

Um lampejo de raiva incontida cruza o seu rosto.

— Eu entendo, só que esse não é o meu caso. — Com a expressão impassível, Cruz deposita o copo vazio sobre a mesinha.

Eu não tenho tempo de contestá-lo, porque Vilma aparece no arco que separa a sala de jantar da sala de estar.

— O jantar está servido — anuncia.

Papai finaliza sua ligação e guarda o aparelho no bolso. Sorridente, algo um tanto inusitado para ele, abre os braços, espalma uma das mãos nas minhas costas e pousa a outra no ombro de Cruz. Então fala:

— Vamos lá! Espero que esteja com muita fome, Santino. Estou certo de que, a Vilma deve ter feito comida para um batalhão.

Tomo um gole da água e dou um passo, mas sou impedida de prosseguir pelo corpo grande de Cruz, que se moveu ao mesmo tempo que eu. Ele para e, com um gesto galante, permite que eu me adiante, passando à sua frente.

— Primeiro as damas. — Sua voz é profunda, macia, e ele está com um meio sorriso dançando nos lábios. Um calor percorre o meu corpo à sua proximidade, chego a sentir o seu potente cheiro masculino mesclado ao aroma amadeirado da colônia que usa.

Inspiro forte, aceno com a cabeça e seguimos juntos até a mesa. Relutante, sento-me na cadeira oposta à dele, com todos os músculos tensos, os nervos à flor da pele e os sentidos ligados em sua proximidade. Sei que estou rígida, mas não consigo me descontrair, ser natural.

Acalme-se.

Caramba, acalme-se!

Examino Cruz por entre os cílios. Encaro o rosto dele, cheio de um charme viril e distante; os olhos azuis velados que examinam a pele exposta dos meus ombros, apenas porque está olhando para baixo. Ele deve ter sentido o leve tremor que me percorreu, porque ergue os olhos para os meus lábios. Há uma sensação estonteante de posse neles, e o seu magnetismo animal me deixa fraca, contudo, sua expressão torna-se severa, com um ar de fúria crescente.

Confusa com os sinais contraditórios que Cruz me envia, deixo o olhar cair para suas mãos, aquelas mãos que tão intimamente conhecem o meu corpo. Uma nova onda de calor me inunda, o calor do desejo. Tento acalmar

as batidas desordenadas do meu coração e forço-me a fitar o meu prato, lutando contra a ânsia física. Esforço-me para me concentrar nas palavras que ele diz, em vez de pensar na revolução que acontece no meu estômago.

— Vamos levar uma série de cavalos extras e provisões suficientes para uma semana, como precaução. Partimos dentro de dois dias, ao alvorecer.

Papai balança a cabeça, concordando com seus planos, e pergunta:

— Quem vai levar junto com você?

— Antero, Jerônimo, Carlos, Jefferson, Custódio e, provavelmente, o Roberto.

Os dois estão falando sobre o recolhimento do gado, evento que acontece uma vez por ano. Em outro momento, eu me convidaria para ir junto. Desde que eu tinha onze anos, acompanhei os rapazes e papai nesse momento tão esperado por mim. Só que, desta vez, com ele convalescendo, eu prefiro ficar na fazenda.

Terminado o jantar, Cruz é o primeiro a falar:

— Estava delicioso. — Reparo em seu prato vazio, enquanto eu mal toquei no meu. — O arroz com pequi e o peixe assado estavam excelentes. Meus parabéns, Vilma! — Um sorriso genuíno aflora em sua boca quando fala com ela, que, encabulada, balança a cabeça e retribui o sorriso. No entanto, ele fica sério quando se volta para mim, e percebo que há um brilho diferente nos olhos claros que encontram os meus.

Após elogiar o jantar, a cozinheira e agradecer o convite, Cruz alega cansaço e avisa que precisará levantar muito cedo no dia seguinte. Ele nos deseja boa noite, despede-se de Vilma e vai embora.

Ignoro sua recusa e ajudo Vilma a tirar a mesa. Preciso fazer alguma coisa para evitar o olhar perscrutador do meu pai. Ele não disse nada, mas sei que observou cada detalhe e que não lhe passou despercebido a tensão entre o novo empregado e sua filha. Eu só espero que chegue à conclusão de que aquilo que viu seja apenas por ele ter contratado Cruz sem falar nada comigo.

Minutos se passam quando a governanta nos deseja boa noite e recolhe-se ao seu quarto, que fica no térreo. Em seguida, papai decide subir para o dele, afirmando que pretende ler um pouco antes de dormir. Agora, estou sentada sozinha na sala de estar. Crispo as mãos de nervoso e olho para a porta da frente. Quase espero ver Cruz passar por ela e morro de vontade de saber o que tem a me dizer, porém, logo fica claro que ele não virá.

Santino Cruz.

Eu ainda não me acostumei a pensar nele como Santino, apesar de ter gostado do seu primeiro nome. É forte, diferente, e, na minha opinião, combina bem com o dono. Meia hora mais tarde, rolo na cama, pois minha mente agitada não me deixa dormir. Tenho essa necessidade premente de conversar a sós com ele, e me mata ter que esperar até a manhã chegar para poder resolver a situação de uma vez.

CAPÍTULO 13

Cruz

Entro em casa de mau humor e sentindo os músculos doloridos, tanto pelo cansaço do dia longo e difícil que tive quanto pela tensão do jantar desta noite. A imagem de Pilar não me dá descanso, invadindo minha mente e meu corpo a todo o momento.

Lembro a mim mesmo de que superei, há anos, aquela urgência que eu tinha de levar para a cama toda mulher que conhecia, ainda assim, essa sensação de que eu já a vi antes, mas não sei onde, não quer me deixar. Inquieto e ansioso feito uma fera enjaulada, arranco o paletó junto com a camisa e saio para a pequena varanda.

Do lado de fora, meus olhos vão para o céu salpicado de estrelas. A noite está bonita, mas quente e sem brisa, assim como foi o dia. Apoio o ombro na pilastra de madeira da lateral da casa, pego o fósforo do bolso da calça, acendo a cigarrilha e puxo a primeira tragada. Imediatamente, uma onda de alívio e prazer preenche os meus pulmões.

Segundos depois, solto a fumaça e observo as espirais desmancharem-se no ar. Fazer isso acalma um pouco os meus nervos, esticados até o limite, e, mesmo sem querer, minha atenção é puxada para a casa grande, banhada pela luz prateada de uma meia-lua.

Uma estranha movimentação me desperta do meu transe e escuto sons de passos no caminho de cascalho. Alguém se aproxima, porém, camuflado pelas sombras, a pessoa não tem como saber que estou aqui, a menos que eu me mova, denunciando a minha presença. Forço a vista e... até parece que eu a chamei usando a força do meu pensamento.

Prendo a respiração e meu coração dispara quando vejo o seu andar cadenciado, evidenciando as curvas tentadoras e a feminilidade de seus quadris em cima de um par de pernas longas e perfeitas expostas pela saia curta. Minha imaginação viaja e imediatamente imagens daquelas pernas enroladas em volta da minha cintura se formam na minha cabeça.

Fecho os olhos e inspiro o ar com força para acalmar os meus ímpetos, e com um movimento áspero levo a cigarrilha aos lábios e dou outra tragada. Eu não sei para onde ela está indo, e isso não deveria me interessar, mas interessa. Não é da minha conta, no entanto, eu não resisto e fico curioso para saber com quem ela vai se encontrar a esta hora da noite. Uma compressão estranha aperta meu peito com o pensamento dessa mulher se atracando com alguém.

— Que merda é essa que está acontecendo comigo? — resmungo em tom de autorrecriminação.

O que me importa saber disso, se não estou à procura de um caso amoroso, especialmente com a filha de Romero Flores? Algo me diz que o homem é um pai possessivo e superprotetor.

E que pai não seria assim com a única filha?

Em outros tempos, quem sabe, as coisas poderiam ser diferentes. Mas, hoje, eu sou só um dos empregados da fazenda do pai dela, um fracassado sem eira nem beira, cujos pertences cabem em uma mochila de lona. Já Pilar... é rica e pode ter tudo o que quiser.

Ela desconfia de mim, eu sei, porque o Romero me ofereceu o cargo de administrador da fazenda. Entendo que ainda não nos conhecemos direito, mas se o pai tomou essa decisão, penso que a filha deveria lhe dar algum crédito. Porém, do jeito que é desconfiada, caso eu desse vazão a essa coisa

que sinto quando estou perto dela, eu não duvido que a tinhosa seria capaz de dizer por aí que não passo de um caça fortunas, um cara interesseiro e aproveitador.

Eu nunca tive nada de graça, sempre trabalhei duro e prezei pela honestidade, mesmo assim, acabei perdendo quase tudo nessa minha vida de cão. Só sobrou uma caminhonete velha, cujo valor do conserto eu ainda vou precisar ressarcir para o Romero. A minha situação é bastante precária, por isso não posso nem pensar em perder esse emprego, que considero a oportunidade de uma vida e que caiu no meu colo no momento que eu mais precisava, como uma dádiva dos céus.

Reconheço que Pilar mexe comigo de uma maneira que remete à insanidade. E isso desde o momento que eu a vi conversando perto dos currais. A danada é uma potranca tentadora que consegue aquecer o meu sangue e fazê-lo percorrer rápido em minhas veias, mas ela também é a filha do meu patrão, portanto, é proibida para mim. Uma deliciosa complicação que eu não posso me permitir. Além disso tudo, o que uma mulher linda, milionária, sexy e estudada, que deve ter um punhado de homens correndo atrás dela, iria querer com um cara simples, quebrado e todo fodido como eu?

Estreito os olhos, coloco a bituca da cigarrilha entre o dedo do meio e o polegar, dou uma tragada mais funda e solto a última baforada. Jogo o que restou dela no chão e apago a pequena brasa com a ponta da bota. Com um meneio de cabeça, volto para o interior da casa, oferecida pela fazenda aos gerentes de pecuária. Ela esteve vazia por cerca de um mês, antes que eu chegasse e passasse a viver nela. Mesmo não sendo grande, o imóvel é composto de quarto, sala, cozinha e banheiro. Está mobiliada e possui todas

as comodidades que uma casa precisa para funcionar. E, na atualidade, para mim é como se fosse uma mansão.

Entro, fecho a porta e vou para a pia da cozinha. Ligo a torneira e começo a lavar o rosto suado, quando sou surpreendido pelo som da porta da frente sendo aberta. Por instinto, viro meio corpo na direção dela e vejo Pilar irrompendo para dentro da cozinha feito um furacão. Ela para a um passo de onde estou. Sou capaz de sentir as vibrações de raiva e de um outro sentimento, que não identifico, emanando dela.

— Cruz, nós precisamos conversar! — Termino de me virar e noto que a mulher está tensa feito as cordas de um violino.

— Faz parte da boa educação bater antes de entrar na casa dos outros — digo em tom recriminatório.

Pilar estaca e um lampejo de constrangimento atravessa suas feições. Ela parece ficar corada no instante em que me vê em frente à pia, no meio do gesto de enxugar o rosto e as mãos com uma toalha. Percebo o seu recuo involuntário, enquanto ela morde o lábio inferior.

— E nós precisamos conversar sobre o que, exatamente? — indago.

Empertigada, a garota exala o ar e responde:

— Sabe muito bem que é sobre você fingir que não me conhece!

Sem me apressar, eu pego a camisa azul de jeans que havia deixado sobre o encosto da cadeira e visto-a com gestos lentos.

— Desculpa, mas eu não entendi. Nós já nos conhecíamos antes de hoje? — pergunto, abotoando três dos seis botões da camisa.

Ela me dá um olhar estranho. A impressão que tenho é que Pilar pode partir para cima de mim a qualquer momento, e não falo no bom sentido.

— É claro que sim! Eu não estaria aqui, se fosse diferente. E, agora, você vai me dizer que não se lembra?! Na presença do meu pai, eu entendo que evitou falar do que houve. Seria constrangedor, para dizer o mínimo. Até porque, papai não sabe nada sobre nós. Mas agora você já pode parar com a farsa. Não tem mais ninguém aqui, estamos sozinhos, estou certa? — Pilar vasculha o lugar com os olhos, e, quando volta a me olhar, eu respondo com um aceno.

— A questão é que eu não estou fingindo. Eu realmente não me lembro.

Pilar balança a cabeça para os lados. Algo que se assemelha à dor corta rapidamente as feições contraídas. Sua boca está comprimida.

— Eu imaginei que você poderia não se lembrar, afinal, com a quantidade de mulheres que deve ter passado pela sua ca... — Para e abre mais os olhos quando percebe o que está a ponto de dizer. — Vida! Com a quantidade de mulheres que deve ter passado pela *sua vida* desde o dia que nos vimos, é bem possível você ter se esquecido de quando me conheceu.

Dando dois passos para trás, ela coloca certa distância entre nós. Cruza os braços e fixa os olhos em um ponto no chão, evitando olhar diretamente para mim. Como sabe que não pode me evitar para sempre, ergue o rosto e nossos olhares colidem, ficando presos um no outro. No meu, eu sei que não estou ocultando como me sinto.

Eu não gostei do que Pilar acabou de dizer. Está bem, eu admito, já fui um mulherengo inveterado, mas deixei essa parte da minha vida no passado. E ela parece ter conseguido adivinhar o que se passa na minha cabeça, pois dá de ombros, mostrando indiferença. A danada disse aquilo de propósito. Não era para eu gostar mesmo.

— Você não me conhece, não sabe nada sobre mim — retruco, reprimindo a irritação. — Eu sou novo na fazenda, e não saí daqui desde que cheguei. Se eu tivesse te conhecido antes, que motivos teria para negar? Eu tenho certeza que de me lembraria... — Minha voz vai morrendo conforme eu falo, por fim dando-me conta de que Pilar pode estar dizendo a verdade.

Observo suas feições atentamente e franzo a testa, pensativo. Não, ela não está mentindo, nem inventando nada. Há uma chance real de termos nos conhecido naquele período do qual eu não me lembro. Os flashes... Será que eles fazem parte de lembranças reais? Será que não são frutos da minha imaginação, como eu pensei?

— E quem falou que o nosso encontro aconteceu aqui? — Sua pergunta me traz de volta. Pilar sorri, sarcástica. Contudo, eu consigo identificar um brilho de mágoa em seus olhos, embora ela faça o possível para ocultar o que sente atrás do cinismo. — Eu sei que você está se divertindo às minhas custas. Se o que deseja é me manter afastada, pode ficar tranquilo, porque com toda certeza você conseguiu o que queria. E não se preocupe com o meu pai, ele não precisa saber de nada disso.

Com um suspiro chateado, Pilar gira nos calcanhares, mas, em um movimento ágil, eu me ponho em seu caminho e enlaço seu braço para evitar que ela siga para a porta. Estou tão próximo que consigo captar um sutil perfume de pêssegos maduros flutuando dos seus cabelos. Fico disperso por um momento, mas não demoro para voltar a mim. Há uma tensão no ar, um certo nervosismo que eu não posso mais ignorar. Eu não faço ideia do porquê, mas tenho essa sensação de que preciso lidar com a situação do jeito certo.

— Pilar, eu acredito que está havendo um mal-entendido. As coisas não são como você pensa. — Ela não me olha, mas ainda assim eu tenho a impressão de que trava uma luta dentro de si. Pilar não parece saber se fica ou se vai embora de uma vez, e aproveito esse instante de hesitação para emendar: — Aconteceu uma coisa comigo, mas antes de falar sobre isso, preciso saber quando e onde nos conhecemos.

Ríspida, ela solta uma imprecação e me fuzila com os olhos.

— Você vai mesmo continuar insistindo em manter essa farsa?

Solto um grunhido impaciente, porque estou me esforçando para entender o que está se passando aqui, mas ela me olha como se eu fosse mais mentiroso que o Pinóquio. Pilar me encara com tanta ênfase que eu me pergunto se ela está esperando que o meu nariz cresça só para provar para si mesma que não se enganou a meu respeito.

— Não é uma farsa. É a verdade, porra! — estouro. Eu me sinto estranho, constrangido mesmo, por precisar admitir que não consigo me lembrar dela. Mas não é culpa minha! Respiro devagar e continuo, mais calmo: — Olha, eu posso explicar, existe uma razão para isso tudo, só que, antes, você precisa me dizer quando e onde nos conhecemos. — Eu quero ter certeza de que foi dentro do período de tempo do qual não me lembro.

Surda ao meu pedido, ela dispara:

— Que importância tem isso, se você segue negando que já nos vimos antes? Eu nem sei por que estou insistindo tanto. Quer saber o que eu penso, Cruz? Penso que você está tirando onda com a minha cara! E não estou gostando nada disso!

— Você não sabe o que está falando! — Estreito os olhos. — E não está gostando do quê?

— De você querer dar uma de espertinho, achando que eu sou idiota!

Zangado, eu dou um passo em sua direção, mas Pilar ergue as mãos e se afasta. Eu paro, levanto a minha e esfrego a nuca.

— Não é nada disso! — Eu me altero novamente por causa da sua acusação descabida. Irritado, passo as mãos pelos cabelos. — Só me escuta, ok?! — Para minha surpresa, ela faz o que eu digo. — Era noite e chovia muito, eu perdi o controle da caminhonete e ela capotou na estrada. Entre outros ferimentos, recebi uma pancada muito forte na cabeça. Quando acordei do coma, semanas depois, descobri que eu não conseguia me lembrar de nada do período em que saí da minha cidade até depois do acidente.

Com o semblante contraído, Pilar me olha por um longo momento.

— Inventou tudo isso agora, não foi? É essa é a sua desculpa? Que sofreu um acidente e está com amnésia? Ah, me poupe, Cruz! Eu não caio nessa. Você está tentando me confundir. Ah! Que raiva de mim! Eu achei... Eu pensei que... Droga, deixa para lá. Não importa mais. — Ela abana as mãos, anda pela sala e continua: — Isso só me mostra o quanto eu fui ingênua em acreditar que você era uma pessoa diferente, mas não é. Você sabe exatamente quem eu sou. Capaz de ter sabido o tempo todo. Eu me pergunto se o nosso encontro daquela noite foi mesmo casual ou de propósito! — explode, com o rosto vermelho de indignação, e sai porta afora.

Frustrado por não poder nem me defender, e atordoado depois de tudo o que acabei de ouvir, levo alguns segundos para reagir e ir atrás dela.

— Mas que porcaria! Pilar? Espera! — chamo, porém, a mulher me ignora e continua a andar com passadas cada vez mais rápidas. — Eu não

tenho motivos para mentir, mas se você não acredita em mim, pergunte ao seu pai! — grito, mas não sei se Pilar conseguiu me ouvir antes de ser engolida pelas sombras da noite.

Ela desaparece na escuridão e eu paro. Procuro entender que merda foi essa que acabou de acontecer. Faço um esforço para tentar descobrir o que a levou a agir de maneira tão intempestiva, mas, para isso, vou precisar recapitular cada palavra dita. Ok. Vamos por partes. Eu tenho que pensar e analisar tudo isso com calma. Pilar falou de um encontro. Mas que tipo de encontro foi esse? Nós saímos, jantamos... E o que mais?

Quando ela fez aquele comentário, sobre várias mulheres terem passado pela minha cama desde o nosso suposto encontro – o que, é claro, não aconteceu, porque, além de outros motivos, eu estava em *coma* –, deu a entender que nós passamos pelo menos uma noite juntos. Então a minha conclusão é que a filha do Romero Flores, um dos maiores, se não o maior, fazendeiros pecuaristas de toda a região do Araguaia, e eu, Santino Cruz, fomos para a cama e, é claro, transamos, fizemos sexo.

Isso eu sei porque, conhecendo-me como me conheço, eu não me deitaria numa cama apenas para dormir com um mulherão daquele ao meu lado. E tudo isso aconteceu há pouco mais de um mês. Então, um belo dia – hoje –, ela dá de cara comigo, trabalhando para o seu pai. E, pior, sem me lembrar dela e, menos ainda, do que nós fizemos.

Como, diabos, isso aconteceu? Foi por acaso? O destino resolveu brincar com a gente? Ou tudo não passou de uma coincidência? Como eu posso ter passado uma noite inteira na companhia daquela mulher e não me lembrar de absolutamente nada? E eu, que pensei que as lembranças perdidas de um dia não importavam, agora percebo o quanto me enganei.

Droga! Droga! Droga!

— Por que eu não posso me lembrar? — Esmurro o ar, revoltado comigo mesmo, com a situação e com a porra do meu cérebro.

A vontade de saber o que realmente aconteceu naquelas vinte e quatro horas fatídicas cresce descontrolada dentro de mim. Com raiva e frustrado por me fazer mil perguntas e não obter respostas, fixo meu olhar no caminho que Pilar tomou de volta para o casarão e me sinto mal por ela ter escapado daqui tão transtornada e ferida.

Apesar da fachada de durona e indiferente, sou capaz de jurar que ela ficou magoada, foi embora me achando um canalha, o pior dos homens, a escória da humanidade, porém, em nenhum momento eu tive a intenção de machucá-la.

Com a calma recuperada, mas de alma atormentada, retomo o raciocínio lógico. Pilar estava tão fora de si que não deve ter prestado atenção nas minhas palavras, ou talvez eu tenha dito ou feito algo que a levou a não acreditar nas coisas que falei. Depois de tudo, eu me coloco em seu lugar e consigo entender o lado dela. Se eu não soubesse pelo que passei, que só falei a verdade, acho que até eu seria capaz de duvidar. Exalo o ar com força e me viro a fim de voltar para casa, pensando que há males que vêm para o bem. Foi melhor assim, com cada um levando a vida por seu lado e pronto.

Essa é a maior mentira que você já contou para você mesmo, Santino. E nada é tão simples como parece, o diabinho no meu ombro faz questão de me dizer. Talvez eu seja um mentiroso, afinal, desconfio de que as coisas entre mim e Pilar estão só começando.

CAPÍTULO 14

Pilar

Como uma garotinha tola e ingênua, eu desejei voltar a vê-lo, mas não imaginei que realmente aconteceria, por isso, quando o tive na minha frente, fui tomada pela mais profunda surpresa. Agora, a decepção que sinto é sufocante, suas palavras me machucam. Fico brava comigo mesma pela imagem romântica que eu fiz desse homem.

Eu sei, caramba, eu sei que não tenho o direito de cobrar nada. Cruz foi honesto comigo, eu só não contava que aquele encontro de uma noite fosse me marcar tanto, a ponto de eu não conseguir aplacar os sentimentos despertados por ele. Uma dor aguda perfura meu estômago. É quase uma tortura permanecer aqui, ouvindo-o dizer que não se lembra de mim. E, antes que eu desabe diante dele, apelo para o orgulho e coloco para fora tudo o que penso a respeito da sua atitude.

Quando termino, saio intempestivamente de sua casa, atravesso o quintal numa corrida cambaleante e escuto o som de passos no caminho de cascalho.

Ele está me seguindo!

Dou uma olhada rápida por sobre o ombro, percebo que Cruz está chegando perto e acelero o passo.

— Pilar, espera! — ele exclama, correndo atrás de mim. Decido ignorá-lo e tapo os ouvidos. Eu não quero ouvir mais mentiras da boca dele.

— Quem diabos ele pensa que é para me fazer de idiota? Amnésia uma ova! — resmungo comigo mesma enquanto subo as escadarias.

Ofegando, adentro o casarão aos tropeções, sem me dar ao trabalho de acender as luzes. Ando dois passos à frente, mas sou obrigada a parar quando o hall de entrada parece balançar ligeiramente de um lado para o outro. Tateio a parede e me apoio nela para não cair.

Eu não posso mais continuar ignorando que tem algo de errado acontecendo. Começou com um mal-estar que não me deixa de jeito nenhum, e agora juntou-se a ele tontura e suor frio. Definitivamente, eu não estou bem. Respiro devagar, esperando a sensação de fraqueza passar, e quando percebo que a tontura se foi e que já consigo me equilibrar, eu me obrigo a subir, degrau por degrau, com a ajuda do corrimão.

Gemendo de alívio, entro no meu quarto, tiro o casaco, que vesti antes de sair à procura dele, e o jogo sobre uma cadeira. Coloco dois dedos entre os olhos e aperto. Pisco e lágrimas grossas, que represei por todo o caminho, saltam e começam a correr livremente pelo meu rosto, molhando minhas bochechas. Choro porque fui uma boba. Choro porque me iludi. Choro porque me apaixonei à primeira vista, e eu nem acreditava que isso fosse possível. Zangada, seco meu rosto, depressa e com gestos bruscos.

Droga, eu não quero chorar!

Com a respiração sibilante, eu me deito na cama, rolo de lado e pego um travesseiro, abraçando-o junto ao peito, algo que eu não fazia desde que era uma adolescente. O gesto era tão reconfortante na época, quando o mundo se desfazia ao meu redor, quanto está sendo neste momento. Minha visão ainda está embaçada quando fito a parede branca e nua.

Devo estar muito carente, e com a autoestima nos pés, para ficar neste estado deplorável por uma pessoa que eu mal conheço. Dentro de mim está uma bagunça, e não entendo o porquê desse reboliço todo. Eu nunca fiz o

tipo dramático ou sensível demais, contudo, de uns tempos para cá, tenho me desfeito por qualquer coisinha. Eu não estou me reconhecendo.

Reprima tudo isso, Pilar.

Não dê a ele o poder de atingir você.

Não sinta nenhuma emoção.

Assim, você não se machuca!

Levanto-me e vou para o banheiro. Tomo um banho sem pressa e, quando saio do chuveiro, tiro a toalha que usei para proteger os cabelos. Pesco um pijaminha leve da gaveta, enfio-me dentro do short e da camiseta de malha, e ajeito-me entre os lençóis cheirosos e aconchegantes. Porém, permaneço insone. Eu não consigo dormir, porque meu corpo não quer relaxar, nem mesmo o banho quente acalmou a minha pulsação acelerada.

Nos últimos meses, aconteceram-me tantas coisas... A minha ida de última hora à exposição, o encontro com o Cruz, o infarto do meu pai, a angustiante viagem para o hospital, a vinda para a fazenda, e o reencontro com o homem que, apesar de tudo, eu não fui capaz de esquecer.

"Nós já nos conhecíamos antes de hoje?"

A pergunta se repete de novo e de novo em minha mente, e eu não consigo me livrar da raiva que me consome, dando-me vontade de atirar alguma coisa, de preferência nele. Quando, por fim, eu consigo conciliar o sono, este é agitado e permeado de sonhos desconexos.



Na manhã seguinte, acordo e verifico as horas no celular. Oito e meia. Bêbada de sono, volto a examinar o aparelho, só para ter certeza, pois como

fui dormir de madrugada, percebo que adormeci depois do alarme das sete. Espreguiço-me debaixo das cobertas e empurro-as para o lado.

Bocejando, sacudo a cabeça para espantar a sensação de sonolência que sempre me faz querer ficar mais cinco minutinhos na cama. Levanto-me, pego um par de calças jeans desbotada e uma camisa de tom azul-claro no armário. Visto-me, vou para o outro lado do quarto, afasto as cortinas brancas de tecido leve e abro as janelas, deixando meu olhar vagar para além dos campos banhados pelos raios do sol. Sorrio de puro contentamento. Tudo na *Dourado Flores* parece me receber de braços abertos; o clima quente e gostoso, as inúmeras árvores e flores, os pastos a perder de vista, os animais nos campos e os cantos dos pássaros.

Isso aqui é o paraíso na Terra!

Porém, meu encantamento e sorriso se desfazem como fumaça ao vento quando me lembro dos acontecimentos da noite anterior, principalmente da experiência desagradável depois do jantar. Não foi um sonho. Cruz está mesmo aqui, nesta fazenda, afirmando não se lembrar de mim nem do que vivemos.

Luto para controlar um sentimento ruim que começa a crescer aqui dentro e penso no provável motivo que o levou a fazer o que fez. Sua atitude pode ter tido a ver com o fato de estar trabalhando para o meu pai. É possível que tenha passado pela cabeça dele que, se papai souber do que houve entre nós, poderá demiti-lo, e justo agora, que está prestes a ser promovido.

Contudo, isso se trata apenas de uma especulação. Eu mesma não saberia dizer qual seria a reação dele, pois, verdade seja dita, papai nunca precisou lidar com uma situação igual à nossa, já que eu nunca me envolvi com nenhum funcionário da fazenda.

Decepcionada e um pouco abatida, faço o possível para apagar esses pensamentos. Eles não deviam, mas me causam um certo desconforto, além de um enrosco no estômago e uma dor estranha no peito. Mais tarde, pego o corredor, sigo para o quarto do meu pai e, procurando não fazer barulho, empurro a porta. Deparo-me com o aposento vazio. Entro, paro no meio do cômodo, coloco as mãos na cintura e vasculho o lugar com os olhos.

— Que homem mais teimoso! Está convalescente e sabe que precisa guardar repouso, mas, como sempre, levantou cedo. A essa altura, já deve estar zanzando pela fazenda! — penso em voz alta.

Com um longo suspiro, deixo o quarto e desço as escadarias. Quando chego ao térreo, deixo-me ser guiada pelo aroma delicioso de café fresco e do cheirinho de bolo recém-saído do forno. *Que saudade!* Eu quase posso sentir o sabor de ambos na língua. O café e o bolo de milho da Vilma são inconfundíveis, jamais provei nada sequer parecido.

— Bom dia! — saúdo enquanto adentro a cozinha, tratando de parecer animada. Puxo uma cadeira e sento-me à mesa, servindo-me de uma xícara de café.

— Bom dia, Pilar. Dormiu bem? — Vilma pergunta.

Respondo positivamente com a cabeça, embora tenha levado muito tempo para pegar no sono. O pior é que, mesmo depois de ter dormido durante horas, eu me sinto como se não tivesse dormido nada.

— Vilma, você sabe do meu pai? — indago, brincando com a borda da xícara.

A governanta se vira, recosta o corpo no balcão da pia, puxa o pano de prato de cima do ombro e, secando as mãos com ele, fala:

— O senhor Romero levantou cedo, tomou o café da manhã, e pediu para te avisar que foi para o redondel. Ele está muito empolgado com um potro que comprou faz pouco tempo. O nome do cavalo é Eclipse.

Abro um largo sorriso quando me lembro dele.

— Ontem, quando passei pela arena, eu o vi. Eclipse é um belíssimo animal. Forte, imponente... Papai comentou comigo há alguns meses que estava de olho nele, mas que o proprietário resistia em vendê-lo, afinal, é de raça pura e possui a envergadura de um campeão — conto e dou uma segunda mordida na fatia de bolo. — Hummm! Simplesmente delicioso! — A seguir, tomo um gole da bebida escura e imediatamente sinto meu estômago embrulhar.

Não, por favor, agora não!

Puxo o ar algumas vezes, mas de nada adianta. Afasto a cadeira e, com uma mão cobrindo a boca, corro para o lavabo que fica no corredor. Ajoelho-me no chão, encaro o vaso e regurgito o pouco que acabo de ingerir.

— Pilar? O que houve? Está tudo bem? — Escuto a voz preocupada da governanta.

Levanto-me, lavo a boca na pia e olho-me no espelho, respirando fundo algumas vezes antes de responder:

— Sim, está, Vilma. — Arregalo os olhos quando a mulher bate na porta novamente. — Eu já vou sair. — Seco as mãos e o rosto com uma toalha macia, recomponho-me e abro a porta. Diante da sua expressão de desconfiança, acrescento, a fim de tranquilizá-la: — Não ando muito bem do estômago. Acho que comi alguma coisa que caiu mal, mas já estou me sentindo melhor. — Passo por ela e cruzo a sala. — Vou procurar o meu pai

— aviso e faço menção de andar na direção da porta, contudo, eu me detenho por um momento.

— Mas você nem tomou o café da manhã direito! Mal tocou no bolo de milho! — Vilma me recorda, olhando diretamente para o meu rosto.

Notando a sua ansiedade, eu falo:

— Sei que você o fez por ser o meu bolo favorito e agradeço a gentileza. Eu como um pedaço inteiro assim que voltar, está bem? — Antes que a mulher possa contestar, eu me apresso em sair.

Do lado de fora, e ao contrário do que lhe disse, eu não vou em busca do meu pai. Antes, faço uma rápida visita aos estábulos. Depois, vou até a clínica e converso um pouco com o veterinário. Na volta, passo pelos currais. Durante todo esse percurso, eu não me deparo com o Cruz. Não que eu estivesse procurando por ele.

Em breve, precisarei viajar para São Paulo, afinal, ainda tenho a faculdade para terminar. E, após refletir, decidi que o melhor a fazer é deixar tudo o que se refere a Cruz de lado. Terei tanta coisa para resolver por lá que não haverá tempo para pensar nele, ao menos no campo pessoal. Por fim, encontro papai junto à cerca do redondel, com os olhos fixos nos movimentos de Bento Soares, o domador que segue firme no adestramento de Eclipse.

O homem forte, alto e de meia-idade já trabalhou por vários anos como treinador de puros-sangues, em prestigiadas cabanhas de criação de equinos, tanto para competição quanto para a lida, principalmente na região Sul do país. Possui uma ótima reputação no ramo, e seu dom especial com os cavalos o faz capaz de suavizar a fera mais teimosa e selvagem.

— Bom dia. — Eu me aproximo e dou um beijo na bochecha do meu pai. — Maravilhoso, não é?

— Sem sombra de dúvida. Um dos melhores investimentos que fiz nos últimos tempos — diz com orgulho. — E bom dia para você também, minha querida.

— Eu quero pedir desculpas por não ter conseguido acordar mais cedo. Devia ter pedido para a Vilma me acordar. Eu queria tanto ter tomado o café da manhã com o senhor. — Eu o envolvo num abraço afetuoso, mas, em seguida, afasto-me um passo, a fim de olhá-lo melhor.

— Não precisa se desculpar por ter dormido um pouco mais. Você passou várias noites cochilando numa poltrona quando me fazia companhia no hospital, estava mais que merecendo uma noite inteira de sono. E quanto ao café da manhã, teremos muitos mais pela frente, não se preocupe. — Papai para de falar e, olhando bem para mim, comenta: — Mas, pelo visto, você não dormiu tão bem assim. Está pálida e parece cansada. Filha, você me diria se tivesse algo errado com você, não é mesmo?

— É claro que eu diria, pai! Mas o senhor não tem com o que se preocupar, porque está tudo bem. Eu só estou um pouco cansada. — Aproveito o que ele acaba de dizer e uso como justificativa para o meu ar de cansaço, tanto por causa da noite mal dormida como pelo mal-estar que me acometeu.

Papai não parece convencido com a minha resposta apressada e me olha com preocupação.

— Hum, eu te conheço, Pilar... Desde que você chegou ao hospital, eu venho notando que tem algo diferente em você. No jantar, percebi que

estava um pouco estranha, rígida. Fingia comer, mas, na verdade, ficava o tempo todo remexendo a comida no prato — comenta em tom especulativo.

Com movimentos tensos, eu ajeito uma mecha de cabelo atrás da orelha, evitando olhá-lo de frente.

— Eu estava sem apetite. E quanto a estar *diferente*, creio que é porque as últimas semanas foram uma verdadeira loucura, e ainda terei mais pela frente. Daqui a alguns dias, vou ter que voltar para concluir o meu curso. Acho que ando um pouco ansiosa por causa disso, sem falar no tempo que o senhor ficou internado. Eu vivi momentos de incerteza e angústia, e meu corpo deve estar me cobrando por todo o estresse que sofri.

— Eu entendo. É muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. E sei que a situação referente ao meu infarto não foi fácil, para nenhum de nós.

Sorrio, tratando de amenizar o momento um tanto pesado.

— O que importa é que o senhor já está em casa. Mas não pode relaxar, precisa seguir as recomendações do médico. — Cutuco de leve o seu peito.

Papai suspira e leva o olhar para o centro da arena.

— Pilar, eu não vou ficar com as mãos abanando sem fazer nada. Você sabe muito bem que eu não fui feito para o ócio. Nada, nem ninguém, irá me impedir de fazer o meu trabalho. Esta fazenda é a minha vida, se me proibirem de cuidar dela, aí sim eu morro mais rápido.

— Eu sei disso, pai. Mas precisa fazer o que o médico disse. Dessa vez não houveram sequelas, mas não sei se suportaria caso algo pior acontecesse com o senhor — protesto rapidamente, lançando a ele um olhar de repreensão.

— Calma, eu estou me sentindo bem, e não pretendo deixar este mundo tão cedo. Ainda quero te levar ao altar no dia do seu casamento e ter o prazer de segurar um neto ou uma neta, ou, quem sabe, os dois de uma vez, nos meus braços — diz sorrindo, e sei que faz isso para me apaziguar. — Estou te desconhecendo, Pilar. Você nunca foi de fazer drama ou apelar para chantagem emocional.

— Não é nada disso! Só estou preocupada com a saúde da pessoa que eu mais amo no mundo. É absolutamente normal! — defendo-me diante do seu comentário.

Ele assente, concordando.

— Você tem razão, e, como eu disse, vou procurar maneirar. Decidi que vou delegar algumas das minhas responsabilidades para o Santino. Assim, ele já vai pegando o ritmo. Nesse pouco tempo, percebi que aquele rapaz entende do manejo de gado, leva jeito com os cavalos, e possui um grande potencial administrativo.

— E por que ter esse potencial é tão importante para o senhor? — questiono e aguardo, ansiosa para ouvir sua resposta.

Papai respira profundamente, passa as mãos pelo cabelo e responde:

— Eu não estou ficando mais jovem a cada dia que passa, Pilar. Para poder diminuir o ritmo, preciso de alguém da minha total confiança para dirigir a fazenda e tirar parte do peso dos meus ombros cansados. Há uns seis meses, cheguei a cogitar a possibilidade de convidar o Lorenzo.

— Pai?! Eu não posso acreditar que o senhor pensou nele! — comento, entre chocada e indignada, mas papai nem se abala com o meu destempero.

— Foi apenas uma ideia, mas que descartei, afinal, ele já tem a *Queluz* para administrar, não teria como tomar conta de duas fazendas, ainda mais do tamanho das nossas. A não ser que ambas se unissem e se tornassem uma só... — insinua, mas eu não engulo a isca e permaneço em silêncio. — E quanto ao Santino, ele ainda vai precisar de um tempo até estar pronto para a função. Mas se meus instintos não me enganam, aquele rapaz é um líder nato. Falta-lhe apenas um pouco mais de conhecimento, e vou me incumbir de prepará-lo para a função pessoalmente.

Eu sigo calada. Meu pai é um homem tradicional e ultraconservador, sei que se eu fosse menino, ele estaria pensando em passar para mim a direção da fazenda, em vez de colocá-la nas mãos do Lorenzo – e dou graças a Deus por tê-lo feito mudar de ideia – ou do Santino, que não passa de um estranho. Mas saber disso dói, e me ressinto por sua atitude machista. No entanto, não há muito o que eu possa fazer no momento.

Estive ausente por muito tempo, mas pretendo provar que sou perfeitamente capaz de dirigir a *Dourado Flores*, independente do meu gênero, afinal, cresci imersa numa fazenda de gado e no trato com os cavalos. Em breve, voltarei para ficar e poderei ajudá-lo a tocá-la. Além do mais, como sua única filha, esse é o meu lugar de direito, do qual eu não tenho intenção de abrir mão.

De maneira deliberada, volto a direcionar os meus pensamentos para Santino Cruz. Afinal de contas, como foi que papai o conheceu? Será que colocou um anúncio de emprego em agências especializadas ou só espalhou a notícia de que estava à procura de um novo gerente? E será que já o conhecia antes de contratá-lo?

Minha mente está povoada de dúvidas e incertezas, embora eu confie nos instintos e nas decisões do meu pai. No que diz respeito à fazenda, ele

quase nunca age com impulsividade. Pragmático, papai pondera muito antes de decidir sobre qualquer assunto, principalmente em se tratando de um cargo de confiança. No entanto, ainda vejo a contratação do Cruz como uma exceção à regra, e me incomoda muito que tenha tanta influência sobre o meu pai.

— Eu acho que o senhor está se precipitando, afinal, faz poucas semanas que Santino trabalha na fazenda, e não acho que seja tempo suficiente para promovê-lo. Mas, como sempre, a palavra final é sua.

Papai fica em silêncio. Em seguida, sorri, dirigindo-me um olhar tão cheio de amor que, por um momento, minhas dúvidas e meus temores se dissipam. Passando o braço pelos meus ombros, ele me puxa para si.

— Não se preocupe, Pilar. Eu sei o que estou fazendo. Mas antes de qualquer coisa, é preciso que o Santino esteja cem por cento recuperado do acidente que sofreu. Eu não quero sobrecarregá-lo.

Cruz recuperado?

Acidente?

O que diabos...?!

CAPÍTULO 15

Pilar

Um arrepio gelado percorre a minha espinha. Saio do abraço do meu pai e me afasto para olhar o rosto dele. Se Cruz disse a verdade a respeito do acidente, isso quer dizer que ele deve ter feito o mesmo sobre ter perdido a memória.

Droga, mil vezes droga!

Isso não pode estar acontecendo.

Não pode!

— O senhor está dizendo que o Cruz sofreu um acidente? — pergunto, mais para confirmar que meus ouvidos não me enganaram.

Frente à minha expressão confusa, meu pai responde:

— Ah, vejo que você não soube do que houve com ele. — Eu nego com a cabeça, perplexa, e papai começa a discorrer sobre os acontecimentos.

Levo minhas mãos às têmporas, concentro-me e tento ser o mais racional possível, porém, vou ficando cada vez mais angustiada conforme ouço a descrição que lhe deram. Papai fala da capotagem no asfalto molhado, de Cruz preso nas ferragens, e de como ficou sua caminhonete depois de tudo.

O que escuto é tão estarrecedor que, para me controlar e não dar bandeira do quanto o seu relato está me afetando, faço um grande esforço para não demonstrar meus reais sentimentos.

— ...duas semanas depois, quando Santino voltou do coma, descobriu-se que o coitado não fazia ideia do que havia acontecido. A mente dele apagou todas as lembranças, desde o início da viagem, no Paraná, até o acidente em Goiânia.

— Mas como isso é possível? — questiono, sentindo-me atordoada.

— Eu conversei com o doutor Jonas Gusmão. Você se lembra dele? O filho mais velho do Alfredo Gusmão? Aquele meu amigo, dono do haras *Gontijo & Gusmão*, em Anápolis? — Eu faço um gesto afirmativo. — Pois então, ele foi o neurologista responsável pelo caso do Santino e me explicou que se trata de amnésia retrógrada, o que às vezes acontece após um dano no cérebro. Disse também que é possível o rapaz recuperar as lembranças perdidas, mas não existem garantias de que isso venha a ocorrer algum dia.

Minha mente dá voltas e voltas sem parar, procurando assimilar as informações que eu acabei de receber. Sinto como se eu tivesse levado um soco na boca do estômago. Percebo que a angústia, a mágoa e a dor que senti por acreditar que estava sendo enganada foram em vão. Cruz não mentiu para mim, nem me enganou. A equivocada aqui sou eu.

O acidente e a amnésia não foram desculpas inventadas por ele para me manter à distância, pelo contrário, ele só me falou a verdade. Cometi um grave erro, fui imatura quando permiti que a raiva e a mágoa me cegassem. Reagi como uma garota mimada quando me recusei a ouvi-lo, cometendo uma enorme injustiça.

— Merda! — xingo tão baixinho que só eu sou capaz de ouvir.

Sinto-me péssima, porque eu poderia ter lhe dado um voto de confiança, mas não, eu tinha que deixar o meu orgulho falar mais alto.

Acho que o ver tão próximo ao meu pai, sabendo dos planos que ele tem para o Cruz, acabou me influenciando de maneira negativa.

Fico inconformada com o que eu fui capaz de fazer – julgar sem dar oportunidade de defesa – e tento imaginar tudo pelo que o Cruz passou, o quanto ele deve ter se sentido sozinho e vulnerável. Quinze dias em coma, sem nenhum familiar ou amigo por perto. E, quando acordou, não havia ninguém para visitá-lo, apoiá-lo em um momento tão difícil. Ele quase morreu, e eu o acusando de querer me fazer de boba. Ai, se arrependimento matasse!

A sensação de culpa queima, devora e pesa como uma pedra no meu coração, mas tenho que colocar minha sessão de autoflagelo de lado quando percebo que papai segue falando comigo:

— ...e há outra coisa que vou deixar para depois, porque quero que Santino acompanhe o processo de desmame de cerca de dezessete mil bezerros que aguardam em uma das estações de monta.

— Puxa, eu queria estar aqui para acompanhar o desmame dessa bezerrada toda — declaro, chateada, porque o desmame é um dos eventos mais importantes da fazenda. Ficamos em silêncio; papai prestando atenção na doma, enquanto o que ele contou segue girando loucamente dentro da minha cabeça. — Pai, eu preciso ir. Lembrei que tenho uma coisa muito importante para fazer. — Olho para ele e percebo que sua expressão é de quem não está entendendo nada, porém, não posso ficar e explicar o que se passa comigo neste momento.

Girando nos calcanhares, pego o caminho que leva à casa de Cruz, torcendo para que ele esteja lá, caso contrário, terei que revirar cada recanto dos prédios da fazenda até encontrá-lo. Minha consciência pede que eu fale com ele quanto antes. Cinco minutos depois, estou batendo em sua porta,

mas ninguém atende. Insisto um pouco, até perceber que a casa está vazia. Relutante, decido retornar. No trajeto, encontro dois peões andando na minha direção. Paro um deles.

— Bom dia — cumprimento-o e sorrio, educada. — Por acaso você sabe onde está o Cruz? — Ele franze a testa como se procurasse por algo na memória. — Quero dizer, o Santino, o novo gerente — eu me corrijo.

Donato, um vaqueiro baixo e franzino, retira o chapéu educadamente, revelando uma cabeça parcialmente calva, e segura-o junto ao peito antes de responder:

— Ele não está na fazenda, senhorita. Foi resolver um problema que deu no pedido de ração dos animais, lá na cidade. Isso foi o que ele disse antes de dar a partida na caminhonete e pegar a estrada.

— E ele falou se planejava demorar?

— Disse que *tava* de volta à noitinha — Donato responde.

— Entendo. Obrigada pela informação.

O homenzinho anui e volta a botar o chapéu, preparando-se para ir embora. Com muito custo, engulo a frustração e pego o caminho de volta para o casarão.

Durante o almoço, após conversarmos sobre amenidades, aproveito para matar a curiosidade e pergunto para o meu pai se ele conhecia o Cruz antes de contratá-lo.

— Santino é filho de uma pessoa que foi muito importante para mim. Conheci Amparo, a mãe dele, quando éramos crianças. Nós nos separamos e perdemos contato no final da adolescência, mas eu nunca a esqueci.

Depois de perder a única pessoa da família que lhe restou, aquele rapaz perdeu a casa onde cresceu e as terras de onde tirava o sustento por causa de dívidas acumuladas com o banco. Ele não tem mais nada nem ninguém nessa vida. — Papai faz uma pausa. — Mas não pense que eu o contratei por pena. Sim, a minha intenção foi ajudá-lo, mas também o contratei por ele ter uma boa vivência na lida no campo, é honesto e trabalhador. E eu estava à procura de uma pessoa com esse perfil.

Brinco de dobrar e desdobrar o guardanapo no meu colo, mas não me furto de comentar:

— Entendo que o tenha contratado pela sua experiência, mas ele perdeu a casa e as terras onde vivia por uma má administração financeira?

Papai me brinda com um olhar condescendente.

— A culpa não foi dele, Pilar. O pai era um mimado, violento e abusador. Recebeu tudo de mão beijada, não trabalhou um único dia na vida. Em poucos anos, conseguiu dilapidar quase toda a herança que recebeu em testamento. Santino fez o que pôde para manter a propriedade depois da morte dele, mas a doença da mãe consumiu o pouco que ainda restava. Eu me solidarizo com o rapaz, pois o meu pai também era assim.

Conforme eu cresci, papai me contou que herdou a fazenda após os meus avós morrerem em um acidente de avião. Ele tinha apenas vinte anos na época, e só então ficou sabendo, pelo advogado da família, da real dimensão das dívidas da propriedade.

Antônio Inácio Dourado Flores, meu avô paterno, não queria saber de trabalho, mas adorava a boa vida, passando dias, e até mesmo semanas, farreando com os amigos e deixando os negócios ao deus-dará. Malcuidada, não demorou muito para a fazenda entrar no vermelho, então ele começou a

pedir empréstimos aos bancos, a fim de manter sua vida de luxo, regrada a viagens pelo mundo e festas megalomaníacas.

Papai teve que trabalhar muito, mas conseguiu liquidar a maioria das dívidas e negociar as demais. Ao contrário do meu avô, meu pai sempre gostou de trabalhar e possuía tino comercial. Nas décadas seguintes, diversificou os negócios, reservou milhares de hectares para o plantio de grãos, além do gado de corte, e iniciou a criação de cavalos Puros-sangues Árabes. Visionário, implantou tecnologia de ponta, rodeou-se de mão de obra comprometida e qualificada, e fez parcerias inteligentes, tornando a *Dourado Flores* uma das fazendas mais produtivas da região do Araguaia.

— Pelo que o senhor me contou sobre o vovô, os dois têm mais isso em comum. — Eu me calo e passo os próximos minutos concentrada na tarefa árdua de terminar de comer, torcendo para não passar mal na frente dele.

A Vilma, eu acho que consegui convencer de que não há nada errado comigo, mas com o meu pai, astucioso e desconfiado como é, eu não sei se consigo fazer o mesmo. Sei que não o convenci totalmente com a minha resposta mais cedo, quando ele estranhou o meu comportamento, que, confesso, tem fugido um pouco do normal.



Olho para o relógio à minha frente e volto a virar as páginas da revista especializada em cavalos com dedos impacientes. Os artigos não conseguem prender a minha atenção, porque meus olhos se mantêm mais presos ao relógio em cima do aparador do que concentrados na leitura. Eu já perdi as contas de quantas vezes fiz isso desde que anoiteceu, esperando o melhor momento para sair à procura dele.

Terminado o jantar, aguardei papai e a governanta recolherem-se aos seus respectivos aposentos. Usei a falta de sono como desculpa para não subir e ficar mais tempo na sala. Meia hora depois, eu me encontro sozinha e cheia de ansiedade. Com um suspiro, coloco a revista de lado e, subitamente, percebo que o casarão está mergulhado em um silêncio total.

Enfim, é chegado o momento que eu esperei o dia todo.

Hora de enfrentar a fera!

Antes que eu me dê a chance de mudar de ideia, encho-me de determinação e coragem e saio do casarão. Em pouco tempo, estou dando três toques na porta da casa dele. Meu coração bate frenético, retumbando nos meus ouvidos, quando ouço passos se aproximando.

Arregalo os olhos no instante em que, num movimento brusco, ela é aberta e fico cara a cara com Cruz, parado à soleira. Uma olhada rápida e percebo que o tecido escuro da calça jeans abraça como uma segunda pele as pernas fortes. E ele está nu da cintura para cima, como da última vez em que eu estive aqui.

Cacete!

Custava vestir uma camisa antes de atender?

Eu não sou de ferro.

Com esse homem desse jeito na minha frente, eu posso dar adeus à minha concentração, sem falar na compostura. É pedir demais para uma simples mortal não admirar o peitoral bem trabalhado e quase sem pelos; não passear os olhos pelos gominhos no abdômen definido; não babar nas tatuagens. É praticamente impossível não suspirar ante essa figura tão imponente.

Puta que pariu, como ele é gostoso!

Obrigo-me a erguer os olhos para o seu rosto bonito. Sim, Cruz possui uma beleza dura e agressiva, o que me deixa ainda mais fascinada cada vez que eu coloco os olhos em cima dele. E, sim, nós tivemos uma noite de sexo selvagem, maravilhoso e apaixonado, mas seguimos sendo dois estranhos. Ele é um homem sexy e impetuoso, mas, ainda assim, desconhecido.

Umedeço os lábios ressecados com a ponta da língua, levanto os olhos para estudá-lo por um instante, e engulo em seco quando vejo o ressentimento brilhar sombriamente nos belos olhos azuis que me encaram e me encantam. Minha pulsação acelera, eu me perco nas suas profundezas e fico sem saber direito o que dizer ou fazer. Será que Cruz tem consciência do quanto me afeta?

Balanço a cabeça quando sou arrancada dos meus devaneios por seu tom de voz irritadiço penetrando os meus ouvidos.

— Ah, é você! O que quer? Veio me chamar de mentiroso outra vez? — pergunta Cruz, grosso e objetivo.

CAPÍTULO 16

Pilar

Sinto minhas bochechas esquentarem diante do seu ataque, mas não posso me deixar abalar, por isso, me esforço para absorver as palavras duras e decido a ignorar o tom rude e a expressão mal-humorada para manter o foco na situação terrível que Cruz passou.

Eu fui injusta com ele e estou aqui para me desculpar, não para agravar ainda mais a situação. Com isso em mente, engulo a pouca saliva, junto à resposta malcriada na ponta da língua, e recupero o controle.

— Você vai me convidar para entrar? — indago, fitando seu rosto. — Ou pretende me deixar plantada na sua porta? — zombo.

— Entre — sem se abalar, Cruz fala e dá um passo para trás. Eu não hesito e adentro a pequena sala, passando muito perto dele.

Cruz fecha a porta, volta-se para mim e aponta para o sofá, convidando-me a sentar com o gesto. Mas eu nego com a cabeça, preferindo ficar de pé. Limpo a garganta e, antes de perder a coragem, começo a falar:

— Hoje meu pai e eu estávamos conversando, quando surgiu o assunto e ele me contou sobre o seu acidente. Falou que foi te buscar no hospital em Goiânia, onde foram feitos exames e testes que comprovam o que você me disse sobre a sua perda parcial de memória. — Minha voz treme ligeiramente. — Eu vim aqui para dizer que reconheço que fui injusta e não soube como reagir diante do que você me contou. Eu disse coisas pesadas, e você não merecia aquelas palavras. — Mordo o lábio inferior e emendo: — Tudo isso é tão surreal... — Estou com a respiração em suspenso quando termino.

Cruz me escuta em silêncio e me lança um olhar incisivo.

— Concordo. Às vezes me custa acreditar que tudo aquilo aconteceu de verdade. E, bem, andei pensando e cheguei à conclusão de que é muito fácil duvidar. Eu me coloquei no seu lugar e consegui entender a sua reação, embora tenha sido um tanto exagerada — conclui ele, com um sorriso contido, a despeito da seriedade do assunto, e sou capaz de voltar a respirar normalmente.

— Eu reconheço que agi de maneira precipitada, mas fico contente por saber que refletiu e conseguiu entender o meu momento. Obrigada por isso — agradeço, sentindo-me aliviada. — No fim, você não se lembra mesmo de mim, nem do que vivenciamos — murmuro.

Sério, ele limpa a garganta e assente.

— Já que você tocou no assunto, eu fiquei bastante curioso sobre como e onde nos conhecemos. Perguntei ontem, mas você estava tão brava comigo que ignorou. Nós saímos para jantar ou...?

Encolho os ombros, sem jeito por causa do meu comportamento. Normalmente eu não faço julgamentos tão rápidos, mas, com o Cruz, reconheço que extrapolei.

— Não exatamente. Por coincidência, estávamos hospedados no mesmo hotel. Eu desci para jantar e você estava no bar. Quando me viu, me enviou uma bebida pelo garçom. Aceitei a bebida, você se aproximou, se sentou à minha mesa e começamos a conversar — explico de modo sucinto.

Cruz caminha em direção a um móvel encostado na parede, apoia o corpo nele e cruza os braços na altura do peito, fazendo os bíceps saltarem. O seu andar sensual, moldando e flexionando os músculos poderosos, é capaz de me atrair e distrair ao mesmo tempo. Em silêncio, ele fica me

encarando por um longo momento, e, quando parece dar-se por satisfeito, comenta:

— Eu posso não lembrar, mas acho que não ficamos só de papo...

Fico em dúvida, mas decido dizer a verdade:

— Tem razão, nós não ficamos só conversando. Passamos a noite juntos. Nós não nos apresentamos, nem trocamos telefones. Usamos nomes fictícios, mas que, no final, resultou não serem inventados. Você me disse que eu podia chamá-lo de Cruz. Bem, eu acho que você é capaz de imaginar o tamanho da minha surpresa quando o vi na sala da minha casa, e ao lado do meu pai.

Ele suspira e passa as mãos pelo rosto, um claro sinal de cansaço.

— Realmente, imagino que deve ter sido algo surpreendente. Agora você já sabe que Cruz é meu sobrenome. Mas e quanto a mim, como eu te chamava?

— De Isis. É meu nome do meio — respondo e por conta no nervosismo, me apresso em explicar: — Recebi em homenagem à minha avó paterna.

Cruz fica pensativo por um segundo.

— Isso explica não ter nada sobre você no meu telefone.

Olho novamente para ele, e desta vez deixo transparecer a minha surpresa.

— Então... você procurou.

— Sim, eu procurei por *Pilar* nos meus contatos, mas, pelo motivo que você acabou de me dar, não havia ninguém com esse nome adicionado

— ele responde e coça o queixo. — A propósito, alguém mais sabe sobre... — faz uma pequena pausa para apontar a mim e a si mesmo, então emenda: — esse lance entre nós?

É minha vez de cruzar os braços, apenas para ter o que fazer com eles.

— Se você está perguntando se o meu pai sabe, a resposta é não. Como eu te disse ontem, ele não sabe, nem precisa saber, o que se passou entre nós. Eu só contei para uma amiga da faculdade. Por quê? Seria um problema para você se meu pai se inteirasse de que já nos conhecíamos antes do jantar de ontem?

— Seria para você? — Cruz devolve a pergunta. Mas, assim como ele, eu me esquivo de lhe dar uma resposta e mudo de assunto, de maneira um tanto abrupta, reconheço.

— Me tira uma dúvida, Cruz... O que você fez para convencê-lo a contratá-lo como gerente, para logo em seguida decidir promovê-lo a administrador? — questiono com uma expressão inquisitiva. — Para mim, diante de outras pessoas que poderiam exercer a função, e que já trabalham aqui na fazenda, não parece algo natural, entende?

Noto que sua respiração se altera sutilmente, os olhos me medem dos pés à cabeça. Ele suspira, e posso sentir sua impaciência.

— Eu não gostei do seu tom e não preciso responder as suas perguntas. Se você quer tanto saber, pergunte ao seu pai! — exclama, defendendo-se.

— Hum, talvez eu faça isso mesmo. Mas você não tem nada a esconder... ou será que tem? — indago e levanto uma sobrancelha desafiadora, mesmo não me sentindo tão segura por dentro.

— Não. Nada — Cruz fala simplesmente.

— Essa sua atitude defensiva me diz o contrário, e saiba que eu pretendo descobrir o que é! — Meu tom é de ameaça, mas somente para saber como Cruz reagirá ao meu comentário.

Ele esfrega a testa e faz uma expressão de dor. Eu me sinto culpada por forçá-lo, afinal, não faz muito tempo que passou por uma situação muito traumática.

E se a amnésia não for a única sequela do acidente?, eu me pergunto, tensa e angustiada.

— Não há nada para descobrir. Um certo dia, o seu pai apareceu na minha casa dizendo que conheceu a minha mãe e me ofereceu um emprego, que, naquele momento, eu não tinha a menor condição de recusar. O resto... você já sabe. Hoje, estou quase recuperado e trabalho para ele. E isso é tudo. Está satisfeita agora?

Procuro não me abalar com seu rompante. Eu só quero saber com quem estou lidando. Preciso descobrir se Cruz é um homem digno de confiança. É pedir muito? Como ele mesmo me disse ontem, eu não o conheço.

— Meu pai não é dado a impulsos. Fiquei intrigada pelo fato de ter contratado, de uma hora para outra, uma pessoa de quem ele não sabe quase nada. Bem, papai me contou que conheceu sua mãe quando ambos eram muito jovens, mas esse conhecimento não se estende a você.

Observo seu peito subindo e descendo quando Cruz inspira e expira profundamente.

— Na outra noite, você deixou bem claro que tem um pé atrás com relação a mim, por situações causadas por terceiros, e não há muito o que

eu possa fazer quanto a isso. Confiança não se obriga, se conquista. E, da minha parte, eu garanto que possuo a experiência e as qualificações necessárias para exercer bem as minhas funções, caso contrário, eu não teria aceitado o cargo. E assumir a administração da *Dourado Flores*, foi uma sugestão do seu pai, portanto, você só poderá tirar suas dúvidas falando diretamente com ele.

Cruz é persuasivo na postura e na maneira firme como fala.

— Pode ser que eu aceite sua sugestão — digo só por dizer. Eu não pretendo fazer nada disso, até porque, estou convencida de que está me falando a verdade.

Ele assente e projeta o queixo para frente.

— Como quiser. E você não disse onde nos conhecemos. Eu sei que foi em um hotel, mas em qual cidade?

— Foi em Goiânia, no último dia da exposição de agropecuária.

Uma breve expressão de vulnerabilidade e tristeza passa pelo rosto de Cruz. Seus olhos estão sombrios quando encontram os meus.

— Eu gostaria de lembrar, mas não consigo. — Ante essa confissão, seguida de um olhar atormentado, eu sinto uma pungente pontada no peito.

— Mesmo depois de saber sobre o acidente e suas consequências, eu ainda não consegui aceitar, de todo, que você esqueceu o que... — Paro de falar no instante em que percebo que, por pouco, não deixei escapar detalhes da nossa noite juntos.

— Estava demorando! Você está me acusando de mentir? De novo? — Cruz rosna, a expressão tensa, severa. Desvio o olhar. Ele projeta o tronco para frente e fixa o olhar no meu rosto. Sua figura agora é

intimidadora. — O que exatamente eu não podia ter esquecido? Para de falar aos pedaços e me conta tudo de uma vez! — exige, com o semblante aborrecido, enquanto permaneço parada, imóvel, impotente e olhando-o com cautela. — Então, não vai me responder? — insiste diante do meu mutismo. — Eu não tenho tempo para isso — conclui entredentes.

Finalmente encontro minha voz e falo:

— Não, Cruz, eu não estou te acusando de mentir. Eu sei que a sua mente não se lembra de nada. Apenas estou tentando assimilar o fato.

Esfregando a nuca com uma das mãos, ele percorre meu corpo com um olhar nem um pouco sutil. Eu me afasto dele e um silêncio constrangedor recai sobre nós. Sinto a frustração avolumando-se dentro de mim. Passo as mãos pelos cabelos e puxo o ar com força, tentando controlar a minha reação.

— Eu tive uns flashes, onde consegui ver algumas imagens, mas achei que fosse coisa da minha imaginação. Porém, agora, acredito que é a minha mente querendo trazer as lembranças de volta. O médico disse que isso pode acontecer a qualquer momento. E senti algo como um impacto quando te vi no topo daquela escadaria.

Meu fôlego encurta diante da sua declaração. Perto dele eu sinto... Sinto o quê? Luxúria. Um desejo profundo, animal. É loucura. Sempre foi. Eu o quero feito louca! Mas é só isso. Desejo. Paixão. Pura e simples. Eu estaria mentindo para mim mesma se ignorasse essa atração maluca, essa química absurda existente entre nós.

— É mesmo? — Inclino a cabeça, interessada.

Flashes de situações vividas e recordações sensoriais ligadas a mim... Talvez, Cruz esteja certo. Essa pode ser a maneira que o cérebro

dele encontrou para avisá-lo de que está perto de recuperar as suas lembranças. Será possível? Não nego que eu queria muito que isso acontecesse. Mesmo sabendo e aceitando que não é sua culpa, me entristece confirmar que esqueceu de mim e de tudo o que vivemos...

E o que ele fala a seguir me faz arrepiar, pois é como se soubesse o que se passa pela minha cabeça neste momento.

— Pilar, eu não me recordo de você, nem do que fizemos. Você não faz ideia do que eu daria para poder lembrar — Cruz confessa uma vez mais, evidenciando nas linhas do rosto toda a sua frustração.

— Eu acredito, pelo que acaba de me contar, que está pertinho de você conseguir lembrar. — Respiro, me encho de coragem e me arrisco — mas, enquanto isso não acontece, podemos começar do zero. O que você acha? Nem todo mundo tem uma oportunidade como essa.

— Começar do zero? — Cruz repete, surpreso. — Pilar, eu estou em desvantagem aqui, e não gosto nada disso.

— Eu entendo que se sinta assim, mas nada nos impede de produzirmos lembranças novas. — Não era o que eu queria, mas a frase, unida ao meu tom de voz, acaba saindo ambígua e insinuante.

Minha nossa! Que efeito absurdo esse homem tem sobre mim.

Eu não vim aqui para isso!

Mentirosa!, minha consciência é rápida em me acusar.

— Ah, é? Interessante... — Seu olhar malicioso e a voz profunda e rouca roubam o meu ar. Na frente desse homem, eu esqueço tudo, perco a linha, não tenho pudor ou escrúpulos. É como se um imã me puxasse para

ele, e, pelo que estou vendo, a recíproca é verdadeira. Cruz pode não lembrar, mas alguma coisa me diz que o seu corpo não esqueceu o meu.

Escuto-o puxar o ar com força e analiso seu semblante. Uma luta parece acontecer dentro dele; os punhos cerrados, o maxilar tenso, o modo como expele o ar pelas narinas e a respiração ligeiramente acelerada me dizem que eu não estou enganada na minha suposição.

Ficamos assim, um estudando o outro por um longo tempo, até Cruz afastar-se do móvel e vir até mim. Eu não me movo, apenas fico apreciando o espetáculo que é esse homem. Em segundos, sinto o dorso de sua mão deslizando suavemente pela minha face. Sem pensar, abaixo os olhos e esfrego meu rosto nela, encantada com a carícia.

— Linda demais. — O elogio baixo e rouco parece sair a contragosto de sua boca. A mão desce, ele me puxa, e não há resquícios da suavidade de um segundo atrás; ao contrário, seu toque agora é brusco e um tanto rude.

— Hum, quer dizer que você me acha linda? — Desejando muito tocá-lo, eu elevo os braços, enlaçando-o pelo pescoço, e meus dedos entram por entre os fios macios do seu cabelo.

— Estou ouvindo o seu ego inflar. — Uma risada relutante, baixa e rouca escapa dos seus lábios.

— Ah, fala, Santino — insisto, tirando proveito do raro momento de leveza.

Inclinando um pouco a cabeça, Cruz semicerra os olhos e me encara.

— Gosto de como você pronuncia o meu nome — revela.

— Eu ainda estou me acostumando. Sempre foi Cruz na minha cabeça.

Pensativo, ele me encara com uma sobrancelha erguida e expressão de surpresa.

— Você andou pensando em mim — afirma.

— Sim, eu andei. — A essa altura, não faz sentido negar. *E você não faz ideia do quanto*, completo em pensamento. — Está me enrolando, Santino. Não vai mesmo dizer? — insisto, provocante.

— Por que eu preciso falar, se você sabe que é? — inquire com um sorriso matador, mas está sério quando obedece. — Você é lindíssima, Pilar. — Deliciada, eu sorrio para ele.

Seus dedos se arrastam sob o meu queixo e o levanta, fazendo nossos olhares colidirem de novo. O modo como Cruz me encara faz meu coração dar uma cambalhota e minhas pernas amolecerem.

Por Deus, homem! Dá para parar de me olhar como se quisesse me comer com os olhos?

Devagar, seu rosto se aproxima, parando a centímetros do meu, e eu me pego encarando sua boca tão bem definida. Fecho os olhos no instante em que Cruz cobre a minha boca com a sua. A posse sensual dos seus lábios faz arrepios de deleite percorrerem minha pele, a despeito de uma falsa resistência e das tentativas vãs de bloquear a sensação prazerosa que seu toque me causa.

Incapaz de resistir por mais tempo, suavizo meus lábios, e este pequeno gesto é como jogar um fósforo aceso dentro de um galão de gasolina, acendendo uma chama que nos consome. Cruz segue me beijando como ninguém antes me beijou, além dele mesmo, e sua boca me transporta para um mundo distante, enquanto sua língua sonda os mais íntimos

recantos da minha, enviando ondas de prazer em cascata pelos meus membros.

Nossa! Como eu desejei sentir o gosto e o toque dele de novo!

Envolta em uma bolha de prazer, passo a corresponder ao beijo molhado e ardente da mesma maneira, com paixão e desejo. Minha boca parece não ser suficiente para ele, e enquanto nossas línguas duelam em êxtase, Cruz aperta mais a mão que segura a minha nuca, puxa-me para si e esmaga meu corpo contra o seu, fazendo o tórax duro entrar em atrito com os meus seios.

Um gemido gutural escapa da minha garganta, enquanto eu derreto e me perco em seus braços. O pensamento que o que estamos fazendo segue sendo uma loucura – deliciosa, é verdade, mas ainda assim uma loucura – cruza a minha mente, porém, o aviso mental chega tarde demais e não surte o menor efeito.

CAPÍTULO 17

Cruz

Mapeio as costas dela, desço os dedos, aperto a curva da cintura fina e agarro uma das suas nádegas. No momento seguinte, meto a mão por baixo da saia do vestido curto e de tecido molinho e vou subindo pelo quadril, até alcançar o meu objetivo. Paro o beijo e deslizo a boca pelo seu pescoço, nuca e orelha, deixando um rastro de fogo por onde passo.

— Hum...que delícia de boceta molhadinha — sussurro safado contra a sua orelha e acrescento um toque provocador ao seu clitóris. Ela arfa com a carícia ousada — eu mal toquei em você e já está pronta para mim.

— É o efeito que você me causa. Não dá para evitar.

Sorrio e, instintivamente, seus quadris se movem, procurando por mais atrito, então eu movo os dedos com mais afinco.

— Santino... — Pilar murmura, mole nas minhas mãos.

— Meu nome em seus lábios é puro êxtase, pena que preciso levantar antes do nascer do sol — lamento, erguendo o rosto.

Eu sei que ainda é cedo, mas não seria racional continuar, aliás, o que está acontecendo aqui, dificilmente, pode-se classificar como sensato.

— Então, eu acho melhor ir embora e deixar você descansar — Pilar fala sem convicção, olho no olho, eu concordo com um aceno, mas não a solto.

Apesar da resolução de não me envolver com alguém, principalmente, se esse alguém for a filha *dele* e mesmo consciente que posso ter muitos

problemas caso não acabe com tudo isso, aqui e agora, eu não consigo deixá-la ir. É mais forte que eu.

Respiro fundo, porque não posso permitir que a luxúria me domine. Tem muita coisa em jogo, para eu me dar ao luxo de perder o respeito e a confiança do todo poderoso Romero Flores.

Eu sei, eu sei, que a atração entre nós é quase palpável, ainda assim, eu me coloco à prova, me desafio e faço de tudo para resistir à deliciosa, quente e sexy Pilar Dourado. Faço menção de me afastar, porém, ela parece pensar de modo diferente e me segura.

Encaro-a por um instante e, devagar, me liberto da mão que me detém, dando dois passos para longe dela. Preciso me distanciar, porque com esta mulher tão perto e mim, com o seu aroma me distraindo e o corpo quente e macio, tirando o meu foco, eu sou incapaz de raciocinar direito.

Inquieto, corro a mão pelos cabelos e ando de um lado para o outro da sala.

— Tem certeza que deseja seguir por esse caminho? Você nem me conhece. O que sabe de mim? Está brincando com fogo, Pilar — falo em tom de advertência, mas num piscar de olhos, ela elimina a pequena distância que nos separa.

Engulo a saliva, enquanto aguardo a sua resposta.

— Neste momento, eu sei de tudo o que preciso saber — sussurra, se aproximando mais e me abraçando pela cintura. Ainda me olhando, desce as mãos e passeia pela base das minhas costas, colando-se mais ao meu corpo e enfiando as pontas dos dedos no cós dos meus jeans — e quanto a estar brincando com fogo, você pode ficar sossegado, pois me considero avisada — conclui, mordendo os lábios de leve.

Tentadora, como só uma sereia é capaz de ser e sem jamais deixar de me encarar, sinto seus dedos traçarem pequenos círculos pelo meu peito. Ofego e estreito os olhos por um instante. É tentação demais e não sei por quando tempo, vou poder aguentar.

É evidente que faíscas voam entre nós. E que, provavelmente, elas trepidarão na cama. Céus! Essa expectativa está me matando. Mordo o lábio e reprimo um gemido de pura agonia. Meus nervos tensionam e sinto as palmas das minhas mãos formigando. Meu copo inteiro enrijece, clamando pelo dela. É um sentimento poderoso, insano e delicioso ao mesmo tempo.

— Falando assim, você me deixa sem opções — comento e antes que eu possa evitar, estou envolvendo sua cintura.

— A intenção é essa — Pilar roça a boca na minha, em seguida, salpica meu ombro e clavícula com pequenos beijos. Por mais que eu aprecie o toque dos seus lábios na minha pele, subo as mãos, seguro-a firme pelos ombros e a afasto.

A danada passa a ponta da língua pelos lábios, como se tivesse acabado de apreciar um prato exótico e delicioso, enquanto isso, eu só consigo pensar nessa mesma língua, movimentando-se ao redor do meu pau e na boca gostosa, engolindo-o, esfomeada e gulosa.

Puta que pariu!

— Se você continuar a fazer isso com a língua, me olhando assim, eu não respondo por mim — advirto-a, com os olhos fixos em seu rosto.

— Ah é? E o que você vai fazer? — Pilar provoca, mas não digo nada.

Num ato premeditado, silencio o lado racional do meu cérebro e dou vitória aos instintos mais básicos do meu corpo. Mordisco seu pescoço e

inalo o seu perfume inebriante. Eu não quero apenas beijá-la. Necessito prová-la, saboreá-la, assim, passo a língua devagar, uma, duas, três vezes, pela extensão do seu lábio superior e repito o gesto no inferior. Seus lábios tremem e ela geme a necessidade de um beijo completo.

— Isso responde a sua pergunta? — pergunto, com um tom de voz mais grave que o normal.

Pilar sustenta o meu olhar e faz que sim com a cabeça.

— Me diz o que você quer Cruz...

Uma parte do controle que ainda tento manter, desaparece, quando ela pressiona o quadril contra o meu, me fazendo sentir uma contração na virilha.

— Você, Pilar. Preciso de você esta noite, antes de sair de viagem — confesso e volto a possuir sua boca, colocando todo o fogo e tesão que sinto no beijo. Em seguida, pego-a nos braços e com uma pequena corrida, carrego-a para o quarto, empurro a porta com o pé e coloco-a sobre a cama.

O colchão afunda com o meu peso quando me deito ao seu lado e passo as pontas dos dedos pelo vale entre seus seios, causando lhe um arfar involuntário.

Não perdemos tempo e ajudo-a a livrar-se do vestido, com a calcinha minúscula, unindo-se a ele, pouco depois.

— Porra! Como você é gostosa! — exclamo, admirando seu corpo nu.

Desço e envolvo um mamilo com os lábios. Sugo-o com força para dentro da minha boca quente, enquanto belisco o outro mamilo, deixando-o sensível e durinho. Minha mão vagueia pelo seu estômago, barriga e baixo

ventre, os dedos imiscuindo-se por entre as coxas, abrindo-as e expondo-a para mim.

Deslizo a boca para o outro mamilo e com movimentos lentos, meus dedos começam a excitá-la, até o limite. Instintivamente, seus quadris ondulam, em busca de mais fricção e contato. Enfio dois dedos nela, segurando o lábio inferior entre os dentes, Pilar se contorce sob o meu toque e noto a tensão em seu corpo aumentando, ao ponto de se tornar insuportável.

Ela grita, quando seu mundo explode em sensações com o orgasmo rasgando e espalhando-se através dela.

CAPÍTULO 18

Pilar

Lânguida e de olhos fechados, eu flutuo em uma nuvem de prazer quente e sensual, tomando todo o meu corpo que dura poucos, mas deliciosos segundos. Quando saio do meu estupor e volto à Terra, encontro Cruz em pé, desabotoando as calças com gestos apressados e empurrando-a para baixo, junto com a cueca.

Meu coração martela no peito com a visão do pau dele: enorme, grosso e, gostoso. *Juro que se continuar assim, sou capaz de ter um infarto*, o pensamento cruza minha cabeça enquanto meus olhos passeiam pelo resto dele e eu suspiro de antecipação ante aquela personificação de beleza masculina.

Nossos olhares colidem e há um fervor e uma intensidade impetuosa no dele. O magnetismo poderoso que Cruz exala, se intensifica, quando, gloriosamente nu, ele sobe na cama e paira sobre o meu corpo, olhando bem para mim. Inalo seu cheiro que parece ainda melhor por causa da minha excitação.

— Preciso de você, Santino... — minha respiração sibila quando sinto a cabeça do seu pau duro tocar o meu sexo, começando a se esfregar nele.

— E eu de você, sereia — ele fala no meu ouvido e meu corpo responde ao estímulo, altamente, erótico, abrindo-se para recebê-lo.

Rosnando, Cruz afunda o rosto no meu pescoço e me penetra, profundamente, com uma única e longa investida, em seguida cola o corpo no meu numa tentativa de ir ainda mais fundo, fazendo movimentos circulares e remexendo os quadris sem parar. Abraço a sua cintura com as

pernas, cruzo os tornozelos na base da coluna e, sem me conter, começo a rebolar, acompanhando o seu ritmo.

Incansável e implacável, ele ajeita a posição e arremete de novo e de novo, com a cabeça do pau atingindo e massageando um mesmo ponto sensível no interior do meu corpo. Ele continua metendo forte, duro e eu aperto seus quadris, puxando-o para mais perto e finco meus dentes em seu ombro, abafando um grito, quando gozo violentamente.

Ainda sentindo os espasmos do meu prazer, percebo seu corpo poderoso e suado, enrijecer sob meus dedos. Cruz puxa o meu cabelo e se move de modo incessante, pressionando os meus quadris, me imobiliza na cama, enquanto persegue o próprio prazer à exaustão.

Suado e ofegando, Cruz joga a cabeça para trás, afundando-se no interior do meu corpo o máximo que pode e solta um rugido furioso quando goza. Desesperada em prolongar o momento, eu o abraço com força, mantendo-o dentro de mim, até nossas respirações voltarem ao normal.

Mais tarde, com o fôlego recuperado, ele beija o meu pescoço e rola para o lado. Ficamos deitados e abraçados na cama, perdidos em nossos pensamentos quando, repentinamente, o som de passos, aproximando-se da casa e uma batida na porta a seguir, nos arranca do nosso enlevo. Me pergunto quem pode ser, ao mesmo tempo que saio dos braços dele, escorrego da cama e começo a recolher minhas roupas espalhadas pelo chão do quarto. De canto do olho, vejo Cruz fazer o mesmo.

— Quem é? — ele pergunta em meio ao ato de vestir a camisa.

— Sou eu, o Antero, Santino. Desculpa eu vir a essa hora, mas aconteceu um imprevisto com o Roberto, um dos rapazes escalados para a viagem de amanhã cedinho, e preciso falar com você a respeito.

— Estou indo. Me dá um minuto — Cruz me brinda com um olhar que não necessita de maiores explicações.

Termino de me vestir, ajeito os cabelos com as mãos e num impulso, vou até onde ele está, emolduro seu rosto e lhe dou um selinho mais demorado à guisa de despedida. Engulo um gemido quando ele retribui o beijo, apertando a minha cintura. Hesitantes, nos separamos e Cruz retira a mão. Em um entendimento mútuo, deixo o quarto e cruzo a cozinha com passadas rápidas, mas evito fazer ruídos desnecessários que possam denunciar a minha presença no interior da casa.

Não é que eu tenha problemas em que nos vejam juntos, mas, neste momento, prefiro não dar motivos para especulações, nem quero ser alvo de fofocas e correr o risco que o que, eu e Cruz fizemos, chegue aos ouvidos do meu pai de uma maneira deturpada e maliciosa.

Mesmo estando com o pé atrás com relação a ele, como o próprio Cruz pontuou durante a nossa conversa mais cedo, eu não quero que ele seja prejudicado por minha causa. Não posso prever qual será a reação do meu pai ao descobrir sobre nós. Imagino que ele não verá um relacionamento entre sua filha única e um dos gerentes da fazenda com bons olhos.

Depois de me formar e retornar de vez para a Dourado Flores, seu sonho de anos sempre foi o de me ver casada com o candidato a marido ideal personificado na pessoa de Lorenzo Lobos e começar a produzir os netos dele, o que, decididamente, não faz parte do meu projeto de vida. Não para agora, pelo menos. Mas, não escondo que desejo ter tudo isso no meu futuro.

Olho, rapidamente, na direção de Cruz, franzo a testa e balanço a cabeça, me ordenando a não perder meu tempo fantasiando com o

impossível. Eu sei que, dificilmente, terei algo mais sério com ele, mas também, não terei com quem papai escolheu para mim.

Com um breve suspiro, empurro meus devaneios para o fundo da mente, pouso a mão na maçaneta, giro o pescoço e, após uma última troca de olhares, eu deixo a casa pela porta dos fundos.

CAPÍTULO 19

Pilar

Faz duas semanas que eu deixei a minha vida em São Paulo e mesmo que eu queira muito ficar, não posso mais postergar o meu retorno. É uma manhã amena e tranquila, o oposto de como me sinto por dentro, quando papai e eu descemos a escadaria do casarão e ao chegarmos nos pés dela, volto a insistir:

— Por favor, se cuida muito, pai. Me promete que o senhor vai continuar fazendo o que o seu médico mandou?

Eu fiz o mesmo pedido a Vilma e sei que ela cuidará muito bem dele, aliás, como sempre fez, sem mencionar o Orestes e sua equipe, sempre a postos para atendê-lo. Eu sei que papai está cercado de pessoas que visam o seu bem estar, contudo, eu não consigo me livrar desse sentimento de apreensão que me persegue.

— Pilar, vá para São Paulo, termine o seu curso e depois volte. Não se preocupe tanto comigo. Faça tudo no seu devido tempo, com calma. Para que tanta pressa? Estarei aqui mesmo, quando você voltar. E o seu velho sabe como se cuidar — papai me tranquiliza e carinhoso, afasta uma mecha de cabelo que o vento trouxe para a minha face, ajeitando-a atrás da orelha.

— É, eu sei que sabe, mas quando me diz para não me preocupar, o senhor está me pedindo o impossível. Eu vou resolver as coisas por lá e prometo voltar assim que puder. Será tão rápido que não vai dar nem tempo de sentirem a minha falta — brinco para disfarçar a nó na garganta, papai sorri, Vilma acena do topo da escada e com um abraço apertado, nos despedimos.

Então, eu faço o caminho inverso. Vou de helicóptero até Goiânia e chegando lá, entro em um avião com destino a São Paulo. Nada de turbulência durante os voos, fato que eu agradeço aos céus. Me basta o turbilhão de emoções com o qual eu já venho lidando por todo esse tempo.

Na manhã seguinte ao nosso encontro na sua casa, meu pai confirmou, enquanto tomávamos café e comíamos um delicioso bolo de milho, que Cruz tinha viajado com o pequeno grupo de vaqueiros escolhidos por ele, antes do dia raiar e terminou dizendo que deviam ficar fora por uma semana ou, talvez, até duas.

Após ouvi-lo, eu pedi licença, saí da mesa e subi para o meu quarto, sentei na cama e tentei falar com Cruz por celular, mas a ligação foi dirigida para a caixa postal. Fiz outras tentativas, mas como não obtive resposta, acabei me conformando. Como ainda restavam vários dias para o seu retorno e, apesar de querer muito vê-lo antes de partir, não pude esperar pela sua volta.

Apesar do que houve entre nós e do infarto do meu pai, eu precisava seguir com a minha vida. Nesse período em que estive ausente da faculdade, eu perdi matéria, deixei de fazer provas e de entregar trabalhos valendo nota. Eu, agora, vou precisar de um tempo para colocar o que perdi, em dia.

Adela e eu nos encontramos horas depois da minha chegada e, assim que a vi, não aguentei continuar mantendo o que houve só para mim e contei que tinha reencontrado Cruz na fazenda do meu pai, mas não entrei em detalhes. Não falei sobre a nossa segunda noite juntos e nem toquei no assunto do acidente que resultou na amnésia parcial dele.

Minha amiga ficou, literalmente, de boca aberta com a novidade e, alucinada, foi logo disparando teorias: que o nosso reencontro estava escrito

nas estrelas, que havia sido uma tremenda jogada do destino e mais um par de teorias esotéricas e estrambólicas, para as quais, eu não dei muita atenção.

No quarto dia após a minha chegada, nós duas conversávamos na lanchonete da faculdade, quando, de repente, eu voltei a passar mal. Corri para o banheiro e quando voltei para a mesa, deixando lá atrás, o misto quente que tinha acabado de ingerir, Adela não disse nada e nem titubeou.

De cara amarrada, ela juntou suas coisas que deixara em cima da mesa, levantou-se e me puxou pelo braço. Eu só tive meio segundo para passar a mão na bolsa e na pasta com as apostilas, antes de sairmos dali, quase correndo.

Eu sei, eu sei que devia ter ido ver um médico assim que cheguei, mas como os enjoos e a tontura me deram uma pequena trégua, eu acabei não indo.

Eu mal coloquei os pés na cidade, quando me vi sendo arrastada por uma avalanche descomunal composta de palestras, trabalhos e provas teóricas e práticas. Era tanta coisa para fazer que eu mal tive tempo de respirar. Durante os dias que se seguiram, nós quase não nos falamos, pois Adela vivia tão atarefada quanto eu.

Na verdade, sua situação era pior que a minha, pois ela trabalhava quase o dia todo, enquanto eu tinha a minha disposição, o tempo necessário para estudar e me atualizar em paralelo. E é tão certo como dois mais dois são quatro, que eu teria me lascado toda, caso não tivesse.

Olho bem para minha amiga e me dou conta que ela surtou. Surda aos meus apelos e muda aos meus argumentos, Adela para o carro na entrada da primeira farmácia que encontra e por mais que eu afirme que, o que se

passa pela sua cabecinha não é possível, ela entra e vai pegando várias caixinhas de testes de gravidez de diferentes marcas, lançando-as todas dentro do cestinho.

Tudo o que eu posso fazer é ir atrás dela, insistindo em dizer que essa sua atitude é, no mínimo, exagerada, que não tem como eu estar grávida, mas Adela me ignora e move a cabeça para os lados, demostrando não acreditar em nada do que eu falo.

Mais tarde, quando chegamos no meu apartamento, acelerada, ela tira a pasta das minhas mãos e a bolsa do meu ombro, joga tudo em cima do sofá, enfia os testes nas minhas mãos e, antes que eu possa reagir, estou sendo empurrada através do corredor minúsculo. Ela só tira as mãos das minhas costas e para de me empurrar quando chegamos em frente a porta do banheiro.

— Calma, Adela! Para que esse desespero todo? — reclamo, mas parece que acendi um estopim, pois a mulher afasta-se um passo, coloca as duas mãos na cintura, bufa e me encara feito uma fera pronta para atacar a minha jugular.

— Calma nada. Eu bem que desconfiei desde aquela vez que você descreveu os sintomas do que vinha sentindo, antes de viajar, mas você parecia tão certa que era só uma virose ou um começo de gastrite, que eu coloquei as minhas suspeitas de lado, mas depois de duas semanas fora, você continua sentindo a mesma coisa e nem foi ao médico? Sem chance, Pilar! Se for o que eu estou pensando, nós vamos saber em cinco minutos — ela escancara a porta — vamos tirar isso a limpo. E só sai daí de dentro, com todos eles feitos — completa, apontando para as caixinhas.

— Mas eu já... — eu começo a contestar, mas sou interrompida.

— Nada de "mas". Você está postergando o inevitável ou se enganando, o que é pior. Entra logo nesse banheiro e faz a porcaria desses testes de uma vez! — Adela é incisiva e não me dá a menor chance de retrucar.

Sem alternativa, eu acabo cedendo e faço o que ela tanto quer, mas só para provar que ela está enganada e que fez todo esse escarcéu, à toa. Eu saio quando termino de fazer tudo como Adela pediu, ou melhor, exigiu, mas nem faço questão de saber dos resultados já que, para mim, só podem ser negativos.

— Prontinho. Aqui estão eles. Está satisfeita agora?

Minha amiga nem responde e pega um teste e olha, pega outro e faz o mesmo. Repete o gesto com o terceiro e o quarto e cada vez que ela olha um, seus olhos parecem aumentar de tamanho.

— Pilar...? Amiga...?

— O quê? O que foi? — me aproximo, sem saber ao certo o motivo dela ficar muito séria, em um momento e o seu rosto inteiro se iluminar como se refletisse uma chuva de fogos de artifício, em dégradé de vermelho e dourado, no outro.

Sorrindo, não sei se de alegria ou nervoso, ela vira os bastões para mim e eu quase tenho um treco. Por pouco não caio de costas, porque, ao contrário do que pensei, o resultado de cada um daqueles malditos testes, deu positivo.

E, de repente, eu estou dentro de um buraco escuro, caindo e batendo os braços de modo frenético, procurando por qualquer coisa, onde eu possa me segurar, mas não há nada que impeça a minha queda.

Rezo, de maneira fervorosa, pedindo para acordar, porque eu só posso estar sonhando. Minhas pernas enfraquecem e não conseguem mais suportar o meu peso, então, corro para o sofá, antes de desfalecer de vez e me esborrachar no chão duro.

— Não pode ser — murmuro, completamente, aturdida — como isso foi acontecer e justo comigo? — sinto meu coração palpitar forte por causa do que acabo de descobrir — não, não. Eu não estou grávida! Isto, não pode ser! E-e-estes testes — gaguejo nervosa e aponto para o quarteto de pequenos bastões, perfeitamente, alinhados em cima da mesinha de tampo de vidro — estão todos errados — arquejo, sentindo o ar encurtar — eu não posso estar esperando um filho dele — sacudo a cabeça para os lados, olhos muito abertos, incrédula.

Incapaz de me controlar, começo a hiper ventilar, enquanto meu cérebro sobrecarregado, recusa-se a aceitar a realidade. Encaro Adela com uma súplica muda nos olhos, desejando, ardentemente, que ela me diga que tudo não passa de um engano, mas todas as minhas esperanças caem por terra quando leio a verdade impressa no rosto dela.

Os batimentos do meu coração aceleram de ansiedade e medo. Engulo um bocado de ar, enchendo os meus pulmões e abano meu rosto afogueado, pensando nas consequências de uma gravidez nesse momento da minha vida.

Diante do meu desespero, Adela desce o olhar para os testes, então, ergue o rosto e, olhando, diretamente, para mim, enumera:

— Pilar, você transou com um cara, seu período menstrual está atrasado, tem todos os sintomas de uma gravidez e há quatro testes positivos em cima desta mesa, comprovando este fato, portanto amiga: Não. Tem. Nada. De. Errado. Aqui.

Enquanto pronuncia as últimas palavras de maneira pausada, Adela balança a cabeça, fazendo mechas de cabelo louro e liso, acompanharem o movimento. E penso em cada coisa aleatória capaz de nos distrair em momentos cruciais da nossa vida. Após me dispersar por uns poucos segundos e depois de um longo suspiro, eu falo:

— Eu sei que é verdade, mas não quero acreditar — sinto minha alma deixando o corpo e olhar tudo de cima, como se eu fosse uma expectadora da minha própria vida.

— Pilar, eu entendo a sua dificuldade em aceitar a situação — Adela senta do meu lado e coloca a mão sobre a minha — mas, em breve, você vai assimilar tudo isso e se adaptar à essa nova realidade.

Um protesto em forma de soluço escapa da garganta e sinto a minha adrenalina subindo a um nível alarmante, quando realizo que há uma vida crescendo dentro de mim.

— Estou mesmo esperando um bebê — penso em voz alta mais para convencer a mim mesma — um bebê meu e do Cruz.

Levanto o rosto e encontro Adela me olhando com uma mescla de pena e preocupação no semblante.

— Tem uma coisa que eu não entendi. Como você nem desconfiou que todos aqueles mal estares poderiam ser sintomas de uma gravidez?

Merda! Eu nunca me senti tão idiota e patética como estou me sentindo neste instante. Fico sem graça porque sei que Adela está certa. Eu tinha que ter percebido. Talvez, de uma maneira inconsciente, eu já soubesse, mas preferi ignorar.

Com o atraso de um mês era tão cristalino como a água que alguma coisa estava errada, mas eu preferi atribuir o que sentia ao estresse, a uma

virose, até mesmo a uma gastrite, ou ao que mais me viesse à cabeça, porque me recusava, terminantemente, sequer cogitar a possibilidade de estar grávida de um homem que eu mal conheço.

Mesmo agora, diante de todas as evidências, na minha cabeça, a ficha ainda se recusa a cair.

Tudo o que Cruz e eu temos resume-se a duas noites de sexo casual — pausa para suspirar, porque cada segundo que passei nos braços daquele homem foi, simplesmente, maravilhoso — o jantar, após um reencontro tenso no casarão da fazenda, duas conversas sobre o acidente dele e, por fim, uma gravidez acidental.

— Eu sei que devia desconfiar, mas o meu ciclo não é tão certinho assim. Já tive atrasos antes e que não deram em nada, além disso, eu me lembro muito bem, que o Cruz usou preservativos — respondo, desolada.

Adela arregala os olhos e é como se sua mente tivesse dado um estalo.

— Então, quer dizer, que esse bebê é filho do Cruz, o bonitão do hotel?

Mordo a pontinha do meu polegar e aceno positivo. Depois daquela primeira noite, o sexo passou a ter um significado novo para mim. Eu desejei aquele homem como jamais desejei nenhum outro na minha vida.

Com esse reboliço todo, acontecendo dentro de mim, somando-se a ele, a correria do dia a dia, eu nem cogitei a possibilidade de ficar com outra pessoa. Eu já estava com os meus sentimentos embolados, feito novelo de lã entre as patas de um gatinho, acrescentar uma terceira pessoa nessa equação, só complicaria ainda mais as coisas.

Quando encontrei o Cruz, pela primeira vez, fazia oito meses que meu último namoro havia terminado. Heitor Rodrigues era aluno do penúltimo ano de medicina e eu o conheci quando ele se sentou do meu lado no auditório da faculdade durante uma palestra, extremamente, entediante.

No final, eu e mais meia dúzia de outros alunos que não tinham aulas posteriores, resolvemos ir até um barzinho perto do campus. Coincidentemente, Heitor era amigo de Mirela, uma das meninas do grupinho e acabou indo junto.

Depois desse dia, nos encontramos mais duas vezes, até engatarmos um namoro. Para mim, tudo estava indo bem, quando, um ano depois, ele veio me contar que havia conhecido uma outra pessoa. Lembro que fui engolfada por uma mescla de emoções.

De cara, eu fiquei surpresa por não ter percebido nada, depois, veio a indignação e a raiva. Me senti tão traída e idiota, porque claro que devia haver sinais, mas a cegueta aqui não enxergou ou não quis enxergar. Então, veio a decepção e a dor, porque eu acreditava estar apaixonada por ele e que o meu sentimento era correspondido, só que eu não podia estar mais enganada.

O que me conforta é que meu pai nunca soube desse meu namoro e, por conseguinte, não se inteirou da humilhação que aquele babaca, miserável e traidor, me fez passar. Depois do episódio mais patético de toda a minha vida, eu decidi dar um tempo e para não pensar nele com sua nova namorada, porque lembrar era sofrer, me debrucei nos livros.

Me dediquei, exclusivamente, aos estudos, às atividades extra curriculares e até consegui adiantar o meu TCC. E foi assim, com a mente sempre ocupada, que eu passei por essa fase turbulenta e logrei manter a sanidade.

Baixo o olhar para as minhas mãos unidas no meu colo, notando que estão trêmulas e úmidas.

— Eu fico mais de oito meses sem transar e quando encontro uma pessoa interessante, que mexe comigo, passamos uma noite juntos e pah! Eu engravido. Meu nome do meio não devia ser Isis e, sim, azarada — falo, sem um pingo de ânimo.

Torcendo a boca, Adela apoia o queixo nas mãos e parece refletir um pouco.

— Pois é, amiga. Vocês usaram camisinha, mas sei lá, acidentes acontecem, elas furam, estouram e até vazam. É difícil de acontecer, mas não é impossível. Está escrito *98% de eficácia* nas embalagens, só que na prática, pode cair para oitenta por uma série de fatores que não vêm ao caso, agora. Como aconteceu ou deixou de acontecer, a estas alturas, já não importa mais — conclui com a expressão pesarosa.

Eu nem tenho como contradizer o que Adela acaba de explanar e deixo os ombros caírem em sinal de derrota.

— Com todo aquele tamanho, largura e ímpeto, eu não duvido nada que pode ter acontecido isso que você falou, mas eu acho que o Cruz perceberia e comentaria comigo na hora, a não ser que, por alguma razão, ele não tenha notado, o que eu acho difícil. Poxa amiga, era só para ser uma noite de diversão, sem nenhum envolvimento emocional e zero complicação — expresso, com a frustração me devorando viva.

CAPÍTULO 20

Pilar

Fecho os olhos e por um instante, tenho a ilusão que nada disso está acontecendo. Eu sempre fui a garota sensata e prática, a filha obediente e responsável, dedicada aos estudos e que colocava de lado tudo o que pudesse tirar o meu foco e me desviar do meu objetivo.

Quando eu me deparei com o Cruz e senti aquela coisa forte, de pele mesmo, eu meio que me rebelei e decidi que era o momento de deixar de ser tão previsível e seguir todas as regras, saí da minha zona de conforto e fui uma pessoa diferente.

Eu costumo ser criteriosa e escolho bem com quem vou para a cama, e nunca durmo com ninguém no primeiro encontro. Mas com o Cruz a coisa fugiu do controle, foi tudo tão intenso e envolvente que eu não pensei, coloquei o bom senso de lado e me deixei levar. Eu merecia um pouco de diversão e liberdade, ainda que fosse somente por algumas horas.

Era para ser só uma noite de sexo casual com um homem por quem eu senti uma atração física brutal. Nós fizemos sexo seguro, porra! Não era para eu ter engravidado! Um instante de impulsividade e, agora, vou ter que pagar o preço pela minha rebelião tardia.

Ao longe, escuto Adela falar comigo, trazendo-me de volta ao presente.

— Eu entendo que você se sinta frustrada e insegura. Se fosse comigo, eu não acho que agiria diferente. Mas o fato, Pilar, é que aconteceu, você engravidou, e não tem mais volta. Não dá para fugir dessa realidade.

Concordo com um gesto, ajeito o corpo, colo as costas no encosto do estofado, abraço os joelhos e puxo-os até perto do peito.

— Sabe, quando eu e o Cruz conversávamos no restaurante do hotel, eu desejei fazer algo que me possibilitasse sair da minha rotina e pensei que seria uma boa ideia me soltar um pouco, ser mais moderna e descolada. Foi por isso que no instante que ele disse — faço aspas no ar com os dedos — "sem nomes nem telefones", eu aceitei sem pestanejar. Dois estranhos na noite... Soava tão romântico! Era como uma aventura excitante para guardar na memória e recordar num futuro distante. Você mesma achou demais quando eu te contei, lembra?

Adela bate palmas e pula no seu assento.

— Como eu poderia esquecer? Você me chantageou! — exclama e aponta um dedo acusador para mim. — Eu precisei vir até aqui e implorar para você me contar sobre a noite cheia de sexo selvagem que os dois tiveram.

Não tem como não sorrir diante da sua indignação fingida.

— Eu segui os meus instintos, e não me arrependo de ter passado uma noite incrível ao lado de um homem sexy, atraente e misterioso como o Cruz. — Faço uma pausa e continuo: — Você me conhece, Adela, sabe que não sou uma louca por sexo, nem costumo agir por impulso.

Minha amiga balança a cabeça, assentindo.

— É verdade. Mas do jeito que você fala dele, esse Cruz deve ser um homem e tanto. Eu nunca te vi tão impressionada com uma pessoa como ficou com ele. E, no fim das contas, resultou que o cara está trabalhando para o seu pai. Essa é para dizer: que raio de mundo pequeno da porra!

Acho graça do seu jeito de falar, mas aceno em concordância.

— Nem me fale. Eu quase tive um troço quando me deparei com ele tomando uísque, tranquilamente, ao lado do meu pai.

— Imagino. Eu não tenho dúvida nenhuma de que foi um reencontro forjado pelo destino. Algo aqui dentro — ela toca o próprio peito — me diz que vocês estão predestinados a ficar juntos. E isso porque, dias antes daquela sua viagem, nós combinamos de descer para a praia com a turma, mas você disse que não ia mais, pois seu pai havia ligado pedindo para você ir no lugar dele àquela bendita exposição de gado.

— Pois é. Se não fosse por aquela ligação, nossas vidas não teriam se cruzado. Não durante a exposição, pelo menos. Com certeza nos veríamos, mas só quando eu voltasse para a fazenda, já que ele estava indo para lá.

— É por isso que eu te falo que foi a força do destino que uniu e reuniu vocês dois — insiste.

— Pelo visto, vou precisar dar o benefício da dúvida ao senhor destino — gracejo.

Animada, Adela ri e comenta:

— O que, para uma pessoa tão cética como você, já é um ótimo começo. — Rimos um pouco, mas logo um silêncio recai sobre nós.

Mentalmente, eu retomo o assunto da minha ida à Goiânia e lembro que, ao contrário do esperado, eu não fiquei tão chateada com a mudança repentina de planos orquestrada pelo meu pai, nem com a exposição em si. Fiquei chateada com ele por ter decidido, sem me dizer nada, que eu devia passar aquele fim de semana na companhia de Lorenzo Lobos. Papai sempre soube que os nossos santos não batiam, mas mesmo assim forçou uma situação desagradável, ao menos para mim.

Uma coisa puxa a outra e as imagens vívidas dos acontecimentos que culminaram no meu encontro com Cruz voltam à minha mente, embora eu já tenha perdido as contas de quantas vezes repassei tudo em detalhes.

Era minha última noite na cidade, e fiquei tão aliviada quando Lorenzo, o cara mais pedante e metido a besta da face da Terra – o homem é lindo, sou obrigada a reconhecer, mas é chato *pra* caralho –, disse-me que precisava fazer algumas ligações internacionais, e como os nossos voos estavam marcados para a manhã do dia seguinte, ele decidiu recolher-se mais cedo que o habitual.

Fiquei tão aliviada ao me ver livre daquele encosto que só pensei em aproveitar cada segundo daquelas horas de paz e sossego, as únicas que me restaram na cidade. Então, em vez de pedir o jantar ao serviço de quarto, eu decidi comer no restaurante do hotel.

A minha única intenção era me deliciar com um filé ao molho madeira e degustar um vinho de excelente safra enquanto eu apreciava a minha própria companhia. Mais ou menos uma hora e meia depois, eu já me preparava para voltar ao meu quarto, quando o vi e estaquei no lugar, pois o homem ganhou a minha total atenção no mesmo instante, e o resto é história.

Desde aquela noite, eu não consegui tirar o Cruz da cabeça, mesmo sabendo da improbabilidade de um reencontro. Enquanto eu ainda acreditava que nós não voltaríamos a nos ver nesta vida, cheguei a me perguntar quais seriam as chances de ele se lembrar de mim, porque, sem dúvida, um homem como aquele devia ter tido uma fila enorme de conquistas fáceis desde então.

Cruz foi um dínamo sexual na cama, impossível não me lembrar dele investindo severamente para dentro de mim, preenchendo todos os lugares,

e qualquer um com toda aquela energia e entusiasmo, somados ao conhecimento profundo dos pontos mais sensíveis do corpo de uma mulher, jamais poderia ser considerado um amador.

Céus! O que deu em mim? Eu não posso pensar nisso agora.

— Pilar?! Ei, Pilar?! — Adela me cutuca.

Piscando e soprando o ar com mais força para afastar as lágrimas, que insistem em brotar nos meus olhos, eu saio das minhas divagações.

— O que foi? — indago, com o coração comprimido.

— Aposto que você não ouviu nada do que eu disse nos últimos cinco minutos!

— Desculpa, eu me distraí. — Agoniada, levanto-me e começo a andar de um lado para o outro na sala do apartamento.

— Estava repassando tudo na sua cabeça, eu sei!

— Estava mesmo — confirmo quando paro. De olhos fechados, esfrego as têmporas com os dedos.

Solidária, Adela aproxima-se e pega minha mão.

— Vem, vamos nos sentar e tentar ser um pouco mais práticas. E deixar de lado o que poderia ou não ter sido. Agora, me diz, quando você pretende falar com o Cruz a respeito do bebê?

Esfrego o rosto com as mãos e, exausta, respiro fundo.

— Eu ainda não pensei nisso — respondo e finalmente me abro, contando do acidente e da perda de memória. — E não podemos esquecer que ele deixou bem claro que não queria nenhum tipo de envolvimento — acrescento.

Ouço a minha amiga exalar o ar, mas, de repente, sua expressão muda e se ilumina como se ela tivesse inventado a roda.

— Então está explicado! Ele perdeu a memória, portanto, não se lembra do encontro de vocês. Pilar, eu quero te ajudar, mas preciso reconhecer que a situação é bastante delicada — fala e cruza as mãos sobre o colo. — Sobre ele não querer nada sério com você, isso foi antes, quando nenhum dos dois contava com uma gravidez. Não é justo só você arcar com as consequências daquela noite — explana, nem um pouco tolerante.

— Eu sei que não é, mas como contar que espero um filho dele, quando Cruz perdeu parte da memória? É capaz de dizer que estou mentindo, que é invenção minha, ainda mais depois que eu o acusei de mentir para mim quando ele não me reconheceu.

Paro de falar e fico pensativa. Eu me pergunto: como posso esperar que ele confie em mim, quando eu não escondi que desconfio das suas intenções com relação à fazenda e ao meu pai? Qual será a sua reação quando descobrir que, naquela noite em Goiânia, nós geramos um filho? Imagino que nada boa.

Eu conto a verdade agora e corro o risco de ele rejeitar a mim e ao bebê. É possível que Cruz duvide da minha palavra, tanto por não recordar do que houve como por não querer amarras de nenhum tipo. E eu não penso ser capaz de suportar uma rejeição da parte dele neste momento. Preciso me fortalecer primeiro.

Talvez o melhor, pelo menos por ora, é não dizer nada. Chegar a essa conclusão me faz sentir um aperto enorme no peito, a vontade de chorar aumenta, e só com muito esforço eu me controlo.

Deus, eu preciso pensar.

Sento-me e olho para Adela, que enruga a testa, brinda-me com um olhar questionador e dispara:

— Você não está considerando ter essa criança sozinha, está?

Diante do seu questionamento exaltado, eu paro e penso nas alternativas. Já ouvi falar de pessoas que tomam remédios para induzir o aborto, um processo arriscado e doloroso, e no caso de não dar certo, a chance do bebê e da mãe ficarem com sequelas é bastante alta.

Eu tenho conhecimento da existência de clínicas não legalizadas, mas que são bem equipadas e fazem o procedimento de modo mais seguro, contudo, costumam cobrar um valor considerável e alto demais para uma jovem universitária que ainda depende financeiramente do papai. Sem falar que, possivelmente, é preciso sair do país, o que aumenta ainda mais os custos.

Há clínicas clandestinas e mais baratas, mas eu já ouvi cada história macabra sobre elas... Pacientes que morreram de hemorragia, infecções generalizadas, ou ficaram com problemas sérios e, muitas vezes, irreversíveis, como retirar o útero, por exemplo.

Como mulher, eu tenho o direito à autonomia do meu próprio corpo. Sou eu que devo decidir entre interromper ou levar adiante uma gravidez não planejada. Mas ainda que a situação ou o momento não sejam ideais, tenho algo muito importante a considerar: mesmo se eu não puder contar com o apoio do pai do meu bebê, mesmo ainda dependente do meu pai, se eu decidisse por não o ter, encontraria um meio, pois eu sei que não seria capaz de fazer um aborto.

Aquém dos riscos de sequelas físicas, eu não poderia conviver comigo mesma caso optasse por não ter esse bebê. Mais cedo ou mais tarde,

o arrependimento bateria na minha porta e eu sofreria demais com o remorso. E, com o passar do tempo, cada criança que cruzasse o meu caminho me faria imaginar que poderia ser a minha, aquela que eu não tive.

Eu não sou dona da verdade, nem sou juíza de nada, não posso julgar, criticar, muito menos condenar quem pensa diferente. Posso, sim, decidir o que considero ser o melhor para mim, e já tomei a minha decisão, fiz a minha escolha.

— É isso mesmo que estou pensando. Eu não só penso em tê-lo, assim como penso em criá-lo sozinha, se for preciso. — Movo a cabeça para reforçar o que digo.

Séria, mas com os olhos suaves, Adela se inclina na minha direção e me estende a mão, que eu aceito.

— Pilar, seu corpo, sua escolha! Eu te apoiaria fosse qual fosse a sua decisão. Sou sua amiga e estou do seu lado. Sabe que pode contar comigo para o que der e vier, não sabe? — Sem deixar de me olhar, Adela me puxa e me envolve em um abraço apertado, passando a força e o apoio que eu preciso.

— Eu sei que posso contar com você, mas é sempre bom ouvir — afirmo depois que nos afastamos, mas quando um pensamento cruza a minha mente, meu coração vai parar no estômago e minha expressão muda para profundamente preocupada.

— O que foi? Que cara é essa agora?

— Acabo de me lembrar de algo que terei que fazer e que me preocupa demais. — Paciente, minha amiga me espera continuar. — Como você sabe, eu vim morar nesta cidade com o único objetivo de concluir os

meus estudos, e a última coisa que eu esperava era voltar para a fazenda com um diploma e um bebê.

Adela arregala os olhos, e sua expressão atônita me deixa sem palavras.

— Ai, caramba! Você está falando do seu pai, não é?

Devagar, eu concordo com um aceno.

— Eu não sei como contar para o senhor Romero Flores que a filha dele está grávida e que o pai da criança é o novo gerente de pecuária da sua fazenda. E a cereja do bolo é o fato de Cruz não se lembrar de nada!

— Mesmo assim, eu acho que o pai do bebê deve ser o primeiro a saber.

— Estou de acordo, mas quando penso na possível reação dos dois, eu fico paralisada de medo — admito, sentindo-me sozinha e desamparada. — Seria um tantinho mais fácil se, pelo menos, o Cruz recuperasse a memória e se lembrasse de nós.

Com a expressão pensativa, Adela leva uma mão à orelha.

— Realmente não deve ser fácil receber uma notícia dessas... Eu falo isso mais pela situação: o bonitão desmemoriado e seu pai sendo como é.

Exalo o ar e tento controlar a emoção. Meus olhos seguem ardendo.

— Eu não sei se vou conseguir contar para ele sabendo o quanto ficará desapontado comigo. Quando penso na decepção que vou causar, até me sinto mal. Mas eu fui mulher para me deitar com o Cruz, serei mulher para assumir as consequências das minhas ações. Eu só preciso de um tempo para saber lidar com tudo isso.

— O melhor que você faz é manter a calma, porque só assim poderá raciocinar e colocar os pensamentos em ordem. — A súplica em seus olhos é explícita. — Sentir medo, insegurança e confusão diante do que você está passando é normal. Seu pai, sendo um homem conservador e com valores ultrapassados, poderá ficar chocado e desapontado no começo, mas eu acredito que quando o tempo passar e ele se acostumar com a ideia, não será capaz de dar as costas para a única filha.

Suas palavras de apoio amenizam um pouco a minha angústia, mas ainda estou sem chão. Um filho vai virar a minha vida de cabeça para baixo. Os projetos e planos que fiz para o futuro terão que ser postergados ou adaptados à minha nova realidade.

Não era para ser desse jeito. Jamais passou pela minha cabeça que eu me tornaria mãe solo. Sempre que eu pensava no assunto, acreditava que, quando engravidasse, o pai estaria ao meu lado e esperaríamos a chegada do nosso filho juntos, com alegria e ansiedade. Mas a vida, na maioria das vezes, não é como imaginamos ou planejamos.

— Torço muito para você estar certa, porque eu não sei o que será de mim e do meu filho se meu pai ficar tão bravo a ponto de me tirar o seu apoio. — Abalada, sinto o coração ficar miudinho só em pensar na possibilidade.

Adela se aproxima, emoldura meu rosto com as mãos e me faz fitá-la. Quando eu o faço, carinhosa, ela afaga meus cabelos e seca as lágrimas que, mesmo me esforçando muito para segurar, eu não consigo impedir de cair, banhando minhas faces.

— Pilar, olhe para mim e me escute com atenção. Toda vida é preciosa, e você está gerando uma. Isso, por si só, já é maravilhoso, e não importa sob qual circunstância ela foi concebida. Seu pai não vai fazer nada

do que você está pensando. Ele pode ser rígido, conservador e intransigente algumas vezes, como você mesma o descreveu para mim, mas aquele homem te ama e vai amar o seu filho também, afinal, trata-se do neto dele.

— Espero estar errada, mas não acredito que meu pai aceitará a minha gravidez numa boa.

— Isso... nós veremos. Quanto ao Cruz, a situação é um pouco complicada, mas mesmo não lembrando, ele tem o direito de saber que será pai. E quem sabe o bonitão não te surpreenda de maneira positiva? Eu sei que é imprevisível, porque não o conhecemos, mas você me disse que seu pai confia nele, isso deve valer de algo, não? Eu aposto que o Cruz não vai te decepcionar, mas, se isso acontecer, quem perde é ele.

Adela termina o seu discurso inflamado e me brinda com um sorriso doce enquanto segue me olhando nos olhos. A força de suas palavras causa um estranho efeito em mim, fazendo-me desejar ardentemente me contagiar com o otimismo impresso nelas. Reconheço o seu esforço em tentar elevar o meu ânimo, em querer me colocar para cima, e, para não a chatear, arrisco um sorriso fraco.

— Tomara que você tenha razão. Nos dois casos — termino por dizer.

Ela me olha por um instante e depois dá de ombros.

— Bom, não adianta nada ficar aqui imaginando. Você só saberá como ambos reagirão e o que dirão depois que contar para eles. Agora, você precisa pensar em começar a fazer o pré-natal — sentencia Adela, mudando abruptamente de assunto.

Minha amiga está certa. Estou sofrendo por antecipação, imaginando mil coisas que podem nem acontecer. Movo o pescoço para os lados para

aliviar um pouco a tensão acumulada. A situação é complicada, e eu tenho que me concentrar e controlar os meus nervos.

— Eu vou ligar para o consultório do doutor Gilberto e marcar uma consulta. Será que você poderia...?

Ela levanta uma mão, e eu fico com a palavra na boca.

— Nem precisa pedir. É claro que eu vou com você. E não sei se vai ser possível, mas, se for, eu quero muito ouvir o coraçãozinho do meu sobrinho ou sobrinha.

Ergo uma sobrancelha indagadora.

— Oi? Já se candidatou ao cargo de tia?

— Com certeza, e não aceitarei menos que isso! — afirma Adela, com a voz divertida.

— Está certo, titia. — Por um momento, eu me sinto mais leve com a decisão que tomei.

Conversamos mais um pouco, Adela se levanta, pega a bolsa e se despede.

— É uma pena, mas já deu a minha hora, preciso ir. Se eu pudesse, passaria mais tempo com você, mas marquei de encontrar a Nádia na biblioteca do campus amanhã cedinho. Temos prova de biologia e eu ainda preciso estudar a matéria. Caso você precise falar comigo, pode me chamar no *WhatsApp*.

— Combinado! — afirmo, mas não tenho a intenção de atrapalhar seus estudos.

Minha amiga me beija na bochecha e dá um passo para atrás com um sorriso no rosto, mas sua expressão fica séria quando emenda:

— Quando marcar a consulta, é só me enviar o dia e a hora por mensagem. E não precisa se preocupar com o horário, porque, mesmo que seja durante o meu expediente, eu peço saída antecipada no trabalho.

— Eu te passo assim que tiver, e agradeço por você ter ficado esse tempo todo aqui comigo, me ouvindo e me apoiando. — Nós nos abraçamos e, sem mais nada a acrescentar, Adela atravessa a sala e dirige-se para a porta, enquanto, pensativa, eu acompanho sua partida com os olhos.

CAPÍTULO 21

Pilar

Não é interessante como o que planejamos com todo o cuidado para a nossa vida pode dar errado? De uma hora para outra, vemos, com incredulidade, tudo aquilo que traçamos simplesmente mudar. Num primeiro momento, perdemos o chão e achamos que não seremos capazes de lidar com tudo aquilo, que é demais para aguentar.

Pensamos que o Universo está contra nós, então, surgem as dúvidas, os questionamentos, e procuramos por respostas que nos possibilitem entender os motivos de estarmos passando por situações tão difíceis e tormentosas. Mas, de repente, chega uma força poderosa, que não se sabe ao certo de onde vem, e nos diz que podemos alcançar até o que considerávamos ser impossível. Estou vivendo uma dessas situações neste exato momento, onde a minha vida parece ter virado de ponta-cabeça.

Inquieta, ando pela sala, sento, levanto e tento me concentrar, mas não está funcionando. Sou como um barco a vela perdido e sem rumo num mar imenso. Os pensamentos atropelam-se na minha cabeça, temo que meu cérebro possa explodir a qualquer instante.

— Nada de pânico — digo para o silêncio ao meu redor.

Uma gravidez não estava nos meus planos, e não será nada fácil seguir em frente sozinha, mas não é o fim do mundo. Não é como se eu não tivesse mais uma vida, um futuro, só vai ser diferente do que idealizei.

Entro no quarto e encaro minha imagem no espelho, aperto as mãos e inspiro fundo para afastar a vontade de chorar. Jogo-me na cama e repasso mentalmente as partes mais relevantes da conversa que acabei de ter com Adela.

Enquanto faço isso, acaricio minha barriga e quase não acredito que existe mesmo uma vida crescendo aqui dentro. Em circunstâncias normais, eu ficaria emocionada com a notícia de que serei mãe.

Droga, mas eu estou emocionada.

Cansada de tanto pensar, afundo a cabeça no travesseiro e pisco rápido para limpar uma lágrima intrusa. Inspiro o ar, tentando ignorar a gama de emoções que me toma enquanto encaro o teto.



Acordo sentindo um cansaço tão absoluto que nem parece que dormi. Meu corpo está pesado e dolorido, como se eu tivesse corrido uma maratona. Eu me lembro vagamente de ter tirado a roupa e, emocionalmente exausta, rolado para debaixo dos cobertores.

Olho para o relógio na mesinha ao lado da cama e vejo que já são mais de nove da manhã. Mesmo com os músculos implorando para eu me enrolar feito uma bola, obrigo-me a chutar as cobertas e levantar, pois preciso terminar uma dissertação para a aula de anatomia ainda hoje.

Porém, antes de começar, lembro que preciso marcar a consulta com o médico ginecologista que me acompanha desde que eu vim para cá. Os exames de farmácia não deixaram margem para dúvida, mesmo assim, eu preciso me consultar com um ginecologista e iniciar o pré-natal. Agora que o choque inicial está passando e começo a aceitar o fato que serei mãe de um bebezinho, eu quero muito saber se está tudo bem com ele.

Uma hora mais tarde, eu beberico o chá de camomila que preparei para tentar apaziguar, ao menos um pouco, a irritação no meu estômago depois de mais uma sessão sofrida de enjoo matinal, ligo para a clínica e consigo um encaixe na próxima sexta-feira. Quando desligo, agradeço

intimamente, afinal, o doutor Gilberto Prado é um profissional muito conceituado na área e, por conseguinte, bastante requisitado e com a agenda sempre cheia.

Com isso fora do caminho e sentindo-me mais tranquila, dou uma mordida na torrada doce e abro o notebook. Recentemente e por acaso eu descobri que elas me ajudam a controlar o meu enjoo. Vasculho a tela à procura do arquivo e, quando encontro, preciso lançar mão de todo o meu poder de concentração para deixar os problemas de lado e começar a digitar. Ainda bem que falta pouco para o curso terminar, e confesso que eu não vejo a hora desse dia chegar.

Meio-dia e eu ainda estou sentada na cama com as pernas cruzadas. Elevo os braços acima da cabeça, uno as mãos e estico o corpo para os lados, alongando os músculos tensos e doloridos. Decido dar um tempo na digitação.

É hora do almoço e meu estômago já começa a reclamar. Coloco o notebook de lado e pulo da cama. Dou uns pulinhos no lugar para ativar a circulação das pernas, que ficaram muito tempo imóveis. Decidida a preparar algo para comer, vou para a cozinha.

Gosto de cozinhar. Eu não sou nenhuma expert no assunto, mas sei me virar muito bem. Aprendi com duas cozinheiras que trabalharam na fazenda enquanto eu crescia.

Apesar de não estar com tanto apetite assim, estou ciente que não posso mais pular refeições. Com a gravidez, preciso me alimentar bem e melhor, incluindo alimentos mais saudáveis nas minhas refeições, mesmo enjoando e colocando quase tudo para fora depois.

Preparo um prato leve, torcendo para o meu estômago não rejeitar os alimentos escolhidos: salada verde, filezinho de frango grelhado, arroz branco e ervilhas refogadas.

Enquanto eu como, aboletada em uma banqueta do balcão, lembro-me do que tenho pela frente. Quando estou com a mente ocupada com algum outro assunto, eu consigo evitar, mas, agora, simplesmente não dá para não pensar.

Eu conheço o meu pai, e é por isso mesmo que tenho medo da sua reação. De cabeça quente, o senhor Romero Flores é capaz de exigir o meu retorno imediato, sem se importar com mais nada. E não duvido que ele faça isso, afinal, sou a filha única de um pai superprotetor e que acredita que o auge da minha vida será me casar e começar a gerar herdeiros. Se ele soubesse que já tem um a caminho...

Mas eu me esforcei demais e dei o meu melhor, dentro e fora da sala de aula, para agora deixar tudo para trás. Durante cinco anos, eu fui diligente, e me recuso a desistir quando faltam apenas algumas semanas para o fim. A atitude a tomar é evidente. Ocultar minha gravidez pode não ser a coisa mais certa a fazer, mas por uma questão de sobrevivência, precisará ser assim, ao menos por enquanto.

Vou mantê-la em segredo e pedirei para Adela fazer o mesmo. Eu não me iludo, sei que estou me acovardando ao postergar o inevitável, até porque, não dá para fugir dos problemas, pois eles sempre nos alcançam no final, ainda mais se tratando de uma gravidez. Logo a barriga vai crescer e todo mundo saberá que eu espero um bebê.

Abro a porta traseira do *HB20* que chamei por um aplicativo e desço para a calçada. Ergo o rosto para o prédio baixo e, com passadas rápidas e

ansiosas, vou na direção dele. Quando me aproximo, tenho um vislumbre do quanto o lugar é bonito, com uma arquitetura moderna e fachada toda espelhada. Nas laterais da passagem principal há um jardim pequeno, mas muito bem cuidado.

O dia está tão lindo e ensolarado que eu paro e furto um momento para usufruir do aroma e do colorido das flores. Com um breve sentimento de pesar, eu me afasto e volto para o caminho de pedras. Chego à entrada, o sensor de movimentos é acionado e as portas duplas de vidro se abrem automaticamente. Passo por elas e sou recebida pelo odor do desinfetante caro e do perfume ambiente característicos da *Clínica Prado & Rosenthal*.

Resoluta e com um breve sorriso, eu me dirijo à bancada da recepção.

— Olá, Jéssica. Tudo bem? — cumprimento a atendente da tarde. — Eu marquei uma consulta com o doutor Gilberto para as duas horas — falo, entregando a minha identidade e o cartão do convênio.

— Olá, Pilar. Tudo ótimo. Olha só, o doutor está finalizando uma consulta, mas não deve demorar — Jéssica avisa, esticando a mão para recebê-los. A seguir, olha para a tela do computador à sua frente e começa a digitar. Pouco depois, volta a falar: — Está tudo certinho. É só aguardar. Assim que a paciente deixar a sala do doutor Gilberto, eu te chamo — ela se compromete, e com um sorriso devolve os meus documentos.

— Obrigada — agradeço, retribuo o seu sorriso e guardo os documentos na bolsa. Giro o corpo e, afastando-me do balcão, localizo uma poltrona vazia.

Atravesso a sala de espera e me sento para amenizar um pouco a tensão. Passeio os olhos ao meu redor; tudo neste lugar, desde a decoração

aconchegante até as cores claras nos móveis e nas paredes, apresenta-se de forma muito limpa e agradável.

Discreta, observo um casal e imagino, pelo tamanho de sua barriga, que a mulher deve estar no último trimestre de gravidez. O rapaz está com um braço em torno dos ombros dela, e quando ele lhe sorri com extremo carinho, a garota ergue o rosto e retribui, enquanto uma das mãos movimenta-se lentamente sobre o ventre avantajado. A felicidade de vivenciarem, juntos, um momento tão especial estampa as suas feições.

Um nó se forma na minha garganta e sinto um aperto estranho no peito ante a visão de felicidade explícita, e não posso deixar de fantasiar comigo e o Cruz da mesma maneira. Enternece-me imaginá-lo reagindo com alegria ao saber que, dentro de alguns meses, vamos nos tornar pais de um menininho ou de uma menininha. *Que iludida. Talvez ele nem se importe.* Pensar assim dói um pouco.

Incomodada, desvio os olhos do casal. Ando tão sensível ultimamente que, se começar a remoer o que passou e a situação em que me encontro, posso cair no choro aqui mesmo. Preciso ocupar a mente com outra coisa. Urgente.

Agradeço intimamente quando ouço meu celular vibrar, avisando que entrou uma mensagem. Mordisco o lábio, abro o aplicativo e leio o texto de Adela. Ela avisa que já chegou e que está estacionando o carro em uma das vagas da clínica. Respondo a mensagem, guardo o aparelho e procuro relaxar.

Cerro as pálpebras, colo as costas no encosto da poltrona confortável e estico o pescoço, inclinando levemente a cabeça para trás. Volto a abrir os olhos e aprumo o corpo quando ouço a porta da frente se abrir. Sorrio

quando vejo Adela passar por ela, varrer a sala com o olhar e vir ao meu encontro.

— Nossa, pensei que não ia conseguir chegar a tempo! — exclama, esbaforida. — Perdão pelo atraso, amiga. O abusado do meu chefe enrolou para me passar um relatório que ele precisava que eu devolvesse ainda hoje. Por isso, acabei saindo em cima da hora — explica com um ar de desculpas. Girando o pescoço, ela localiza uma poltrona vazia ao meu lado.

Lanço um olhar tranquilizador em sua direção e falo:

— Pode relaxar, você não está atrasada. Eu ainda estou esperando ser chamada. É tão bom ter você aqui. Obrigada por ter vindo. — Tento sorrir, mas a tensão me impede.

Adela coloca a mão sobre a minha e dá um ligeiro aperto.

— Eu não perderia esse momento por nada nesse mundo! Já disse e repito, vou estar do seu lado sempre e quando você precisar. Desde o começo que você é mais que uma amiga para mim. É a irmã que eu não tive, mas que a vida me deu de presente.

Ouvi-la falar desse jeito, com esse brilho nos olhos e a sinceridade no rosto, deixa-me tão emocionada que sinto lágrimas chegarem aos meus olhos.

Nossa, eu ando sensível demais!, constato mais uma vez, mordo o lábio inferior e me afasto antes de desabar.

Adela foi uma pessoa muito importante durante a minha adaptação à vida na cidade grande, e sei que sem ela não teria sido a mesma coisa. Abro a boca para dizer que a considero mais que uma amiga, mas sou impedida pela voz da recepcionista chamando o meu nome.

— Pilar, o doutor vai vê-la agora. Ele está atendendo na sala cinco. Seguindo pelo corredor, é a terceira porta à direita.

Balanço a cabeça, respiro fundo para me recompor, levanto-me e abro um breve sorriso quando passo por ela. De canto de olho, vejo Adela me seguindo. Chegamos à sala, e, com a mão em punho, dou duas batidinhas na madeira pintada de um tom cinza-claro.

— Pode entrar! — o médico autoriza. Eu giro a maçaneta, empurro a porta e adentramos o consultório. Somos recebidas com simpatia. Após as saudações de praxe, somos convidadas a nos sentar.

A seguir, o doutor Gilberto me faz uma série de perguntas, e vai anotando no seu notebook cada uma das minhas respostas. Quando se dá por satisfeito, ele me avisa que vai precisar de outras informações e sou instruída a deixar a sala na companhia de Amélia, sua assistente. Logo, estamos entrando, as três, numa salinha anexa ao consultório.

Passo o olho ao redor e registro mentalmente a existência do armário de duas portas e da mesa pequena. Nela, há um aparelho para medir a pressão arterial, e no canto oposto fica a balança digital. Tiro os sapatos, subo, e Amélia anota o meu peso. Na sequência, afere a minha pressão e digita o resultado no tablet que segura com a mão livre. Só então retornamos para o consultório do médico.

— Eu enviei os resultados para o senhor — Amélia avisa. O doutor Gilberto agradece e a assistente fecha a porta atrás de si sem fazer ruído.

Doutor Prado volta sua atenção para o aparelho eletrônico e fixa o olhar na tela por alguns instantes. Quando termina, levanta-se, dá a volta na mesa, esfrega as mãos uma na outra e fala:

— Está tudo certo! Agora, vamos fazer um ultrassom transvaginal para saber se o desenvolvimento do bebê está dentro do esperado, levando-se em conta o tempo de gestação — diz e indica a maca encostada na parede. Com a ajuda de uma escadinha de dois degraus, eu subo na maca. Fico em posição ginecológica, deitada com as pernas afastadas e os joelhos levemente dobrados.

O médico então começa a explicar cada passo do que está fazendo. Um transdutor com preservativo e lubrificante é inserido em mim, para facilitar a passagem no equipamento que poderá se mover para obter as melhores imagens. A seguir, ele esclarece que o instrumento utilizado emitirá ondas sonoras de alta frequência que possibilitarão a formação das imagens que serão enviadas para um monitor a fim de serem avaliadas.

— Pronta para saber como está seu bebê? — pergunta e eu quase explodo por conta da expectativa. Estou tão ansiosa que mal consigo respirar, muito menos falar. Tudo o que posso fazer é responder com um aceno.

Enquanto ele realiza o exame e avalia as imagens, eu me viro e dou de cara com Adela de pé ao meu lado. Minha amiga tem um sorriso radiante no rosto, e seu olhar atento e maravilhado está fixo na tela do aparelho. Quando percebe que eu a estou olhando, ela dá uns pulinhos, parecendo mais ansiosa que eu. Contente por tê-la aqui, vivenciando o momento comigo, procuro por sua mão e aperto-a na minha. E sorrimos juntas ao ouvirmos o som alto de um coraçãozinho batendo forte.

— Você está com sete semanas de gestação, e tudo indica que o seu bebê está indo muito bem. — Doutor Gilberto sorri e eu retribuo.

Pisco, pois meus olhos embaçam quando olho para o pontinho minúsculo pulsando no monitor. Tão vivo e tão real que um desejo incontrolável de cuidar e proteger esse pequeno ser me envolve e uma imensa ternura aquece o meu peito. É como se, só de olhar para ele, tivesse despertado em mim um instinto maternal que eu nem imaginava que possuía.

Finalizada a consulta, deixamos da clínica. O dia ainda está quente quando Adela dirige o seu *Gol* vermelho, comigo sentada ao seu lado. Apalpo a bolsa no local onde guardei a cópia do DVD do exame que o médico me entregou para eu poder ouvir o coraçãozinho do meu pequeno sempre que sentir vontade. E, quem sabe um dia, eu e o Cruz vamos poder assisti-lo juntos. Afinal, sonhar não é proibido e não custa nada.

Adela estaciona o carro na minha vaga e entramos no apartamento. Enquanto minha amiga se joga no sofá, pega o controle remoto e começa a zapear pelos canais da televisão, acalorada, eu sigo direto para a cozinha. Coloco a bolsa em cima do balcão e, enquanto me refresco e mato a sede tomando um copo de água geladinha, pouso a mão livre sobre o meu ventre de modo protetor.

A breve intimidade entre mim e Cruz resultou em uma consequência duradoura, e por causa disso eu não posso me limitar ao passado. Agora, eu preciso me concentrar no presente, ainda mais quando o meu retorno está tão próximo. Se tudo correr como esperado, em breve estarei voltando, de mala e cuia, para o lugar ao qual pertenço.

CAPÍTULO 22

Pilar

Um mês depois

Entro pela última vez no meu apartamento. De manhã, eu despachei para São Miguel, por uma transportadora, todos os meus livros e alguns pertences pessoais que eu não quis me desfazer. Os poucos móveis que eu tinha, vendi para uma loja de usados. As plantas, enviei para a casa de Adela. Os itens de cozinha e de cama, eu doei para as meninas da república.

Estou voltando de uma festinha de despedida organizada pela minha melhor amiga, numa das baladas mais famosas da região. No total, compareceram quinze pessoas, todas colegas da faculdade.
Embora eu não seja muito sociável, até que foi bem legal, só no final da noite que bateu uma nostalgia, afinal, eu convivi com quase todos por cinco anos. Durante algumas horas, eu coloquei os problemas de lado e fiz um esforço para me divertir, desanuviar a cabeça, e o bom é que consegui.

Largo as minhas coisas sobre o sofá, cruzo a sala vazia e sigo para o banheiro. Momentos depois, já sob o chuveiro, penso que eu poderia ficar horas sentindo a água morna e relaxante banhando o meu corpo. Esfrego o sabonete na curva crescente do meu ventre, paro e deixo a minha mão ali, de modo terno e protetor. Quando termino, eu me enrolo em uma toalha gigante e macia, pego outra um pouco menor e seco os cabelos, esfregando os fios com movimentos vigorosos.

Adentro o quarto e, retirando a toalha do corpo, olho para a imagem no espelho e passo a mão pela pequena saliência na minha barriga, logo abaixo do umbigo. Será que já pareço grávida? Será que alguém associaria a minha cintura levemente mais grossa a um bebê, caso não saiba a verdade? Prestes

a completar três meses de gestação, minha figura naturalmente esguia permite que eu disfarce a leve protuberância com camisas e vestidos larguinhos. Penso em como será meu bebê, com quem ele se parecerá, comigo ou com o Cruz.

Suspiro ao lembrar que hoje faz exatamente um mês que o meu mundo inteiro mudou. Nesse tempo, eu assimilei e aprendi a lidar melhor com a minha gravidez, terminei a faculdade, participei da colação de grau e, mesmo sem muita vontade, até compareci ao baile de formatura. Convalescente, papai foi desaconselhado pelo médico a voar, por isso não pôde vir, mas nos falamos por vídeo e pedi para um amigo filmar o momento que eu recebi o canudo, assim ele pôde acompanhar ao vivo o meu triunfo.

Meu pai não ter vindo causou sentimentos ambíguos e conflitantes dentro de mim. Ao mesmo tempo que eu queria muito que ele estivesse presente em um dos momentos mais importantes da minha vida, eu receava que ele pudesse desconfiar de que estou esperando um filho caso me pegasse passando mal em algum momento, porque seria muito complicado disfarçar os meus mal-estares o tempo todo. Eu sei que aquele medo todo era coisa da minha cabeça, pois ainda não há evidências físicas aparentes da minha gravidez.

Não faz muito tempo, o que eu mais queria era me formar, voltar para a fazenda e me envolver no trato com os animais, colocando em prática o que aprendi. Mas, agora, eu já não tenho a mesma pressa, porque terei que encarar papai e Cruz. Posterguei o momento o quanto pude, mas sempre tendo em mente que era algo momentâneo, pois nunca houve outra opção a não ser voltar para casa, o que farei amanhã cedinho, já que tenho um lugar reservado no voo das oito e trinta e cinco com destino a Goiânia.

O motorista do Uber me deixa na entrada do Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos. Agradeço a sua ajuda em retirar a minha bagagem do porta-malas e colocá-la em um carrinho. Então, eu me viro e, empurrando-o, adentro o saguão, com a intenção de fazer o check-in, mas a meio caminho da fila, e para minha surpresa, vejo Adela acenar de modo frenético, vindo até mim.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto assim que ela chega.

Adela abre os braços.

— Não é óbvio? Eu vim me despedir da minha melhor amiga! — exclama, brindando-me com um sorriso caloroso e a usual simpatia nos belos olhos azuis.

— Eu sei disso, mas é que nós já nos despedimos ontem, na saída da boate. Passava das três da manhã quando fomos embora, então, para estar aqui a essa hora, você não dormiu quase nada! — pontuo, e Adela encolhe os ombros.

— Resolvi vir de última hora. E, Pilar, você esqueceu que hoje é sábado? Eu posso dormir o dia todo, se quiser.

— Você tem razão. Eu esqueci. Sendo assim, que bom que veio!

— Não há de quê! — Adela sorri e nós nos abraçamos. Mais tarde, ela está ao meu lado enquanto eu faço o check-in e despacho as malas.

Como marquei meu voo para hoje cedo, deixei o apartamento decidida a tomar o café da manhã por aqui mesmo, então, nós vamos para a praça de alimentação. Na lanchonete escolhida, por conta do meu enjoo, peço chá de camomila e duas torradas doces, enquanto Adela opta por capuccino com bastante creme e uma dúzia de mini pães de queijo.

Enquanto comemos, falamos amenidades. De repente, eu decido fazer o convite:

— Eu quero que você venha me visitar no próximo feriado prolongando. Ou, melhor ainda, reserve alguns dias das suas férias, antes de começar no seu novo emprego, para conhecer a *Dourado Flores*!

Minha amiga engasga e, vermelha, toma um gole de capuccino para ajudar o último pedacinho do pão de queijo a descer.

— É sério mesmo? — indaga, sem esconder sua surpresa.

— Até parece que eu nunca te chamei para conhecer a fazenda nesses anos todos. Você não foi porque não quis.

Adela bufa e faz uma careta.

— Eu não fui porque não tive tempo. Não seja injusta, Pilar. Obrigada, eu vou amar conhecer a fazenda! — Seus olhos brilham. — E o seu pai também. Ah, não posso me esquecer do Santino Cruz, naturalmente — emenda e me lança um olhar bastante sugestivo.

— Naturalmente. — Meu entusiasmo arrefece um pouquinho e ela percebe.

— Desculpa, amiga, eu não quis te deixar triste. Mas, vai por mim, até eu chegar lá, vocês dois já terão se acertado. — Aceno e sorrio, sem querer contradizê-la.

Terminamos de comer e, como ainda temos um tempinho livre, decidimos dar uma volta. Olhamos algumas vitrines, mas não compramos nada. Faltando poucos minutos para o meu voo, retornamos ao saguão à procura de um local onde podemos nos sentar e esperar, mas perto da área de embarque.

CAPÍTULO 23

Cruz

O pinotear alegre dos potros, seguido do ruído abafado de cascos e o resfolegar dos cavalos, normalmente traz um sorriso ao meu rosto, mas não é o que acontece neste momento, em que, apoiado na cerca do curral, tomo café numa velha caneca de alumínio e observo o garanhão e a dupla de potrinhos Puros-sangues circulando pela arena com as crinas agitadas pela brisa.

Anos atrás, eu possuí um desses, mas me vi obrigado a vendê-lo para poder colocar em dia as parcelas atrasadas da hipoteca e os impostos da propriedade. Foi dolorido e arrasador, um momento de tristeza dentre outros tantos.

Bebo outro gole do café, que se tornou tão amargo e frio quanto eu me sinto. Contraio o rosto numa careta, jogo o resto no chão, coloco a caneca no mourão da cerca e penso na noite que passei com Pilar. Quando senti o meu autocontrole enfraquecer gota a gota e eu perdi a cabeça.

Ela estava irresistível, com a respiração ofegante, os lábios roçando os meus e me olhando dentro dos olhos, parecendo ansiar, como eu, por uma noite de sexo desenfreado. Porra, como é torturante recordar que eu meti nas profundezas molhadas do seu corpo com toda a vontade que eu tinha!

Pilar estava deliciosa, macia, flexível e aberta na minha cama, gozando e chamando o meu nome sem parar. Fico excitado só de fantasiar com aquela boca gostosa, mas que Pilar acabou deixando de fazer um uso mais apropriado dela. Penso no seu calor apertando em torno de mim e respiro fundo para apaziguar meu corpo aceso apenas por recordá-la.

Desvio os pensamentos para a viagem que fizemos e que se revelou providencial. Durante o dia, eu conseguia me concentrar no trabalho, mas quando eu me deitava, as imagens dela, da outra noite, quando fizemos sexo, preenchiam a minha mente, não me deixando relaxar. E isso não me convém, pois em vez de provar o meu valor ao Romero, estou pensando na filha dele.

Pilar tornou-se uma ideia fixa na minha cabeça, dessas que não vão embora de jeito nenhum. Não importa o quanto eu queira me ver livre dela, o quanto eu me esforce para ocupar a mente e me distrair com outras coisas. Ela sempre está lá. Grudada no meu cérebro feito supercola.

Na tarde do dia que voltei de viagem, a qual correu muito bem, eu soube pelo próprio Romero que a filha havia regressado a São Paulo. A primeira sensação que eu tive foi de alívio, por isso não entendi por que fiquei tão decepcionado, pois sei que aquela noite não deveria ter acontecido. E eu não sou tão egocêntrico a ponto de achar que a encontraria sentada, à minha espera.

Que bobagem, Santino! Pilar tem a vida dela lá, enquanto a sua está aqui, nesta fazenda, e ponto final! Quanto mais cedo você se convencer, será melhor, censurei-me na época, sentindo o coração cair e parar no estômago.

Talvez eu tenha desejado olhar para ela quando chegasse, só para saber se a sua visão aplacaria o fogo que queima dentro de mim. De alguma maneira, eu me tornei um prisioneiro de sua presença. Se, como dizem, todo homem tem uma fraqueza, aquela mulher tem sido a minha.

Apenas uma dose e tornei-me um viciado na maciez daquele corpo, e cada gesto dela me tocava como uma carícia suave e desejada. Os sentimentos que Pilar desperta em mim me deixam apavorado, porque há

muito tempo eu não me sentia assim. Para apaziguar o meu corpo e essa inquietude estranha em meu peito, forço-me a trazer à tona a lembrança de uma promessa que eu me fiz há muito tempo.

Eu jurei que nunca mais permitiria que outra mulher entrasse e fizesse morada no meu coração. A maior lição da minha vida foi: não ame ninguém. Aprendi da pior maneira que o amor nos torna fracos, vulneráveis e fáceis de atingir, por isso, jurei me manter sempre afastado de relacionamentos amorosos, eu só não imaginava que o meu caminho fosse cruzar com o da bela e sedutora Pilar Dourado Flores.

Corro a mão pelos cabelos, decepcionado por fraquejar, por sequer pensar em quebrar meu juramento.

— Esses são uns exemplares danados de bonitos.

Eu me viro e dou de cara com Antero a poucos metros, encostado no curral.

— De fato. Eles têm uma ótima linhagem — respondo.

— Mas não foi fácil comprá-los. Na verdade, foi muito difícil. O patrão precisou ser muito convincente — o vaqueiro conta, e eu aceno gravemente com a cabeça. O som forte e característico de um helicóptero se aproximando nos interrompe.

Antero e eu olhamos ao mesmo tempo na direção do aparelho negro, imenso e imponente, pousando num descampado não muito longe de onde estamos. Eu não sou do tipo curioso, ainda assim, pergunto-me quem estará chegando nele.

CAPÍTULO 24

Pilar

Ainda bem que estamos quase chegando.

O helicóptero sobrevoa os prédios da fazenda e, embora não tenha ocorrido nenhum transtorno durante os dois voos, para mim, essa viagem pareceu interminável. Mas agora finalmente estou em casa.

Senti tanta falta deste lugar que olho para todos os lados com um sorriso pregado no rosto, admirando a tarde ensolarada e quente, um clima muito diferente da névoa fria que deixei para trás.

Cansada e nauseada, eu não vejo a hora de sentir meus pés tocarem terra firme outra vez, por isso observo, ansiosa, o comandante Renato Campos pousar a aeronave com habilidade.

— Alguém virá pegar minha bagagem — grito para me fazer ouvir acima dos sons das hélices, agradeço pelo voo e o parabenizo pela perfeita aterrisagem. Simpático, ele sorri e acena com a cabeça. Eu abro a portinhola e desço.

Com o corpo inclinado para baixo, dou uma corridinha e me afasto do aparelho. Quando estou a uma distância segura, fico ereta e pego o caminho para o casarão. Subo as escadarias da frente e, levemente ofegante, adentro a sala de visitas. Está vazia, mas não demora para a governanta aparecer, provavelmente por ouvir meus passos no assoalho de madeira.

— Olá, Vilma! — cumprimento-a.

— Olá, Pilar! Seu pai está no quarto descansando — ela conta e me brinda com um sorriso caloroso.

— Como ele está indo?

— Você sabe como seu pai é, resiste um pouco, reclama muito, mas tem seguido as instruções do médico — assegura a governanta.

— É tão bom ouvir isso, eu me sinto aliviada — afirmo. — Eu estava apreensiva e preocupada.

— Eu entendo. Se quiser, pode ir vê-lo. Eu peço para um dos rapazes subir com as suas malas e mostro onde deixá-las.

— Sim, eu quero. Obrigada, Vilma. — Sorrio em agradecimento e corro escadaria acima. Encontro a porta do quarto fechada. Bato uma vez e escuto uma voz masculina me dando permissão para entrar. Adentro e vejo meu pai deitado na cama, totalmente vestido.

— Pilar! — Ele sorri. — Ouvi as pás do helicóptero e imaginei que fosse você.

Papai não faz nenhuma menção de se levantar quando eu me aproximo.

— Olá, pai. — Em um impulso, eu me inclino para frente e beijo a sua face. — Como vai?

— Estou bem, filha. Desculpe não ter ido recebê-la, mas me disseram que preciso descansar. — Papai dá uma palmadinha na mão que eu apoio em seu braço. — Mas quero saber de você, como está se sentindo?

Olho para ele e noto que, desde a minha volta a São Paulo, perdeu peso, e embora ainda esteja fisicamente em forma, sua cor não é muito boa. Os músculos da minha garganta se apertam ao ver como a doença desgastou o homem forte e vigoroso do passado. Entretanto, seus olhos, aguçados como sempre, examinam-me com atenção.

— Eu me sinto bem — minto. — E, como disse, eu vim para ficar. De agora em diante, vou cuidar do senhor! — afirmo alegremente, mas, por dentro, imploro para que ele não faça objeções.

— Acho que eu não tenho muita escolha, não é mesmo? — papai comenta com ar indulgente. — Eu já lhe disse ultimamente que é a melhor filha que um homem pode ter? — declara com voz meiga e afetuosa.

A culpa retorce em meu peito, mas eu me apresso em afastá-la.

— Não ultimamente — admito. — Mas pode me dizer depois de descansar um pouco mais. Eu preciso desfazer as malas, depois pensei em dar uma volta, rever alguns dos meus cantinhos na fazenda.

Papai assente.

— Vejo você perto da hora do jantar.

Deixo seu quarto, fecho a porta, e meu sorriso desaparece. Caminho devagar para o meu quarto. Olho para as paredes; a decoração, os móveis, tudo aqui é tão familiar que eu tenho uma sensação gostosa de conforto, proteção e segurança. Desfaço as malas e rapidamente guardo as roupas no armário. Visto um par de jeans azul-claro, uma blusinha branca com estampa floral, e calço o meu velho par de botas de cano curto, ansiosa para reexplorar a fazenda e retomar a minha antiga vida.

Quando fico em pé, fecho os olhos por um momento, pois minha cabeça gira e eu pressinto a chegada de uma nova crise. Volto a me sentar, apoio a testa nas mãos e respiro fundo. Sei que os primeiros meses são assim mesmo, sensibilidade elevada ao nível máximo, hormônios totalmente malucos, fadiga e enjoos, mas confesso que não vejo a hora dessa fase de ajustes passar.

— Pilar? O que foi? Não está se sentindo bem? — Vilma pergunta, e ouço o som de passos aproximando-se de mim.

Droga! Eu não fechei a maldita porta!

— Está tudo bem, Vilma — respondo, tentando disfarçar meu mal-estar, mas é claro que eu falho vergonhosamente. Sinto as costas de sua mão em minha testa.

— Está gelada! Minha querida, eu preciso discordar, porque você não parece nada bem!

Foco o meu olhar nela, mas tudo o que consigo enxergar é um vulto cheio de pontinhos brancos, como minúsculas estrelas piscantes. Dou um sorriso fraco.

— Eu só estou um pouco cansada. Foi um longo voo. — Mal termino de falar e sou acometida por uma onda de náusea.

Sem tempo para pensar, cubro a boca e corro para o banheiro, onde fico até tirar os bofes para fora. Quando volto, eu me jogo na cama, sentindo minhas pernas moles, e sei que estou pálida feito um fantasma. Olho para Vilma, que me fita como se já soubesse que oculto algo dela.

— Eu sei o que eu disse, mas é que... — tendo me explicar, contudo, ante o seu olhar de censura, eu me calo.

— Eu não engoli aquela sua resposta, mas deixei passar, porque eu podia estar errada. Mas, agora, acontece o mesmo e você quer me fazer acreditar que é uma consequência do cansaço. Minha querida, me conta o que está havendo!

Deixo os ombros caírem em sinal de derrota. Não faz sentido continuar mentindo, já que Vilma matou a charada.

— Está bem. Você está certa. — Hesito por um segundo, mas confirmo: — Sim, tem algo muito especial acontecendo comigo.

Vilma arregala os olhos e franze a testa.

— Você está grávida, certo? — deduz. Quando aceno que sim, primeiro vejo susto estampando o seu rosto, mas, a seguir, suas feições se iluminam. — É do Lorenzo Lobos?

Franzo as sobrancelhas ante o seu questionamento.

— Vilma, de onde você tirou que o bebê que eu espero pode ser dele?

Sem graça, a governanta evita olhar diretamente para mim.

— É que seu pai faz tanto gosto que vocês dois namorem... que foi meio que automático pensar nele — responde, e seu olhar se torna sonhador. — O senhor Romero vai ficar tão contente quando souber que você e o filho do amigo dele se acertaram e que até já encomendaram um bebê! — exclama, eufórica.

Mais que depressa, eu me levanto e coloco a mão em sua boca, fazendo-a se calar.

— Você está errada nessa sua conclusão! E, pelo amor de Deus, fala baixo! Papai pode nos ouvir — sussurro e corro para fechar a porta, esquecida entreaberta. — Eu vou contar, mas no momento certo — acrescento quando volto a me sentar na cama.

— Como assim você só vai contar no momento certo? — Vilma coloca a mão no peito. — Seu pai precisa saber logo! Além disso, você não vai poder esconder a gravidez por muito tempo, a barriga vai crescer, Pilar — diz o óbvio.

Engulo a frustração e belisco a ponta do nariz, tentando manter a calma.

— Eu sei, e é claro que vou contar! Mas prometa que não vai falar nada disso com ninguém! Meu pai saberá, mas somente por mim. — Lanço a ela um olhar de advertência.

Vilma arregala os olhos, por certo estranhando o meu pedido, mas assente e corre dois dedos unidos pelos lábios fechados, fazendo aquele gesto de fechar um zíper. Em silêncio, ela pega a pequena pilha de toalhas dobradas, que, na pressa, acabou colocando em cima da cômoda, e sai do quarto.

Sozinha com meus pensamentos, decido terminar a arrumação das minhas coisas uma outra hora e, desesperada por um pouco de ar fresco, resolvo sair e dar uma volta. Do lado de fora, pego o caminho para os estábulos. Quando chego, entro e vou até as cocheiras. Paro na baia com o nome *Baruc* entalhado numa placa de madeira, abro a porteira e, com passos leves, aproximo-me dele.

— Ei, garoto?! Sou eu, Pilar. — O animal move as orelhas quando escuta a minha voz. — Sabia que eu senti demais a sua falta? Espero que você tenha sentido a minha.

Para não o assustar, mantenho meu tom de voz sempre baixo e controlado. Toco na lateral de sua cabeça e desço para as bochechas, porque sei que é o seu lugar favorito para receber carinho. Sigo falando com ele em tom suave, acariciando o pelo liso e reluzente.

Baruc relincha, sacode a cabeça e arreganha os dentes, provando que me reconheceu. Fico contente em saber que ele não me esqueceu, e, sem querer, invoco a imagem dele. Cruz. Em vão, tento bloquear as memórias

marcadas a ferro e fogo em meu cérebro. Eu não nego que há uma grande chance de toparmos um com o outro a qualquer momento. Balanço a cabeça e volto minha atenção para o belo garanhão à minha frente.

— Que tal darmos uma volta para esticar as canelas? — Levo-o para fora, enrolo a guia em um tronco fino sob a sombra de uma árvore, e volto para buscar a manta e a sela. Deixo-as encostadas na parede.

Talvez, só talvez, mais tarde eu possa montá-lo um pouquinho, penso enquanto cruzo o quintal na direção do redondel. O médico não proibiu enfaticamente, mas me desaconselhou a cavalgar, porque sempre existe a possibilidade de o impacto prejudicar a gravidez. Mas ele não disse nada quanto a exercitá-los. Sempre que estou longe, sinto muita falta de ser tomada pela sensação de estar próxima dos cavalos.

Pensar nisso me traz a mais bela lembrança da minha primeira égua, causando-me um aperto no peito e uma vaga sensação de tristeza. Sorrio, nostálgica, porque desde pequena desejei ter um cavalo, mas só quando fiz sete anos papai me presenteou com uma égua castanha, de olhar dócil e temperamento tranquilo. Seu nome era Pandora, e desde o primeiro dia nós nos tornamos inseparáveis.

Ela foi essencial durante toda a minha infância e parte da minha adolescência, uma companheira de brincadeiras e confidente de todos os meus segredos. Não que eu não tivesse amigas na escola, mas o fato de viver nesta região isolada, sem muitos vizinhos por perto, levou-me a apoiar-me no companheirismo e na amizade da minha égua. Pandora morreu uma semana depois do meu aniversário de quinze anos e partiu meu coração.

Repentinamente, um som estridente de buzina, seguido do barulho forte de uma freada brusca, assusta Baruc. Amedrontado, o cavalo relincha,

empina o tronco poderoso para cima, apoiando-se nas patas traseiras, enquanto agita as dianteiras freneticamente no ar. Imediatamente, agarro as rédeas com mais força e faço sons com a boca para acalmá-lo.

— Ooooh, ooooh! Ooooaaa! Sossega! Baruc?! Calma, garoto!

Baruc não se detém, e eu grito quando a força e a rapidez dos seus pinotes me obrigam a soltar as rédeas. Arfo quando um pinote mais furioso me faz perder o equilíbrio e, com um baque surdo, bato as costas contra o chão duro. Sugo o ar aos montões, pois o impacto me roubou o fôlego.

Apuro os ouvidos e escuto o som característico de cascos batendo contra o solo. Planto os cotovelos no chão e elevo o tronco, com a adrenalina atravessando o meu corpo. Sinto-me tão atordoada que acho que estou vendo duplo. Forço a vista até localizar Baruc, parado a poucos metros de distância, e fico aliviada por ele não ter se machucado.

Outra vez, o ruído dos cascos ecoa pelo ar, e sei que estão perto. Com a respiração normalizada, fecho os olhos por um momento. E, quando faço menção de me levantar, mãos masculinas e morenas se materializam bem na minha frente. Uma delas toca o meu ombro, empurrando-o gentilmente para baixo e me fazendo deitar de novo. O toque dele é impessoal, como o de um médico, enquanto procura por um machucado ou osso quebrado.

Minha visão ainda está fora de foco, por isso eu só consigo ver que se trata de um homem alto, forte e musculoso com um *Stetson* enterrado na cabeça.

Deve ser um dos empregados da fazenda, que me viu lutar para controlar Baruc e veio correndo saber o que aconteceu, deduzo.

Mas, então, eu ouço uma voz viril e quente, fazendo a batida acelerada e familiar em meu peito retumbar nos meus ouvidos, porque eu a reconheço.

— Por favor, não se mexa. — O timbre forte e impactante reverbera em minhas entranhas e me faz obedecê-lo quase instantaneamente. — Parece que nenhum osso foi quebrado. E não há ferimentos aparentes. — Concentrado no que está fazendo, eu não vejo o seu rosto, assim como ele não vê o meu. — Acho que não passou de um susto. Está com sorte, senhorita.

Graças a Deus!

Olho para ele e respiro aliviada, mas estremeço quando penso que eu podia ter perdido o nosso filho e sinto-me culpada por ter sido tão imprudente.

Calma, calma. Eu estou bem. O bebê está bem.

Não aconteceu nada. Nem comigo, nem com ele, tranquilizo-me.

Além do mais, eu não tinha como prever que Baruc se assustaria tanto com uma buzina e uma brecada, a ponto de me atirar no chão. Isso nunca aconteceu antes, e eu lido com cavalos desde menina.

Com a vista quase recuperada, posso ver que Cruz está na minha frente, apoiado em um joelho. Foco no rosto, parcialmente encoberto pela aba do chapéu, e engulo em seco quando ele ergue a cabeça e nossos olhares se encontram. Mais uma vez, eu perco o fôlego, só que agora o motivo é outro. Subitamente, sinto minhas faces queimarem e meu corpo ficar gelado em contraste, reagindo à sua proximidade.

— Pilar?! — Vejo o choque e algo semelhante à alegria cruzar suas feições. Foi muito rápido, mas eu posso jurar que Cruz ficou contente em me ver.

— Olá, Santino — saúdo quando sou capaz de confiar na minha voz.

CAPÍTULO 25

Pilar

Apreensiva e com os sentimentos alterados, eu me esforço para controlar meus nervos e me preparo psicologicamente para o nosso reencontro.

— Você está bem? Não se machucou? — Cruz me questiona, preocupado.

— Eu acho que sim — respondo, insegura. — Baruc se assustou com o som estridente da buzina e a freada brusca daquela caminhonete que entrou com tudo no pátio.

— Eu vi. Você sabe quem é? — indaga ele, com uma expressão hostil estampada no rosto, olhando na direção da picape que veio pelo caminho pavimentado, e que agora se encontra estacionada numa vaga a poucos metros do casarão.

Eu nego, afinal, muitos dos pecuaristas e fazendeiros preferem utilizar esse tipo de automóvel, especialmente pela facilidade em transitar pelas estradas de terra da região, já que possuem tração nas quatro rodas.

— Não deu para ver o rosto e eu não reconheci a *Ranger*. Talvez seja um dos clientes da fazenda — especulo.

Cruz desvia o olhar da caminhonete para o cavalo.

— Seja quem for, foi imprudente e irresponsável. Dirigindo feito um louco, conseguiu desestabilizar o Baruc, mesmo ele sendo um animal bem treinado e que não costuma se assustar com facilidade.

Sério e com o semblante sombrio, Cruz inclina-se e agarra a minha mão, com a intenção de me ajudar a ficar de pé. Dobrando as pernas sob o corpo,

eu começo a me levantar, mas uma onda de fraqueza faz meus joelhos cederem e eu tenho que me agarrar a ele para me equilibrar.

— Nossa, estou mais trêmula do que pensei. — Tento minimizar meu colapso momentâneo, a fim de ignorar a força segura dos braços que me sustentam. — Assim que recuperar o fôlego, eu fico bem — afirmo. Mas, instável, apoio todo o peso do meu corpo no dele. Quando me sinto melhor, eu me desvencilho e faço alguns movimentos no lugar para me certificar de que estou mesmo inteira. — Agora há pouco, você pareceu surpreso em me ver.

— Fiquei. Um pouco — Cruz admite. — Quando eu soube que você tinha viajado para São Paulo, achei que demoraria um bocado para vê-la por aqui novamente.

— Precisei voltar para terminar a faculdade. Eu acabei de me formar. — Em silêncio, Cruz assente. — Mas agora estou de volta. E para ficar. — Olho nos olhos dele, atenta à sua reação.

Cruz pisca e sacode a cabeça como se saísse de uma espécie de transe. Então, inesperadamente, ele sorri.

— Nesse caso, eu lhe dou as boas-vindas e os parabéns pela formatura... patroa. — Acena e toca a aba do chapéu.

Eu abro a boca para corrigi-lo, porém, mudo de ideia, porque, tecnicamente, é o que eu sou, embora eu não tenha gostado do tom usado por ele. É como se Cruz fizesse questão de enfatizar a nossa diferença social, e, assim, levantar uma parede invisível entre nós. Ou é isso... ou estou vendo demais por causa do tombo.

— Obrigada — agradeço e, de súbito, solto uma exclamação abafada quando uma pontada de dor no meu cotovelo direito me pega desprevenida.

Tateio o braço para explorar a causa e meus dedos voltam úmidos e pegajosos.

Estreitando os olhos, Cruz me observa, e seu olhar é tão intenso que me faz corar.

— O que foi? — inquire, desconfiado.

Encolho os ombros para demonstrar indiferença.

— Eu ralei o cotovelo quando caí — respondo de modo simples, pois não quero chamar atenção para algo tão superficial quanto um arranhão.

— Você disse que não tinha se ferido. Deixa-me ver — ordena, áspero.

Agastada pelo seu tom de comando, solto o braço ao lado do corpo e não o mostro para ele. Uma bobagem, eu sei.

— Não é nada de mais, os pedregulhos só rasgaram um pouco a pele — minimizo, mas, na verdade, o rasgo foi profundo e está doendo *pra* caramba.

Cruz não acredita no que eu digo, projeta a mão e, gentil, mas com firmeza, traz o meu braço para frente. Girando-o devagar, ele observa o machucado.

— Vamos levar Baruc de volta para a cocheira e depois cuidaremos disso — demanda e se afasta alguns centímetros.

— Santino, de verdade, não precisa. — Meu protesto cai no vazio, pois o homem já está girando nos calcanhares e indo para o local onde se encontra o meu cavalo.

Puxando Baruc e Titã pelas rédeas, Cruz começa a andar na direção dos estábulos. Quando percebe que eu não saí do lugar, ele para, vira-se e

me encara com uma sobrancelha erguida, como quem diz: *"Você vai vir ou vai ficar aí parada feito uma estátua de sal?"*.

Dou o primeiro passo e em dois segundos estou ao lado dele. Chegamos ao nosso destino e Cruz adianta-se, passando as rédeas para um dos rapazes cuidar dos animais. Então, seguimos em frente, e não demoro a descobrir para onde estamos indo.

Eu me detenho e um friozinho surge na minha barriga quando as memórias do que aconteceu na última vez em que estivemos sozinhos nesta casa surgem na minha cabeça. Sem perceber, sorrio com a lembrança, mas sinto meu rosto esquentar e meu pequeno sorriso se desfaz quando ele pousa os olhos em mim. Uma descarga de adrenalina percorre todo o meu corpo e um calor sobe pelo meu colo e pescoço.

O que esse homem tem que mexe tanto comigo?

Só podem ser esses hormônios malditos que, eu não sei por que, quando estou perto dele, disparam, enlouquecidos. Eu queria tanto que parassem de oscilar como um pêndulo e ficassem quietos!

O que estou fazendo? Onde foi parar o meu bom senso?, eu me pergunto. Mesmo assim, recomeço a andar, e somente soa o som dos nossos passos na trilha de cascalho.

— Não acho que seja uma boa ideia... — começo a falar quando paramos em frente à porta.

— Relaxa, Pilar. Nós só viemos para cá porque a minha casa é mais perto, e aqui eu tenho tudo o que preciso para fazer um curativo no seu braço — explica, antecipando a minha negativa.

— Eu não acredito em você — afirmo sem rodeios, mas, concentrado em colocar a chave na fechadura, Cruz não retruca.

Eu só tenho tempo de pensar que estava certa em duvidar da desculpinha esfarrapada dele, porque, sem fazer perguntas, nós mal cruzamos o batente e Cruz já está me puxando e me pressionando contra uma parede fria com a dureza de seu corpo quente. Arfo pelo inesperado, esqueço-me de tudo e atenho-me ao seu toque, que me deixa sem defesas contra os impulsos do meu coração.

Com Cruz segurando firme o meu queixo, nós nos encaramos durante um tempo infinito. Caso tivesse alguém nos observando, poderia jurar que estamos competindo, e perde quem desviar o olhar primeiro.

— Diz que você não quer isso tanto quanto eu... que eu te solto e te deixo ir — murmura, tão perto que sinto sua respiração na minha orelha. — Vamos, fala, sereia — ele insiste diante do meu mutismo.

— Eu não consigo.

Cruz abre um sorriso convencido.

— Foi o que eu pensei — murmura na minha boca e me beija.

Santo Deus!

Como eu senti falta disso. Do gosto. Do toque. Do calor. Do cheiro. Dele todinho.

Eu não me faço de rogada e devolvo o beijo com o mesmo ardor, devorando-o como tenho vontade. Um gemido escapa por entre os meus lábios quando nossas línguas se enroscam, numa luta desesperada por controle. Cruz empurra a dele profundamente para dentro da minha boca, e desta vez gememos ao mesmo tempo.

Nós nos beijamos sem parar, como se não necessitássemos de ar para viver, e quando penso que não vou mais aguentar, que tudo ao meu redor

vai escurecer, Cruz para o beijo e cola a testa na minha. Estamos os dois ofegantes agora.

— Eu estava a ponto de explodir de tanta vontade de te beijar — confessa enquanto me olha.

— Eu também. Quando te vi hoje, a única coisa em que eu pensava era ter a sua boca na minha e seus braços em torno do meu corpo — declaro, a respiração sôfrega.

Momentos depois, ele move a cabeça e respira na curva do meu pescoço, e uma estranha familiaridade me envolve e me aquece quando suas mãos apertam a minha bunda, colando-me mais a ele. Gentilmente, Cruz desliza os lábios ao longo do meu queixo, até encontrar minha orelha. Meu corpo todo estremece, seu toque me acende, e seu cheiro, uma mistura de sabonete, couro e ar livre, deixa-me excitada.

Meu coração bate descontrolado e eu me pergunto se Cruz não é capaz de ouvi-lo. Estou tão entregue e louca por ele que, cada vez que me toca, beija minha pele ou sussurra algo em meu ouvido, eu me sinto nas nuvens. Eu não quero que o tempo passe, não quero pensar em passado nem em futuro. Eu não quero que isto aqui acabe. Quero viver este momento como se mais nada, além de nós dois, importasse no mundo inteiro.

No entanto, um lampejo intrometido de lucidez consegue penetrar a névoa de prazer que embota o meu cérebro. Eu não sei como, mas acho que devo ter deixado transparecer o instante de indecisão, pois Cruz levanta a cabeça e me olha com uma expressão indecifrável. Atordoada, eu pisco algumas vezes e me afasto. Tremendo por dentro e com as pernas bambas, eu me dirijo à porta, mantendo-a aberta, contudo, hesito em passar por ela. Viro-me para olhá-lo e meu ventre se contrai, porque ante o que vejo, percebo que cometi um erro.

Ele está no mesmo lugar, parado e me encarando, provavelmente à espera do que farei a seguir. Os braços fortes estão soltos ao longo do corpo, e as pernas musculosas estão ligeiramente separadas. Uma veia pulsa em sua têmpora, uma ruga salta entre seus olhos, o olhar azul e intenso está preso no meu.

Percebo que Cruz está ofegante pelo movimento de sobe e desce do tórax liso e largo visível pelas abas abertas da camisa de brim. Os cabelos se encontram despenteados, como se dedos tivessem sido enfiados neles. O maxilar está tenso, e os lábios sensuais unem-se de modo severo. É uma beleza agressiva, dura e que sempre me deixa fascinada. Sou incapaz de desviar o meu olhar de cima dele.

Enquanto aprecio o pai do meu filho, sinto os seios formigarem e um calor úmido inundar minha pelve. Quando volto a me movimentar, é para ceder a esta atração que me devora viva e fechar a porta. Atento ao meu gesto, Cruz projeta o braço à frente em um convite mudo. Eu sequer penso em resistir, e, impulsiva, atiro-me em seus braços.

Nossas bocas se procuram, famintas, alucinadas. O nosso beijo é molhado, uma troca de saliva deliciosa. Ele puxa o meu lábio inferior, segura-o entre os dentes, depois morde, chupa, suga e lambe. Eu suspiro. Ele grunhe. Eu gemo. Ele rosna. É muita saudade para matar.

Enquanto nos beijamos, sou tomada por um maremoto de sensações e sinto meu peito transbordar de um sentimento tão inusitado quanto maravilhoso, pois agora sei que, do mesmo jeito que eu senti sua falta, Cruz também sentiu a minha.

CAPÍTULO 26

Pilar

Dedos fortes e bronzeados desabotoam a minha blusa e empurram o tecido leve para fora dos meus ombros. A peça desliza pelos meus braços e cai no tapete sem fazer ruído. Puxo o ar com força e o movimento do meu tórax esfrega meus seios contra o peito dele, e a sensibilidade aguçada nos mamilos deixa claro o quanto estão rígidos e prontos para suas pinçadas, mordidas e sugadas.

Nós nos separamos o suficiente para nos despirmos, ansiosos em meio às carícias cada vez mais ousadas e urgentes. Terminamos e ficamos frente a frente, então, Cruz me olha nos olhos, e ambos temos certeza de que isto aqui é mais do que pura atração física.

— Linda demais — murmura, os lábios roçando os meus, a mão passeando por meu corpo. Seus dedos correm pelo meu quadril, percorrendo o elástico da calcinha e fazendo meu clitóris pulsar em necessidade, implorando pelo seu toque. Eu o ajudo a tirar a peça minúscula e nos beijamos.

À medida que o beijo se aprofunda, uma tensão familiar e sublime começa a se acumular num local um pouquinho abaixo do umbigo, antecipando o momento em que o mundo finalmente explodirá e meu corpo será tomado por espasmos deliciosos e descontrolados.

Usando o joelho, Cruz separa as minhas pernas. Pronta para recebê-lo, eu arfo, e um gemido escapa pelos meus lábios quando sua carne invade a minha. Seu pau é grande e grosso, mas como estou molhada, ele desliza macio e profundamente para dentro de mim.

— Tudo bem? — pergunta, e há um toque de apreensão na sua voz e no seu semblante enquanto me espera responder.

— Eu não poderia estar melhor — murmuro em resposta, os dedos enfiados nos músculos de seus ombros. E, para provar, puxo sua cabeça na minha direção e capturo sua boca para um beijo apaixonado e cheio de luxúria.

— Delícia... Quer dizer então que eu já posso continuar? — provoca.

Movo a cabeça em um sinal de positivo.

— Deve — respondo, e um arfar mais alto escapa dos meus lábios quando Cruz começa a estocar bem fundo, girando o quadril à procura do ritmo certo no interior da boceta gulosa e receptiva.

Buscando por contato, meus seios se esfregam contra a dureza de seu tórax, tornando os mamilos ainda mais sensíveis. A nossa união é alucinada, e cada nova estocada faz meu corpo tremer, por isso eu não consigo parar de gemer. Ouvir seus murmúrios de prazer me excitam ainda mais e percebo que não vou durar por muito tempo.

— Minha sereia! — Cruz exclama, entre gemidos, em um tom possessivo. — Eu quero ouvi-la gemer o meu nome quando esse seu corpo maravilhoso ainda estiver se contorcendo de prazer — murmura na minha boca. — Fará isso por mim?

— S-sim — assinto, odiando-o por me fazer falar, quando tudo o que eu quero é me concentrar nesse fogo que cresce e me possui inteira.

Incansável, Cruz mete fundo, fazendo o acúmulo de estímulos dentro e fora do meu corpo chegar ao seu limite. Aperto os olhos com força, jogo os cabelos para trás e me desfaço em mil pedaços nas suas mãos.

— Fala! — comanda e acelera mais os movimentos. Uma lava quente transborda e percorre todo o meu corpo, rascante, alucinante, conduzindo-me a uma exaustão deliciosa.

As labaredas queimam durante alguns segundos, e, quando viram cinzas, deixam uma sensação de alívio e desejo satisfeito. Ainda estou sob os efeitos de um prazer arrebatador, com meu sexo pulsando em torno dele, quando, com a respiração estrangulada, obedeço:

— Santino... — O nome dele sai em meio a um suspiro.

— Isso. Boa garota — satisfeito, Cruz grunhe na minha boca.

Mole feito uma boneca de pano, aberta e largada sobre a cama, eu espero Cruz acabar. Pela fenda estreita dos meus olhos, eu o observo buscar sua libertação. Ele está todo suado e tem o maxilar trincado enquanto segura a minha cintura com ferocidade, estocando cada vez mais rápido. Quando atinge o ápice e se liberta, solta um gemido rouco seguido de um rosnado.

O corpo grande e pesado tomba sobre o meu, dando-me um segundo para absorver o impacto. Momentos depois, Cruz se move e desliza o pau para fora da minha boceta quente e pulsante, rola para o lado e me abraça, então recuperamos o fôlego juntos.

Exausta, eu me deixo ficar nos braços dele. Percebo que a respiração de Cruz vai voltando devagarinho ao normal, mas eu ainda posso ouvir o bater irregular do seu coração sob a minha cabeça. Amo saber que ele ficou tão desesperadamente louco de desejo quanto eu.

Silêncio reina ao nosso redor, e conforme o meu corpo esfria, o torpor causado pelo prazer vai se desfazendo aos poucos, trazendo a realidade de

volta. Agora, tudo parece muito errado, e me pergunto como eu pude permitir que isso acontecesse de novo.

A quem eu quero enganar? Foi um reencontro lindo, maravilhoso, e eu estava tão ansiosa que seria capaz de impedir o ocorrido tanto quanto poderia me obrigar a deixar de respirar.



Acordo com um movimento ao meu lado e abro os olhos a tempo de ver Cruz sentando-se na beirada da cama. Ele faz menção de se levantar, mas em um ato de puro reflexo, agarro-o pelo braço.

— Aonde você vai?

Ele vira meio corpo para me olhar.

— Preciso voltar ao trabalho. — Antes que eu possa dizer alguma coisa, Cruz se inclina e une nossos lábios em um beijo rápido. — Pensei que estivesse dormindo.

— E estava, o que me surpreende, porque eu não tenho o costume de dormir durante o dia. — Sento-me na cama, completamente desperta, e tento ocultar a minha nudez com o lençol. Um pudor tardio, eu sei, afinal, Cruz me viu várias vezes sem roupa. Mas eu não me sinto tão à vontade assim, ainda mais diante de seu olhar penetrante. Sem graça, eu sorrio, solto seu braço e passo a mão pelos cabelos, a fim de ajeitá-los. — Eu devo estar horrível, toda descabelada — penso em voz alta e sinto meu rosto queimar.

Cruz percebe o meu desconforto e sorri de leve. Suspiro com esse seu lado mais suave e encantador, que para mim é uma novidade, afinal, estamos nos conhecendo. Eu acho.

— Pilar... — sussurra meu nome enquanto aproxima o meu rosto do seu. — Por mais que tentasse, você não conseguiria chegar nem perto de

ficar horrível. É linda de qualquer jeito — elogia, e minha autoestima melhora consideravelmente. Cruz desvia o olhar quente do meu rosto para pousá-lo no meu braço, e eu faço o mesmo. — Precisamos cuidar dessa ferida. Ao contrário do que disse, não foi só um arranhão, pode infeccionar.

Meu coração bobo fica quentinho com essa pequena demonstração de cuidado com o meu bem-estar.

— Eu até me esqueci dele — digo e dou de ombros, indiferente.

— Estávamos com outras prioridades na cabeça — Cruz declara e sorri de novo.

Meu Deus, tem como esse homem ser mais lindo e gostoso? Encantada, eu não me canso de admirá-lo.

Impulsiva, coloco os braços em volta do seu pescoço e o puxo para mim.

— Senti o coração chegar à boca quando vi que era você caída naquele chão. Teve sorte de sair com um ferimento leve, porque podia ter sido bem pior.

Inclino a cabeça ligeiramente para trás, a fim de vê-lo melhor. Meus olhos viajam pelo seu rosto, fixando-se na rigidez do maxilar bem marcado. Estremeço de desejo.

— E você se importaria, Santino? — pergunto num sussurro.

Ele me olha em completo silêncio por um longo momento, então seus dedos deslizam pela minha face e se enroscam nos meus cabelos.

— Diabo de mulher que tira o meu sossego e me atenta! — reclama, contrariado.

Relevo o seu destempero, porque gostei de ouvir que mexo tanto assim com ele. Paciente, espero por sua resposta e fico desapontada quando ela não chega. Olho para Cruz, que está distraído brincando com a mecha do meu cabelo, ainda enroscada em seu dedo.

— Não respondeu a minha pergunta — protesto, doída.

Ele inclina a cabeça para baixo e, a um centímetro da minha boca, resmunga:

— O que você acha? — Sua voz sai baixa e rouca.

— Eu não sei. Por que você não me diz?

Passo a língua pelos lábios de modo quase inconsciente, capturando o seu olhar para eles, e observo o pomo de adão mover-se quando ele engole em seco.

— Sim, eu me importaria. — Há uma certa relutância na resposta, como se ele se ressentisse do fato de se preocupar comigo. Mas não dou importância a isso, atenho-me apenas às suas palavras. — Pilar, eu falo sério, precisamos cuidar desse machucado — insiste.

— Está bem, eu deixo você cuidar dele, mas com uma condição.

— Qual? — A pergunta é acompanhada de um erguer de sobrancelha.

Meu coração dispara e eu me sinto uma idiota por não ser capaz de controlá-lo. Eu não gosto de me sentir vulnerável, não pensei que teria sentimentos por ele, porque não era algo que eu procurava, mas aconteceu.

Respiro fundo, crio coragem e respondo:

— Eu quero que você me beije de novo.

Estamos tão perto um do outro que nossas respirações se misturam. Percebo que o momento tenso passou quando Cruz sorri com malícia. Meu sexo se contrai, reagindo ao seu charme. Ele dá um pequeno tapa na minha boceta e fecha os dedos, envolvendo-a por completo.

— O que foi isso? — questiono.

— Eu só estou brincando com o que é meu — Cruz declara simplesmente.

Seguro seu rosto entre as mãos, procuro seus olhos e indago:

— Hum, que possessivo, mas quem falou que eu sou sua? — Encaro-o com ar provocativo.

— Eu não preciso que alguém me diga isso. Pode chamar de arrogância, mas é o que eu sinto quando estou com você. — De novo, ele sorri safado, e eu gemo em resposta à pinçada dos seus dedos no durinho e ultrassensível feixe de nervos. — O modo como o seu corpo responde ao meu mostra que você, Pilar, é minha, ao menos neste momento.

— Seguindo essa linha de raciocínio, você também é meu. — Deslizo a mão entre nós e envolvo seu pau com os dedos, fazendo-o gemer quando eu o aperto.

Cruz amplia o sorriso e... Minha nossa, como eu amo ver esse homem sorrir! Ele é sempre tão sério que eu estou adorando vê-lo assim, relaxado.

— Espertinha! — Volta a gemer quando eu começo a masturbá-lo. — Está bem, para poder curar o seu machucado, eu me sacrifico e pago o pedágio — declara com um ar de riso, mas fica sério quando me beija, fornecendo o combustível que reacende as brasas da nossa paixão.

Chamas incandescentes nos fundem juntos, há uma urgência desesperada e uma luxúria insaciável no nosso abraço. Minhas mãos vão para a sua cabeça e eu mergulho os dedos em seus cabelos. Cruz não para o beijo, e, com um movimento firme, porém delicado, empurra-me de volta ao colchão, encaixando o corpo contra o meu com um movimento provocante.

De olhos cerrados, fico à sua mercê, rendida à deliciosa bagunça que sua boca faz nos meus sentidos. É incrível como o beijo desse homem é capaz de me excitar de maneira intensa, ardorosa e instigante. Quando estou com ele, eu só sei sentir. Cada sensação que eu tenho com Cruz, cada reação do meu corpo às suas carícias, tudo é potencializado ao nível máximo.

Estar com Santino Cruz assim, tão perto, aspirando o seu cheiro másculo e sentindo o seu gosto na minha língua, impede-me de raciocinar com clareza. Eu não nego que desejei estar com ele novamente, mas diante do que passei nos últimos tempos, a descoberta e a aceitação da gravidez, a conclusão do meu curso e tudo mais, eu não pensei que fosse voltar a acontecer, e menos ainda que eu cederia tão rápido.

Eu nunca me senti tão conectada a uma pessoa como quando estou com ele. É um sentimento tão forte que chega a assustar. O que eu sinto pelo Cruz é poderoso e transcende os limites físicos, tanto que, poucas horas após a minha chegada, estou aqui, como vim ao mundo, deitada na cama dele, com a sua essência impregnada em mim, e isso após termos protagonizado mais uma incrível sessão de sexo. E como uma viciada sofrendo em abstinência da droga, eu mal posso esperar para repetir a dose.

CAPÍTULO 27

Pilar

Concentrado no que está fazendo, Cruz finaliza o curativo em meu braço.

— Prontinho. Foi difícil, mas a missão foi cumprida com êxito — ele brinca, levanta-se da cama e anda até a lixeira, no canto do quarto.

— Obrigada — agradeço e fico o observando jogar fora o algodão usado, juntar os medicamentos e guardar tudo dentro de uma caixinha branca plástica.

Consciente das batidas frenéticas do meu coração, limpo a garganta e sinto a tensão enrijecer os músculos dos meus ombros. Agora que a Vilma já sabe que estou grávida, mais do que nunca eu preciso lhe dar a notícia, afinal, Cruz é o pai do meu filho e tem o direito de saber.

— Santino, eu tenho um assunto importante para falar com você, mas, antes, me diz uma coisa: você ainda não se lembra nadinha da...?

Antecipando o que estou prestes a perguntar, Cruz me corta enquanto sacode a cabeça:

— Noite em que nos conhecemos? Não. Bom, eu andei tendo uns flashes desconexos, e houve um momento hoje, mais cedo, que cheguei a acreditar que me lembraria. Foi uma sensação tão forte, como se as memórias estivessem na borda, prontas para subir à superfície, mas não aconteceu. Eu acho que isso já não tem mais a mesma importância, não depois do que nós dois fizemos aqui mesmo, nesta cama. — Ele bate de leve no colchão, seu olhar vagueando pelo meu corpo, fazendo uma onda de calor surgir por onde passa.

— É que, com essas memórias vivas na sua cabeça, eu me sentiria um pouco mais segura diante do que tenho para te contar — finalmente consigo introduzir o assunto. Contudo, Cruz não parece interessado no que eu tenho a dizer quando envolve meu pescoço com uma mão, eleva o meu queixo e usa o polegar para fazer pequenos círculos na minha bochecha.

— Sereia, será que podemos ter essa conversa logo mais, à noitinha? Eu preciso mesmo voltar para o trabalho. Já me ausentei muito mais do que deveria. — Cruz se inclina e me beija nos lábios. E, antes que eu possa retrucar, emenda: — Encosta a porta depois que sair, está bem? — Ele solta a mão da minha, apruma o corpo e, olhando para mim, termina de abotoar a camisa.

— *Tá*... Tudo bem. Nós podemos conversar depois — murmuro, incerta.

Cruz sorri de lado e meus olhos vão para a covinha raramente vista em uma de suas faces. Em seguida, inclina-se para pegar o chapéu de cima da cadeira.

— Nos vemos mais tarde. Até mais, sereia.

— Até mais, Santino.

Charmoso, ele sorri de novo e pisca para mim, enfia o chapéu na cabeça e vira-se para partir. Pensativa, eu vejo sua silhueta afastar-se lentamente.

Eu tentei... Com esse pensamento, eu calo a minha consciência. Afundo a cabeça no travesseiro e me sinto uma covarde. Eu deveria ter insistido, não podia ter o deixado ir embora antes de ter contado sobre o bebê, mas o clima entre nós estava tão bom, tão gostoso, que eu receei quebrá-lo.

Estou sendo egoísta e me enganando por querer desfrutar dessa rara sensação de paz e harmonia recém estabelecida entre nós por mais algumas horas? Provavelmente, mas eu não consegui agir de modo diferente.

Retorno para o casarão com o coração um pouquinho mais leve sabendo que voltarei a vê-lo ainda esta noite. Conforme eu me aproximo, percebo que a caminhonete preta e desconhecida está no mesmo lugar.

Será mesmo um cliente da Dourado Flores *ou algum convidado do meu pai?*

Bem, seja quem for, Cruz tem razão, porque não passa de um babaca pelo modo imprudente como adentrou a fazenda.

Pisando duro, atravesso a entrada, indo direto para as escadarias, e alcanço ouvir o som de vozes vindo do interior do escritório quando passo por ele. Porém, mesmo curiosa, eu sigo em frente.

— Pilar? — papai me chama assim que eu coloco o pé no primeiro degrau. Retrocedo e paro no batente da porta aberta. — Que bom que chegou! Estávamos à sua espera — fala de sua cadeira, atrás da mesa.

Como assim "estavam" à minha espera?

— Eu me distraí e acabei demorando mais do que pretendia — justifico o meu atraso. Meu instinto me adverte de que papai está estranho. Seu semblante está carregado, e o ar está tenso, pesado. Definitivamente, há algo acontecendo, e não deve ser coisa boa.

Eu levo alguns segundos me preparando para o que quer que seja que ele tenha para falar comigo. Sabendo que não tenho como evitar, eu me encho de coragem, entro e fecho a porta. Só então papai continua:

— O certo seria eu tomar conhecimento pela sua boca, e sinto muito que não tenha sido assim. — Ele faz uma pausa e me encara, e vejo os sinais de uma decepção profunda em seu semblante. — Eu sei de tudo, Pilar — informa com seriedade, e sinto o baque das palavras ditas de modo duro, como quando se profere uma sentença.

— O senhor sabe...? Mas como...?

Inferno! Estou tão nervosa que não consigo formular uma mísera frase.

— Eu sei sobre a gravidez, e como eu soube não vem ao caso neste momento. Sei também quem é o pai do bebê que você espera, inclusive ele já me confirmou a paternidade da criança. Eu o chamei aqui para fazer o correto, ou seja, assumir você e o filho dele.

Sua declaração me atinge como um soco no estômago. Prendo o fôlego e levo a mão ao pescoço, paralisada e em completo silêncio. Eu não movo um único músculo do corpo, exceto os que necessito para piscar, a fim de garantir que não estou sonhando ou dentro de um pesadelo.

Engulo em seco quando o meu olhar recai sobre as duas poltronas de couro posicionadas, lado a lado, de frente para a imensa mesa de carvalho e percebo que uma delas está ocupada. Porém, antes que eu possa dizer algo, uma figura alta e larga começa a se movimentar.

Um arrepio de antecipação e suspense percorre a minha espinha quando o homem levanta, vira-se para mim e, com a voz profunda, monótona e arrastada, declara:

— Querida, você está encantadora... como sempre! Não imagina a minha alegria quando eu soube que tinha voltado!

Mortificada, arregalo os olhos e penso rápido para entender o que está havendo.

— Lorenzo?! O que você está fazendo aqui? — indago, em choque.

— Eu o chamei — papai responde por ele.

Confusa, olho para os dois e me esforço para processar o que acabo de ouvir. Contudo, sou interrompida quando Lorenzo adianta-se e fala:

— Quanta secura! É desse jeito que você me recebe depois de ficarmos várias semanas longe um do outro? — Soltando um suspiro forçado, o cretino coloca uma expressão de tristeza fingida no rosto. — Como o seu pai disse, ele me ligou e contou que você havia chegado de São Paulo. Fiquei muito magoado, porque era você quem devia ter me avisado. Se eu soubesse, teria vindo mais cedo para receber a futura mãe do meu filho — o descarado mente na cara dura, e ainda tem a audácia de pôr um toque de censura na voz.

Atordoada, eu me pergunto como foi que papai soube que estou grávida e ainda incluiu Lorenzo na equação. Meus pensamentos giram a mil por hora, e a única conclusão a que chego é que ele deve ter ouvido parte da nossa conversa, minha e da Vilma. Ou será que ela não conseguiu manter a boca fechada e foi correndo contar para ele?

Eu não posso me ater a isso agora, preciso focar no que está acontecendo aqui. O fato é que meu pai tirou conclusões apressadas ao ouvir apenas uma parte da história. Prepotente e autoritário, precipitou-se e foi logo tomando a pior atitude possível.

E me tira do sério saber que o imbecil do Lorenzo, em vez de esclarecer o mal-entendido, prefere perpetuar a mentira. Puta da vida, eu o encaro, sentindo um desejo insano de pular no seu pescoço e enfiar as

minhas unhas bem fundo na jugular e apertar, apertar, apertar até arrancar aquele sorrisinho idiota da cara dele.

CAPÍTULO 28

Pilar

Eu não sei como, mas consigo engolir a raiva que ameaça implodir tudo aqui dentro e ignoro, por um instante, o disparate que Lorenzo acaba de dizer. Em vez disso, invoco as imagens do incidente com Baruc, trazendo-as para o momento presente.

— Então, é você o dono da picape estacionada lá fora?! E não estou surpresa, porque só uma pessoa imprudente e com um ego gigantesco como o seu entraria em um pátio de fazenda buzinando, cantando pneus e freando feito um louco! Sabia que essa sua atitude irresponsável assustou o meu cavalo e eu quase fui pisoteada por ele?

Antes que Lorenzo possa dizer alguma coisa, papai me olha da cabeça aos pés e pergunta:

— Pilar, você se machucou? — Preocupação transparece em seu tom. — Está sentindo alguma coisa?

— Estou bem, pai, mas foi por pouco. Eu estava a caminho do redondel com Baruc, quando Lorenzo entrou no pátio com tudo. Amedrontado, o cavalo começou a pinotear e relinchar sem parar. Quanto mais eu tentava tranquilizá-lo, mais ele escoiceava e pulava. Chegou um momento em que eu tive que soltar as rédeas e acabei beijando o chão.

Quando eu termino de falar, Lorenzo tem ao menos a decência de se mostrar constrangido.

— Peço desculpas! O que eu fiz foi errado, e é claro que eu não tive intenção de assustar o cavalo, muito menos de ferir a Pilar. Mas não se

preocupem, tomarei mais cuidado na próxima vez. Isso não voltará a se repetir.

— É bom mesmo! — Papai olha duro para ele, então desvia sua atenção para mim. — Pilar, não seria melhor ir para o hospital e confirmar que não houve nada com o bebê?

— Não acredito que seja necessário. Eu não sinto nada de diferente — esclareço.

— Bom saber. Mas sugiro que você fique longe dos cavalos por uns tempos, para evitar situações que possam prejudicar a gravidez.

Eu assinto. Depois que parei para pensar, aquela queda podia ter me trazido sérias consequências, como um descolamento de placenta, por exemplo, o que poderia causar um sangramento, culminando em um aborto. Tremo só de imaginar. Coloco esses pensamentos negativos de lado quando escuto a voz do meu pai.

— E voltando ao assunto principal da nossa conversa, eu liguei para o Lorenzo, que se dispôs a vir até aqui assim que ficou sabendo o que está acontecendo.

Sinto um calafrio nas costas quando olho de um para o outro. Abismada, direciono minha fúria para o Lorenzo.

— Você ficou maluco? Como você sai por aí afirmando que é o pai do meu filho quando sabe que não é verdade?

— Pilaaar... — papai sibila meu nome em tom de advertência.

Eu me viro para ele e prossigo:

— É isso mesmo, pai! Eu não sei por que o Lorenzo fez isso, mas o que ele falou para o senhor não é verdade. Eu ia contar sobre a gravidez,

mas acabei protelando por conta da fragilidade da sua saúde. Eu não queria jogar a notícia no seu colo. A minha intenção era prepará-lo antes, para o senhor poder recebê-la com calma — floreio os fatos um pouquinho, mas eles não deixam de ser verdadeiros por isso. Porém, pela sua expressão, papai parece duvidar do que digo.

— Você esperou demais e eu acabei descobrindo por outros meios. E isso não vem mais ao caso, porque eu já decidi o que fazer a respeito — fala em tom definitivo.

— Como assim *já decidiu o que fazer*? Eu sou uma mulher adulta, e ninguém, nem mesmo o senhor, tem o direito de tomar decisões por mim!

— Eu tenho todo o direito, porque sou o seu pai! — ele vocifera, mas reduz o tom da voz quando emenda: — E você está grávida, Pilar.

— Estou, mas...

— Mas nada! — papai me interrompe. Como previ, ele está tão furioso que não me dá uma chance de me explicar. — De quantos meses você está?

— Dois e meio, mas o filho não é de... — tento esclarecer, mas sou interrompida outra vez. Nervosa, fecho os olhos e pressiono as têmporas com força.

— Foi quando você compareceu à exposição de Goiânia no meu lugar e o Lorenzo esteve lá no mesmo período, para lhe fazer companhia, atendendo a um pedido meu. Não é tão difícil chegar a uma conclusão. Basta somar dois mais dois e temos o resultado daquele fim de semana. Ele mesmo confirmou que é o pai do bebê. Emprenhou, agora vai ter que casar! — papai vocifera, transtornado.

Cálculo correto, pessoa errada, papai.

— Pai, me escuta, por favor! — peço mais uma vez.

Suas narinas se dilatam e sua raiva se intensifica, ameaçando explodir a qualquer momento. Ele inspira o ar devagar e esfrega o rosto com as duas mãos. Como está convalescente, aflige-me a possibilidade de papai passar mal.

— Escutar o quê? Não há mais nada a dizer. Já basta o que você fez. Omitiu, mentiu! E agora, o que dirão os nossos parceiros de negócios? Os meus amigos mais antigos? Pessoas de famílias tradicionais, que não costumam aceitar certas modernidades como normais?

Ah, tá! Até parece que essas ditas "famílias tradicionais" são perfeitas e não têm telhado de vidro!

— Estou pouco me lixando com a opinião alheia! Eu não ligo para esse povo retrógado, preconceituoso e de mente pequena! O mundo mudou muito nas últimas décadas, e as pessoas têm que acompanhar essas mudanças, se atualizar e deixar de ser hipócritas e preconceituosas, ou acabarão ficando para trás, tornando-se obsoletas — rebato, irritada.

— A maior parte do que você disse não passa de bobagens! — ele exclama, mal-humorado. — Não diga mais nada, Pilar. Qualquer pai faria o mesmo que eu no meu lugar.

Aborrecida e magoada, eu cruzo os braços sobre o peito.

— Não faria, não. Qualquer pai, agindo com bom senso, conversaria com a filha e escutaria antes de tomar uma atitude totalmente arbitrária e precipitada. O senhor, além de cego, está se fazendo de surdo, só pode — afirmo, frustrada. — Acabei de dizer que o Lorenzo está mentindo. Parece que prefere não acreditar em mim, que sou sua filha, e acreditar nele, que é um estranho.

— E eu deveria ter falado primeiro com você, que escondeu a gravidez por quase três meses? E para ouvir o quê? Desculpas esfarrapadas? Você me colocou numa maldita situação difícil e embaraçosa, Pilar! Eu sempre confiei em você, mas perdeu essa confiança quando decidiu omitir o fato de estar esperando um filho. Uma criança não é qualquer coisa, estamos falando de um ser humano, e por causa da sua imaturidade e omissão, eu acabei descobrindo que vou ser avô por acaso. Então, fui direto à fonte e sondei o Lorenzo, que confirmou ser o pai. Como vê, está tudo muito claro para mim.

Respiro fundo para poder raciocinar e tentar lidar com meu pai da melhor maneira possível.

— Admito que não foi correto esconder que eu estava grávida do senhor, mas eu tive meus motivos para fazer isso. E também sei que ficou decepcionado comigo... Sinto muito por isso, de verdade, mas não pode dar por encerrado o assunto simplesmente porque o senhor não está me ouvindo! — Coloco as mãos na cintura e o encaro. — Por que eu negaria um filho ao Lorenzo, se o bebê fosse dele? Isso não faz o menor sentido!

Papai se levanta, apoia as mãos no tampo lustroso da mesa e me encara. Eu não consigo desviar os olhos do rosto retorcido pela fúria.

— Nesse caso, ele está assumindo o filho de outro. É isso o que você está me dizendo? Que esse rapaz, que eu conheço desde menino, está mentindo na minha cara? Está me fazendo de bobo?

Bufo alto e bato uma mão na outra.

— Aleluia! Até que enfim! Faz meia hora que eu estou batendo na mesma tecla e o senhor se recusa a me ouvir. É isso mesmo o que estou dizendo!

Lorenzo faz menção de interferir, mas papai o impede, e, soltando um suspiro cansado, pergunta:

— E se não é filho dele, então, de quem é?

Eu devia ter esperado pela pergunta, é claro, mas na ânsia de convencê-lo, acabei não me preparando para ela.

— De quem é...? — repito feito uma boba, sentindo-me acuada.

— Isso mesmo. Se não é o Lorenzo, quem é o pai do meu neto? Não me diga que é um desses rapazolas metidinhos a galã da cidade grande que não faz a menor ideia de como é a vida no campo?

Olho para ele, abro e fecho a boca, sem dizer nada. Eu não posso lhe contar quem, de fato, é o pai do meu filho. Não seria justo. Quero que o Cruz seja o primeiro a saber, e não vou abrir mão disso.

— Essa informação é um assunto de foro íntimo e pessoal. Eu me recuso a seguir debatendo sobre a minha gravidez, especialmente na presença de estranhos — afirmo, referindo-me ao Lorenzo. — E não adianta insistir, eu não vou ceder!

— Pilar, meu amor, como você pode dizer uma coisa dessas? Podemos ser qualquer coisa, menos estranhos. Longe disso... — Lorenzo se intromete, participando da discussão acalorada. Ele se aproxima e toca o meu rosto, e todos os nervos do meu corpo gritam em protesto, rejeitando o toque. — Por favor, Romero, não leve o que sua filha diz em consideração, sabe como ela é orgulhosa. Pilar não quer admitir que me ama, e só está nervosa por causa da gravidez, o que é normal. Concordo que temos algumas arestas para aparar, mas seremos pais agora, e eu estou aqui, como o homem responsável que sou, totalmente, disposto a assumir as consequências dos meus atos.

Solto um suspiro exasperado diante do tamanho do seu descaramento. Lanço um olhar fulminante em sua direção e, incrédula, observo papai dar uma palmadinha amistosa no ombro dele. Nauseada, desvio o olhar, determinada a recuperar o controle.

— Eu não esperava menos de você, meu rapaz! — meu pai declara com feições satisfeitas. — Na verdade, apesar de tudo, estou contente com o fato de essa criança ser sua, Lorenzo. Sempre fiz muito gosto que vocês ficassem juntos e, assim, unirmos as nossas famílias.

— Não sabe como me alegra ouvir isso do senhor, que, depois do meu pai, é a pessoa pela qual eu tenho a maior admiração.

Puxa saco! Asqueroso! Nojento!

— Por sorte, ainda estamos a tempo de evitar o pior, podemos contornar a situação com a união de vocês dois. Decidi que você vai se casar com o pai dessa criança que espera, Pilar. E vamos todos nos reunir aqui, na *Dourado Flores*, no fim do mês, para oficializar o noivado e anunciar a data do casamento — papai planeja à minha revelia, e, com um sorriso para lá de satisfeito, Lorenzo esfrega as mãos uma na outra.

— *Casamento*?! — exclamo, horrorizada. — O senhor não acha que é uma atitude drástica demais? Nós não estamos mais na época em que os pais decidiam o futuro das filhas sem levar em consideração o desejo delas! Apesar de saber como o senhor é, eu não esperava ouvir um absurdo desses sair de sua boca. Agora quem está profundamente desgostosa sou eu!

— Da minha parte, eu não faço a menor objeção em me unir em matrimônio com a sua filha, Romero — pedante, Lorenzo se intromete. E, olhando para mim, completa: — Eu assumo os meus atos. E, por mim, quanto mais rápido o nosso noivado for oficializado, melhor.

Desgraçado! Miserável! Canalha!

Reunindo a pouca paciência que me resta, eu rebato:

— Pois não contem comigo! Eu me recuso a participar desse circo que vocês dois estão armando — digo friamente.

Papai me lança um olhar tão penetrante que parece capaz de perfurar minha alma.

— Veja como fala, mocinha! Eu ainda sou seu pai e você me deve respeito. E vai se casar com Lorenzo sim! Porque eu decidi e assunto encerrado!

— Durante toda a minha vida, eu fui a filha estudiosa, responsável e obediente. Jamais lhe disse não, ao contrário, sempre fiz tudo o que o senhor queria. Mas agora eu sou uma mulher adulta e tomo as minhas próprias decisões. E decido dizer não à sua imposição descabida. Eu não amo esse homem, eu nem gosto dele. Eu nunca tive e não pretendo ter absolutamente nada com ele. É claro que meu filho tem um pai, mas entenda de uma vez por todas que não é o Lorenzo!

Com o rosto contraído pela raiva, papai fecha a mão em punho e soca o tampo da mesa com força, fazendo som reverberar pelo ar.

— Pode negar o quanto quiser, eu já percebi que você faz isso para me desafiar e para humilhar o Lorenzo, mas o importante é que ele veio aqui, disposto a assumir os dois, você e o meu neto. Pilar, grave bem o que eu vou dizer: filha minha não será mãe solteira! — esbraveja, fora de si.

CAPÍTULO 29

Pilar

Abro a boca para refutar e desisto quando a cor foge de seu rosto. Papai segura o braço esquerdo junto ao corpo, contraindo o rosto numa careta de dor. De repente, sua palidez inicial muda para um tom cinzento.

— Pai?! — aflita, eu o chamo. — O senhor está se sentindo bem?

Ele ignora a minha pergunta, deixa-se cair pesadamente no estofado do assento e abre uma gaveta. Retira um frasco de dentro dela, joga duas pílulas na mão trêmula e as engole com meio copo de água. De olhos fechados, recosta-se no espaldar da cadeira e inclina a cabeça para trás. Minutos angustiantes se passam até eu voltar a respirar normalmente, quando, pouco a pouco, o remédio faz o efeito esperado e o sangue começa a colorir suas faces de novo.

— Preciso me deitar. Lorenzo, por favor, chame o Orestes. Ele deve estar na sala — papai pede com voz fraca.

Compadecida e angustiada, percebo o esforço que faz para manter-se firme, o que prova que ele não está se recuperando como deveria. Vê-lo desse jeito me corta o coração, e me aterra a possibilidade de perdê-lo a qualquer momento.

— Ele pode estar ocupado. Eu ajudo o senhor a subir até o quarto — Lorenzo se oferece, mas papai nega, fica de pé e dá a volta na mesa.

Instintivamente, eu me aproximo para ajudá-lo, mas ele levanta a mão, mandando-me parar com o gesto. Droga, como eu me arrependo de ter discutido com ele! Mas fiquei tão enraivecida com suas atitudes machistas

que acabei esquecendo que papai ainda está convalescente. Eu não quero piorar a situação, por isso não insisto e me afasto.

— Por favor, acalme-se, Pilar. Eu estou bem, o mal-estar já está passando. Fique aqui e entenda-se de uma vez com o seu futuro marido e pai do seu filho — ele decreta, teimoso. — Eu mesmo farei isso. — Anda até a porta, abre-a e chama o segurança. Não leva mais que um minuto para Orestes aparecer e rapidamente analisar a cena. Após uma pequena troca de palavras, papai se apoia nele, os dois saem do escritório e começam a subir as escadarias.

Meu estômago se contorce quando ambos desaparecem das minhas vistas e ficamos somente Lorenzo e eu no interior do cômodo. Fora de mim, eu voo para cima do homem odioso à minha frente.

— Como você foi capaz de fazer uma coisa dessas comigo? Eu te odeio, ouviu bem? Odeio! — Eu o empurro e golpeio seu peito, usando toda a força que a fúria que estou sentindo me dá.

Surpreendido, mas sem precisar fazer muito esforço para absorver os golpes, ele dá um passo atrás para manter o equilíbrio.

— Calma, Pilar! Desse jeito, você só vai conseguir se machucar — Lorenzo me adverte, mas eu não escuto. Cega de raiva, sigo socando-o. Só quando eu tento arranhar o seu rosto é que ele agarra os meus pulsos e me obriga a parar.

— Me solta! — ofegando, eu exijo. E, sorrindo com escárnio, ele o faz.

Enquanto eu me acalmo, Lorenzo se recompõe, passando a mão pelo cabelo e fazendo o mesmo com a camisa, que ficou amarrotada onde eu o atingi. E antes de voltar a falar, ele mete as mãos nos bolsos da calça.

— Romero me liga dizendo que você está grávida, que ele ficou sabendo que o filho é meu, e exigindo que eu venha para cá a fim de fazer o certo. Eu fui pego de surpresa. Se você escondeu a novidade até agora, deve ser por alguma razão, e bem forte. O que você esperava que eu fizesse?

— Não se faça de bobo! Era só dizer a verdade, só isso!

Dissimulado, ele continua, como se eu não tivesse dito nada:

— A única coisa que me ocorreu na hora foi confirmar. Eu só quis te ajudar, Pilar. Fiz isso porque tenho sentimentos por você. Sabe disso. — Ele se aproxima e projeta o braço, tentando tocar o meu rosto. Eu desvio e me afasto, assim, consigo evitar o toque repugnante.

— O que você pretende conseguir com essa mentira deslavada? Espera, eu já sei. Está delirando de antecipação porque pensa que vai conseguir unir a *Esplendor* e a *Dourado Flores*, não é isso? Você anseia obter o controle das terras, dos animais, e deseja o poder que tudo isso pode te dar! — cuspo a minha verdade na cara dele.

Lorenzo joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada diabólica.

— *Touché!* Acertou, minha cara! Seria tolice da minha parte negar que a lista que você acaba de enumerar não é o maior incentivo para eu ter tomado a decisão de assumir o seu filho e me casar com você, a filha única de um dos maiores latifundiários do país. Mas não se deprecie tanto, Pilar. Você não é só um rostinho bonito e dona de um corpo fantástico, capaz de virar a cabeça de qualquer homem. Também é uma mulher inteligente, sofisticada e muito interessante. Dará uma excelente esposa-troféu!

Meu estômago revira. Eu juro que vou vomitar, e de preferência em cima desses maravilhosos e caríssimos sapatos de couro italiano.

— Como você pode ser tão arrogante e presunçoso? — Sinto a fúria borbulhando em minhas veias. — Um simples exame de DNA fará cair por terra essa sua fachada de bom-moço, de cara certinho e responsável que você faz questão de manter. Meu pai saberá quem você é de fato. Eu sempre soube que você não prestava, meus instintos me alertaram desde o início.

Ele dá de ombros, indiferente.

— Pilar, você sabe que o seu pai confia cegamente em mim. E eu não acredito que você colocará a vida do seu bebê em risco fazendo esse exame com ele ainda na sua barriga. Ou vai? Estou apostando que fará o teste só após o nascimento, e, até lá, estaremos casados. Quando o resultado sair, Romero não poderá fazer mais nada.

— Eu nem sei mais o que dizer. Não há uma ofensa que faça jus ao que você é. — Balanço a cabeça para os lados, totalmente abismada.

— Pode me insultar à vontade, porque os seus insultos não me atingem. Meu amor, pensa comigo, como eu poderia dar as costas à chance de uma vida de pertencer à prestigiosa família Dourado Flores e possuir tudo isso aqui? E você não pode sequer me culpar, afinal, eu não fiz nada. As coisas simplesmente aconteceram.

Minha nossa! Como uma pessoa pode ser tão mau-caráter? E como eu posso detestar tanto esse homem? Juro que ele faz o meu estômago revirar ainda mais que os enjoos que eu sinto por causa da gravidez.

— Está me dizendo que a oportunidade caiu bem no seu colo e você só aproveitou? Que não tem responsabilidade nisso? Oh, que coitadinho! — falo e um sorriso irônico repuxa meus lábios.

— Exato, foi isso mesmo — Lorenzo tem o desplante de confirmar. — Confesso que não me agrada, nem um pouco, ter que assumir esse seu

bastardinho..., mas para ter você ao meu lado, com tudo o mais que te acompanha, eu me disponho a fazer esse sacrifício. — Aproxima-se e pega uma mecha do meu cabelo, rolando-o entre os dedos. Eu me desvencilho com um safanão, mas ele nem se abala com a minha rejeição e tenta me colocar contra uma parede. — O que foi? O Romero estava certo quando disse que você engravidou de um namoradinho da faculdade? O que aconteceu? Depois de você contar que seria pai, o carinha caiu fora? Ah, e o pobre coitado sabe que deu as costas não só a você e ao filho dele, mas também aos milhões que você herdará do seu velho e frágil pai?

Com um jogo de corpo, eu passo por baixo do braço esticado, a fim de colocar uma distância segura entre nós.

— Você não passa de um intrometido sem noção! É um ser desprezível, Lorenzo Lobos, e nada que se refere à minha família ou à minha vida é da sua conta! Eu sempre soube que você era ambicioso e interesseiro, mas mau-caráter? Não, isso é novidade para mim. Mas as máscaras sempre caem, mais cedo ou mais tarde. Se eu abominava a possibilidade de ficar com você antes, com essa sua atitude, você só conseguiu conquistar o meu ódio, portanto, pode ir tirando o cavalinho da chuva, porque, no que depender de mim, não haverá casamento algum! — afirmo, alterada.

— Isso, minha bela Pilar, é o que nós veremos! — ameaça, com um sorriso confiante e debochado no rosto. Ele se engana se pensa que me intimida, mas eu não o subestimo. O que esse homem tem de bonito por fora, tem de podre por dentro.

— Agora eu sei quem você é de verdade. Tudo o que fez e disse só confirmam o que o meu sexto sentido me alertava sempre que você estava por perto. Escuta bem o que eu vou te dizer: prefiro me casar com o

primeiro homem que aparecer na minha frente a ser obrigada a subir ao altar com um cafajeste feito você! — Estou com tanta raiva que as palavras saem espremidas por entre meus dentes. De repente, sou acometida por uma tontura, cambaleio e preciso me apoiar na ponta da mesa para não cair.

— Venha se sentar, antes que caia — sugere ele, com a mão espalmada nas minhas costas.

— Eu não quero me sentar! — recuso, exasperada. — E para de me tocar! — Desvencilho-me de suas mãos com um gesto violento. Lorenzo recua e ergue uma sobrancelha irônica.

— Está pálida feito um fantasma. Acalme-se ou vai passar mal. Pense no bebê... — O cínico ainda finge preocupação com o meu bem-estar. Que Deus me perdoe, mas a vontade de estrangulá-lo é tão grande que a palma da minha mão chega a coçar.

— Você sabe onde fica a porta. Da minha parte, espero nunca mais ter o desprazer de olhar para a sua cara de novo — coloco para fora o que sinto, viro-me e dou as costas para ele.

— Ei, aonde você vai? Volta aqui! Nós ainda temos que conversar! — Lorenzo grita da porta.

— Vá para o inferno! — grito de volta, cruzo a sala e subo as escadarias.

CAPÍTULO 30

Pilar

Quase sem fôlego eu chego ao topo e me deparo com Vilma caminhando em minha direção.

— Como ele está? — questiono no instante que nos encontramos no meio do corredor. Meu corpo treme e sinto um aperto no peito enquanto aguardo a resposta.

— Orestes o trouxe para cima e o ajudou a se deitar. Ele já se acalmou, agora está descansando. Pilar, não se aflija tanto, o senhor Romero vai ficar bem — fala em um tom de voz suave e tranquilizador.

— Tomara. Escuta, você contou para ele sobre a minha gravidez? — sou direta. Vilma me olha com surpresa e, de modo enfático, nega com a cabeça.

— É claro que não, Pilar! Você me pediu segredo, eu não falei nada para ninguém. Te dou minha palavra de honra! — ela afirma com seriedade. Após analisar sua expressão por alguns instantes, eu aceito que Vilma fala a verdade.

— Nesse caso, papai deve ter escutado a nossa conversa e, como você, acabou concluindo que o bebê é do Lorenzo. Ou pode ter sido pela fatura do convênio. Bom, é só uma ideia. Na verdade, isso não importa mais. O pior foi que ele o chamou aqui sem falar comigo antes, agora quer porque quer me obrigar a casar. Não faz o menor sentido um casamento entre nós, porque eu jamais gostei do Lorenzo. E o filho que eu espero não é dele!

— Então... as vozes abafadas que eu ouvi da cozinha eram por isso... Seu pai descobriu que você está esperando um filho.

Confirmo balançando a cabeça.

— Eu sei que não devia ter discutido com ele. Papai está débil, com a saúde frágil, só que é mais teimoso que um burro empacado, só ouve o que quer e ignora o resto. Pensa que eu não percebi, mas está usando a minha gravidez para me obrigar a me casar com o homem que ele escolheu para mim, e eu sinto no meu âmago que tem alguma coisa por trás dessa insistência toda. Da parte do Lorenzo, eu já sei, mas não conheço os verdadeiros motivos do meu pai, além, é claro, de estar cego a ponto de considerar o babaca a perfeição em forma de gente.

Vilma abraça a pequena pilha de lençóis dobrados que traz consigo contra o corpo.

— Nos últimos tempos, o senhor Romero tem ficado pelos cantos, sempre calado e pensativo. Eu acho que o infarto o assustou de verdade, e o médico disse que o estado dele inspira cuidados. O patrão precisa descansar muito, não pode se esforçar de jeito nenhum, nem sofrer desgostos. De repente, ele acredita estar fazendo o melhor para você. Pilar, o seu pai vai cair em si, vai ver que está sendo irracional e mudará de ideia. Logo tudo se ajeita e as coisas voltam a ser como sempre foram.

— Sim, provavelmente — assinto, respirando fundo, desejosa de acreditar em suas palavras, mas sei que nada voltará a ser como antes.

Observo Vilma descer as escadarias. Quando a perco de vista, solto um longo suspiro e sigo meu caminho. Abro a porta do meu quarto, entro, passo a chave, atravesso o cômodo e vou me sentar na beirada da cama, só então posso dar vazão ao sentimento de desolação que oprime o meu peito.

A ansiedade queima o meu esôfago, lágrimas sobem, borrando minha visão, e respiro forte para tentar controlá-las. É difícil não me sentir mal

com a visita de Lorenzo e com toda essa situação horrorosa criada pelo meu pai. De um jeito ou de outro, ele vai ter que aceitar que eu decidirei o rumo que darei à minha vida e escolherei o homem que ficará ao meu lado.

Decido fazer uma chamada de vídeo com Adela, pois preciso desabafar com minha melhor amiga, e também necessito da sua sensatez para me ajudar a clarear as ideias.

— Estou encrencada — confesso depois de fazer um resumo do que acaba de acontecer.

— Eu não acredito que você deixou o seu pai pensar que o Lorenzo é o pai do seu filho! Por que não disse logo que é do Cruz, acabando de uma vez com esse mal-entendido?

Solto um grunhido desolado.

— Mas eu não deixei! Eu neguei várias vezes, porém, ele acha que eu só disse isso para desafiá-lo e pirraçar o Lorenzo. Papai encasquetou que o bebê é dele, e eu não consegui demovê-lo dessa ideia. E eu não contei sobre o meu envolvimento com o Santino... primeiro porque eu não queria contar na frente daquele idiota, e segundo porque pensei que a revelação poderia complicar ainda mais a situação. O Cruz ainda não sabe que espero um filho dele. Imagina como ele se sentiria caso descobrisse que será pai no meio dessa confusão toda?

— Entendi. E mesmo sabendo que você não suporta o cara, seu pai ainda quer te obrigar a se casar com ele? — Desolada, eu confirmo. — *Sinceramente, não dá para compreender o que se passa na cabeça dele!* — Adela conclui, indignada.

— Ele não aceita que eu seja mãe solo, e tudo o que mais quer é me ver casada. E se for com o *projeto de genro perfeito*, melhor ainda. O pior foi

que o desgraçado do Lorenzo ficou lá, se divertindo às minhas custas, e ainda teve o desplante de confirmar que é mesmo o pai do meu filho.

— Nossa, que canalha! Como se a situação já não fosse complicada o bastante, agora tem mais essa.

— Mas eu vou desenrolar esse novelo. Só preciso pensar direitinho no que vou fazer. Meu pai ainda não está bem, e eu não quero mais discutir com ele. Porém, tenho certeza de uma coisa: eu não me caso com o Lorenzo nem morta! Se depois de saber do bebê, Santino decidir que não o quer, sua atitude não mudará o fato de que meu filho já tem um pai.

— Você precisa contar logo para ele. Hoje! Já! Só assim vai convencer o seu pai a mudar de ideia.

— Eu já tinha intenção de contar, mas agora se tornou mais urgente. Nós vamos nos encontrar esta noite.

— Então faz isso, amiga, conte para ele. E boa sorte!

Nós nos despedimos, eu finalizo a chamada, e o cansaço resolve dar as caras. O dia foi longo, mas eu não posso descansar ainda. Preciso comer alguma coisa e tomar um banho. Sem perder tempo, vou para a cozinha, onde preparo um prato leve e rápido.

Meia hora depois, retorno ao quarto, entro no banheiro e encho a banheira. Depois de cheia, despejo um pouco de sais de banho espumantes e agito a água para diluí-los e fazer bastante espuma. Suspirando de puro prazer, eu me enfio na água morna e cheirosa.

Deitada, com a cabeça apoiada no encosto estofado, fecho os olhos para melhor apreciar o efeito relaxante do banho de imersão. Quando volto a abri-los, estou sonolenta e preciso de dois segundos para me localizar. A água, antes morna e convidativa, esfriou. Saio da banheira e me enrolo na

toalha. Quando volto para o quarto, faço uma careta para o meu reflexo no espelho, odiando estar tão pálida.

Agarro o celular, que eu havia deixado em cima da cômoda, verifico a tela e escancaro a boca quando vejo que dormi por uma hora inteira. Atrasada, eu me visto em tempo recorde, e, já do lado de fora, sigo para a casa de Cruz.

Encontrando a porta entreaberta, eu a empurro e entro. Não demora e percebo que a casa está vazia. Ansiosa para encontrá-lo, decido ir atrás dele. Na metade do caminho, eu me deparo com Gerson. Paro para perguntar se ele sabe do Cruz. O tratador de cavalos puxa pela memória e conta que o viu caminhar na direção da estrebaria. Eu agradeço a informação e, minutos depois, abro a porta do estábulo e paro para deixar os olhos se adaptarem à penumbra.

Um cavalo relincha numa das baias, o odor de cavalos e feno está forte no ar quente. Não há movimento perto das baias, então eu me volto para a sala de equipamentos, é quando ouço Cruz chamar:

— Estou aqui, Antero! — Ele está de costas para a porta, inclinado sobre o aparelho onde ficam as selas. — Esta cilha está fraca, precisa ser trocada. Me passa uma nova.

Quando ele não escuta ruídos, indicando que sua ordem está sendo obedecida, olha por cima do ombro. Cruz me vê, endireita o corpo e se vira para mim. Nossos olhares se cruzam, quase se tocam, e sinto aquele mesmo apelo, a mesma inquietação selvagem que me fez perder a cabeça na noite em que nos conhecemos.

Sinto um movimento esquisito na boca do estômago quando o magnetismo animal de Cruz me atinge. Ele me deixa tão no limite que

mexe comigo de maneiras inexplicáveis. E, por alguns instantes, eu não consigo pensar em nada, só em sua boca cobrindo a minha e suas mãos vagando pelo meu corpo. Descanso o olhar nelas, e o pensamento do que ele é capaz de fazer com elas me faz tremer.

Foco, Pilar. Foco.

Condeno-me por ser tão suscetível à sua presença, embora seja impossível não me fixar nele e me embebedar naquela pele naturalmente bronzeada. Eu o avalio com cuidado. Os dois primeiros botões de camisa de brim estão abertos e revelam uma pequena porção de pele morena, realçando sua beleza máscula. As mangas estão enroladas nos antebraços, e meus olhos pousam sobre a enorme tatuagem que começa no ombro, desce pelo braço, terminando no dorso da mão esquerda, mas que, no momento, eu só consigo ver uma parte. Os jeans escuros envolvem perfeitamente as pernas fortes, e, nos pés, um par de botas de couro.

— Pensei que fosse outra pessoa.

O comentário me desperta dos meus devaneios.

— Eu percebi.

Seu olhar é firme no meu, e tão vivo dentro de mim quanto o bebê que eu carrego. Meu fôlego encurta quando Cruz elimina a distância entre nós e me puxa para si com determinação. Ele abaixa a cabeça e seus lábios acariciam lentamente os meus em um movimento que me desconcerta por completo. Meu corpo inteiro reage ao seu apelo sensual à medida que aprofunda o beijo, e pressiono as coxas para conter a dor do vazio que me toma.

— Nossa, como senti falta disso — Cruz murmura quando nos separamos.

— Eu também. — Meu olhar vai para o tufo de cabelos indisciplinados que cai em sua testa, deixando-o ainda mais sexy. Enrijeço quando me lembro do motivo que me trouxe aqui.

— Aconteceu alguma coisa?

— Por que está me perguntando isso? — indago, na defensiva.

— Porque você ficou tensa de repente.

Em silêncio, saio do seu abraço e me afasto, abrindo caminho para a porta aberta. Eu nem percebi que o tempo fechou e começou a chover. Distraio-me observando os pingos furiosos de água atingirem os galhos das árvores, fazendo-os dobrarem-se ante a força e a violência do vento.

Um trovão ressoa, clareando a escuridão lá fora, e uma rajada invade o lugar, despenteando os meus cabelos. Eu os tiro dos olhos e abraço o meu próprio corpo, depois esfrego os braços rapidamente, mais por causa dos nervos alterados do que pelo frio.

— Então, vai me dizer o que está te afligindo? — As palavras ricocheteiam às minhas costas, mas ainda não estou pronta para responder a essa pergunta.

Percebo que não adiei a minha volta por causa do risco de meu pai não me deixar terminar o curso, o problema era que eu estava com medo de ser colocada de lado por ele e ser rejeitada por Cruz.

Uma saraivada de dúvidas martela na minha cabeça. Como contar que espero um filho dele, se ele não se lembra de nós dois naquela noite? E se o que fizemos não significou nada? *Bom, além do fato de que geramos um bebê naquela noite*, penso e giro o corpo para ficar de frente para ele.

Como sempre, sinto o impacto de sua visão, e mesmo que minha vida dependesse de uma palavra, eu não teria conseguido falar. Eu mal posso respirar diante do seu olhar, contudo, sei que não tem como adiar mais o momento de lhe dizer a verdade.

— Santino, eu... — começo, mas repentinamente suor frio brota na minha testa, um zumbido estranho cresce nos meus ouvidos, e tudo ao meu redor começa a ficar denso e difuso.

Fecho os olhos, sentindo que me falta o equilíbrio, e reconheço os braços de Cruz quando ele me ampara, estreitando-me contra o peito. Meu coração acelera, a respiração fica difícil, e, por fim, cedo às pressões e desfaleço em seus braços.

Quando acordo, percebo que estou deitada em uma cama de hospital. Inquieta e insegura, olho ao redor e me deparo com Cruz ao meu lado. Faço uma careta quando começo a me lembrar do que houve no celeiro.

— Shhh, calma, procure não se agitar — sussurra com voz grave e profunda. — Está tudo bem.

— Santino... — O belo par de olhos verdes me olha ansioso. Ele acena com a cabeça e sorri gentilmente para mim, mas o pequeno gesto é suficiente para aquecer tudo por dentro. E, de repente, eu me dou conta de que, apesar da angústia que sinto, estou sorrindo em retribuição.

— Seu pai não veio, mas a Vilma está lá fora, esperando pela médica, que ficou de retornar com os exames dentro de meia hora. — Seu rosto assume uma ternura sem igual. — Sereia... — Ele toca as costas da mão com o acesso usando apenas as pontas dos dedos. — Você me deu um susto e tanto desmaiando daquele jeito. Será que foi uma reação tardia da sua queda?

— Eu não sei... Acho que pode ter sido isso também...

Cruz ergue uma sobrancelha indagadora.

— Você disse *também*?

— Há um outro motivo para isso ter acontecido. — Respiro fundo. — Santino, nós precisamos conversar.

Seu polegar faz pequenos círculos na minha pele, distraindo-me. Seguro sua mão, fazendo-o parar.

— Tem que ser agora? Não prefere conversar depois, quando estiver se sentindo melhor? Pilar, olha onde estamos... — Cruz gira o pescoço em torno de nós, enfatizando o que acaba de falar, mas quando seu olhar pousa novamente em mim, eu aceno que não e agarro o seu pulso para evitar que ele se afaste.

— Eu pretendia ter essa conversa na sua casa, mas não foi possível. E neste quarto há a privacidade que necessito para falar o que preciso. Além disso, eu já me sinto bem — afirmo e me ajeito na cama.

— Está bem. Estou ouvindo.

Olho para o homem na minha frente e uma ideia clara e límpida, como um dia ensolarado, chega à minha mente. *Por que eu não pensei nisso antes?*, pergunto-me, com a emoção correndo por minha espinha, e preciso me esforçar para controlar a empolgação e manter meu rosto inexpressivo.

Acalme-se, Pilar. Fique calma. Sem emoção. Sem medo. Só assim você vai conseguir fazer o que precisa ser feito, recomendo a mim mesma.

— Talvez você estranhe a pergunta que eu vou fazer, mas garanto que há um bom motivo. — Lentamente, ele assente, então emendo: — Santino, você já pensou em se casar?

Cruz franze a testa e me encara detidamente.

— Não é uma pergunta estranha, digamos que ela seja inesperada.

— Só... me responde. Por favor — peço, tentando me manter firme.

Ele hesita e não me dá uma resposta imediata, no entanto, segundos depois, parece capitular.

— Já. Uma vez. Foi há muito tempo, não deu certo, e a vida seguiu seu rumo. Desde então, eu não pensei mais nessa possibilidade. Hoje me concentro em fazer um bom trabalho, me reerguer e, quem sabe um dia, economizar o suficiente para conseguir comprar um pedaço de terra e ter a minha própria casa de novo.

Percebo que a minha pergunta, sem querer, abriu velhas feridas, tendo em vista sua expressão ter se tornado fechada e introspectiva ao falar do passado. Eu realmente sinto muito por ter, mesmo sem querer, causado isso a ele, mas não posso recuar agora.

— Há anos meu pai me empurra para um cara que eu não suporto. Hoje, eu tive a confirmação de algumas suspeitas e descobri que ele não é nada do que aparenta. Engana, mente, trapaceia... Afirma gostar de mim, mas a verdade é que ele está interessado na minha herança. Seu maior desejo é se tornar o futuro dono e senhor da *Dourado Flores*. Meu pai está completamente cego! Não consegue enxergar quem de fato ele é. Eu tenho que impedir que o pior aconteça, por isso, em vista de tudo isso, pensei bem e tenho uma proposta para te fazer — concluo. E, sem dizer nenhuma palavra, com a expressão indecifrável, Cruz me escuta até o fim.

— Você tem uma proposta para me fazer? — repete após um longo momento de reflexão.

Eu confirmo com um aceno, pois se para frustrar os planos ambiciosos do descarado do Lorenzo eu preciso tomar uma atitude radical, então, que seja. Com esse pensamento em mente, crio coragem e falo de uma vez:

— A minha proposta consiste em você e eu nos casarmos.

CAPÍTULO 31

Pilar

Cruz ergue o braço e pressiona o dorso da mão na minha testa. Deve achar que estou delirando. Eu mesma não acredito no que fui capaz de dizer. Mas que opção eu tenho? Eu não consegui pensar em outra saída, não em tão pouco tempo. Preciso agir rápido se quiser impedir que papai siga em frente com essa loucura. E, como dizem, situações desesperadas exigem medidas desesperadas.

Embora eu tenha implicado com ele no início, não posso negar que Cruz conhece a lida e está familiarizado com os negócios inerentes a uma fazenda. Ele é trabalhador, responsável e diligente. Sem contar que meu pai confia muito nele, a ponto de cogitar lhe entregar a direção da *Dourado Flores*, coisa que nunca fez antes, pois sempre foi controlador e tem como lema de vida o ditado *"o olho do dono engorda o gado"*.

Papai não era de delegar. Acostumado a manter todas as decisões nas próprias mãos, qualquer assunto passava antes pelo seu crivo. Porém, eu soube pela Vilma que, nos últimos dois meses, as coisas tinham começado a mudar.

Aos poucos, as negociações envolvendo a compra e venda de gado, cavalos, insumos e equipamentos passaram a ser feitas por Cruz, que, apesar das novas atribuições, não deixou de se dedicar às demais tarefas rotineiras, afinal, como um homem do campo, sente-se muito bem colocando a mão na massa.

Para que tudo continue funcionando, ele conta com o apoio de gerentes, assistentes, auxiliares e técnicos. Acima dele, só o meu pai, para

quem Cruz presta contas por meio de relatórios detalhados e analisados durante reuniões realizadas de duas a três vezes por semana.

— Eu ouvi direito? — A pergunta me puxa para o presente. — Você falou em nos casarmos? — Cruz me encara com um vinco enorme entre as sobrancelhas.

— Foi isso mesmo o que você ouviu — respondo, tentando demonstrar uma segurança que eu não sinto.

— Deixe-me ver se entendi... Como você não quer fazer a vontade do seu pai, acredita que a melhor maneira de solucionar o problema é nos casarmos? — Faço um sinal de positivo com a cabeça. — Tem certeza que está bem? — pergunta, perscrutando a minha expressão.

— Tenho. E depois que eu explicar melhor os meus motivos, você vai ver que a minha proposta não é tão absurda quanto parece! — exclamo, convicta.

— Pilar, existe um abismo enorme entre nós. Eu mal comecei a trabalhar na fazenda, e sou só um funcionário, enquanto você é a dona de tudo aquilo lá. Romero jamais concordará com o que você está me propondo.

Agito a minha mente, procurando argumentos para conseguir convencê-lo.

— Ele saberá, mas no momento certo. Santino, me escuta, eu sei o que estou fazendo. Nos casarmos é a melhor solução. Pensa comigo: o meu pai confia em você, e não apenas isso, ele te admira. Você se tornou o seu homem de confiança, e em pouquíssimo tempo. Nós nos casamos, papai fica feliz, e você segue trabalhando como administrador da fazenda.

— Parece simples, mas algo me diz que não é... — Cruz me olha de esguelha, desconfiado.

Eu concordo com o que ele diz, mas um casamento entre nós, no momento, não é só a melhor, mas a única maneira que encontrei de deter o Lorenzo. Encaro o teto do quarto e me recordo do cinismo descarado daquele imbecil. Eu não posso esmorecer, há muita coisa em jogo. Discretamente, apoio a mão no meu ventre, respiro fundo e volto a falar:

— Como eu disse, meu pai quer que eu me case com um homem que não tem nada a ver comigo. Eu não tenho sentimentos por ele. Minto, eu o detesto. E eu viveria num verdadeiro inferno e me tornaria a pessoa mais infeliz do mundo caso me submetesse à vontade dele, mas posso pensar melhor e mudar de ideia. Eu faço o que papai exige e me caso, mas em vez do Lorenzo, o noivo será você.

Posso ver, pela sua linguagem corporal, que Cruz segue resistente e incomodado com a minha proposta. Ele está tenso e agitado. Analiso suas feições, mas não consigo saber o que se passa pela sua cabeça, pois mantém sua expressão indecifrável.

— Estou certo de que deve haver outra maneira de você lidar com o problema — ele fala. — Imponha-se, diga que não vai se casar com ele e pronto! Romero não pode te obrigar a fazer algo que você não quer.

Um pouco sem graça ante a situação, eu prendo o lábio e tento me explicar:

— As coisas não são tão simples assim. Eu tentei chamá-lo à razão, discutimos e ele se sentiu mal. Eu o conheço, Santino. Primeiro, é intransigente e autoritário, depois, quando percebe que esse método não funcionou, muda e começa a apelar. Meu pai não vai desistir, vai tentar me

manipular e usar o seu estado de saúde para me fazer sentir culpada. Vai usar todos os meios e o que estiver ao seu alcance para me convencer a fazer o que ele quer.

Contrariado, Cruz dá um soco no ar.

— E o que eu tenho a ver com isso? Essa situação é entre você e o Romero. Pilar, eu não posso compactuar com uma mentira. Está me pedindo para enganar, e não só o seu pai, que é o meu patrão, como todo mundo. Eu posso não ter nada nessa vida, mas tenho palavra e a minha honra. Eu não sou um trapaceiro de merda, e você me ofende quando me faz uma proposta como essa!

Ele me olha com fogo nos olhos e me dá as costas, e está prestes a partir quando eu o chamo:

— Santino? — Ele se detém, e eu não tenho dúvida que foi o desespero latente em minha voz que o obrigou a parar.

Mesmo insegura, eu preciso criar coragem e contar. Será que ele acreditará que o bebê é dele? Lorenzo está certo em uma única coisa, eu não vou arriscar fazer uma amniocentese para o teste de DNA. De jeito nenhum. E como Adela disse, caso a sua reação seja negativa, o perdedor será ele.

Talvez eu tenha metido os pés pelas mãos e me precipitado quando fiz a proposta. Cruz é um homem honesto e orgulhoso, mas eu não posso voltar atrás. Além de ser o pai do meu filho, ele representa a minha chance de me livrar de um casamento indesejado, com um homem mais indesejado ainda.

Com o semblante fechado, Cruz se vira e fica de frente para mim.

— O que foi? — indaga de má vontade.

— O principal motivo por meu pai estar me forçando a concordar com esse absurdo é... — Faço uma pequena pausa, engulo em seco e completo: — Eu estou grávida!

Cruz congela, acredito que assimilando o que eu acabo de revelar, e um rasgo de dor cruza o rosto pálido.

Fechando os olhos com força, ele leva as mãos às têmporas, mas eu não tenho tempo para tentar entender sua reação, porque uma pergunta vem baixa, e a voz grave soa arrastada, como se ele tivesse dificuldade em fazê-la passar pela garganta.

— Você está... grávida? — Aturdido é pouco para descrever o modo como Cruz me olha.

— Estou — confirmo e molho os lábios ressecados.

— Isso é... inesperado. — Ele parece chocado. — E o bebê... — Faz uma pausa, então emenda: — É desse cara com quem o seu pai quer que você se case? — Agonia pura passa pelo seu rosto. — Durante esse tempo em que estivemos juntos, você também estava com ele?

Abro a boca para mandá-lo ir ao inferno por acreditar que eu seria capaz de ficar com dois homens ao mesmo tempo, mas volto a fechá-la e arregalo os olhos quando percebo que Cruz está com ciúmes. Eu deveria me sentir ultrajada, porém, essa constatação diminui um pouco o fogo da minha raiva. Mas não vou negar que sua desconfiança machuca e me faz sentir mal.

— Acredite ou não, desde que te conheci, eu só fui para a cama com você. Com ninguém mais. — Cruz prende a respiração. Sei disso porque posso ver seu peito paralisado e o pulso visivelmente acelerado no pescoço, e há uma certa apreensão no modo como me olha. — E o bebê que espero é

seu. Você é o pai dele! — declaro e espero que ele fale alguma coisa. Qualquer coisa.

Paralisado, Cruz me olha pelo tempo que parece uma eternidade, então solta a respiração devagar e a cor começa a voltar gradualmente ao seu rosto. Pode ser coisa da minha cabeça, mas ele parece ter ficado aliviado com a minha revelação. Abre a boca, no entanto, nenhum som emerge. Está estático diante da novidade.

— É meu filho? Eu vou ser pai? É isso mesmo que você está me dizendo? — indaga, por fim.

— Posso ver que você tem dúvida. — Ergo o queixo em um gesto de desafio. — Eu esperava por isso. Se quiser, podemos fazer o teste e confirmar a sua paternidade, mas depois que o bebê nascer. Eu não faço agora porque é arriscado. Ouvi falar de um método não invasivo, mas não sei como é feito ou qual é o tempo mínimo de gravidez para poder realizá-lo.

Cruz sacode a cabeça, em seguida, afasta o cabelo caído na testa.

— Eu nem cheguei a pensar em pedir para você fazer isso, mas é que... — Ele para e me olha, as sobrancelhas unidas em confusão. — Como...? Quero dizer, quando? — pergunta e fica pensativo por uns instantes. — Aconteceu na noite anterior à viagem que eu fiz para recolher o gado?

Eu nego com um gesto.

— Naquela noite... eu já estava grávida. Estou com dez semanas de gravidez, Santino.

Atento, ele estuda a minha face, e posso imaginar as engrenagens em seu cérebro girando sem parar.

— Dez semanas... dois meses e meio. — Cruz faz um cálculo mental rápido. — Foi na noite que você disse que nos conhecemos... Nós geramos um filho e eu nem consigo me lembrar de quando aconteceu! — Seu olhar é torturado quando me olha, e o aperto em meu peito se intensifica. — Para ser sincero, eu nunca quis ser pai. — Meu coração afunda no peito. — Eu nunca me imaginei como um filho ou me vi criando e educando uma criança. — Não era o que eu esperava ouvir. Acho que vou vomitar, mas, em vez disso, puxo o ar e me controlo. — Mas agora que aconteceu, sinto uma coisa forte aqui dentro. Eu não sei como explicar, só sei que é um sentimento bom. Muito bom mesmo!

Ouvir isso me tranquiliza um pouco. Por um instante agonizante, cheguei a pensar que Cruz estava rejeitando o nosso filho.

— Imagino que essa notícia deva ser um choque. Eu não quero impor esse filho a você, mas acho que podemos entrar em um acordo, pelo nosso bem. Eu entendo a sua resistência à ideia de nos casarmos, porque não estamos apaixonados... — Sinto um desconforto angustiante, seguido de uma pontada de dor, mas necessito de sua ajuda, e, para isso, tenho que parecer convincente, ainda que eu precise reprimir o que sinto por ele. — Teríamos que fingir, por causa do meu pai, mas, no final, todos nós sairemos ganhando.

— Ah, é? E como será isso? Pergunto por curiosidade, porque eu nunca fui pedido em casamento, muito menos nesses termos. — Seu tom é sarcástico, mas eu não posso deixá-lo me intimidar.

— Quando papai descobrir que o bebê que eu espero é seu, nem imagino o que ele será capaz de fazer. Mas eu sei que isso frustrará os planos que ele fez para mim. Ele pode seguir não acreditando, pode se sentir traído por seu funcionário de confiança ter se envolvido comigo e

mandar você embora, mas, se nós nos casarmos, ele não terá escolha, só poderá aceitar a situação.

— Não sei, não... O que o impedirá de fazer o que ele quiser, mesmo você estando casada comigo? — Cruz aponta com seriedade.

— Ele não fará nada contra o marido da única filha e pai do seu futuro neto. E se meu pai insistir em ser do contra, eu tenho uma carta na manga, mas somente poderei usá-la dentro de um ano. Não se preocupe, Santino. Garanto que você não só manterá o seu emprego, como se tornará o CEO do *Grupo Dourado Flores*, e não me refiro só à fazenda. Por anos, papai diversificou os negócios, e hoje ele tem diversos empreendimentos, todos rentáveis, espalhados por três estados.

— Romero me contou por alto sobre esses empreendimentos que você mencionou. Bem, eu não posso negar que dependo exclusivamente do trabalho na *Dourado*...

Ansiosa para concluir meu raciocínio e deixar claro as vantagens mútuas do nosso acordo, eu o corto:

— Santino, se fizermos isso, meu pai ficará satisfeito, pois seu principal objetivo é me ver casada, e eu me livro do mau-caráter do Lorenzo de uma vez por todas. Caso você queira oficializar, nós podemos contatar um advogado e estipular um prazo para o término do nosso acordo. Ficamos casados por um tempo pré-determinado, esperamos o bebê nascer, eu jogo o teste de DNA na cara daqueles dois, nós nos separamos e seguimos com as nossas vidas.

Sinto a bile subir em minha garganta e a engulo apenas por pensar nisso, pois não acredito em nada do que estou dizendo. No entanto, precisa ser desse jeito, pelo menos por ora. Cruz deixou claro que não queria

vínculos emocionais ou laços que o prendessem, contudo, agora ele terá um para o resto da vida. Com o seu filho, mas não comigo.

— Concluindo, você continuará dirigindo o grupo, recebendo um salário alto, e poderá ver o nosso filho sempre que quiser. É a solução perfeita, e você tem mais a ganhar do que a perder.

— Reconheço que, do modo como você coloca as coisas, é possível ver as vantagens desse seu... arranjo. Eu não estou certo sobre essa parte de prazo para o casamento acabar, mas você percebe que está fugindo de uma união por interesse e me propondo uma por conveniência? É no mínimo contraditório, não acha?

Suas palavras me atingem, eu abaixo o olhar e cruzo os braços, desconcertada, como se Cruz pudesse ouvir os meus pensamentos.

— Pode ser, mas se eu tenho que fazer isso, quero pelo menos poder decidir quem será o noivo. Entre você e o Lorenzo, não tenho nem o que pensar. Basicamente estou fazendo isso por causa do meu pai. Ele é... antiquado. Na cabeça dele, só porque estou grávida, eu preciso me casar com pai do meu filho, e, assim, manter o bom nome da nossa família.

— Eu já entendi que você me fez essa proposta para não ter que se casar com esse cara que o seu pai escolheu, mas espera um pouco... Como o Romero está te obrigando a se casar com o Lorenzo, se o pai do seu bebê sou eu?

Faço uma careta e mordo a pontinha do polegar.

— Hum... bem, acontece que houve um mal-entendido.

Com uma postura desafiadora, Cruz eleva as sobrancelhas e cruza os braços na altura do peito.

— Então? Não vai falar? Estou esperando!

— Certo — acedo e conto para ele, de modo resumido, sobre os últimos acontecimentos. Cito a conversa que tive com a Vilma e a minha desconfiança de que foi assim que meu pai descobriu sobre a gravidez e concluiu de maneira errada que o pai era o Lorenzo. Falo do seu sonho de me ver casada com o filho do seu velho amigo e, assim, unir as duas famílias.

— Uniões forjadas à força, por ganância e ambição desmedidas — Cruz comenta, o semblante sombrio. — Eu já vi esse filme — emenda.

— Infelizmente, casamentos arranjados são mais comuns do que pensamos. Eu neguei tudo, disse mais de uma vez que ele estava enganado, mas meu pai é muito teimoso e se recusa a acreditar. Ele disse que estou fazendo isso só para desafiá-lo. E, aproveitando para se dar bem, Lorenzo confirmou que o meu filho é dele quando papai o questionou, mas só fez isso porque é interesseiro e faz tempo que está de olho na *Dourado Flores* — concluo olhando para ele, que tem o rosto contraído. Uma veia pulsa em seu pescoço, e parece que falta pouco para explodir.

Cruz vira-se de lado e enfia os dedos nos cabelos de maneira selvagem. Consigo ouvir os palavrões que ele solta baixinho. Está zangado, e não posso culpá-lo.

— É tanto absurdo junto que eu nem sei por onde começar! E esse tal de Lorenzo, tem um parafuso a menos? Como esse sem noção se atreveu a assumir o meu filho para o Romero? Espero que esse canalha mentiroso não cruze o meu caminho tão cedo, porque, se eu o vir, não respondo por mim! — Seu tom é agourento e ameaçador.

— Eu entendo a sua revolta, mas não é com violência que se resolve as coisas. Você apenas se prejudicaria por causa de um cara lixo. Concordo que o que ele fez é um absurdo, mas não vale a pena, Santino — tento apaziguá-lo.

Cruz fica mudo. Eu não posso permitir que, por raiva, ele chegue a extremos ou aja por impulso. Lorenzo não tem escrúpulos, não joga limpo, pertence a uma família influente, por isso tem muitos contatos. Gente da mesma laia que o defende e apoia. No fim, a corda arrebentaria no lado mais fraco.

— Pode ser que você tenha razão, mesmo assim, eu mantenho o que disse.

Bufo diante da sua evidente teimosia, mas não há nada que eu possa fazer no momento, então volto ao assunto principal:

— Escuta, eu não vou voltar a confrontar o meu pai. Ele pode passar mal de novo, e morro de medo que a situação piore. Papai não é mais o homem que era, sua saúde está frágil. Ele se esforça para não demonstrar fraqueza, mas eu sei que o seu maior medo é ir embora e me deixar sozinha. É mandão, teimoso e prepotente, mas é meu pai e eu o amo.

— Imagino como você se sente, mas precisa se manter positiva, Pilar. Seu pai é uma rocha, ele não vai se entregar sem lutar. Romero vai sair dessa, é só lhe dar tempo e tudo ficará bem — Cruz me conforta.

— Eu tento me manter otimista, mas não estou conseguindo. Ao mesmo tempo, sei da minha capacidade de tocar a fazenda, só que ele não pensa assim. — Eu não posso mais me controlar, as lágrimas sobem até os meus olhos e começam a escorrer aos montes pela minha face.

— Shhh, por favor, não chore — Cruz pede, vindo se sentar ao meu lado e enxugando meu rosto com os polegares. Respiro fundo e tento sorrir, amando que ele seja tão carinhoso comigo.

— A saúde dele pode se deteriorar se eu continuar me negando a fazer o que quer. Sua reação à minha gravidez pode ser considerada ultrapassada e medieval, mas eu não o vejo mudando de ideia. É turrão demais para dar o braço a torcer. Se não fosse pela teimosia dele, eu nem teria contado tudo isso e não estaria te propondo um casamento por contrato.

Eu me dou conta de que falei o que não devia quando vejo como a mudança de Cruz é drástica e instantânea. Ele fica de pé, e sua postura, antes relaxada, agora está tensa. Endurece o maxilar, assim como os olhos.

Tenho tanta vontade de tocá-lo, mas acredito que ele rejeitará qualquer tentativa minha de acalmá-lo. Em suspense, espero que me diga alguma coisa, que solte toda a raiva reprimida dentro dele, em vez de ficar ali, mudo e emanando pura masculinidade.

— E o que você pretendia fazer? Me negar a existência do meu filho? Me deixar no escuro para sempre? É isso? — As perguntas adentram meus pensamentos e me fazem enrijecer.

CAPÍTULO 32

Cruz

Trato de assimilar o que foi dito dentro deste quarto, mas é muita coisa para digerir e me custa acreditar no que está havendo. Estou atordoado demais para considerar alguma coisa, além da notícia chocante que Pilar acaba de me transmitir.

Fecho os olhos, esfrego as têmporas e inspiro com dificuldade, por causa dessa rigidez estranha na minha garganta. Com razão ou não, estou puto por ela ter admitido que se não fosse por todo esse enredo envolvendo o pai e o tal Lorenzo, eu nem saberia da existência da criança que espera. Estou mergulhado até o pescoço em uma situação inesperada, pois, além de descobrir que vou ser pai, a mãe do meu filho está me propondo um casamento de aparências.

Por fora, Pilar está agindo com uma frieza enervante, como se discutisse as cláusulas de um contrato, e não o rumo que daremos às nossas vidas. Mas esse comportamento parece fazer parte de uma encenação elaborada, já que ela se esforça demais para se manter alheia e calma. E como eu cheguei a essa conclusão? No momento em que peguei sua mão, estava gelada, e quando eu me aproximei, notei sua respiração encurtar e seu corpo inteiro enrijecer. Sinais de nervosismo ocultos sob uma camada de distanciamento emocional.

O que será que a fez acreditar que um casamento nesses termos daria certo? E como faríamos isso na prática? Depois de casados, ela iria morar na casa-alojamento, ou eu passaria a viver no casarão? Imagino que Pilar ainda não tenha pensado nesses detalhes. Sorrio por dentro, olho para o

chão e balanço a cabeça só de pensar na cara que Romero faria caso soubesse dos planos da filha.

Já vi que eu não presto para esse tipo de coisa. Um casamento de fachada – com prazo de validade, ainda por cima – não é para mim. Uma família não estava em seus planos, mas eu não tenho a pretensão de deixá-la ir. Eu manterei a ela e o nosso filho do meu lado, custe o que custar.

Eu não procurei por isso, contudo, se eu resolver aceitar sua proposta, vai ter que ser de verdade. Pilar se enganou quando imaginou que eu concordaria com a porra de um casamento pela metade. Eu não vim ao mundo para brincar. Comigo é tudo ou nada.

— Santino, por favor, acalme-se e fale mais baixo. Esqueceu que estamos em um hospital? — Seu lembrete, embora feito em um tom baixo e suave, consegue me arrancar dos meus devaneios e me trazer de volta ao presente.

Impaciente, corro a mão pelos cabelos e dou voltas pelo quarto.

— Não me peça para me acalmar quando diz, na minha cara, que não tinha a intenção de me contar que eu vou ser pai! Que tipo de pessoa faz isso? — esbravejo quando paro, cheio de indignação e raiva.

Paro por um instante, escutando as batidas erráticas do meu coração. Percebo que ela fica tensa quando dou um passo à frente e chego mais perto da cama. Com a fúria que levo aqui dentro, eu imagino que a minha aparência seja ameaçadora, por isso faço um esforço e relaxo os músculos do rosto.

— Você me entendeu mal, ou talvez eu não tenha me expressado direito, mas o fato é que eu pretendia te contar. É seu direito saber que será pai, e eu nunca tive a intenção de tirá-lo de você. Eu estava pronta para te

contar essa tarde, mas você disse que precisava voltar logo ao trabalho, então deixei para conversarmos à noite. Quando eu ia começar a falar, o mundo girou e tudo ficou escuro.

Corro os dedos pelos meus cabelos, então a encaro, furioso.

— Isso foi hoje! E antes? Por que você não me disse nada? Está de quase três meses, Pilar! Teve todo esse tempo para me contar e não o fez!

Pilar levanta o olhar e vejo que está magoada. Eu me sinto mal por ser a causa de sua mágoa. Eu devia pegar mais leve com ela, mas não consigo.

— Eu só descobri depois que voltei para São Paulo, e não disse nada porque achei que você poderia não aceitar bem a notícia, afinal, se trata de uma gravidez por acidente. Internamente, eu já me preparava para criá-lo sozinha.

Minhas narinas se alargam e sinto os músculos do meu maxilar saltarem quando respiro fundo, lutando para conseguir o meu autocontrole de volta.

— Admito que não é fácil receber uma notícia como essa assim, de uma hora para outra, mas eu não seria capaz de virar as costas à minha carne e sangue, nem à mulher que carrega o meu filho no ventre. Nunca, Pilar!

— Eu sinto muito — ela diz, forçando-se a me olhar nos olhos. — Eu podia ter confiado em você, mas tive medo. Para mim, descobrir que estava grávida foi um susto enorme. Precisei de tempo para absorver a minha nova situação e me acostumar com a ideia de que estava gerando o filho de um homem que eu mal conhecia, que perdeu a memória e, por isso, não era capaz de se lembrar de quando ele foi concebido. Um homem que fez questão de dizer que teríamos apenas aquela noite, porque não queria

nenhum tipo de vínculo. Eu fiquei insegura! E depois de tudo o que passei, você não pode me culpar por eu me sentir assim! — exclama, na defensiva.

Balanço a cabeça, sentindo-me mais calmo e controlado.

— Eu disse isso? — Pilar confirma, e eu não duvido. É bem provável que eu tenha falado algo do tipo. Solto um grunhido irritado, mas, quando continuo, meus nervos estão sob controle e meu temperamento é mais brando, afinal, o meu objetivo aqui não é assustá-la. — Então quer dizer que você prefere se unir a um desconhecido, no caso eu, a se casar com um cara que você conhece há vários anos?

A minha mudança de atitude e o tom de voz mais calmo fazem Pilar soltar os ombros e relaxar.

— É verdade que nos conhecemos há pouco tempo, mas eu não diria que você é tão desconhecido assim. Meu pai conheceu sua mãe quando ambos eram jovens, portanto, a sua origem é conhecida. Ele sabe onde e como você vivia. Na verdade, eu sei mais sobre você do que sobre o Lorenzo. Eu nunca tive o menor interesse em conhecê-lo melhor. Havia sempre algo obscuro e sombrio vindo dele, e isso me mantinha afastada. — Ela hesita, morde o lábio e confessa: — O completo oposto do que acontece quando estou com você.

Novamente, eu seguro sua mão. Também tenho algo a confessar.

— Eu sinto o mesmo. Por mais que eu não queira, sempre sou puxado para você, como um imã. Eu queria ser capaz de resistir, e até disse a mim mesmo que se eu tivesse algum juízo, me afastaria, porque não era certo me envolver com a filha do patrão. Mas fazer isso não é tão fácil como imaginei... A minha fome por você é tão intensa que chega a doer!

— Então você não nega a química que há entre nós? — indaga olhando para mim.

— Não dá para negar o óbvio, Pilar — sou sincero.

— E, além da atração física, nós coincidimos em várias outras coisas também — ela fala, então começa a enumerar: — Nascemos e vivemos no campo, amamos a terra, o trato com os animais, o estilo de vida ao ar livre... E, dentro de alguns meses, teremos muito mais em comum. — O olhar que ela me dá consegue ser intenso e terno ao mesmo tempo. — E você sabe a quem eu me refiro.

Esfrego minha face com a palma da mão livre.

— Sim, eu sei. Está certa, nós temos tudo isso em comum. Sabe, eu perdi o meu pai cedo demais e fui obrigado a tomar para mim as responsabilidades que antes eram dele. Minha mãe se foi há poucos meses, e eu não tive irmãos ou irmãs. Meus pais, assim como eu, eram filhos únicos. Se me resta algum parente vivo, deve ter se perdido por esse mundão de Deus. O que eu quero dizer é que... só quem é sozinho no mundo é capaz de entender o quanto significa a chegada de um pequeno ser.

— Nesse caso, eu acho que faço uma ideia. Meu pai é tudo o que eu tenho. Minha família inteira resume-se a ele, desde que eu me entendo por gente.

Por um momento, eu me sinto emotivo e nostálgico.

— Eu tentei preencher o vácuo insistindo em relacionamentos vazios, e na manhã em que seu pai apareceu me oferecendo trabalho, eu estava afogado em uma melancolia profunda. Eu estava a ponto de desistir de tudo, Pilar. De certo modo, Romero me salvou de mim mesmo. Eu poderia ter feito uma loucura naquele dia. — Levanto o rosto, ciente de que meus

olhos brilham por causa das lágrimas contidas. — Fui pego de surpresa, mas estou contente por saber que tem um filho meu a caminho e que eu nunca mais vou me sentir sozinho de novo.

Eu não sei bem qual foi o motivo que me levou a me abrir tanto, mas senti essa necessidade de colocar tudo para fora. Talvez seja porque estou cansado de manter muita coisa presa aqui dentro.

— Não se sentirá, Santino, porque terá a mim e seu filho junto a você! — declara, singela, enquanto me olha com carinho, ternura e um outro sentimento que, por ter passado rápido demais, eu não fui capaz de identificar.

— Eu mal posso acreditar que vamos fazer isso — falo e sorrio de nervoso, temendo cultivar a esperança de que finalmente vou preencher esse vazio frio. As perdas que sofri me destroçaram por dentro, abriram um buraco, criaram uma ferida que dói sem cessar, mas que agora pode começar a se curar.

— Isso o quê? — Confusa, Pilar me olha.

— Trazer uma vida ao mundo, cuidar de um ser humano indefeso e amá-lo sabendo que é uma parte nossa... Isso assusta um pouco, não é?

Ela faz um sinal positivo com a cabeça.

— Um pouco... não. Assusta muito! Mas eu acho que, juntos, daremos conta — comenta, com um pequeno sorriso e olhar sonhador.

Pilar desliza o dedo suavemente pela minha face, afagando a barba e seguindo a linha da mandíbula apertada. Ergo seu queixo e nossas bocas se encontram em um beijo breve e terno. Nós nos separamos devagar e ficamos nos olhando em silêncio. Eu me perco na plenitude do seu olhar oceânico por longos segundos. Tanta coisa é dita somente com o olhar...

Minha garganta trava, então balanço a cabeça, pigarreio e viro o rosto, quebrando o encanto.

— Eu vou lá fora verificar o que aconteceu com a médica — murmuro, um pouco sem jeito.

Evito seu olhar, levanto-me e vou para a porta, mas paro quando escuto Pilar me chamar.

— Santino, não vá ainda! Eu preciso te dizer mais uma coisa. — Aceno, e quando percebe que tem a minha completa atenção, ela continua: — O meu pai está planejando uma recepção para daqui a três semanas... para anunciar o noivado. Nesse meio tempo, devemos reunir os documentos necessários para darmos entrada no cartório. Como ele exigiu, eu me casarei com o pai do meu filho. Mas, para isso, você precisar dizer sim à minha proposta.

— Você tem argumentos válidos, mas eu ainda não tomei uma decisão — aviso.

— Tudo bem, eu sei que joguei muita coisa em cima de você de uma só vez. É compreensível que você precise de um tempo para pensar a respeito. Santino, nós não temos que resolver tudo esta noite.

Ando até a janela aberta e tento me distrair da confusão sem fim na minha mente. Penso no beijo que trocamos, apenas um toque suave dos lábios dela nos meus e uma onda de calor me invade. Engulo em seco, tentando reprimir o desejo inoportuno que ameaça me dominar. Momentos depois, eu volto a me sentar, não na beirada da cama, mas em uma cadeira que foi colocada de um modo que eu fico quase de frente para ela.

— Ainda estou assimilando a realidade de você estar esperando um filho meu. — Sinto o peito cheio de ternura quando pouso o olhar em sua

barriga. — Sereia, será que eu posso tocá-lo? — peço baixinho.

Pilar permanece em silêncio, mas faz que sim com a cabeça. Sob o seu olhar atento, eu inclino o corpo, estico o braço e descanso minha mão ligeiramente trêmula sobre o seu ventre.

— Eu acabo de descobrir que serei pai, mas já posso imaginá-lo, ou imaginá-la, correndo livre pelos campos, montando a cavalo... Eu vou lhe ensinar tudo o que sei. — Ergo a cabeça e pouso o olhar em seu rosto. — Pilar, eu não sou homem de se esconder ou fugir das situações que a vida impõe.

— E isso quer dizer...?

— Que eu já tomei a minha decisão.

— E o que você decidiu? É sim ou não? — ela inquire e fica à espera.

Talvez Pilar tenha enveredado por um caminho tortuoso e inusitado, mas isso não muda o fato de que está precisando de ajuda. Ela precisa de mim. Eu não lhe darei as costas, pois já percebi que essa mulher me evoca instintos protetores, dos quais eu nunca experimentei antes.

— Nós ainda temos muito o que conversar, precisamos esclarecer certos pontos, mas uma coisa eu te garanto: eu jamais deixei de assumir as minhas responsabilidades, e não pretendo começar agora. Então, sim, eu vou aceitar a sua proposta, mas com ressalvas — digo de modo solene.

— Jura? — Pilar arregala os olhos, a ansiedade visível em seu rosto.

Seguro sua mão na minha e meus lábios se curvam num pequeno sorriso, esperando tranquilizá-la.

— Eu nunca falei tão sério na minha vida. Pilar, você está grávida do meu filho, e nos casarmos é a coisa certa a fazer. Além disso, eu não quero

nem pensar nesse aproveitador do Lorenzo chegando perto de você e do meu filho!

Detesto imaginá-la nos braços de outro homem, e este sentimento é novo para mim, porque eu não me lembro de ter me sentido possessivo com uma mulher antes.

— Quanto a isso, você não precisa se preocupar. A última coisa que eu quero é encontrar aquele embuste pela frente. Eu não suporto nem respirar o mesmo ar que ele.

Meus músculos relaxam por conta da sensação de alívio que percorre o meu corpo, permitindo-me voltar a respirar normalmente.

— Melhor que seja assim — resmungo, mas me tranquilizo quando emendo, mantendo suas mãos presas entre as minhas: — O nosso filho vai começar a vida dele com os pais vivendo sob o mesmo teto. Juntos, vamos criar um lar bom e seguro, onde ele possa se sentir protegido e amado.

— Gostei muito de ouvir isso. Eu desejo o mesmo. Quero que o nosso filho conheça o amor incondicional — ela afirma, com a expressão animada.

— Pilar, o passo que pretendermos dar mudará radicalmente as nossas vidas — alerto. — Mas eu tenho uma condição inegociável para que aconteça. Se vamos seguir em frente com isso, terá que ser do jeito certo.

— E que jeito seria esse?

Antes que eu responda, escutamos duas batidas na porta. Esta é aberta por uma mulher de estatura mediana, cabelos pretos e curtos, usando um jaleco e óculos. Ela adentra o quarto, e analisando rapidamente sua expressão fechada e contrita, eu deduzo que algo está errado.

— O que foi, doutora? Está tudo bem com a Pilar? — adianto-me a tirar minhas dúvidas.

Com o semblante severo, a médica suspira e enfia as mãos nos bolsos do avental.

— A senhora que está lá fora... Vilma...?

Imediatamente Pilar vira-se para mim, com uma pergunta muda nos olhos.

— Quando você passou mal, eu liguei para o casarão e fiquei sabendo que o Romero tinha tomado um remédio e estava dormindo, então a Vilma se prontificou a pegar os seus documentos e vir comigo. Ela achou melhor não acordar o seu pai, porque a notícia poderia assustá-lo, mas agora que despertou e sente-se melhor, você mesma pode ligar para ele — falo, segurando suas mãos.

Ela move a cabeça, negando.

— Prefiro deixar para falar com ele depois. Eu não acho necessário preocupá-lo agora, mesmo porque, já me sinto bem.

Assinto em silêncio, então a médica retoma a sua fala de onde parou:

— Bem, a senhora Vilma estava bastante agitada quando me parou e me informou do seu estado, o que foi bastante providencial, porque foi possível realizarmos exames específicos. Eu verifiquei os resultados e sinto muito, mas tudo leva a crer que você, Pilar, está sofrendo de um quadro de pré-eclâmpsia. Sua pressão está alta e as artérias uterinas estão dilatadas. — Sua expressão é de consternação quando conclui.

Com a confusão estampada no rosto, Pilar olha para mim e a seguir para a doutora.

— Eu não entendo... Nunca tive problemas de pressão antes. E o que significa isso de estar sofrendo de um quadro de pré-eclâmpsia?

— Bem, em termos simples, significa que você vai ter que se cuidar muito. Descansar, evitar o estresse, se alimentar bem, ingerir os nutrientes certos e ter um bom controle emocional para não prejudicar a gravidez. A sua vida e a do bebê estão em risco, Pilar. Há uma grande chance de você sofrer um aborto espontâneo se não seguir cada uma das minhas recomendações ao pé da letra.

— O quê? Isso não pode estar certo... Eu não posso perder o meu bebê — Pilar fala baixinho, e sou capaz de identificar o pavor em sua voz.

Impactado com o que acabo de ouvir, um arrepio invade meu corpo e permaneço estático por um longo tempo. Quando saio do meu transe, viro a cabeça; Pilar está com a mão apoiada no ventre num gesto protetor, lutando para respirar, enquanto lágrimas grossas escorrem por sua face. Eu não penso duas vezes antes de abraçá-la, murmurando palavras de conforto em seu ouvido. Meu coração bate dolorosamente quando, em um estado de desespero crescente, Pilar se agarra a mim e afunda o rosto em meu peito.

Enquanto eu a seguro, com meus braços apertados ao seu redor, respiro a delicada fragrância de seu cabelo. Tocando seu queixo, ergo seu rosto, fazendo-a me olhar. Vejo medo em seus olhos e prometo a mim mesmo que farei o que for preciso para protegê-los, a ela e ao nosso filho.

CAPÍTULO 33

Pilar

As palavras que saem da boca da médica reverberam como uma onda de choque pelo meu corpo, e me apavora saber que tanto eu quanto o bebê corremos risco. Num gesto protetor, coloco a mão sobre o meu ventre, perco o controle e começo a chorar. Cruz me abraça com força, e, por instinto, eu me aperto contra o seu peito em busca de calor e conforto.

— Oh, Deus, eu não posso perdê-lo... — Percebo que pensei em voz alta quando ouço Cruz me acalmar e dizer baixinho que eu não vou. Sua mão desliza pelas minhas costas numa carícia morna e contínua. Esse carinho é o que eu mais preciso agora para me sentir confortada e segura.

É tranquilizador saber que eu não estou sozinha, porque necessito desesperadamente me apoiar em alguém, e quem melhor para esse papel que o pai do meu filho? Momentos depois, quando estou um pouco melhor, relutante, eu saio do seu abraço e me afasto devagar. Pisco bem os olhos e respiro fundo, enquanto Cruz me observa sem dizer nada. Diante do silêncio que inunda o quarto, noto que minhas lágrimas molharam sua camisa.

— Sinto muito — eu me desculpo e indico a mancha no tecido com um movimento do queixo.

Desconfortável, condeno-me pela minha falta de controle, ao mesmo tempo, eu sei que não tive como evitar. Cruz balança os ombros, dizendo sem palavras que aquela mancha não tem importância alguma.

Discreta, a médica nos dá algum tempo para tentar assimilarmos a notícia, aguardando enquanto eu me recomponho. Então, sua voz volta a ser

ouvida, chamando nossa atenção. Abalada, eu seco os últimos resquícios de lágrimas das minhas bochechas e me preparo para ouvi-la.

— Pilar, nós vamos tratar a sua pressão com anti-hipertensivos, e como você já está tomando as vitaminas pré-natais em goma, melhores para quem tem estômago sensível, e o ácido fólico, para o desenvolvimento fetal, eu só vou acrescentar um suplemento de ferro. O seu nível está baixo, o que explica o cansaço fora do normal que você me contou que anda sentindo.

Meneio a cabeça em aceitação.

— Doutora, eu gostaria de tirar uma dúvida. Eu vivo em uma fazenda e acabo de me formar na universidade. Cursei veterinária e pretendia voltar a tratar dos animais. Desde muito jovem eu sempre cavalguei, exercitava os cavalos, ajudava a vacinar o gado e também me envolvia em outras atividades que...

— Pilar...?! — Cruz me interrompe, e seu tom é de advertência.

Viro-me para ele e esclareço:

— Eu só quero saber o que eu posso ou não posso fazer, Santino. — Estreito os olhos, evidenciando o meu desagrado.

Ele faz um breve gesto de concordância, então a médica responde:

— Bem, o ideal seria você evitar, mas creio que pode fazer algumas tarefas na sua área, desde que sejam consideradas leves, como consultas, exames e ministração de medicamentos. Deixe outras pessoas a cargo das tarefas que exijam esforço físico. Mais para frente, e dependendo da evolução da sua gestação, isso poderá ser revisto. No entanto, não vai poder cavalgar e não deve fazer nada que exerça uma tensão indevida sobre o seu ventre.

É claro que eu não gosto do que estou ouvindo, mas também sei quais podem ser as consequências se eu não fizer tudo o que ela diz. Após uma pausa, com os traços do rosto severo suavizados e o tom de voz um pouco mais amistoso, a médica emenda:

— Eu sinto muito por ter sido um pouco brusca e direta ao lhe dar a notícia, mas é meu dever ser o mais franca possível. Preciso que você tenha bem claro na sua mente quais são os riscos que corre e não relaxar nos cuidados. O seu quadro no momento é de uma pré-eclâmpsia, e faremos o possível para que ela não evolua para a eclâmpsia propriamente dita. Para isso, temos que levar a situação atual muito a sério.

— Mas a senhora tem certeza de que existe mesmo esse risco? — Cruz questiona, as sobrancelhas unidas.

— De acordo com os resultados dos exames, sim, existe. Mas tomando os medicamentos prescritos, repousando sempre que possível, não fazendo esforços desnecessários e controlando o estresse, esse quadro poderá permanecer estável. A gravidez da Pilar terá que ser acompanhada de perto, e serão realizados novos exames e avaliações a cada consulta de pré-natal. Bem, agora eu vou deixá-los a sós, preciso finalizar o atendimento e assinar a sua liberação — conclui ela, olhando para mim.

— Você quer mesmo ter essa criança — pensativo, Cruz fala quando ficamos sozinhos.

— Ela não foi planejada, mas eu a quero muito. Santino, diante do que a doutora acaba de dizer, talvez seria melhor pensarmos um pouco mais sobre a proposta que eu te fiz... — falo, incerta.

— Não entendi. — Ele me brinda com um olhar cortante. — O que você quer dizer com isso?

Abaixo os olhos e fixo-os nas minhas mãos unidas pousadas em meu colo.

— Ela disse que existe uma boa chance de eu perder esse bebê, e se isso acontecer, o motivo principal que levou o meu pai a impor sua vontade e forçar essa situação entre mim e o Lorenzo deixaria de existir...

Merda! Falei besteira de novo!

Eu nem tenho tempo de emendar, porque, no mesmo instante, Cruz fica tenso e, inquieto, volta a andar pelo quarto. Engulo em seco, mas o nó que fecha minha garganta não passa. Ele para e me encara, e, ao contrário do alívio que eu esperava ver estampado em seu rosto, livrando-o de um casamento por conveniência, seus olhos se apertam e sua voz se torna vibrante de raiva.

— Nunca mais diga isso! Você não vai perdê-lo! Vai seguir as recomendações da médica, vai tomar os remédios receitados e tudo ficará bem. Precisa parar de pensar de modo negativo, Pilar!

Olho espantada para ele. Minha língua parece ter grudado no céu da boca e eu fico sem saber o que dizer.

— Estou só sendo realista, Santino... — falo depois de um tempo.

— Não concordo, mas o fato é que você está grávida e devemos reagir da melhor maneira a essa realidade, portanto, o casamento segue de pé! — rebate, cruzando os braços sobre o peito e cerrando os lábios, carrancudo.

É real. Ele se importa. E essa constatação me faz ceder.

— Está bem. Eu vou tentar não ser tão negativa no futuro. Melhorou?

Cruz meneia a cabeça, relaxa os ombros e descruza os braços.

— Melhorou.

Depois disso, não demora muito para a médica voltar e dizer que estou liberada para ir – com um milhão de recomendações para seguir, mas estou. Deixamos o quarto e nos encontramos com Vilma, aguardando, paciente, na sala de espera. Discreta, ela apenas pergunta se eu estou bem. Respondo que sim, então ela acena e se cala.

— Vamos. — Cruz coloca a mão de leve nas minhas costas, numa atitude gentil, conduzindo-me para a saída. Mesmo por cima do tecido da blusa, separando a minha pele da dele, ela vibra com a pressão de seu toque. Ele não parece afetado por isso, mas meu coração acelera com sua proximidade.

Dou uma olhada rápida para Vilma. Se ela está estranhando o gesto íntimo, assim como o fato de Cruz ter ficado sozinho comigo no quarto, guarda suas dúvidas para si e nos segue pelo largo corredor até a saída. Do lado de fora, Cruz indica a caminhonete estacionada a poucos metros de distância.

Ele respeita o meu silêncio durante o percurso de volta para casa, e, quando chegamos à *Dourado Flores*, estou adormecida. Sinto alguém tocar meu ombro e me sacudir levemente. Abro os olhos e me deparo com o mais lindo par de íris azuis. A boca atraente ostenta um leve sorriso quando pergunta gentilmente:

— Cansada?

Sorrio fraco para ele, com as pálpebras quase fechadas, e sacudo a cabeça para clarear a mente.

— Exausta. Eu não vejo a hora de tomar um banho e me enfiar debaixo das cobertas — respondo com voz sonolenta.

— Entendo. — Cruz olha rapidamente para o banco de trás, depois vira-se para mim e emenda: — Foi um dia longo e cansativo.

— Foi mesmo. Obrigada por tudo, Santino. — Eu me viro e coloco a mão na maçaneta, mas ele me faz parar com um gesto.

— Não foi nada. Fico contente por ter sido capaz de ajudá-la.

Com o canto do olho, vejo Vilma abrir a porta e descer para o pátio. Sabemos que na presença dela temos que nos comportar como o gerente de pecuária e a filha do patrão, embora a minha vontade seja ser envolvida pelos seus braços e sentir o calor de sua boca na minha. Mas, infelizmente, não é possível.

Engulo a minha frustração e lanço um olhar significativo em sua direção. Quando ele retribui, há carinho, mas também há um brilho especial em seus olhos. Gosto da maneira como Cruz me olha. Gosto de como ele se preocupa comigo e com o nosso bebê. Oh, Céus! Eu gosto de tudo nesse homem!

— Para de me olhar com esses olhos cheios de tesão, sereia. Eu não resisto e sou capaz de te dar um beijo, daqueles de cinema, agora mesmo, sem me importar com quem possa ver — Cruz fala baixinho muito perto do meu ouvido, para que somente eu possa ouvi-lo.

Abro a boca para contestá-lo, mas quando olho para o seu rosto, desisto e apenas sorrio. Cruz estende a mão e, com sua ajuda, eu começo a descer. Ele desliza a outra suavemente pelo meu ombro, e meu coração sobe à garganta quando seus dedos resvalam em um seio, provocando uma corrente elétrica que me deixa paralisada.

Entrego-me por um instante à sensação forte do contato íntimo, embriagada pelo calor e pelo cheiro masculino do seu corpo tão perto do

meu.

Sacudo a cabeça e limpo a garganta.

— Boa noite. Até amanhã — eu me despeço, procurando soar formal.

— Durma bem, senhorita! — Cruz também é formal, e desta vez seu tom de voz é mais alto, porém, eu percebo que nossa proximidade não atinge somente a mim. Assim como eu, ele também se encontra alterado. Para disfarçar, Cruz gira o corpo e se despede da governanta: — Boa noite, Vilma!

— Boa noite, Santino. — Séria, Vilma caminha na minha direção.

Com um último aceno, Cruz se senta atrás do volante, enquanto eu o observo, sentindo o bombear frenético em meu sangue. Recupero o autocontrole e percebo o quanto estou aliviada por finalmente ter lhe contado sobre o nosso bebê.

O esforço atroz de manter tudo isso dentro de mim, e por todo esse tempo, estava acabando com os meus nervos. Eu sei que grande parte dessa demora em contar foi culpa da minha insegurança e dos meus medos, que graças aos céus se revelaram totalmente infundados. Saindo dos meus devaneios, retribuo o seu aceno num gesto automático. A seguir, Vilma e eu subimos a escadaria que nos leva à entrada do casarão.

CAPÍTULO 34

Pilar

Na manhã seguinte, depois de eu ter dormido a noite inteira – acredito que o soro que recebi na veia foi o que me fez dormir profundamente –, adentro a cozinha para tomar o café da manhã e encontro meu pai, terminando o dele.

Nós nos cumprimentamos rapidamente e eu me sento à mesa. Como estou um pouco enjoada, sirvo-me apenas de um copo de suco natural. Mais tarde, eu volto e pego alguma coisa para comer. Do jeito que estou me sentindo agora, sei que não vou conseguir manter alimentos sólidos no meu estômago.

— Então, a partir de agora vai ser assim? Você não vai mais falar com o seu velho pai?

Olho para ele através dos cílios, aprumo o corpo e respondo:

— É claro que vou. Eu só estou um pouco... pensativa.

Papai sinala que entende, mas seu semblante segue carregado.

— E como está o meu neto? — indaga, com a expressão mais suave. É como se apenas pensar no bebê tivesse o poder de fazê-lo relaxar as feições.

— Seu neto, ou neta, está bem — respondo, tomo um gole do suco e pouso o copo na mesa, evitando olhar na direção dele.

— Pilar, você não vai contar para o senhor Romero? É importante que o seu pai saiba o que houve com você ontem à noite — Vilma instiga.

Alarmado, papai fixa o olhar indagador no meu rosto.

— Contar o quê?

De nada serve adiar, pois uma hora ele vai ter que saber. Talvez, sabendo o que aconteceu, papai recue e amenize esse clima pesado e ruim que ficou entre nós.

— Eu passei mal e fui parar na emergência.

Ele me olha confuso por um instante, mas logo parece assimilar o que falei.

— E como foi isso? Quando...? Foi por causa do que nós discutimos? — Seu tom e expressão são de quem se sente culpado. — E por que eu não fiquei sabendo disso? — questiona, com um toque de irritação na fala.

Eu não o corrijo, até porque, a nossa dura troca de palavras e toda aquela situação estressante criada por ele mesmo podem, sim, ter contribuído tanto para o meu desmaio quanto para a minha repentina alta de pressão.

Balanço os ombros, colo as costas no encosto da cadeira e respondo:

— Não soube porque o senhor tinha tomado remédio e estava dormindo. Eu achei melhor não o acordar só para ficar preocupado comigo. O Santino me levou para o hospital. E a Vilma foi junto.

— Mesmo assim, eu gostaria de ter sido avisado — ele insiste e, aborrecido, coloca o guardanapo sobre a mesa. — Você já ligou para o Lorenzo?

Já vai começar? Droga! Será que eu não posso ter um minuto de paz?

Olho para ele sem ocultar o meu total e absoluto desgosto.

— É claro que não. O Lorenzo não tem nada a ver com a minha vida.

— Ele é o pai dessa criança e tem o direito de saber o que acontece com o filho! — exclama.

Respiro fundo para manter a calma.

— Eu já disse isso ontem e vou repetir hoje: o Lorenzo não é o pai do meu bebê! — Papai me lança um olhar de descrença. — Como pode o senhor, um homem de negócios, um empresário inteligente e esclarecido, não conseguir perceber que aquele cara não passa de um aproveitador? Ele só disse aquilo porque sempre teve interesse em botar as mãos na *Dourado Flores*! Um simples exame de DNA resolveria esse imbróglio todo assim! — concluo, fazendo o movimento de um estalar de dedos.

— E por que você não faz logo esse teste? Prove que eu estou errado! — desafia.

— O senhor está se escutando? Consegue ver o absurdo do que está me pedindo? Eu não tenho que provar nada, além disso, não é tão simples assim. E o Lorenzo sabe que eu não posso fazer o teste agora, porque o risco de prejudicar o bebê é grande. Foi por esse motivo que assumiu um filho que não é dele e concordou com um casamento completamente sem sentido. Ah, sabe de uma coisa? Estou cansada disso tudo! Pense o que quiser. Eu desisto de tentar convencê-lo!

Estou a ponto de me retirar, mas viro-me para ele e o encontro pálido e com o semblante abatido. Sinto-me culpada por esquecer que seu estado de saúde é delicado, mas basta um balançar de cabeça para fazer esse sentimento desaparecer.

Eu não posso ceder. Eu não vou ceder.

Papai fica pensativo, e o silêncio que cai sobre nós só é quebrado depois de alguns minutos.

— Sei que estou sendo um pouco intransigente — para minha surpresa, ele admite.

É claro que ele disse isso contra a sua vontade, mas já considero um avanço, embora a condescendência que tem para consigo mesmo me deixe indignada. Faço um gesto impaciente com a mão e coloco o que penso para fora:

— Só um pouco? Eu diria que o senhor ultrapassou todos os limites da racionalidade! Depois de tudo, poderia ter me dado, ao menos, o benefício da dúvida. Sou sua filha, caramba! Mereço ter a sua confiança. Odeio o fato de o senhor não acreditar em mim.

Com um gesto, papai dispensa Vilma, que deixa a cozinha sem demora. Quanto ao que eu acabei de lhe dizer, ele não faz nenhum comentário. Fica mudo. Papai não me contradiz, nem se defende, em vez disso, volta a focar no assunto que deu início à nossa conversa:

— Você não me contou o que realmente aconteceu para precisar ser levada ao hospital.

— É verdade, eu não contei. — Aceito e faço um relato breve, terminando com o diagnóstico da médica. — É por tudo isso que eu preciso ficar o mais tranquila possível. Nada de esforço físico ou passar nervoso. Esse casamento forçado que o senhor inventou me deixa muito estressada. Só de ouvir o nome daquele ser me irrita, portanto, se não quiser que algo de ruim aconteça com o seu neto, eu acho melhor evitarmos tocar em qualquer assunto que envolva aquele crápula.

Agastado, papai aperta os lábios, depois esbraveja:

— É claro que eu não quero! Nem com o meu neto, nem com você! O que eu sou agora? Um monstro? — explode, indignado.

— Um monstro... não. Mas está sendo intransigente e surdo a tudo o que eu digo, não levando em consideração o que eu quero para a minha vida. Eu posso perder o bebê se o senhor continuar insistindo nessa ideia absurda de me ver casada com o Lorenzo. Se não voltar atrás e mudar de ideia, o senhor vai me obrigar a tomar uma atitude drástica.

— E qual seria essa *"atitude drástica"*? — papai indaga com desdém.

Deixo escapar um suspiro cansado.

— Eu preciso de paz e tranquilidade para poder levar essa gravidez adiante, e se eu não tiver nenhum dos dois dentro desta casa, vou procurá-los em outro lugar.

Ele fica tenso, é óbvio que não era o que esperava ouvir.

— Ah, é? E para onde você pretende ir? E vai viver de quê?

Dou de ombros, fingindo indiferença.

— Não sei. Talvez eu volte para São Paulo. E quanto a me manter, eu tenho um dinheiro guardado. Economias da época em que eu estagiava e fazia uns bicos num bufê nos fins de semana. Tenho uma amiga que mora sozinha e que ficará muito feliz quando eu contar que estou indo morar com ela. — É uma ameaça vazia, pois não tenho a menor intenção de fazer isso, afinal, Cruz está aqui, e eu não quero me afastar dele. De nenhum dos dois.

Papai volta a fechar a cara, meneando a cabeça.

— E você seria capaz de fazer uma coisa dessas? Abandonar seu pai, deixando-o sozinho neste casarão? Daria as costas para a pessoa que fez tudo por você no momento em que ele mais necessita da filha?

Eu estava certa. Sabia que ele ia tentar essa jogada para cima de mim. Entendo que papai ainda não está bem de saúde, mas qual a necessidade de apelar para o meu amor de filha? É claro que a sua intenção é me manipular, só que eu não vou aceitar. Não desta vez. Antes eu não via problema em ceder e fazer as vontades dele, mas agora as coisas mudaram muito, eu tenho que priorizar a vida do meu bebê, além da minha própria.

— Eu sinto muito, pai, mas é o que acontecerá se o senhor não mudar a sua visão e as suas atitudes. Pelo bem-estar do bebê que eu espero, e do meu, eu sou capaz de fazer isso, sim.

Percebendo que não conseguiu me manipular como queria, papai cede e, mesmo a contragosto, confessa:

— Eu não quero que você saia de casa. É minha única filha, está grávida, e o meu neto vai nascer aqui! Na terra do avô dele! — Ele faz uma pausa, respira fundo e continua: — Está bem, eu vou falar com o Lorenzo e dizer que os planos para o casamento estão adiados, mas só até termos certeza de que não há mais o risco de você perder a criança.

Levanto a mão e sinalizo com o dedo.

— *Adiados*? Não! Esse plano maluco nunca deveria ter existido, para começo de conversa. Diga a ele que estão cancelados! Em definitivo! — determino. E com a desculpa verdadeira de uma dor de cabeça, deixo a cozinha e subo para o meu quarto, de onde eu só saio para comer.

Depois do almoço, dou um passeio pelo campo e passo pelas cavalariças na volta. Converso rapidamente com Gilberto Moura, um dos outros três gerentes de pecuária. Fico sabendo da proposta de compra feita pelo Cruz, e avalizada pelo meu pai, de um potro de dois anos e filhote de um famoso campeão de turfe do interior de São Paulo.

Tomar conhecimento de uma transação como essa por terceiros me deixa um pouco magoada. Mais uma vez, eu fui deixada de lado. Mas penso melhor e decido que não adianta nada ficar remoendo o que eu não tenho como mudar. E não é uma boa ideia confrontar o meu pai, ainda mais com a nossa relação estremecida do jeito que está. Decido colocar este assunto de lado, pois não vale a pena alimentar ressentimentos. Papai é o dono da fazenda, e Cruz é o seu homem de confiança. É assim que as coisas são.

O resto da manhã passa num marasmo sem fim, e no meio da tarde já estou tão entediada que, se eu não fizer alguma coisa, é quase certo que vou enlouquecer. Papai descansa em seu quarto, Vilma se ocupa dos afazeres da casa, e Cruz está envolvido no seu trabalho na fazenda, então o que me resta é dar uma volta. Eu não posso cavalgar, mas posso dirigir, e até já sei para onde vou. Preciso abaixar o nível de ansiedade, e nadar sempre teve um efeito calmante sobre mim.

Pego o jipe e dirijo até o rio. Conheço-o desde criança. Sei onde ficam as partes mais perigosas e onde eu posso nadar com segurança. Tiro o short, a camiseta e as botas. Vestida com o biquíni que coloquei por baixo da roupa, eu mergulho. Quando volto para a superfície, vejo que me distanciei cerca de três metros da margem.

Permaneço parada, refrescando-me por um bom tempo. Ao sair do rio, pego a toalha que deixei no assento do jipe, forro-a sobre uma pedra alongada e levemente inclinada, deito-me nela e espero os raios do sol me secar. Eu amo este lugar. Ele sempre foi um dos meus recantos favoritos. Aqui, a natureza é ainda mais vibrante. É sossegado, até por ser um pouco isolado, e me traz ótimas recordações da minha infância e de parte da adolescência.

Nas férias de verão, eu e algumas das filhas dos funcionários da fazenda, minhas amiguinhas na época, nos reuníamos e vínhamos tomar banho de rio. Era muito divertido, fazíamos uma algazarra tremenda. Hoje em dia, é difícil alguém vir para esses lados, a não ser um ou outro peão em busca de uma vaca desgarrada ou de um boi fujão.

O tempo passa e eu noto que os raios do sol já não estão tão fortes como estavam quando cheguei. *Hora de voltar*, penso, abrindo os olhos. Sento-me na pedra e, contrariando todas as probabilidades, sou tomada por uma sensação estranha e incômoda. É como se eu estivesse sendo observada.

Como não faço ideia de quem ou o que seja – uma pessoa ou um animal –, passo a mão no short e visto-o com gestos apressados. Termino de enfiar os braços nas mangas da camiseta e escuto o resfolegar de um cavalo às minhas costas. Intrigada, olho na direção do som e meu coração dá um pulo com o que vejo.

A aba do chapéu branco sombreia o rosto dele. Vestido com uma camisa de brim azul-claro, jeans escuros e botas de couro desgastado pelo uso, ele se mantém na sela do seu cavalo, em uma atitude confiante e máscula que me deixa atordoada e com a garganta seca.

Desperto do meu transe no instante que Cruz faz um ruído característico com os lábios unidos e dá um toque de calcanhar na barriga do garanhão, incitando-o a descer a pequena encosta. Nossos olhos estão cravados um no outro enquanto ele cavalga na minha direção.

CAPÍTULO 35

Cruz

Passa das cinco e meia da tarde e estamos retornando mais um dia de trabalho puxado e bastante produtivo. Pela manhã, eu me reuni virtualmente com o proprietário do haras e dono do potro que Romero não vê a hora de adicionar ao plantel da *Dourado Flores*.

Aquela reunião foi mais um passo no caminho para a conclusão das negociações da compra do belo animal. Encerrada a chamada de vídeo, fui à procura de Antero e acabei dando com ele saindo do estábulo. Dali, fomos verificar o andamento da reforma de algumas áreas de pasto, e passamos toda a tarde acompanhando as atividades de manejo do gado.

Foi mesmo um dia de trabalho muito bom, penso, distraído.

O ruído de um motor capta a nossa atenção para o jipe amarelo, com o logotipo da fazenda, que vem na nossa direção, levantando poeira na estrada de terra. Estreito os olhos e tento identificar o motorista, mas o 4x4 está longe e não dá para distinguir a pessoa atrás do volante.

— Quem será? — pergunto para Antero, marchando em parelha comigo.

Pensativo, ele coça os fios da barba.

— Hum... eu acho que deve ser o veterinário. Ou a filha do patrão. Ela costumava usar esse mesmo jipe quando vinha passar as férias na fazenda.

Conforme o automóvel vai se aproximando, percebo que ele está certo. Quem está dirigindo é mesmo Pilar, e eu me pergunto para onde será que ela está indo.

— Antero, tenho um assunto urgente para resolver. Vai na frente, com os rapazes. Mais tarde eu encontro vocês na sede.

— É isso mesmo que você quer fazer? Está disposto a assumir os riscos? — Aponta com o queixo para o jipe e emenda: — Você sabe do que estou falando.

Sinalo que sim com a cabeça.

No dia seguinte ao da minha chegada, Romero me apresentou aos rapazes com quem eu ia começar a trabalhar. Logo de cara, Antero e eu nos demos bem, e desde então cultivamos uma boa amizade. A minha única aqui, para ser honesto.

Talvez por ser mais velho, experiente e ter a personalidade parecida com a minha – é introspectivo, sério e bastante compenetrado no trabalho –, ele tenha me inspirado confiança. Além disso, Antero me ajudou durante o meu período de adaptação.

Ele foi a pessoa que eu procurei numa noite em que me sentia agoniado e precisando tirar do peito todos aqueles sentimentos reprimidos e que ameaçavam me sufocar. Instintivamente, eu sabia que podia contar com aquele homem, que mais parecia um urso, a julgar pelo seu tamanho; estimo que tenha mais de dois metros de altura e uns cento e tantos quilos.

Fiquei aliviado por poder me abrir com alguém que não estava ali para me julgar, apenas para me ouvir como amigo. E foi nessa mesma noite que ele soube o que acontecia entre mim e Pilar.

— Depois de ontem, achei que ela ficaria em casa, repousando, mas, pelo que vejo, eu me enganei.

Meu amigo apenas move a cabeça, assentindo.

— Bom, como eu sempre digo, um homem tem que seguir seu coração. — Inesperadamente, Antero ergue os lábios em um raro sorriso.

— É o que pretendo fazer — confirmo, fazendo Titã girar nas quatro patas.

— Tenha cuidado! — Antero adverte e toca a aba do chapéu, num gesto de despedida.

Enquanto o pequeno grupo segue o caminho para a fazenda, eu dou meia-volta e cavalgo no sentindo contrário.

Depois que deixei Vilma e Pilar aos pés da escadaria, fui direto para casa, e, exausto, joguei-me na cama. Contudo, as palavras da médica ficaram dando voltas e mais voltas dentro da minha cabeça, fazendo-me rolar de um lado para o outro durante a maior parte da noite. E o resultado foi que acabei dormindo tarde, pouco e mal.

Acelero o passo do cavalo, pensando que faço isso para zelar pela sua segurança e a do nosso filho. Bem, essa é a desculpa que estou usando para justificar o fato de estar correndo atrás dela feito um louco perseguidor. Sendo honesto, eu não quero perder a chance de ficarmos sozinhos, longe de olhares curiosos, mesmo que eu só possa vê-la à distância.

Paro no alto de um morro e me deparo com o jipe estacionado logo abaixo, a poucos metros da margem do rio. Ofegante e cansado pela corrida, Titã resfolega. Dou dois tapinhas em seu pescoço, acaricio a penugem e sussurro palavras tranquilizadoras perto de sua orelha, mas faço isso sem deixar de olhar, nem por um segundo, para a mulher que sacudiu o meu mundo nos últimos meses.

— Nossa, essa mulher é linda demais! Até parece que estou diante de uma miragem — murmuro, preso à imagem de Pilar nadando e se

refrescando em águas plácidas, com os movimentos graciosos de uma verdadeira sereia.

Com os braços apoiados na sela, por muito pouco eu não vou até lá fazer companhia para ela, porém, percebo a tempo que se eu fizer isso, vou estar ultrapassando ainda mais os limites, então decido que o melhor é ficar por aqui mesmo e observá-la de longe.

Mais tarde, como uma deusa majestosa, etérea e solitária, ela sai da água e anda em direção a um amontoado de pedras chatas e lisas. Não é nada fácil resistir à tentação morena salpicada com gotículas refletindo a luz brilhante do sol. Respiro fundo e aguento firme.

Pilar fica de perfil, e eu paraliso quando desço o olhar e encontro aquela protuberância, ainda pequena, em seu baixo ventre, evidenciando que ali cresce o bem mais precioso que a vida me deu. Meus olhos bebem sua visão em êxtase.

Ela se deita em uma das pedras e, de olhos fechados, aprecia os raios do sol lamberem a sua pele naturalmente dourada.

Depois de um tempo, volta a se sentar, fareja o ar ao redor e, antes que eu possa pensar em reagir, gira o corpo e olha diretamente para mim. Pego em flagrante, eu não tenho escolha, a não ser descer a encosta e começar a cavalgar em sua direção. Durante o percurso de poucos metros que nos separa, eu não consigo evitar pensar que essa mulher tem algo de muito especial que me atrai como um poderoso imã.

— Santino?! O que está fazendo aqui? Por acaso está me espionando? — Pilar questiona, seus olhos exprimindo surpresa.

Como ela está de frente para o sol, apoia a mão na testa como uma cabaninha para protegê-los da claridade. E segue com os olhos cravados em

mim enquanto, sem pressa, eu desmonto.

— Opa, nem uma saudação? *"Boa tarde, Santino, como você está?"* Onde foi parar a sua educação, senhorita Flores? — provoco para ganhar tempo.

— Deixei em casa — Pilar responde com petulância. — Estava ou não estava? — a danada insiste.

— Espionando você? É lógico que não! Eu só cuido do que é meu. — Levo Titã para perto de uma árvore e prendo as rédeas no galho que considero mais forte.

— Ah, é mesmo? — Pilar fala em tom de zanga.

Eu me volto para ela e a encontro com as mãos na cintura e batendo o pé na relva. De propósito, eu ignoro a sua raiva, puxo-a pelo braço e confirmo:

— É isso mesmo. Você está gerando o *meu* filho, ou não está? — indago em tom possessivo.

— Hum, você não está colocando a sua paternidade em dúvida, ou está? — ela devolve.

— De maneira nenhuma. Eu só estou tomando posse do que me pertence. — Sei que estou provocando a onça com vara curta, mas não me importo.

— Então, você veio atrás de mim e ficou me espiando porque estava preocupado com o *seu* filho?! — Seu tom é de acusação, porém, também percebo um quê de... Mágoa?

Aperto levemente meus dedos em torno de sua cintura.

— Exatamente! Mas eu não me preocupo só com ele. — Respiro e acrescento: — Eu me preocupo com você também, ainda mais quando eu a encontro dirigindo por essas bandas. — Estendo um braço e gesticulo, mostrando o nosso entorno. — Olhe à nossa volta. Só tem mato e vegetação aqui, Pilar. Não há uma única casa por perto, e só Deus sabe os perigos aos quais você se expôs.

Ela percebe a minha seriedade e engole em seco, mas retruca:

— Eu nado nesse rio desde menina, Santino. Conheço muito bem essa região.

Aperto os dentes para reprimir meu descontentamento.

— Estou ciente que a senhorita cresceu nesta fazenda e parece ter um lado aventureiro, mas mesmo assim eu acho que você não deve sair por aí sem companhia.

Ressabiada, Pilar estreita os olhos e cerra os lábios.

— Você não pode me dizer o que eu posso ou não posso fazer. Está querendo controlar os meus passos, Santino? — Rígida, ela se contorce, lutando para escapar do aperto dos meus braços.

Controlá-la? É claro que não! Melhor dizendo, sim, eu quero. Um pouco. Mas como eu não sou maluco de admitir uma coisa dessas em voz alta, faço um movimento com a cabeça, negando.

— Em um outro momento, não seria um problema você vir até aqui e nadar sozinha, mas não estamos vivendo uma situação normal, sereia. Além de estar grávida, a sua gravidez é de risco. Já pensou se acontece alguma coisa ou você passa mal, como ontem? Pilar, estamos a quilômetros de distância da sede. Ninguém te veria e você não teria como pedir ajuda — apelo para o seu bom senso.

Ela para de se debater e me olha, amuada.

— Mas não aconteceu nada! Como pode ver, estou muito bem, obrigada! — protesta.

Acho graça do seu jeito marrentinho, mas esfrego a boca com a palma da mão e aperto os lábios para reprimir um sorriso.

Diabo de mulher teimosa! Mas adorável, encantadora e dona de uma natureza inflamada e apaixonante que me deixa tonto.

— Concordo. De fato, não aconteceu nada, mas poderia ter acontecido. Não é melhor evitar esse tipo de situação? Para que dar sopa para o azar? — Atenuo um pouco o meu tom e prossigo: — Cautela nunca é demais, sereia.

Pilar solta um suspiro resignado e move os ombros. Eu entendo o seu dilema. Está lutando pelo seu orgulho e independência, mas eu não posso simplesmente aceitar que ela faça o que quer e quando quer, pelo bem dela e do bebê. Não dá para relaxar. De acordo com o que a médica disse, é para levar a situação muito a sério.

Percebo que o seu corpo está trêmulo e trato de amenizar a tensão fazendo um carinho no seu rosto. A seguir, eu falo:

— Como disse antes, eu me preocupo com os dois e não quero que nada de ruim aconteça. Deus me ajude, mas acho que eu não seria capaz de suportar mais uma perda. — Olho em seus olhos, com meu coração bombardeando no peito. — Você e o nosso filho são tudo o que eu tenho, são a minha chance de um recomeço. Eu já perdi tanto nessa vida... não estou disposto a perder mais nada. Nós vamos nos casar, você vai se cuidar para trazer o nosso filho ao mundo forte e saudável, e vamos criá-lo juntos. Eu não aceito menos que isso, Pilar!

Ela me encara com as feições contraídas e com a boca formando um “o”, mostrando-se surpreendida, como se não esperasse ouvir de mim as palavras que acabei de proferir.

— Eu também não quero que nada de ruim aconteça, mas não pretendo ficar trancada dentro de casa só porque estou grávida. — Olho para ela. Pilar pensa, respira fundo e emenda: — Está bem, eu vou evitar me afastar sozinha da sede.

— Promete? — questiono, mas ela fica muda. — Promete? — insisto.

— Eu prometo! — ela finalmente cede.

— Sabia que você fica ainda mais linda quando está bravinha? — provoco, o que me garante um soco no ombro. — Ai! — Massageio o local e faço uma careta fingida de dor.

— Seu bobo! — Pilar resiste, mas seus lábios acabam curvando-se para cima, fazendo um sorriso flutuar em seu rosto.

— Eu só disse a verdade, você fica mesmo — afirmo e acaricio suavemente a sua bochecha. De repente, suas feições mudam, seu olhar se ilumina, e ela agarra a minha mão.

— Vem comigo. Eu quero te mostrar uma coisa. — Sem esperar, eu sou puxado na direção de onde o jipe está parado.

Estaco, impedindo-a de continuar.

— Espera. Eu não posso deixar o Titã aqui. Você entra no jipe e eu te sigo — sugiro e desato as rédeas do galho.

— Está bem — Pilar concorda. Pega a toalha de cima da pedra e se senta atrás do volante. Sorrindo, dá a partida, e mais uma vez eu vou atrás dela.

CAPÍTULO 36

Cruz

Após deixarmos a margem do rio, seguimos por uma estradinha de terra, tão estreita que mal dá para um carro passar. Pilar dirige com cuidado por causa da irregularidade do solo, e cerca de vinte minutos depois ela me leva para uma clareira e vai diminuindo a velocidade.

Logo à frente, eu consigo vislumbrar uma construção por entre as árvores. O caminho que leva a ela é parcialmente coberto por grama e rodeado por plantas e flores. Quando nos aproximamos um pouco mais, deixamos a relva para trás e entramos em uma parte pavimentada.

Faço Titã desacelerar e ir devagar, mas sempre em sentido paralelo ao jipe. Chegamos, Pilar desliga o motor e suspira, com os olhos fixos na cabana de madeira que se levanta à nossa frente.

— O que você acha? Não é uma lindeza? — indaga, animada. Eu assinto, então ela prossegue: — E é todinha minha. Papai mandou construir e me deu de presente quando eu fiz dezoito anos. Uns tem casa na árvore, eu ganhei uma cabana e a terra ao redor dela. A escritura diz que sou dona de dois hectares.

Tiro o chapéu, coço a cabeça e o coloco de novo, só então comento:

— Vinte mil metros quadrados? Nada mal! E a cabana parece maior que a casa-alojamento.

— U-hum! Ela não tem paredes dividindo os cômodos. Seu interior é um grande espaço aberto, mas com os ambientes bem definidos. De vez em quando, a Vilma manda uma empregada até aqui para tirar a poeira, trocar

os lençóis da cama, trazer toalhas limpas, abrir as janelas e deixar a luz do sol entrar — Pilar tagarela, com os olhos brilhantes.

Acho até que eu nunca a vi assim antes, tão alegre e relaxada.

— Entendi. — Desmonto e levo Titã para um alpendre na lateral da cabana.

— Na maior parte do tempo, a cabana fica fechada, porém, eventualmente, é emprestada para amigos do meu pai que vivem em cidades, mas que também gostam de estar próximos à natureza — explica e me chama, animada — vem, vamos entrar. — Com movimentos ágeis, Pilar desafivela o cinto de segurança, sai do carro e começa a andar na minha frente.

Ante a porta de entrada, ela se agacha, apalpa o capacho e, quando localiza o que procura, levanta-o e agarra uma chave ali embaixo. Limpa a poeira incrustada no objeto e destranca a fechadura. Então, juntos, adentramos o lugar. Empolgada, Pilar me mostra onde fica cada ambiente.

— Bem, como você pode ver, aqui é a sala, e ali fica a cozinha em estilo americano. — Aponta para a direita e continua: — Naquele cantinho há uma área de serviço. Deste lado, temos o quarto e o banheiro, que é o único cômodo com paredes.

Depois de fazermos um pequeno tour, o que eu vejo me faz concordar com ela. O interior da cabana consiste em um único espaço, aberto e amplo; janelões de vidro rodeiam as paredes, tornando o ambiente bem iluminado e arejado.

Gosto da decoração rústica, onde foram usados nogueira, madeira de demolição e troncos de árvores locais para a confecção dos móveis e de vários outros itens. O colorido fica por conta de alguns tapetes espalhados

pelo assoalho de tábua corrida, do trio de quadros afixados acima do sofá de três lugares, revestido em couro marrom, e das almofadas soltas pelos assentos.

Animada, Pilar segue explicando o que compõe cada ambiente, mas no instante em que chegamos ao quarto e ela fica de costas para mim, apontando para uma cama larga com dossel, eu me aproximo mais e não consigo conter o impulso de abraçá-la por trás e envolver os seios firmes com as mãos enquanto meus lábios procuram a carne macia de seu pescoço.

Embora tenha sido pega desprevenida, Pilar arqueia o corpo e arfa em resposta às minhas carícias. A seguir, eu a giro dentro no círculo dos meus braços, grudo seu corpo no meu, enfio a mão no seu cabelo e seguro firme.

Com os dedos se emaranhando nos fios compridos, trago seu rosto para mais perto, meu olhar percorrendo os traços perfeitos. E fico assim, encantado, olhando-a quase em transe, por um longo momento.

— Em que está pensando?

Sua pergunta me traz de volta e eu faço uma cara de quem acaba de se lembrar de algo muito importante. Pilar lê a minha expressão e me olha com preocupação.

— Acabo de me dar conta de que já faz quase vinte e quatro horas que eu não beijo uma certa mulher.

Ela retribui o meu sorriso.

— Hum, que coincidência interessante, porque faz o mesmo tempo que eu não sou beijada por um certo homem... — entrando na brincadeira, ela devolve e me olha, provocadora.

— Tenho muito mais em mente do que apenas beijá-la, sereia — aviso, em tom de promessa, contra os lábios dela.

— Então é melhor você não demorar para começar, afinal, eu sempre posso mudar de ideia — provoca com ar sedutor.

Lançando os braços ao redor do meu pescoço, Pilar aperta-se contra mim, e eu não perco tempo para aceitar o seu convite. Passeio o olhar por seu rosto. Ela possui lábios feitos para o pecado, e sua boceta... Só de lembrar da sensação das longas pernas enlaçadas na minha cintura, do aperto delicioso e do seu calor escaldante, já faz o sangue pulsar forte na minha virilha.

Inclino a cabeça dela para trás e, faminto, encontro sua boca, mandando às favas qualquer instinto de autopreservação. Ela derrete-se no beijo, correspondendo com paixão. Nossas línguas se entrelaçam e ondas de adrenalina se misturam à minha corrente sanguínea.

— Eu estava louco para sentir seu gosto de novo — admito, ofegante.

— Nossa, eu também.

Eu não dou a ela mais tempo para pensar. Nós não precisamos de palavras para saber o que esperamos um do outro. Sei que estamos na mesma sintonia, e por alguns segundos nos entreolhamos num silêncio de comunicação perfeita.

Coloco a mão na base de sua coluna, conduzo-a para a cama e, rindo, caímos no colchão. No entanto, meu sorriso desaparece devagarinho. Inspiro o seu cheiro e sinto o gosto de sua pele na língua, enquanto labaredas de fogo parecem lamber todo o meu corpo.

Eu não sou nenhum garoto inexperiente, já senti isso antes, um forte tesão por mulheres do meu passado, mas nunca como o que sinto pela

mulher embaixo de mim. Não com esse nível surreal de descontrole. A intensidade é tanta que sinto cada fibra do meu corpo vibrar em uma necessidade física urgente de sentir como é estar dentro dela de novo, de novo e de novo.

Controle-se, ordeno a mim mesmo em pensamento. *Mantenha a calma.*

— Até onde será que eu preciso ir antes de você começar a gemer, implorando por mais? — sussurro rouco em seu ouvido.

— Santino, não faz assim... — Pilar pede entre uma risada. — Sabe como é difícil resistir.

— Eu sei. E é isso o que eu mais gosto em você. Basta um toque e você se derrete toda nas minhas mãos. — Aproximo a boca da dela, que me recebe com um beijo rápido.

Para provar meu ponto, tiro sua camiseta e a livro do sutiã, desço as mãos, toco o vão entre seus seios e acaricio os mamilos com os polegares, até que ela se contorce, perde o fôlego e agarra o meu cabelo. Dou lambidas, mordisco e chupo, deixando-os ainda mais sensíveis e durinhos. Cubro a sua boca gentilmente e sorrio ao ouvi-la gemer contra a palma da minha mão.

Momentos depois, eu paro, sento-me na cama, tiro a camisa, desabotoo a calça e, depois de me livrar das botas e meias, vou em direção ao banheiro.

— Aonde você vai? — Paro quando escuto a pergunta, viro-me e encontro Pilar apoiada nos cotovelos, olhando-me com uma interrogação nos olhos.

— Passei o dia todo no lombo de um cavalo, manejando o gado e inspecionando os pastos. Preciso de um banho, sereia. — Ela abre a boca

para retrucar, mas antes que diga algo, eu emendo: — Calma, prometo que vai ser rapidinho. Eu volto num piscar de olhos, nem vai ter tempo de sentir a minha falta. — Com uma piscadela, giro o corpo e me afasto.

Estou na metade do banho quando sinto uma presença às minhas costas. Levo alguns segundos para me virar e dar de cara com ela, nua, com os braços para trás e encostada na porta, mordendo os lábios e me olhando. Vejo a indecisão em seu rosto e estendo o braço num convite.

Pilar ainda hesita, então eu tiro a decisão das suas mãos e a puxo. Seus seios moldam-se ao meu peito quando ela me abraça, como se fundisse a mim. Com nossos corpos escorregadios colados, sinto a minha pele contra a dela, roço sua boca na minha e enfio os dedos no seu cabelo molhado, arrebatado pelo desejo e pela paixão inflamada que me consome. E não demora para ardermos um pelo outro.

— Vou te dar tudo o que eu tenho. Duro e com força. Abre as pernas para mim, sereia. — Minha voz sai entrecortada por conta do desejo, e não há nada que eu possa fazer para disfarçá-la. Desço a mão e meto-a no meio das suas coxas, segurando seu clitóris entre os dedos.

Pilar geme, e esse é o som mais delicioso que eu já ouvi na vida. Ela fica na ponta dos pés para me beijar, e durante o beijo eu esfrego a cabeça do meu pau na sua entrada, deslizando para cima e para baixo, provocando o órgão durinho e úmido.

Arrebatada, Pilar envolve o meu quadril com uma perna, e eu enfio os dedos na carne de suas nádegas para mantê-la no lugar. A penetração é rápida e poderosa. Com sua boceta lubrificada, meu pau entra suave e desliza macio. Abafo seu grito na minha boca enquanto seu corpo absorve o impacto e começa a acompanhar o ritmo das estocadas.

Terminamos e eu apoio as costas na parede, esperando meu fôlego, assim como minhas pernas trêmulas, voltarem ao normal, mas já pensando na próxima rodada. Eu sempre me surpreendo com essa atração entre nós, que, ao invés de diminuir, fica cada vez mais poderosa, fazendo-me crer que eu nunca vou me satisfazer por completo ou me cansar dessa mulher.



Aperto de leve o meu braço ao redor de Pilar, que tem o rosto afundado em meu ombro e está tão mole e arfante por conta do nosso último gozo glorioso. Eu não sei quanto tempo se passou, mas quando acordo de um sono superficial, estamos deitados, lado a lado, na cama.

Pilar está aninhada contra o meu corpo, e por alguns instantes letárgicos descubro-me desejando podermos ficar assim, relaxados e longe de tudo, um pouco mais. Contudo, meu desejo é frustrado quando ela rompe a quietude agradável que reina no interior da cabana:

— Santino?

Mantenho os olhos fechados por um microssegundo, então os abro e respondo:

— Hum?

— Contei ao meu pai o que a médica disse, sobre eu precisar me cuidar muito para levar a gravidez adiante. Conversamos e, no fim, para evitar me expor ao estresse, ele decidiu adiar a recepção de noivado e os planos de casamento.

— Essa é uma boa notícia, não é? — pergunto, um pouco incomodado.

Será que, por causa da atitude do Romero, Pilar mudou de ideia quanto a nos casarmos?

— Na verdade, é uma pequena vitória, porque ele não desistiu de me ver casada com aquele crápula. Fez questão de avisar que é um atraso temporário, mas esse adiamento vai nos dar o tempo que precisamos para seguirmos com os nossos planos — explica, brincando com a minha pele.

Pensativo, mas aliviado por sua resposta, eu me concentro em enrolar uma mecha de seu cabelo no dedo.

— Pilar, eu não me sinto nem um pouco confortável em fazer as coisas às escondidas. Por mim, vou até o casarão agora mesmo e abro tudo para o Romero.

Ela para de fazer os pequenos círculos no meu ombro e levanta o olhar para o meu rosto.

— Eu entendo você, Santino. Encarar a situação de peito aberto seria o mais correto, mas isso se o meu pai não fosse um turrão. Ele não acredita em mim, que sou filha dele, não creio que acreditará em você. Nesse momento, seria a nossa palavra contra a do Lorenzo.

— Que seja, eu ainda acho que devíamos fazer as coisas do jeito certo. Contar que eu sou o pai do futuro neto dele, e Romero que lute para aceitar essa realidade.

— Então nós teríamos que explicar como e quando nos conhecemos. E que o nosso reencontro não passou de uma grande coincidência. Seria complicado, ainda mais quando você ainda não se lembra do nosso primeiro encontro. Ele acha que eu fui para a cama com o Lorenzo no fim de semana que passei em Goiânia. E caso papai lhe faça perguntas sobre aquela noite, você não terá como respondê-las. — Pilar segura a minha mão e me olha, séria. — Escuta, vamos fazer um trato: eu concordo em contarmos, mas depois de darmos entrada nos papéis para o casamento civil. Tudo bem?

Trago a mão dela até a minha boca e beijo as pontas dos seus dedos.

— Está bem, pode ser. — Eu não escondo que tenho dúvidas, mas não vou insistir, afinal, eu não vejo problema em esperar mais alguns dias para poder deixar tudo às claras com o Romero.

Soltando o ar, Pilar continua defendendo o seu ponto de vista:

— Eu não quero te prejudicar no trabalho, no caso de ele não receber bem a notícia. Não sei por que, mas papai fica cego e surdo quando se trata do Lorenzo. Eu prefiro não arriscar, Santi. Para fazê-lo mudar de ideia, só provando que está errado, e para isso eu teria que fazer o teste que comprova a sua paternidade ou obter a confissão do Lorenzo, admitindo que tudo o que ele disse não passa de um monte de mentiras e que não vê a hora de botar as mãos nas terras e nos bois da fazenda. Mas isso é praticamente impossível conseguir. Aquele lá pode ser tudo, menos idiota.

Respiro e meneio a cabeça. Eu entendo que Pilar está em uma situação difícil e que acredita que, com o nosso casamento, a pressão diminuirá e ela se sentirá mais segura. Por um instante, eu me coloco no lugar dela e tenho que concordar com os seus argumentos. Mesmo agindo contra a minha natureza, vou fazer o que for preciso para lhe dar a paz e a segurança que necessita nesse momento delicado.

— Romero está sendo intransigente. Quando nos encontramos pela primeira vez, eu fiz outra imagem dele. Não passou pela minha cabeça que fosse um homem tão rígido e antiquado, afinal, ele é um empresário arrojado, conectado com o nosso tempo. Porém, em contrapartida, segue sendo uma pessoa retrógada em determinados aspectos da vida.

— E por causa da sua visão limitada, ele acabou criando uma situação triste e desnecessária — Pilar conclui e olha bem para mim.

— Sinceramente, eu não consigo entender o motivo do seu pai não acreditar em você. A sua palavra deveria bastar para ele, do mesmo jeito que basta para mim. — Eu não posso evitar colocar para fora o que se passa pela minha cabeça. Pilar não diz nada, mas sei que concorda comigo.

Escuto seu doce suspiro enquanto ela ajeita o corpo, aconchegando-se melhor na curva do meu braço. Sinto o peso de sua cabeça sobre o meu peito e a respiração morna na minha pele. Confesso que estou amando a sensação de tê-la assim, relaxada, entregue e tão próxima a mim.

Meu corpo parece se unir ao dela da forma mais íntima que eu já estive com alguém e imaginei ser possível. De algum modo, dentro deste refúgio sinto a armadura em volta do meu coração fraquejar e rachar de vez.

Eu me recordo de que preciso dizer a ela que não estou nem um pouco propenso a aceitar que o nosso casamento seja apenas de fachada. Tenho que deixar bem claro que tão logo os nossos nomes constem no livro de registro civil, nós seremos um casal na acepção da palavra.

CAPÍTULO 37

Pilar

Outra manhã se inicia e a claridade vinda da janela me faz estreitar os olhos. Esfrego-os, bocejo e me espreguiço, considerando a possibilidade de voltar a dormir. Mas, em vez disso, empurro as cobertas para o lado, jogo as pernas para fora da cama e pouso os pés no piso de madeira. Por fim, deixo o ninho aconchegante onde eu estava deitada, devido à necessidade urgente de esvaziar a minha bexiga, prestes a estourar.

Suspirando, arrasto-me penosamente para o banheiro, e, quando saio de lá, estou de banho tomado e enrolada em uma toalha macia e felpuda. Abro o armário e escolho uma roupa apropriada para um dia ensolarado, visto-me e começo a pentear os cabelos, olhando o meu reflexo, pensativa.

Nos últimos dois meses, papai tem cumprido o que prometeu, porém, vivo numa expectativa constante de que ele volte atrás a qualquer momento, mas me forço a não dar tanta importância, pois sigo determinada a não cooperar com as suas sandices.

Eu tenho passado a maior parte do tempo no meu quarto, ou fora de casa, para evitar outra troca dura de palavras entre nós. Estou me esforçando para não me deixar levar por sentimentos negativos, por isso, procuro me manter serena, sempre me recordando de que eu já tenho a solução que vai livrar a fazenda e a mim mesma da ambição sem limites do Lorenzo.

Acaricio meu ventre. Apesar do que a médica disse, eu tenho me sentido leve, e boa parte dessa leveza se deve ao fato de o pai do meu bebê ter recebido tão bem a notícia da sua existência, por estar me apoiando e

por ter dito sim à proposta de nos casarmos, embora o compromisso seja só no papel. Tudo isso tirou um peso enorme dos meus ombros e coração.

O interessante é que, até hoje, eu mal consigo acreditar que tive mesmo a coragem de lhe fazer essa proposta, e não posso negar que me surpreendeu ele ter aceitado. Nós vamos mesmo nos casar, e o pensamento, além de fazer um frio correr pela minha espinha, renova uma estranha angústia que não sai de dentro de mim conforme os dias passam.

Fecho os olhos e visualizo Cruz. A lembrança do momento em que ele admitiu, naquele quarto de hospital, ter sentimentos por mim, ainda que fosse algo físico, traz um sentimento agridoce. Alegra-me e entristece-me a um só tempo, porque o que eu sinto vai muito além de uma simples atração. Estou mais envolvida com ele do que seria seguro ficar, e mais uma vez eu me alerto sobre o perigo de me apaixonar.

O que eu ganho mentindo para mim mesma?

Eu sei que já é tarde demais para qualquer tipo de aviso, mesmo assim, preciso me policiar, manter os pés bem plantados no chão e não esquecer qual é o nosso acordo. Tenho que ser cuidadosa e tentar manter distância para me proteger. O problema é quando eu me encontro perto dele...

Cruz entrou na minha vida, infiltrou-se na minha mente e se recusa a sair de lá. Tomou conta de tudo. Dos meus pensamentos, dos meus sentidos e até mesmo dos meus sonhos, como ontem à noite, quando fui dormir.

Eu estava deitada, olhando fixamente para o teto e pensando sobre nós, quando me peguei desejando sentir aquela sensação de ter seu corpo pesando sobre o meu, sua boca devorando a minha com beijos apaixonados, a língua descendo por meu pescoço... Imaginei a sua voz profunda e rouca

sussurrando deliciosas loucuras no meu ouvido enquanto eu abria as pernas para ele e... Acordei ofegante, coberta de suor e enrolada nos lençóis!

Droga! Só de lembrar os detalhes do sonho erótico que eu tive com ele já sinto arrepios de expectativa na minha espinha, aquecendo a minha pele e me deixando excitada. Sem falar do enrosco que se forma no meu estômago a cada vez que aqueles olhos azuis perscrutadores percorrem o meu corpo. É algo como estar sendo hipnotizada.

Por conta da sua posição na fazenda, temos que ser discretos, mas, quando dá, nós passamos um tempo juntos. Depois de um dia duro de trabalho, Cruz vai para casa, toma um banho, veste roupas frescas e me encontra no estábulo, que, pelo horário, já está vazio.

Antes de sair de casa, eu preparo uma cesta com comida e bebida. E, juntos, nadamos no rio, fazemos passeios lúdicos, piqueniques, ou ficamos apenas conversando e fazendo planos enquanto apreciamos a natureza. Tudo isso passou a fazer parte da nossa rotina, e é claro que esses nossos encontros invariavelmente terminam na cabana. Ou melhor dizendo, na cama.

Com o passar dos dias, a nossa química não diminuiu, ao contrário, parece cada vez mais forte, e a minha libido explodiu com a gravidez, então não está sendo fácil esconder o que estamos fazendo, nem o que sentimos um pelo outro. No entanto, até agora tem dado certo.

Todas as vezes que estamos sozinhos, Cruz me mostra o seu lado carinhoso, atento e preocupado. Ele é, de longe, o homem mais sexy e sensual que eu conheci na minha vida. Nele, encontrei uma atração primitiva, combinada com carinho, o que é uma grande coisa. Sinto que estamos em sintonia, e conforme vamos nos conhecendo melhor, eu me dou conta de que gosto ainda mais dele.

Tenho seguido cada uma das recomendações da médica e acho que estou indo bem. Eu não faço nada que possa prejudicar a minha gravidez, nem permito que pessoas desagradáveis se aproximem de mim, por isso, nas poucas vezes que Lorenzo teve a cara de pau de aparecer na fazenda depois daquela nossa última conversa, quando o mandei para o inferno, eu o ignorei de maneira sistemática, e, assim, evitei me estressar.

Desvio meus pensamentos do calhorda e abro um sorriso quando me lembro de que o grande dia é hoje. Cruz e eu vamos ao centro da cidade para o nosso casamento no civil. Contratei uma assessoria especializada, e sob a orientação de Marta Vasconcelos, a funcionária encarregada do nosso processo, reunimos toda a documentação e demos entrada no cartório.

Entre os documentos pedidos, a certidão de nascimento foi o que mais deu trabalho, pois a via precisava ser original e emitida recentemente. A minha, eu consegui bem rápido, já que fui registrada aqui mesmo, em São Miguel do Araguaia, no entanto, a via do Cruz teve que ser solicitada ao cartório de Nova Londrina, com isso, acabou levando alguns dias para chegar.

Cruz convidou Antero para ser seu padrinho, e como eu havia chamado Adela para passar uma temporada na fazenda, no dia em que conversamos por telefone, ela quase me deixou surda quando lhe contei que eu e o Cruz íamos nos casar.

Empolgada e sem me dar a chance de explicar que tudo não passava de um acordo, Adela me disse que havia se desligado do escritório de advocacia. Perguntei sobre o trabalho no haras e fiquei sabendo que, infelizmente, acabou não dando certo, pois o dono recebeu uma proposta irrecusável; vendeu o negócio e mudou-se, com toda a família, para o exterior.

Assim, uma Adela eufórica e sem poupar elogios ao Cruz – isso porque ela nem o conhece ainda – me garantiu que estava mega ansiosa para ser a minha madrinha e doida para ser apresentada ao meu futuro marido bonitão. Palavras dela, não minhas, mas que eu não contestei, porque, no fim das contas, ela não mentiu.

Como estamos organizando os preparativos da maneira mais discreta possível, achei mais seguro encontrá-la no hotel onde se hospedou quando chegou ao centro da cidade, ontem à noite. Marquei um horário no cabelereiro, também no centro, onde farei o penteado e a maquiagem. Eu vou me trocar no quarto dela, mas reservei um outro quarto, no mesmo andar, para Santino e Antero. Mais tarde, quando tudo estiver concretizado, minha amiga voltará conosco para a fazenda.

Vamos todos nos encontrar com a funcionária da agência, às três horas da tarde, em frente ao cartório, portanto, precisamos sair da fazenda com tempo suficiente para não nos atrasarmos, o que quer dizer que eu tenho meia hora para terminar de me arrumar, tomar o café da manhã e sair ao encontro de Cruz.

Devolvo a escova à penteadeira, onde há um vaso com girassóis amarelos e frescos dando um toque de alegria e vivacidade ao ambiente. Devidamente acomodada na banqueta estofada, aplico um pouco de maquiagem. E, quando termino, aprovo a minha imagem no espelho.

Meu estômago escolhe este momento para resmungar. Eu me apresso e, depois de pronta, passo a mão na bolsa, desço as escadarias e sorrio quando sou recebida pelo aroma delicioso de café recém passado, adentrando a cozinha no exato instante em que Vilma começa a preparar a mesa.

— Bom dia! — eu a saúdo, puxo uma cadeira e me sento.

Ela deposita a bandeja com o cestinho de pães, o bule de café e o leite na minha frente, só então levanta o olhar para mim.

— Bom dia, Pilar! — retribui meu cumprimento num tom caloroso. — Pelo que vejo, alguém acordou animada hoje — emenda com ar de aprovação.

— Acordei mesmo. E o meu pai? — pergunto, interessada.

Vilma termina de ajeitar tudo e se apruma.

— Ele tomou suco, bebericou o café e saiu, sem comer nada. — Então ela para e solta um longo suspiro. — Eu disse que ele precisava se alimentar direito, mas falou que comeria alguma coisa depois que voltasse. Saiu daqui dizendo que ia caminhar, porque o médico o liberou para fazer caminhadas, desde que não vá longe demais e que evite elevações e as áreas mais íngremes. Mas você sabe como o seu pai é teimoso! — conclui e encolhe os ombros.

— E como sei! — confirmo e acabo sorrindo da sua expressão de zanga. — Caminhar por esses campos abertos, sem nenhuma nuvenzinha manchando esse azul profundo do céu que nós temos, e com o sol dourando tudo, respirando ar puro e sentindo a brisa fresca batendo no rosto... é uma maravilha! Faz bem para a saúde, renova as energias e limpa a mente.

Vilma fica me olhando por tanto tempo que estou a ponto de perguntar o motivo, quando ela balança a cabeça e fala:

— O modo como descreve a fazenda faz teu olho brilhar... Você ama mesmo este lugar.

Ergo os olhos e fito-a.

— Muito. A *Dourado Flores* é, e sempre será, o meu lar. Pretendo passar a minha vida toda aqui. Quero ver o meu filho crescer correndo livre por esses prados, aprendendo a amar a terra, as plantas e os animais. E a montar, comigo e com o pai dele — enumero, sonhadora. Quando percebo o que falei, limpo a garganta, disfarço e falo a primeira coisa me vem à mente: — E por falar nisso, estou em falta com você. Acabo de me lembrar de que eu não te agradeci por ter acompanhado o Santino até o hospital quando passei mal.

Eu não poderia ter pensado em outra coisa? Será que a Vilma entendeu o que eu disse? Será que ela desconfia que o pai do meu filho vive aqui?

— Não agradeça. Você é como uma filha para mim, Pilar. — Vilma sorri e dá um par de tapinhas carinhosos na minha mão. — E como está se sentindo? Quero dizer, fisicamente, porque já vi que está de muito bom humor — brinca, mas sei que no fundo está preocupada.

— Estou me sentindo bem. O repouso é uma cura maravilhosa, e eu dormi muito bem — respondo com sinceridade, mas Vilma não parece convencida e me olha com o cenho franzido. — É sério! Até aqueles enjoos, que pensei que não acabariam nunca, me deixaram em paz. Graças aos céus, acabaram — reforço olhando diretamente para o seu rosto.

— É muito bom saber disso — por fim, Vilma se convence.

— Nossa! Estou faminta! — Ataco uma fatia de pão caseiro quentinho. — Hummm... Delícia! Precisa me ensinar a fazê-lo. — Dou um grande gole no meu café com leite e pouso a xícara sobre a mesa.

A mulher me olha com a testa enrugada. Deve estar estranhando o meu pedido, pois, desde que eu voltei, é o primeiro que faço.

— É claro que ensino. E é isso mesmo, nada de imitar o seu pai, você precisa se alimentar muito bem. Ah, já sei. Vou preparar o seu prato favorito para o almoço — diz apontado para mim.

— Não é necessário. — Seu sorriso some e ela me olha, chateada. — Está bem, pode preparar o prato, mas só se não for dar muito trabalho.

Seu semblante volta a ficar iluminado, vibrante.

— Que trabalho, Pilar? Nós precisamos é aproveitar, já que os seus enjoos foram embora. Está com quase seis meses de gravidez, mas parece que não engordou quase nada — constata, dando-me um olhar repreensivo.

— Como quase nada?! Você já deu uma boa olhada na minha barriga?

Cruzando os braços, Vilma resmunga:

— Nesse tempo todo, só cresceu o buchinho mesmo, porque, o resto, está igualzinho ao que era antes.

— Eu como bem e de maneira saudável. Sou naturalmente magra, o meu metabolismo é rápido ao processar os alimentos. Se não fossem os enjoos, eu já teria subido uns sete quilos, ou mais. De acordo com a última consulta de pré-natal, eu estou indo muito bem. Engordei cinco quilos e meio, um para cada mês.

— Por mim, você poderia estar com uns dois ou três quilos a mais que estaria de bom tamanho — afirma, teimosa.

— O que importa é que eu estou saudável e que o bebê está com o tamanho e o peso esperados, levando em consideração o tempo de gravidez. Olha, se quiser fazer o prato, eu não vou reclamar. Na verdade, eu não vejo a hora de voltar a degustar o mais fantástico camarão na moranga que eu já comi na minha vida! Só tem uma coisinha... Dá para você prepará-lo para o

almoço de amanhã? — peço e faço uma cara de desculpas. — Tenho um compromisso importante na cidade esta tarde, e dependendo da hora que terminar, eu não volto hoje, passo a noite por lá mesmo.

— Ah, entendi. Nesse caso, teremos camarão na moranga no almoço de amanhã! — concorda Vilma, sorrindo alegremente.

— Que bom! — exclamo e sorrio, deixando-me contagiar pela sua alegria.

Depois de terminar de tomar o meu café, levanto-me e vou para a pia. Antes que Vilma possa me impedir, eu lavo a xícara e o pires que usei, seco e guardo as peças no armário. Nem ouso olhar para ela, até posso adivinhar o que se passa em sua expressão. Esta diz que a cozinha é parte do reino dela, e que eu estou invadindo os seus domínios.

Ignoro o bufar irritado às minhas costas, enxugo as mãos num pano de copa e vou para a sala. Pego a sacola contendo as sandálias e alguns acessórios que usarei mais tarde, passo a mão na bolsa e dirijo-me para a porta, mas paro na metade do caminho e me viro para olhar a mulher parada no espaço entre a sala e a cozinha.

— Eu já ia me esquecendo. Você pode avisar o meu pai que eu vou passar o dia fora e só volto amanhã? Prefiro não ligar, para não atrapalhar a caminhada dele. — *E para não ter que dar maiores explicações*, completo em pensamento. Então continuo: — Mas não quero que papai se preocupe comigo. E, se acontecer alguma coisa, *qualquer coisa* — enfatizo, firme —, é só me chamar no celular, combinado?

Ela me olha fixamente por um instante, depois concorda com a cabeça.

— Combinado. Mas não se preocupe, não vai acontecer nada. Pode ir sossegada. Eu aviso o senhor Romero e ligo para você se precisar.

— Perfeito! Até amanhã, Vilma — despeço-me quando alcanço a porta.

Mais uma vez, ela assente, e com um olhar entendedor, complementa:

— Espero que dê tudo certo no seu compromisso. Se cuida, menina!

— Pode deixar. Eu vou me cuidar. — Atravesso o batente e estaco quando me deparo com uma visão de tirar o fôlego. — Que manhã linda! Seria tão bom se todos os dias começassem assim! — Contemplo os prados verdejantes e as árvores beijadas pelo sol.

Fico parada, só sentindo a brisa de verão soprar meu cabelo. Suspiro e deixo-me apreciar o momento por mais um minuto, então desço para o pátio, e ainda estou sorrindo quando caminho para o local onde marcamos de nos encontrar. Olho na direção de onde Cruz deveria estar e levo dois segundos para localizá-lo.

Com um joelho dobrado, o pé apoiado no degrau da caminhonete vermelha e os braços fortes cruzados na altura do peito, ele me observa sob a aba do seu chapéu. Enquanto eu me aproximo, Cruz desloca o olhar para baixo e me examina dos pés à cabeça. Minha pele tini, sentindo seu olhar pesar sobre mim como uma carícia lenta e sensual.

Então, seu olhar magnético colide com o meu, aquecendo e derretendo as minhas entranhas. Faltando poucos passos para eu alcançá-lo e sem deixar de me encarar, Cruz se move, afastando-se da porta onde estivera encostado, e me espera com um sorriso dançando na boca gostosa e perfeita.

— Bom dia, minha noiva sereia! — Ouvi-lo dizer essas palavras faz algo se contrair dentro de mim, como se eu fosse uma noiva de verdade, e não uma noiva de faz de conta. — Você está linda! — Cruz me beija do

jeito que só ele sabe. — Correção: você é linda! — retifica quando nossas bocas se afastam.

Como a temperatura é amena, mas com previsão de alta no decorrer do dia, optei por um *look* simples e descontraído: vestido floral de tecido leve e saia ligeiramente rodada, sandálias de tiras e estilo rasteirinha. Deixei os cabelos soltos, caindo em cascata pelas costas e ombros. O vestido que comprei para o casamento, pegarei na loja, a caminho do hotel. Deixei-o com a costureira depois da última prova, porque foi necessário fazer um par de pequenos ajustes.

Sorrio para ele, notando como está bonito.

— Você também está muito atraente — retribuo o elogio, mantendo a voz calma. Cruz está casual, com uma *t-shirt* preta por baixo da jaqueta de jeans claro, e, nos pés, o seu inseparável par de botas de couro.

Ele já tinha me avisado que levaria a roupa escolhida numa mochila e que preferia se trocar na cidade, para não chamar atenção dos rapazes. E é por isso que agora está vestido como sempre. Bem, para mim, esse homem fica sexy de qualquer jeito.

— E como você está se sentindo, sereia? — indaga e afasta com suavidade uma mecha de cabelo do meu rosto, prendendo-a atrás da minha orelha, depois me faz olhar para ele, segurando-me delicadamente pelo queixo.

— Estou bem — respondo, deliciando-me com a maneira carinhosa como me olha.

Cruz inclina a cabeça para trás e me encara, a expressão inquisidora.

— Tem certeza? — questiona, com o olhar grudado no meu rosto.

Faço um sinal de positivo, pouso a mão no meu ventre e falo:

— Nós dois estamos bem, Santino.

De repente, sua expressão muda para distante e pensativa.

— Eu nunca estive com uma mulher tão perturbadora, incrível e fascinante como você... — declara com voz aveludada, as palavras caindo como uma carícia no meu coração.

— Santino... — murmuro com voz rouca e quente, desejando que ele me estreite nos braços e me beije outra vez.

Ele parece adivinhar o que se passa comigo, pois segura a minha mão e aperta-a de leve. Seu tronco poderoso inclina-se para mim, enquanto os lábios se aproximam lentamente dos meus. Sem perceber, eu me movo, e, quando dou por mim, estamos entregues ao momento. Cada toque de sua língua na minha envia um tremor delicioso para todo o meu corpo.

Estar com Cruz significa arriscar meu coração, e sei que vai doer quando tudo isso terminar. Esta gama de emoções que estou sentindo agora é muito assustadora, por ser algo novo, um sentimento com o qual eu vou precisar aprender a lidar, mas principalmente porque eu sei que não é correspondido, e talvez nunca será. Esse homem que me beija com tanta paixão desconhece que tem nas mãos uma arma poderosa, capaz de quebrar o meu coração e deixar a minha alma em farrapos.

Como poderei encarar um casamento de mentira sentindo-me como eu me sinto? Como seguir em frente, tendo que ocultar e reprimir meus verdadeiros sentimentos? Eu não sei se terei forças para abrir mão dele e deixá-lo sair da minha vida quando o momento chegar. Estou tão intensamente apaixonada, como nunca estive antes... E é tudo tão bonito, mas também temeroso e desconhecido...

É como se eu estivesse me equilibrando numa corda bamba ou pisando em cacos de vidro. E, quando ele se for, terei que me conformar com uma parte dele, mas eu não quero me conformar. Quero que seja de verdade. Quero que Cruz se apaixone por mim. Quero ser amada por ele. Eu não sei até onde vou aguentar antes de me declarar e dizer a ele como me sinto.

Frente a tantas dúvidas e desejos, o meu coração se aperta e meus olhos se enchem de água, porém, tudo isso não me impede de emaranhar os dedos em seu cabelo, suspirando de prazer quando ele afasta a boca da minha, o peito arfando. Uma mecha rebelde de seu cabelo cai sobre a testa e meus dedos tremem quando eu a recoloco no lugar. Um sorriso surge em seus lábios, mas quando volta a me encarar, Cruz está sério e deixa escapar um suspiro pesaroso.

— Eu acho bom irmos andando. Não podemos nos atrasar — fala, largando-me. Concordo com um movimento de cabeça, entro na caminhonete, ajeito-me no assento do carona e coloco o sinto de segurança.

Cruz dá a volta, senta-se atrás do volante e liga o motor, porém, antes de dar a partida, ele me olha de relance.

— Pronta? — indaga e fica parado, à espera da minha resposta.

Meu nervosismo aumenta e eu fico sem ação por um momento. Tensa, pouso as mãos no colo e entrelaço os dedos, mantendo o olhar fixo em um ponto qualquer à minha frente. Conto mentalmente até dez para não entrar em pânico. A minha parte covarde quer desistir, mas, apesar da centena de nós na boca do meu estômago, a parte corajosa se sobressai e acaba vencendo.

— Estou — respondo, e ele acena, concordando.

É isso, não tem mais volta. Não há lugar para arrependimentos. Preciso manter sempre em mente que esse casamento impedirá o Lorenzo de colocar aquelas mãos sujas dele na Dourado Flores, penso e olho para o seu perfil enquanto Cruz manobra para pegar a estrada.

CAPÍTULO 38

Cruz

Durante o trajeto de pouco mais de uma hora até o centro de São Miguel, Pilar e eu passamos a maior parte do tempo imersos em nossos próprios pensamentos. Quase chegando, penso em ligar o rádio, pois o silêncio dentro da cabine começa a me incomodar, mas mudo de ideia quando olho de relance para o lado e percebo que ela está cochilando.

Com o balanço da picape, sua cabeça tomba sobre o meu ombro, mas sua mão segue apoiada na barriga. Meu coração se acalma por ela ter conseguido relaxar, a ponto de dormir. Quando eu a vi mais cedo, percebi que estava tensa, mas não disse nada, pois considerei seu nervosismo algo normal diante do que estamos prestes a fazer.

Eu sei que, em momentos como este, as pessoas envolvidas tendem a ficar nervosas e emocionadas. No meu caso, sequer sei explicar direito como me sinto. Estou apreensivo e um bocado ansioso, não vou mentir, porém, eu não me sinto assim somente pelo fato de que estou prestes a me casar com a bela mulher grávida de um filho meu, mas também pela conversa que me prometi ter com ela, mas que, até agora, eu não tive.

Eu não encontrei o momento certo para abrir o jogo, colocar as cartas na mesa e expor meus sentimentos a respeito desse casamento. Embora a tomada da decisão não tenha sido da maneira mais tradicional, pela cadeia de acontecimentos que nos trouxeram até aqui, nós nos casarmos não deixa de ser um grande passo.

A motivação que a levou a me fazer tal proposta pode não ser a mesma que me fez aceitá-la, mas, de uma maneira ou de outra, vamos precisar encarar a nossa mudança de status com seriedade.

Eu estava pronto para contar ao Romero sobre nós, mas Pilar me pediu para esperar e eu concordei, no entanto, o tempo foi passando e não contamos. Seu maior medo era que ele fizesse algo que nos impedisse de irmos até o fim, por isso achou melhor só contar depois do fato consumado.

Ponderei sobre a situação e achei razoável o seu receio, assim, mesmo reticente, acabei aceitando postergar a conversa franca que eu pretendia ter com o pai dela. Então, combinamos de procurá-lo para contar toda a verdade logo que estivermos casados.

Sei que o fato de não saber como Romero reagirá a está preocupando. Na minha opinião, o mais provável é que se sinta traído por termos feito as coisas na surdina, e, se assim for, eu vou lembrá-lo de que o causador de tudo isso não é outro senão ele mesmo; da sua intransigência e falta de confiança na própria filha. Sendo assim, eu não vejo do que ele poderá reclamar, se bem que, em vista das suas atitudes ultimamente, é melhor estarmos preparados para o imprevisível.

Chegamos à cidade, e depois da parada que fizemos em uma loja, a pedido de Pilar, seguimos para o hotel, onde uma amiga dela de São Paulo está hospedada. Entramos e localizamos Antero sentado em um dos três sofás de couro do saguão, à nossa espera. No momento em que nos viu, o homem largou a revista que folheava, levantou-se e juntou-se a nós. Sem demora, cruzamos o saguão em direção à recepção, a fim de fazermos o nosso registro de entrada. Antero e eu dividimos um quarto, enquanto Pilar e Adela ocupam outro, no mesmo andar.

A última lembrança que tenho dela, após nos despedirmos com um selinho no meio do corredor, é de Pilar dando duas batidas na porta e entrando no quarto em seguida. Desde então, eu não a vejo.

Agora, várias horas mais tarde, estamos, Antero e eu, em frente ao prédio onde fica o cartório. Nós viemos na caminhonete dele e chegamos trinta minutos mais cedo. As garotas ficaram de vir juntas, logo após a nossa saída.

Pilar se recusou a vir comigo, pois não queria que eu a visse pronta. Justificou-se dizendo que o noivo não podia ver a noiva antes do casamento. Estranhei, eu pensava que essa tradição valia apenas para o religioso, e não para o civil.

Enfim, considero isso uma bobagem em ambos os casos, mas, se era importante para ela, eu não vi problema em concordar. Deixei a chave da minha picape com o recepcionista do hotel e mandei uma mensagem para o celular dela avisando.

Verifico pela quinta vez o relógio em meu pulso. Faltam quinze minutos para as três, mas nem sinal das duas. Exasperado, solto um palavrão entredentes.

— Acalme-se, homem. Elas estão vindo. Daqui a pouco estarão aqui — Antero fala, encostado indolentemente na porta da caminhonete e com uma cigarrilha acesa no canto da boca.

Bufo, impaciente.

— É fácil para você falar, não é você quem vai se casar nos próximos minutos. Já era para aquelas duas estarem aqui. Eu não sei por que essa demora toda. Não podemos nos atrasar, e Pilar sabe muito bem disso. A mulher da agência já está lá dentro esperando. — Nervoso, corro a mão pelos cabelos e ando de um lado para o outro na calçada.

— Santino? — Antero me chama, afasta-se da caminhonete e vem para o meu lado, mas estou tão focado na minha ansiedade que não lhe dou

ouvidos. — Santino, olha lá! — insiste, e desta vez eu giro o corpo para onde ele aponta, respirando aliviado quando reconheço a caminhonete vermelha virando a esquina.

— Até que enfim! — resmungo, sem deixar de olhar para ela.

Adela estaciona no meio-fio e eu me adianto, com a intenção de ajudar Pilar a descer. Abro a porta do carona e lhe ofereço a mão.

— Isso, assim. — Passo um braço em torno de sua cintura quando ela começa a descer.

— Eu fico comovida com todo esse seu cuidado, mas acho que consigo fazer isso sozinha, Santino — Pilar ralha comigo, mas está sorrindo quando nossos olhares se encontram.

— Logo se vê que é um pai de primeira viagem — zomba Antero, com um sorrisinho besta na cara. Eu o ignoro.

— Vocês demoraram — reclamo assim que Pilar termina de descer.

Adela, que deu a volta na picape e juntou-se a nós, é quem responde:

— Peço desculpas por ter feito vocês esperarem. É que nós tivemos um pequeno imprevisto, mas conseguimos contorná-lo. E, como pode ver, eu trouxe a sua linda noiva a tempo, Santino.

— O meu amigo aqui já estava a ponto de fazer um buraco no concreto — Antero comenta em tom irônico. Lanço um olhar frio e zangado para ele, mas o homem só balança os ombros, nem liga. Filho da mãe!

— É mesmo? — Sem tirar os olhos de nós dois, Adela se aproxima. — Conte-me mais sobre isso, Antero — pede, e como se fosse a coisa mais natural do mundo, engancha o braço no do capataz.

Pego de surpresa, Antero ergue uma sobrancelha, obviamente estranhando o gesto espontâneo da garota. Porém, experiente como é, não leva mais do que dois segundos para se recompor. Apesar de parecer um tanto desconcertado, o safado não se desvencilha nem se afasta. Na verdade, passada a surpresa inicial, ele está apreciando, e muito, a atenção que a loira lhe dá.

Deixo os dois conversando e desvio o olhar para a mulher ao meu lado. Agora sim eu passo a admirá-la. Pilar usa o cabelo preso em um penteado sofisticado, acentuando suas feições impecáveis. A maquiagem é leve e perfeita. O elegante traje branco e na altura dos joelhos delineia seu corpo esguio, ao mesmo tempo que evidencia o ventre arredondado. Nas mãos, um pequeno ramo de flores, e, nos pés, sapatos de salto, na mesma cor do vestido. Fico ligeiramente atordoado com sua visão. A minha sereia é uma mulher deslumbrante, e só olhá-la me causa um grande prazer.

Tenho a atenção puxada para Adela e Antero, que andam na direção da porta, porém, subitamente param.

— Vocês vão ficar aí, feito duas estátuas, ou vão entrar? — questiona Adela, com a testa levemente franzida.

— Santino estava roendo as unhas de nervoso não faz nem cinco minutos, e agora fica parado feito um dois de paus — Antero reforça, com o mesmo ar de deboche.

O que diabos deu nesse homem para ficar tirando onda com a minha cara? Eu nunca o vi agir assim antes...

— Podem ir entrando. Nós vamos em seguida. — Sem fazer mais perguntas, talvez pela minha cara fechada, ambos anuem e passam pela porta dupla de vidro. Pilar faz menção de segui-los, mas eu a detenho, pois

acabo de me dar conta de que o momento certo não existe. Então, terá que ser aqui e agora. — Espera, antes eu queria que você soubesse de uma coisa.

Ela me encara com uma pergunta nos olhos, certamente deve estar estranhando o meu pedido de última hora.

— Santino, tem certeza que você quer conversar agora? Não pode deixar para depois? Nós vamos nos atrasar... — Sua voz vai morrendo conforme eu balanço a cabeça, negando.

— Primeiro de tudo, eu preciso dizer que você se superou. Está linda demais!

Um pouco sem graça, Pilar sorri com a ênfase que eu coloco no elogio.

— Eu digo o mesmo de você.

Minha vez de sorrir, mas logo volto a ficar sério.

— Bem, o que eu tenho para te dizer é importante, e não vai levar mais que um minuto, talvez dois. — Vejo um lampejo de receio cruzar o seu rosto e seguro suas mãos nas minhas. Como sei que temos pouco tempo, começo a falar: — Pilar, eu não estou me casando com você só para ajudá-la com a situação que o seu pai criou, nem faço isso porque está grávida de um filho meu.

Ela fica tensa, mas já não há mais medo em sua expressão. É mais como uma expectativa.

— Não? Então por que você está se casando comigo, Santino?

Respiro fundo. Porra! Estou muito nervoso e um pouco inseguro. Eu não sei como ela receberá as minhas próximas palavras, mesmo assim, eu me forço a continuar:

— Não pensei que fosse tão difícil dizer isso, mas lá vai... Eu não quero que o nosso casamento seja de fachada ou de conveniência. Quero que seja de verdade. Quero que sejamos uma família, você, eu e o nosso bebê. — Pouso a mão aberta suavemente sobre sua barriga.

Inesperadamente, o pensamento de que talvez daqui a algum tempo possamos providenciar um irmãozinho ou uma irmãzinha para ele ou ela cruza a minha mente. Mas como esse assunto pode ficar para um outro momento, pigarreio e volto a me concentrar no presente.

— Santino, eu...

— Shhh! — Coloco um dedo nos seus lábios, impedindo-a de falar. — Não fala nada, caso contrário, eu não sei se sou capaz de ir até o fim.

— Está bem.

— Eu não pude evitar sentir o que sinto por você. Antes de passarmos por aquela porta, eu preciso dizer que te amo, ainda que você não sinta o mesmo por mim. Eu tinha que te dizer como me sinto antes de nos casarmos. Você precisa me dizer se aceita os meus termos, nós cruzamos aquela porta e nos casamos ou não. — Como Pilar permanece muda por um longo momento, eu começo a me afastar, porém, ela reage e agarra o meu braço, fazendo-me parar. Lanço um olhar indagador para ela enquanto volto a me aproximar.

— Você me ama... Santino Cruz me ama — repete baixinho, com um ar de incredulidade no rosto, como se não acreditasse nos próprios ouvidos.

— Foi isso mesmo o que eu acabei de dizer. Pilar, você está bem? — Eu a encaro e analiso cada nuance de sua expressão. Leva vários segundos para ela me responder.

— Estou ótima! E eu também tenho uma coisa para confessar. — Fico parado na sua frente, enquanto Pilar respira fundo, como se estivesse criando coragem. — Santino, eu me apaixonei no momento que te vi no restaurante daquele hotel, em Goiânia. Um dia, você vai se lembrar do que aconteceu entre nós e saberá o quanto o nosso primeiro encontro foi especial. Ao menos para mim, porque foi naquela noite que eu encontrei o homem da minha vida.

Diante do que escuto, sinto um verdadeiro incêndio acontecer aqui dentro, o meu coração parece que vai explodir de emoção. Eu não consigo me segurar mais, tomo o seu rosto entre as mãos e a beijo, aqui mesmo, na rua, às vistas de todos.

A minha vontade é gritar que eu amo essa mulher, mas sei que não temos tempo para isso. Para mais nada, aliás, a não ser adentrarmos correndo no prédio de dois andares.

— Santino, nós temos que entrar! — Pilar exclama assim que separamos nossas bocas. — Vem rápido ou vamos nos atrasar! — Ela engancha o braço no meu e ri alto.

Ainda me sentindo um pouco atordoado, mas aliviado e feliz, eu me deixo ser puxado. Assim que adentramos o lugar, a funcionária da agência se aproxima e, apressada, nos guia pelo corredor. A seguir, estamos em uma sala, onde somos recebidos por uma senhora de meia-idade e aparência distinta.

— Boa tarde. Meu nome é Maria das Graças Pereira. Sou a juíza de paz que oficializará a união de vocês — educada, ela se apresenta. Sem perder tempo, indica como devemos nos posicionar: em pé, de frente para a mesa e do lado oposto ao dela, com Antero à minha esquerda e Adela à direita de Pilar, que passa o buquê para a amiga segurar.

Na mesa coberta por uma toalha branca há um vaso de flores e uma caneta. O procedimento parece ser bem simples, porém, antes de iniciar o casamento em si, ela faz algumas observações e indagações sobre nós. Imagino que seja para quebrar o gelo ante à formalidade do momento. E funciona!

— Eu vou fazer as perguntas pertinentes à cerimônia e preciso que vocês me respondam com clareza, está bem? — Pilar e eu damos as mãos e assentimos, então, ela prossegue: Santino Donato Cruz, é de livre e espontânea vontade que recebe Pilar Isis Dourado Flores como sua esposa?

— Sim — respondo com firmeza.

— Perfeito! Agora você. — A juíza vira-se e repete a pergunta: — Pilar Isis Dourado Flores, é de livre e espontânea vontade que recebe Santino Donato Cruz como seu marido?

— Sim — Pilar responde, sem a menor hesitação.

— Com o poder investido a mim e diante das testemunhas aqui presentes, eu os declaro marido e mulher. Agora o meu assistente vai ler a ata, e se houver qualquer informação que não esteja de acordo com a verdade, por favor, me avisem.

— Está bem — diz Pilar, enquanto eu concordo com um aceno. Então um rapaz alto e magro começa a leitura.

— ...o regime adotado é o de comunhão parcial de bens, e a contraente passará a usar o nome Pilar Isis Dourado Flores Cruz, enquanto o contraente passará a usar o nome Santino Donato Flores Cruz — finaliza e coloca a folha de papel no centro da mesa.

— Bem, como tudo está como deve ser, o próximo passo é assinar a ata.

Inclinada sobre a mesa, a juíza pega a caneta e assina, então vira o documento para mim. Eu assino no local indicado, e a seguir é a vez de Pilar, enquanto as testemunhas ficam por último.

Com essa parte concluída, a juíza dá andamento à cerimônia:

— Bem, chegou a hora dos votos, que é a parte mais importante — avisa e faz um sinal para Antero, que imediatamente pesca uma caixinha de veludo do bolso do blazer. — Vocês dois, fiquem de frente um para o outro, pois agora vão trocar as alianças. Pilar, pode fazer uma declaração de amor para o seu esposo. — Pilar lança um olhar surpreso para a mulher, que logo ratifica com um sorriso: — Sim, é isso mesmo. A partir de hoje, este homem é o seu esposo. — Sorridente, ela se vira para mim. — E você, Santino, também pode fazer uma declaração de amor para a sua esposa.

Assinto gravemente e um pouco ansioso por me lembrar de que nem eu nem Pilar pensamos na parte dos votos. Bem, pelo jeito, vamos ter que improvisar. Observo-a tirar a aliança da caixinha, mas ela não olha para mim quando lhe apresento a mão esquerda. Visivelmente trêmula, Pilar começa a deslizá-la devagar por meu dedo. E está na metade quando finalmente ergue o rosto e me fita.

— Santino, as coisas entre nós aconteceram de modo rápido e inesperado, mas, hoje, eu sei que recebi um presente da vida: o amor em você. E, juntos, em breve vamos receber outro: o fruto desse nosso encontro, traçado pelo destino. — Como se tivéssemos combinado, nossos olhares caem sobre o seu ventre e ficam lá por um instante, até o meu estar de volta ao dela. — Santino Donato Flores Cruz, receba esta aliança como sinal do meu amor. Viva comigo, ria comigo, me ame e serei sua esposa para sempre.

Seus olhos estão cheios d'água quando termina, e é como se as palavras saíssem diretamente de seu coração. Então, é a minha vez. Com dois dedos, pego a aliança menor, limpo a garganta e, olhando-a diretamente nos olhos, falo:

— Eu não posso prometer que não teremos problemas, nem que a nossa vida será sempre um mar de rosas, mas posso prometer que você não os enfrentará sozinha. Poderá contar comigo, porque eu viverei com você, rirei com você e a amarei por todos os dias da minha vida. — Seguro sua mão, para mantê-la firme, e começo a empurrar gentilmente o pequeno aro pelo cumprimento do dedo anelar. — Com esta aliança, eu te recebo, Pilar Isis Dourado Flores Cruz, como minha esposa e prometo ficar ao seu lado para o bem, para o mal e para sempre.

Em seguida, a juíza disserta sobre o amor e fala das obrigações de um casal. Entre votos de boa sorte e desejos de felicidade, ela me entrega a nossa certidão de casamento. Agradeço e guardo-a no bolso interno do paletó, então volto o olhar para a minha bela esposa, envolvo seu rosto com as mãos e deposito um beijo suave em seus lábios.

Ouço as pessoas ao nosso redor aplaudirem, e encerradas todas as formalidades, nós quatro nos despedimos e começamos a deixar o local. Antero e Adela, como sempre, saem primeiro. Do lado de fora, Pilar e eu nos beijamos de novo, e desta vez é um beijo apaixonado e verdadeiro, como o nosso amor.

— Nosso primeiro beijo como marido e mulher — comento.

Ela suspira e sorri lindamente para mim.

— Estamos casados, Santino! E ao contrário do que pensei, será um casamento de verdade. Nem acredito que isso aconteceu, que você me ama.

Parece que estou dentro de um sonho maravilhoso.

— O que estamos vivendo pode até parecer um sonho, mas é real! — Segurando-a pelos ombros, eu beijo a pontinha de seu nariz e pergunto: — Preparada para começar uma vida nova comigo?

Pilar me encara, com as feições iluminadas e os olhos brilhantes. Aliás, não só os olhos, pois tudo nessa mulher reluz e brilha.

— Preparadíssima! Mas temos que conversar sobre alguns detalhes que não chegamos a discutir antes, mas que agora tornam-se importantes e urgentes, como onde vamos morar, por exemplo.

— Hum, é verdade. Mas nós vamos conversar sobre isso e outros assuntos importantes e urgentes amanhã, porque esta noite eu quero só pensar em passá-la com a minha linda e grávida esposa. Confia em mim?

Pilar envolve meu rosto com as mãos e, fitando-me, declara:

— Santino, eu não amo você só quando os meus olhos estão abertos. Eu amo você com os olhos fechados também. Respondi a sua pergunta?

Encantado com a sua resposta, eu sinalo que sim.

— Demorei para admitir, mas eu te amo, Pilar — mais uma vez, declaro o meu amor.

— Eu te amo, Santino — ela retribui, elevando o rosto, os lábios pedindo para serem beijados.

Jamais imaginei que um dia iria me casar, muito menos que pudesse vir a sentir algo tão forte por alguém. E agora estou aqui, olhando com paixão para a mulher que eu amo. Vestida de noiva, Pilar mais parece fazer parte de um sonho.

Outra vez, nós nos beijamos, mas paro o beijo e ergo a cabeça quando sinto algo como pequenas picadas atingirem a pele do meu rosto e pescoço. Como não faço ideia do que seja, olho ao redor, à procura da origem do “ataque”. Pilar e eu não resistimos e começamos a rir quando nos deparamos com Adela e Antero segurando um saquinho de papel cada um.

— E viva os noivos! — os dois gritam ao mesmo tempo, gargalhando enquanto jogam o último punhado de arroz sobre nós.

CAPÍTULO 39

Pilar

Escuto um ruído distante penetrar o meu cérebro e me remexo no casulo gostoso onde estou deitada. Recuso-me a despertar, mas o barulho insistente se eleva à medida que os segundos passam e não me deixa relaxar.

Insisto por mais um tempo por teimosia, até me dar por vencida. Suspirando, abro os olhos com dificuldade. Resgato o celular, que vibra em cima da mesinha de cabeceira, e enrugo a testa quando vejo na tela que se trata de um número desconhecido.

Aborrecida por ter sido acordada por nada, aperto o botão que encerra a chamada e volto a tentar dormir, mas no instante que minha nuca toca o travesseiro, uma presença no cômodo chama minha atenção.

Enrugo a testa ao notar o dossel logo acima de mim e levo alguns segundos para reconhecer o lugar onde estou. Puxo pela memória o momento exato em que decidimos vir para a cabana.

Corto meus pensamentos e viro a cabeça na direção da tal presença, deparando-me com Cruz encostado em um móvel, e só agora me dou conta de que ele não está comigo na cama e me pergunto o porquê.

Já totalmente desperta, lanço um olhar indagador para ele, que, descalço, cruza as pernas na altura dos tornozelos. Cobrindo aquele corpo magnífico, apenas a camisa branca e a cueca boxer preta.

Em um gesto automático, relanceio a vista ao redor e noto o paletó que ele usou no casamento largado sobre uma cadeira, com a calça caída aos pés dela. Os sapatos e as meias estão espalhados sobre o tapete.

Ergo o olhar e admiro as pernas longas, atléticas e bronzeadas. Sigo pelos quadris estreitos e pela barriga chapada. Paro a minha inspeção por um momento e foco na caneca envolta por seus dedos.

Inspiro o delicioso aroma de café fresco e minha boca se enche d'água, tanto por essa delícia de homem quanto pelo líquido escuro e fumegante que ele segura. Então, finalmente, meus olhos chegam ao seu rosto.

Esse meu marido é incrivelmente sexy, penso, encantada e distraída com a sua visão. *Caramba! Eu estou muito apaixonada!*

— Olá, dorminhoca. Bem-vinda. Hora de levantar.

Eu me alongo na cama e relaxo, sem um pingo de vontade de fazer o que ele diz.

— Ah, não! Por que nós temos que levantar? Mulheres grávidas têm muito sono e precisam descansar bastante, sabia?

Cruz deixa a caneca sobre o móvel e vem para perto de mim. Meu olhar se detém no peitoral maravilhoso visível por entre a camisa aberta. Prendo a respiração. Se de terno, no casamento, ele estava perfeito, assim, parcialmente vestido, está simplesmente irresistível.

— Sabia, mas é tarde e nós precisamos voltar.

— Na verdade, nós não precisamos. Podemos passar a noite aqui — retruco e devolvo o seu sorriso.

— Tem certeza? — Cruz questiona, cético.

— Tenho. Deixei avisado que só voltaria para casa amanhã cedo.

Cruz parece satisfeito, e um sorriso travesso volta a repuxar seus lábios.

— Hum, esperta. Por mim, está tudo ótimo, mas você precisa se alimentar. Não pode passar tanto tempo de estômago vazio, e não acredito que tenha algo comestível nesses armários.

— É aí que você se engana! Depois da cerimônia, enquanto você e o Antero estavam distraídos conversando sobre animais, eu liguei para a Ana, uma das empregadas da fazenda, e pedi que ela trouxesse comida pronta para cá.

Bem, isso foi apenas uma parte. Estávamos no restaurante do hotel e, enquanto Cruz se mantinha enredado em uma conversa animada com Antero, Adela e eu fazíamos o mesmo, do outro lado da mesa, então tive a ideia de pedir para a empregada vir até aqui fazer uma boa limpeza e preparar o jantar, já pensando nesta noite.

No fim, acabei surpreendendo Cruz, que pensou que ficaríamos na cidade mesmo. Hotéis são tão impessoais, e eu pensei que nos sentiríamos "em casa" passando a nossa lua de mel em um lugar familiar e com a mais absoluta privacidade.

Adela não me deu um motivo real, mas resolveu passar outra noite no hotel, vindo para a fazenda só amanhã. E, coincidência ou não, Antero fez o mesmo. Minha amiga disse que virá de carona com o capataz, ambos pegarão a estrada depois do almoço.

— Ah, é? Pois eu não vi nada. Só encontrei um pote com açúcar e outro contendo pó de café.

Eu me apoio nos cotovelos e trago o edredom comigo.

— Deve estar no forno. Quando chegamos ontem, estávamos tão impacientes que eu nem me lembrei de que havia encomendado o nosso jantar. — Dou uma risadinha da cara que ele faz e prossigo: — De qualquer

modo, eu não estou com fome. Tomei um lanche reforçado no restaurante do hotel antes de virmos para cá. E mesmo que não tivesse nada para comer, eu sempre poderia me alimentar de você — concluo de maneira atrevida.

Cruz alça uma sobrancelha, e seu sorriso é malicioso quando indaga:

— Outra vez? Você tem certeza que aguenta?

Faço uma expressão de inocência fingida.

— Gravidez: sinônimo de hormônios fora de controle. Já ouviu falar? — Eu sei que estou usando e abusando da minha condição para conseguir o que quero, mas não menti em nada do que disse até agora.

Cruz mantém aquele sorriso torto grudado no rosto, e eu suspiro forte quando meu olhar volta a percorrer seu corpo de cima a baixo, analisando-o. Olhar para ele e não admirar tudo aquilo é praticamente impossível.

Nossos olhares se encontram e eu nem perco tempo em disfarçar o fascínio que esse homem exerce sobre mim.

— Já ouvi falar, sim. Bem, se é ser alimentada por mim o que a minha linda esposa deseja... — Deixa o restante da frase no ar e balança os ombros, como se não tivesse escolha.

— Falando desse jeito, até parece que você quer que eu passe fome — provoco, mas ciente de que ansiamos pela mesma coisa.

Ele volta a sorrir, e desta vez é um sorriso bem mais sacana.

— Sabe que eu não consigo resistir ao seu canto, sereia. E eu quero os dois, comer e alimentar. De preferência, ao mesmo tempo. — Cruz me olha com desejo.

— Você é meu urso safadão. — Ele sobe na cama e se estica todo. Como é largo, eu sinto seu corpo rígido e musculoso ao meu redor.

— E você é minha sereia safadinha. — Seu ar agora é muito sugestivo.

Rimos juntos, mas logo ficamos sérios, com os rostos muito próximos e nossos olhos queimando, devorando-se.

Cruz afasta o edredom que me cobre e, com um movimento rápido, pula no colchão e separa as minhas coxas. No momento seguinte, a língua perversa está alternando entre lamber e sugar o meu clitóris.

Quando me dou conta, ele está metendo dois dedos dentro de mim. É tão gostoso que eu não consigo mais manter os olhos abertos. Cerro as pálpebras e movo o meu quadril, indo ao encontro dos toques que me estimulam.

Ai, meu Deus!

Meu clitóris começa a tremer, ultrassensível, causando uma contração no meu baixo ventre. Entregue, eu ofego. Sua boca, sua língua e seus dentes exploram partes de mim que eu nem sabia que tinha.

Os ruídos vindos de Cruz e os gemidos que escapam dos meus lábios, cada vez mais altos, deixam-me ainda mais excitada. Seus dedos me fodem rapidamente e sua língua estimula meu clitóris de modo intenso.

Cruz para o que está fazendo e eu arfo em protesto. O safado ri baixinho enquanto escala o meu corpo e se posiciona no meio das minhas pernas.

— Calma, delícia... — Sua voz entra pelos meus poros, estremecendo e esticando cada célula minha ao máximo. Suas mãos apertam meus seios e

deslizam até as coxas. — Eu já vou te dar o que você tanto quer — sussurra em meu ouvido e me penetra com uma única e longa investida.

Cruz ergue as minhas pernas, apoiando-as em seus ombros. A posição faz com que eu sinta seu pau bem fundo dentro de mim, prendendo-me no colchão. Sou envolvida pela energia que precede o gozo conforme ele acelera os movimentos dos quadris. Como estou extremamente excitada, eu não preciso de muito mais.

Jogo minha cabeça para trás e sinto o orgasmo chegando. Algumas estocadas certeiras depois e estou gritando e me afogando num mar de prazer. Percebendo que gozei, Cruz enlouquece, estremece e jorra dentro de mim.

Suados e tremendo, permanecemos abraçados enquanto tentamos recuperar o fôlego. Confesso que eu me sinto maravilhosa com todas essas sensações deliciosas atravessando o meu corpo.

— Que tal um banho? — Cruz sugere. Sua voz está ofegante e ligeiramente rouca.

Assinto, pensando que um banho morno e relaxante é tudo o que eu mais quero neste momento.

— Seria maravilhoso. Eu só preciso de um minuto. Estou morta! — exclamo, puxo o ar com vontade, e rimos.

Assim como ontem, hoje o dia amanheceu lindo, sem qualquer sinal de nuvens no céu de um azul límpido. A brisa que sopra é leve e gostosa, e até mesmo o verde parece mais exuberante. Um dia daqueles em que enchemos o pulmão de ar e pensamos: que bom é estar vivo e poder presenciar esta maravilha!

Cruz e eu nos levantamos e preparamos o café da manhã. Depois de pronto, vamos tomá-lo na varanda, sentados bem juntinhos numa linda cadeira de balanço suspensa feita em vime escuro. Enquanto comemos, admiramos a paisagem, aspiramos ar fresco e adoramos o silêncio e a paz à nossa volta.

É sábado e Cruz está de folga, por conta disso, da preguiça e da noite mal dormida, por razões óbvias e prazerosas, acordamos mais tarde que o previsto e ficamos na cama curtindo o nosso primeiro despertar juntos, sem a menor pressa de levantar.

Mesmo enlevados, nós não esquecemos que, em breve, teremos que descer da nossa nuvem de felicidade e encarar o que ainda temos pela frente. Porém, antes que o momento chegue, pretendemos aproveitar cada minuto da nossa recém adquirida intimidade o máximo possível.

O jantar de ontem virou o almoço de hoje, e, quando decidimos retornar, a tarde já vai pela metade. Chegamos, Cruz estaciona a picape a poucos metros do casarão, e subimos a escadaria que nos leva à porta de entrada.

Pensando em tudo o que me aconteceu nos últimos tempos, cruzo a soleira de mãos dadas com o meu marido. Como sempre, Vilma está a postos, pronta para nos receber.

— Tudo bem, Vilma? Papai já despertou do seu cochilo da tarde?

— Tudo ótimo, Pilar! E, sim, seu pai já acordou, está no escritório agora... — Vilma parece querer falar mais, porém, após intercalar o olhar entre mim e Cruz, muda de ideia. — Vocês entraram juntos. E de mão dadas. — Engole em seco, deduzindo, certamente, que estamos ocultando algo dela. — Aconteceu alguma coisa, Pilar?

— Sim, Vilma, aconteceu. Em breve, você e os demais saberão o que mudou — respondo e me viro para o homem calado ao meu lado. — Me dá licença, Santino? Eu já volto.

Ele anui, então eu me afasto, indo em direção ao lavabo. No entanto, paro no meio do caminho ao ouvir o som de vozes alteradas vindas do interior do escritório. Eu não sei com quem papai está discutindo, mas sei que não é nada bom para ele se alterar desse jeito.

Coloco a mão na maçaneta e ameaço abrir a porta, mas uma coisa que escuto me faz ficar parada. Curiosa, apuro os ouvidos; não que seja necessário, já que papai não está falando nem um pouco baixo.

— O que você quer que eu faça? Eu não posso simplesmente obrigar a Pilar a fazer o que ela não quer! Eu tentei! Ultrapassei todos os limites da tolerância! Minha filha está me achando um monstro porque eu disse que não acreditava nela quando afirmou que o filho que espera não é do Lorenzo! E nós dois sabemos que ela diz a verdade! — esbraveja, exaltado.

Como é que é? Papai sempre soube que o filho que eu espero não é do Lorenzo? Mas, então, por que...?

Corto minha linha de raciocínio quando ouço outra voz se manifestar.

— De fato, a gravidez dela é um inconveniente que não previamos, mas o Lorenzo está disposto a aceitar esse filho, apesar de não ser dele — fala em um tom condescendente, como se o Lorenzo estivesse me fazendo um favor.

Eca! Ele que enfie a sua *generosidade* no rabo. Nem morta eu aceitaria o que fosse daquele ordinário.

— Olha como fala, Joaquim! O meu neto não é nenhum inconveniente! — papai retruca, firme, e após um momento de silêncio,

emenda: — Depois que a Pilar passou mal e recebeu o diagnóstico de pré-eclâmpsia, a situação ficou mais complicada. Não houve outro jeito... a não ser adiar o noivado. Minha filha precisava de paz para ficar bem, e, macacos me mordam, eu jamais a colocaria, nem a sua gravidez, em risco. Ela mesma disse que caso eu seguisse insistindo, deixaria a mim e a fazenda. Eu não tive opção — desabafa.

Ouço um bufar áspero e irritado.

— Você enche a boca para falar *minha filha* e *meu neto*, quando sabe muito bem que...

— Não ouse completar essa frase! — papai o interrompe entredentes.

— Está bem, não termino, mas lá se vão dois meses, Romero! Eu não estou disposto a continuar esperando para sempre. A minha paciência está por um fio, você tem vinte e quatro horas para retomar os arranjos do casamento, nem um minuto a mais! Faz o que eu estou dizendo, senão...

O som de um resmungo alto e exasperado atravessa a porta e chega aos meus ouvidos.

— Senão o que, Joaquim?

Escuto uma risada curta.

— Não se faça de bobo, Romero! Você sabe muito bem que eu me refiro ao segredo que mantém trancado a sete chaves. Não faça o que eu digo e ele virá à tona. — O homem faz uma pausa, em seguida emenda: — Então, aquele rapaz que você trouxe para trabalhar aqui vai saber de toda a verdade que você faz tanta questão de esconder!

Finalmente eu me lembro de quem é o dono da segunda voz. O homem com quem papai está falando é Joaquim Lobos, seu amigo de longa

data e pai do Lorenzo. Ele está ameaçando meu pai.

Mas por quê? O que será que ele tem contra o meu pai, a ponto de fazê-lo concordar em me entregar para o cafajeste do Lorenzo? Que segredo será esse que papai esconde?

Paro de me fazer perguntas quando ouço papai esbravejar:

— Só por cima do meu cadáver, Joaquim! — Em seguida, o som de uma batida forte reverbera através da porta fechada, e eu deduzo que papai deve ter socado o tampo da mesa. — Nem pense em fazer isso! Você prometeu que nunca abriria a boca! Ele não pode saber. Eu fiz uma promessa à Amparo em seu leito de morte, homem!

— É verdade que eu prometi ficar de boca fechada, mas condicionei o meu silêncio à união de nossas famílias e fortunas pelo casamento dos nossos filhos. Há muita coisa em jogo, Romero, e você tem muito mais a perder caso não a convença.

Como papai pôde fazer uma coisa dessas comigo? Como ele chegou ao ponto de negociar a vida da própria filha?

Enfezada, respiro fundo, crio coragem e decido tirar tudo isso a limpo. Aqui e agora. Sem aviso prévio, giro a maçaneta, empurro a porta e invado o seu escritório com o ímpeto de um corpo sendo arrebatado por uma rajada de vento extremamente forte.

Surpreendido com a minha entrada, papai me encara confuso por vários segundos. Sua expressão é intensa e zangada, mas eu não me intimido e não desvio os olhos enquanto me aproximo, parando no centro do cômodo. Aperto os lábios e sustento o olhar do homem distinto e de cabelos grisalhos. E com a coragem que só a ira é capaz de me dar, eu o confronto:

— Pai, diz que o que eu acabo de ouvir não é verdade! Que o senhor não foi capaz de jogar com a minha vida!

Desconcertado, papai gesticula, colocando as duas mãos à frente do corpo, e reforça o gesto quando fala:

— Pilar, calma!

Olho para ele com uma firmeza inesperada, retrucando:

— Como o senhor ainda me pede para ficar calma, depois de eu descobrir esse absurdo que tramaram contra mim?

— E-eu posso explicar. Não é o que você está pensando...

Meu pai gaguejando? Eu nunca o vi gaguejar antes. Então deve ser verdade, ele fez isso mesmo!

Sinto um nó crescendo na garganta e as lágrimas enchendo meus olhos, queimando-os. Luto contra elas, tentando ser forte. Eu não posso baixar a guarda agora. Ele não vai me enrolar.

— Eu escutei muito bem o que vocês dois disseram! — Viro-me para o homem sentado na poltrona em frente à escrivaninha, e depois de lhe lançar um olhar de desprezo, volto a encarar meu pai.

— Ouvindo atrás das portas, Pilar? Essa não foi a educação que eu te dei!

— Ah! Por favor! Sermão a essa altura? Não! — Gesticulo, irritada. — Então, o senhor sempre soube que o filho que eu espero não é do Lorenzo, que ele não presta e que só quer pôr as mãos na fazenda?! E me enganou dizendo não acreditar em mim?! Meu próprio pai me traiu?!

Um silêncio sepulcral recai sobre nós. Ressentida, eu encaro o homem que me criou, mas que, neste momento, eu não reconheço como o meu pai. Então, continuo:

— Bem que eu desconfiei que havia algo por trás daquela intransigência toda, da teimosia e insistência em não acreditar em mim. Racionalmente, aquilo não fazia sentido. Pois bem, era apenas uma cortina de fumaça para manter guardados segredos do seu passado. E, por causa disso, o senhor vem sendo chantageado pelo pai do Lorenzo!

— Pilar, por favor, você está muito alterada. Eu entendo a sua raiva, o seu descontrole, mas peço de novo que se acalme. Ficar nesse estado só vai prejudicar você e o bebê.

Sua hipocrisia me tira do sério.

— Ah, é? Agora o senhor está preocupado com o que acontece comigo e com o meu filho, mas não se preocupou quando decidiu se submeter à chantagem desse mau-caráter?! Não admira que o Lorenzo seja o crápula que é. Tal pai, tal filho! — cuspo com desprezo, brindando o homem atarracado com um olhar gelado.

— Escuta aqui, mocinha...! — o senhor Joaquim se altera, mas eu não lhe dou a menor chance de prosseguir. Estou mais alterada que ele, então a ganhadora aqui sou eu!

— Eu não estou falando com o senhor! Como é aquele ditado mesmo? — Faço cara de quem puxa algo pela memória. — Ah, lembrei! Quando um burro fala, o outro abaixa as orelhas! Estou falando com o meu pai, então, fica aí na sua, e caladinho.

Vejo seu pescoço e seu rosto ficarem vermelhos.

— Sua petulante! Eu exijo que você me respeite!

Eu quase gargalho com o que escuto.

— Eu? Respeitá-lo? O primeiro aqui a me desrespeitar foi o senhor, quando chantageou o meu pai, com seja lá o que tenha contra ele, para me convencer a aceitar ser a esposa do mau-caráter do seu filho! Gente como o senhor não merece o meu respeito! — Então, volto a me dirigir ao meu pai: — E o senhor, que sempre foi o meu exemplo, meu mundo inteiro, não faz ideia do quanto me decepcionou. Eu nunca esperei, nem nos meus piores pesadelos, uma atitude tão baixa e vil como essa vinda da pessoa que eu mais amava na vida, e que acreditei que me amasse também.

— Mas eu te amo! Não duvide! Filha, eu... — papai tenta se explicar, mas eu ergo a mão e o impeço com o gesto. Paro um instante para respirar e tentar controlar as lágrimas que ameaçam pular dos meus olhos e cair feito cascata pelo meu rosto.

Estou profundamente magoada, mas em uma coisa, ao menos, ele tem razão, eu não devo me enervar mais, pois corro o risco de prejudicar o meu bebê.

— Bem, eu não posso negar que o senhor está certo. Eu tenho que me tranquilizar. E quer saber de outra coisa? Não há mais o que discutir. Nem que eu quisesse, não poderia ser a esposa do seu filho, senhor Joaquim.

— O que você quer dizer com isso? — papai indaga, nervoso.

Lanço um olhar desafiador na sua direção.

— Que não posso me casar com o Lorenzo porque, eu, Pilar Dourado Flores, me casei, ontem à tarde, no cartório de São Miguel, com o pai do meu filho, como o senhor tanto queria, *papai!* — declaro em tom de ironia.

Atônito, ele me olha, as veias saltando na testa. Talvez eu devesse tê-lo preparado antes de contar, como era a minha intenção quando entrei

nesta casa. Só que, diante do que ouvi, eu não aguentei e soltei tudo de uma vez.

— Como assim você se casou? Isso é algum tipo de brincadeira, certo?

— Não é nenhuma brincadeira, e o meu marido veio comigo, ele está agora mesmo me esperando na sala. Combinamos de dar a notícia juntos, mas eu acabei me precipitando e falei antes da hora. Na verdade, o senhor já o conhece.

Papai estreita os olhos.

— Eu o conheço? E quem é ele?

— O senhor já vai saber. Um minuto, eu vou buscá-lo. — Deixo os dois homens de boca aberta e saio.

Na sala, procuro Cruz com os olhos e o encontro olhando através da janela. Elimino a distância entre nós, ele se vira, e eu agarro sua mão. O curioso é que eu já tentei pensar nele como Santino, e não sei o motivo, mas até hoje não consegui.

— Chegou a hora. Vamos? — Em silêncio, ele assente, então seguimos para o escritório.

Surpreendido, papai arregala os olhos quando nos vê entrar.

— Santino?! — exclama, e, virando-se para mim, questiona: — O que significa isso, Pilar?

— Romero... — Cruz começa a falar, mas eu o interrompo.

— Amor, nós combinamos que íamos contar juntos, mas eu não me aguentei e acabei soltando a novidade antes de hora. O meu pai já sabe que

nos casamos. — Meu marido faz uma carranca e eu o brindo com um olhar de desculpas.

— Entendo. — Cruz é seco na resposta, mas o modo como me encara me diz que não gostou da minha atitude impulsiva e que vamos ter uma conversa sobre isso mais tarde.

Como não há muito que eu possa fazer a respeito agora, eu me dirijo ao meu pai, que segue me olhando fixamente.

— Eu sei que o senhor já o conhece, mas faço questão de apresentá-lo como quem ele é de fato. Pai, este é Santino Donato Flores Cruz, meu marido e pai do meu filho.

Os dois homens sentados nos olham abismados, porém, estupefato e bufando como um touro bravo talvez defina melhor a maneira como meu pai me encara; olhos esbugalhados, boca aberta e narinas dilatadas.

CAPÍTULO 40

Pilar

O meu sangue corre vagarosamente nas veias, como se eu estivesse em uma cena rodada em câmera lenta. Um minuto, uma hora ou um século. Eu não tenho ideia de quanto tempo se passou até a voz potente, grave e zangada do meu pai voltar a retumbar no interior do escritório.

— Não pode ser! Não é possível que isso seja verdade! — esbraveja, mas para e pensa por alguns instantes, depois continua: — Espera um pouco! Eu já sei. Esse é o seu modo retorcido de se vingar de mim, por eu não ter acreditado em você e forçado um compromisso com o Lorenzo!

Faço que não com a cabeça. Nunca foi uma vingança. Foi mais uma estratégia, algo para impedir que Lorenzo fosse bem-sucedido nas suas trapaças, mas que, depois, acabou se tornando algo real.

— Eu não me casei para me vingar do senhor. Isso nem me passou pela cabeça — nego com veemência, mas em vez de acreditar na minha palavra, papai me brinda com um olhar desconfiado.

— Então, quer dizer que você se casou com o Santino pelas minhas costas... No que você estava pensando para tomar uma decisão tão séria como essa, Pilar?

Cruz faz uma careta ante a indagação do meu pai. Acredito que seu descontentamento nem seja tanto pelas palavras em si, mas pelo tom usado e pela sua expressão de descrença. Enquanto eu permaneço quieta e imóvel, assimilando toda a raiva expelida pela sua boca, é meu marido quem responde por mim:

— Pilar é maior de idade, Romero. Nós nos casamos ontem. Não foi por vingança, nem para chatear você. Nos casamos porque estamos apaixonados e porque, em breve, vamos ser pais. — A voz de Cruz está comprimida, e a expressão, fechada.

Eu finalmente consigo sair do meu estado de letargia e aproveito para reforçar:

— É como o Santino disse, pai. Nós nos amamos, estamos casados e passamos a noite na cabana — digo em tom de vitória.

Papai nos olha estupefato e um pouco confuso.

— Isso não está acontecendo! Como pode o Santino ser o pai do seu bebê, se quando ele chegou a esta fazenda você já estava grávida de mais de um mês?

Rolo os olhos e suspiro.

— Pai, é óbvio que nós nos encontramos antes do Santino chegar aqui. Nós nos conhecemos na minha última noite em Goiânia, mas eu nem sonhava que ele estivesse vindo para cá, muito menos que vocês dois já se conheciam. Nós nos separamos e, várias semanas depois, seja por acaso, destino ou coincidências da vida, nos reencontramos aqui, nesta casa. Mas o Santino não conseguiu se lembrar de mim, por causa da amnésia. Bem, este é só um pequeno relato, porque a história completa é bem longa.

— Posso apostar que é. — Ele apoia as mãos no tampo da mesa esboçando uma carranca. — No entanto, um casamento não se realiza assim, de uma hora para outra. Existem trâmites que devem ser seguidos. Mas é claro que vocês planejaram muito bem tudo isso — conclui em tom de crítica.

Eu me esforço para ficar calma, mas é uma tarefa quase impossível. Contudo, preciso manter o controle, pois quero saber cada detalhe desse plano sórdido no qual fui inserida contra a minha vontade.

— Eu sei que o senhor deve ter mais dúvidas para tirar, e garanto que vamos esclarecer cada uma delas, mas quando estivermos só nos três, sem pessoas de fora, afinal, este é um assunto que diz respeito somente à nossa família.

— Romero, você sempre foi tão possessivo e controlador, mas não conseguiu controlar a própria filha. Confesso que estou adorando testemunhar esse show de horrores. — O velho amigo do meu pai ri, segurando a barriga estufada e apertada dentro do paletó, cujos botões estão prestes a estourar.

— Ninguém pediu a sua opinião, portanto, não se meta onde não foi chamado! — Cruz, que até agora se manteve calmo e controlado, finalmente explode.

Surpresa com a explosão, eu aperto a sua mão e me encosto nele, pedindo com o gesto que fique calmo, sem precisar dizer nada. Enquanto isso, mesmo com a expressão aborrecida, o senhor Joaquim fica quieto e se afunda na poltrona.

— Como eu disse, nós vamos falar sobre o nosso casamento, só que depois — reafirmo, então me dirijo ao homem rechonchudo e intrometido e completo: — Agora estou legalmente impedida de me casar com o Lorenzo, porque me casei com o homem que eu amo e que é o verdadeiro pai do bebê que espero.

Ele faz que vai falar, mas eu não deixo.

— Ah! Eu já ia me esquecendo. O senhor me faz um favor? Avise ao seu filho que o que ele pretendia já não será mais possível, e no que depender de mim, ele não verá nem um grão de terra ou possuirá uma única cabeça de gado desta fazenda! — Faço uma pausa para apreciar a cara do paspalho arrogante e asqueroso. — Agora que ficou tudo às claras, eu gostaria de saber o que o senhor tanto tem contra o meu pai.

Tremo de raiva quando o velho me ignora e desvia a atenção para o Cruz.

— Então, você é o filho da Amparo — afirma.

— Como o senhor sabe quem foi a minha mãe? — intrigado, Cruz indaga.

Antes de responder, o homem mais velho troca um olhar esquisito com o meu pai.

— Eu sei de muita coisa... — Colocando-se de pé com dificuldade, e após pegar o chapéu de cima do braço da poltrona, ele emenda: — E uma dessas coisas que eu sei é...

Papai levanta-se de supetão e corta sua fala de imediato:

— Joaquim?! Eu te proíbo! A nossa amizade de mais de trinta anos termina aqui e agora se você continuar! Você não tem o direito de fazer isso! — vocifera, mas o senhor Joaquim o encara com ar de desprezo.

— E você acha que eu me importo com isso, Romero? Estou velho demais para essas coisas. Acabou! Eu já aceitei que os nossos planos foram por água abaixo, o que significa que eu não tenho que guardar mais nenhum segredo seu. — Debochado, ele intercala o olhar entre mim e Cruz, então balança o dedo em riste na nossa frente. — Esses dois estão casados e esperando um bebê. Eu fiz o que pude. O idiota do meu filho vai ter que se

conformar e esquecer essa obsessão que ele tem pela sua filha. — Encaminha-se para a porta a passos lentos e curtos, mas de repente para, vira-se e fala: — Antes de ir, eu só vou dizer uma coisa...

— Joaquim...?

Apesar da tentativa de papai de freá-lo, o homem baixo e atarracado fala:

— Calma, Romero, não se aflija tanto, lembre-se de que você tem um coração fraco. — Então fixa os olhos sobre Cruz. — E quanto a você, Santino, no seu lugar, eu perguntaria ao Romero sobre o resultado do romance que a sua mãe e ele tiveram no passado — despeja, estalando a língua com evidente prazer.

— Seu desgraçado! Nós estamos acabados, Joaquim Lobos! Acabados! — Papai espuma de raiva, mas o homem move os ombros, como quem diz que está pouco ligando para isso. Em seguida, finalmente alcança a porta e agarra a maçaneta, contudo, antes de sair e ir embora de uma vez, vira-se e nos avalia friamente por um longo momento. Por fim, solta uma gargalhada maléfica e desaparece das nossas vistas.

Após sua saída, eu sinto o ar me faltar e o coração martelar no peito. Olho de relance para o lado e vejo que Cruz não parece melhor do que eu. Paralisado, seu olhar está cravado em meu pai, o maxilar duro, apertado. Eu acredito que esteja tentando se conter.

Sua mão aperta a minha e percebo que, assim como eu, Cruz se esforça para normalizar a respiração irregular. Estou tão estupefata com o que acabei de ouvir que perco a voz e preciso de vários segundos para encontrá-la. Olhando espantada para o meu pai, indago:

— É verdade que o senhor teve um caso amoroso com a mãe do Santino?

Papai não responde. Ele se inclina para frente, cruzando os braços sobre a mesa e olhando para mim em silêncio. Enquanto eu espero, aproveito para analisar o homem sentado na cadeira de espaldar reto atrás da enorme mesa de carvalho, que parece ter envelhecido uma década nos últimos dez minutos.

Apesar de tudo o que eu ouvi, vê-lo assim corrói a minha alma. À medida que o tempo passa, a atmosfera aqui dentro vai ficando mais pesada, e me dou conta de que papai vai se acovardar diante das minhas perguntas, o que faz a minha decepção aumentar.

Repentinamente, meu estômago se contorce e uma ânsia violenta se apresenta. Cubro a boca com a mão e saio em disparada, porém, ainda alcanço ouvir Cruz dizer o nome do meu pai.

— Vá atrás dela! — Escuto papai comandar, mas Cruz parece hesitar, porque ele insiste. — Não fique aí parado, vá logo!

Eu não consigo ouvir mais nada, entro no lavabo um segundo antes de colocar todo o conteúdo do meu estômago para fora. Só percebo que Cruz entrou e está ao meu lado quando sinto sua mão afastar algumas mechas de cabelo do meu rosto.

Quando a ânsia passa, eu me ergo e lavo as mãos e a boca na pia. Olho meu reflexo no espelho. Meus olhos estão congestionados e minha expressão é de cansaço emocional. Estou arrasada e confusa, tentando entender a sequência de acontecimentos que levaram a esse desfecho imprevisível.

Cruz afaga as minhas costas, coloca as mãos nos meus ombros e gentilmente me gira para ele, estreitando-me em seus braços fortes.

— Isso só pode ser um pesadelo. O que aquele homem asqueroso falou não pode ser verdade. O meu pai e a sua mãe...?

Ele desliza a mão pelos meus cabelos, mantendo-me junto ao seu corpo, com a outra pousada firmemente em minha cintura.

— Eu também acho difícil acreditar no que ele disse. De qualquer maneira, o que a minha mãe e o seu pai fizeram ou não no passado é problema deles, Pilar. Nós dois não temos nada a ver com isso.

Respiro fundo e me afasto o suficiente para olhá-lo. O que Cruz diz faz sentido, contudo, para mim, aquele homem é tão mentiroso quanto o filho dele. Lembro que o senhor Joaquim disse para Cruz questionar sobre *"o resultado"* do suposto romance dos dois, e não nego que esse detalhe está me incomodando.

Será que Cruz não ouviu essa parte? Ou simplesmente prefere não comentar a respeito? Tenho um forte pressentimento de que há muita coisa a ser dita, segredos a serem revelados, e perguntas que exigem respostas.

Com os nervos mais controlados, eu saio do seu abraço.

— Você tem razão. Eu acho que ele só disse aquilo para se vingar, porque estragamos todos os seus planos.

— Provavelmente foi isso. Está melhor? — O carinho que vejo estampado em seus olhos aquece o meu coração, e eu faço que sim com a cabeça. — Vem, vamos ver o que o seu pai tem para nos dizer.

Cruz empurra a porta e me deixa sair primeiro. Mal entramos na sala e ouvimos um grito estridente, aterrorizante, daqueles que gelam a alma.

Então Vilma sai do escritório e vem até nós. Está agitada e muito pálida.

— O que houve? — indago, alarmada, devido ao seu visível estado de aflição.

— O... o... — ela começa, mas como está nervosa demais para falar, aponta para a porta do escritório. Eu a seguro pelos braços e olho bem para o seu rosto.

— Respira devagar e tenta se acalmar. Do jeito que você está, não vai conseguir dizer nada.

Com o medo estampando suas feições, Vilma fecha os olhos e respira fundo duas vezes. Finalmente, ela consegue falar, colocando tudo para fora de uma única vez enquanto torce as mãos uma na outra:

— O senhor Romero está lá dentro, caído em cima da mesa. Eu acho que ele não está respirando.

Não! Meu pai, não!, grito mentalmente, com uma agonia e uma dor lancinante me dominando. Impactada, eu paraliso. Imediatamente, Cruz olha para mim, e percebendo que estou em estado de choque, toma a frente da situação.

— Vocês duas, fiquem aqui. Eu vou ver como está o Romero.

Ao escutá-lo, eu me forço a reagir e sair da minha letargia.

— Eu sou a filha dele, não vou ficar para trás. Vou com você, Santino!

— Não! Você vai ficar aqui! — Sua voz soa tão autoritária que ele mesmo parece assustado com a atitude intempestiva. Para um instante, então emenda: — Perdão, mas é para o seu próprio bem. Eu já volto —

avisa, seu tom voltando ao normal. Faço menção de desobedecê-lo, mas sou impedida quando Vilma me segura pelo braço.

— Pilar, é melhor deixarmos o Santino fazer isso — dispara, com o semblante angustiado, mas seus nervos já parecem estar sob controle. Em contrapartida, eu começo a me desfazer.

— Você falou que o meu pai não estava respirando! E se ele...

Ela balança a cabeça para os lados de modo efusivo.

— Eu disse que *achava* que ele não respirava, não disse que tinha certeza. E acho que o Santino tem razão, é melhor nós esperarmos aqui!

Vilma não me larga, e os minutos seguintes são, sem dúvida, os mais longos da minha vida. Por fim, eu me desvencilho de suas mãos quando vejo Cruz saindo do escritório.

— Santino! — Eu chego perto dele, mas não tenho coragem de fazer a pergunta cuja resposta poderá fazer o meu mundo ruir.

Sensível ao meu desespero mudo, Cruz passa um braço protetor sobre os meus ombros e me puxa para si, passando-me força com o gesto.

— Vilma, liga para o Orestes e diz para ele entrar em contato com o piloto. Avisa que o Romero passou mal e que é para preparar o helicóptero para voar o mais rápido possível. Depois que ele fizer isso, mande-o vir para cá!

Ela assente e corre para fazer o que ele diz. Cruz não precisa me dizer mais nada. Minhas pernas amolecem por conta do alívio que me envolve e eu me agarro a ele para não cair.

— Graças aos céus — murmuro contra o seu peito, sentindo o coração a mil, mas agradecida por meu pai seguir vivo.

Cruz me guia para o sofá e só me deixa quando o Orestes entra na sala.

— Fica com a Pilar, Vilma. Não sai do lado dela, entendeu? — comanda, e voltando-se para o segurança, indaga: — O helicóptero e o piloto?

— Prontos para levantar voo! — Orestes é direto.

— Vem comigo. Nós precisamos levar o Romero para o hospital.

Imediatamente, os dois somem no interior do escritório. Sentindo todo o meu corpo tremer, eu fico à espera, atenta à movimentação dos dois homens, que, sem demora, trazem papai para fora. E me aflijo quando vejo que ele está inconsciente.

Eu não sei como, mas no pouco tempo que estiveram lá dentro, Cruz e Orestes conseguiram improvisar uma maca usando a cortina. Agindo com rapidez e agilidade, dentro de pouco tempo estamos todos acomodados no interior da Van, a caminho do heliporto.

Chegamos e entramos no helicóptero, exceto Orestes, que fica na Van, pois nos encontrará no hospital. Eu vou atrás, com papai, enquanto Santino vai no assento ao lado do piloto. As hélices da aeronave movem-se lentamente no início, até que alcançam uma rapidez alucinante.

Com um solavanco, o aparelho começa a subir, e a previsão é chegarmos ao nosso destino em vinte minutos, no máximo. Apreensiva, passo o braço pelos os ombros do meu pai, suplicando aos céus que ele aguente firme.

CAPÍTULO 41

Pilar

Mais tarde, no hospital.

— Eu jurei que não voltaria a discutir com ele, mas não consegui. Meu pai passou mal por culpa minha. — Com raiva de mim mesma, eu bato o pé no chão sem parar.

Papai me usou, enganou, manipulou e me fez sentir uma péssima filha. Ele me decepcionou, eu fiquei sem chão. Fez tantas coisas horríveis que eu nem sei como poderei perdoá-lo algum dia. Tomar ciência de tudo o que foi capaz de fazer, foi um golpe duro e me atingiu de uma maneira bastante profunda.

Não há nada que machuque mais que a traição, mesmo assim, meu coração dói e sangra por ele, porque não deixamos de amar da noite para o dia, ainda mais quando se trata de uma pessoa tão importante na nossa vida.

Eu fiz a proposta ao Cruz acreditando que meu pai era inocente, que não sabia das reais intenções do Lorenzo. E não me conformo de como fui ingênua. Ao contrário do que eu imaginava, meu pai sabia de tudo. Pior, fazia parte da gangue. E tudo isso por causa de uma maldita chantagem!

— Não deve pensar assim. A culpa não é sua, Pilar! — Cruz tenta me fazer sentir melhor. Eu sei que tenho uma parcela enorme de culpa, mas não o contradigo.

— Estou magoada e machucada por tudo o que ele fez, mas eu não sei como deixar de sentir isso, Santino.

— Eu entendo, sereia. Mas procure se tranquilizar. Vai ficar tudo bem.

Ah, é tão bom ouvir que tudo vai ficar bem! Era o que eu estava precisando neste momento de angústia intensa, de uma dor crescente tomando conta de tudo e me fazendo lutar contra o choro.

Com suas atitudes, meu pai abriu velhas feridas e mexeu com a minha autoestima. Eu me senti colocada de lado mais uma vez. Esse sentimento de rejeição dói muito, mas a presença, o carinho e o amor do Cruz me ajudam a suportar.

— Obrigada por socorrê-lo e por nunca sair do meu lado — falo, quebrando o silêncio.

Ele pisca várias vezes, surpreso.

— E onde mais eu estaria? Devia saber que eu jamais te deixaria passar por tudo isso sozinha. Eu me preocupo com você, além disso, nós somos casados, lembra?

— Lembro. — Sorrio fraco, abaixo o olhar e fico calada por alguns segundos, sentindo-me emocionalmente cansada.

Cruz vira-se para mim, apoia a mão no meu ventre e olha diretamente nos meus olhos quando fala:

— Ouça bem, Pilar, o que eu disse ontem, durante o nosso casamento, foi a mais pura verdade. Nada mudou, nem vai mudar. Não duvide, nem por um segundo, quando eu digo que me preocupo com você. É a minha mulher e eu te amo, assim como amo o nosso filho.

Meu coração enche-se de amor com suas palavras. Sob o seu olhar perscrutador, um rubor tinge minhas bochechas, mesmo assim, eu devolvo o olhar e me dou conta do quanto parece abalado. Mentalmente, eu me critico por estar sendo egoísta, pensando só em mim e nos meus

sentimentos. O estado de saúde do meu pai atinge aqueles que convivem com ele, mas é claro que em níveis diferentes.

— Santino, eu... — começo, mas sou interrompida quando um homem envergando um jaleco branco aproxima-se e para bem na nossa frente.

Cruz o cumprimenta, apresentando-o em seguida:

— Pilar, este é o doutor Rafael de Souza. Ele está aqui para te levar para fazer alguns exames.

Pisco, sem entender direito o que ele diz.

— Santino, eu não vejo necessidade. Estou me sentindo bem, apesar de tudo o que houve.

Cruz sinala que não concorda comigo.

— Diante de todo o estresse que você acaba de passar, não acha que seria bom ter certeza de que tudo está bem? Você se sentiu mal, e depois teve o choque de ver o seu pai desmaiado na casa e durante o voo até aqui. Lembra-se do que a médica falou sobre situações altamente estressantes?

Sem condições de contra-argumentar, eu fico calada.

— Pilar, o Santino está certo. Ele comentou comigo sobre a pré-eclâmpsia, e eu considero prudente assegurar que está tudo bem, tanto com você como com o bebê.

Olho na direção da ala para onde meu pai foi levado.

— Eu agradeço a sua preocupação, doutor, mas só vou sair daqui depois de saber como o meu pai está — falo, determinada.

— Eu sei que você espera por notícias, mas, enquanto isso, podemos fazer os exames para sairmos de dúvidas — Cruz insiste, mirando a minha barriga, depois o meu rosto.

Com uma tossida discreta, o médico chama nossa atenção para si.

— Antes de vir para cá, eu falei com o doutor Dionísio Ferreira, o médico cardiologista responsável pelo caso do senhor Romero Flores, e fui informado que o paciente já se encontra estabilizado e fora de perigo.

Uma onda de alívio me engolfa e eu me agito na cadeira.

— Ele acordou? Eu quero vê-lo! Por favor, eu preciso falar com ele.

— Pilar, acalme-se. Deixe o homem falar — ao me ver frenética, Cruz intervém.

Paro, engulo em seco e concordo.

— Perdão, doutor, é que foram tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo... Além de tudo isso, acho que os meus hormônios ficaram malucos.

O médico sorri brevemente.

— Não se preocupe, eu entendo. De fato, a situação não é simples, por conta o histórico médico do senhor Romero. Mas você, mais que ninguém, tem que fazer um esforço extra para manter-se calma. E quanto às suas questões, sim, ele recuperou a consciência, mas como estava bastante agitado, o doutor Dionísio resolveu aplicar-lhe um sedativo. No momento, seu pai encontra-se sedado, mas acredito que você poderá vê-lo quando acordar. Tranquilize-se, porque, mais tarde, o doutor virá procurá-la.

Aliviada, eu meneio a cabeça em concordância.

— Que bom saber disso. Nossa, eu estava... Cheguei a pensar que... — Paro por um momento para reorganizar meus pensamentos e decido manter o positivismo. — O que realmente importa agora é saber que ele está fora de perigo. Bom, sendo assim, eu concordo em fazer aqueles exames — cedo, olhando para o doutor Rafael.

— Isso mesmo, meu amor — aprova Cruz, enquanto se ergue e me ajuda a fazer o mesmo.

— Ótima decisão! Por favor, me acompanhem — educado, doutor Rafael nos chama.

Nós o seguimos e somos guiados para uma sala, onde os exames serão realizados. Eu me acomodo numa cadeira. Ele ausculta os meus batimentos cardíacos, depois pressiona a ponta do estetoscópio no centro das minhas costas e me pede para respirar fundo e expirar três vezes. Isso feito, pega um esfigmomanômetro de dentro de uma gaveta e afere a minha pressão.

— Está um pouco acima do que consideramos normal para uma gestante de quase seis meses. Eu vou precisar prescrever um remedinho para normalizá-la. — Ele guarda o aparelho na gaveta e, após levantar-se, avisa: — Uma enfermeira virá administrá-lo, enquanto isso, eu vou dar uma saída, mas retorno para fazer o próximo exame. — Dito isso, ele deixa a sala, e pouco depois uma enfermeira entra.

Simpática e prestativa, ela me dá dois comprimidos e meio copo de água. Depois de tomá-los, ela me entrega uma roupa hospitalar, indicando um biombo, onde posso me trocar. Eu me visto e, quando volto, deito-me na maca e fico à espera do médico. Sentado ao meu lado, Cruz segura a minha mão. Noto como ele está ansioso.

— Esses exames são só por precaução. A minha pressão já vai voltar ao normal, e com toda certeza o nosso bebê está bem — afirmo, a fim de tranquilizá-lo.

— Eu sei, mas não consigo evitar de... Espera, como sabe como me sinto? Está me conhecendo bem demais, e não sei se gosto disso. —Cruz me lança um olhar contrariado, no entanto, desconfio que ele está fazendo cena.

Movo os ombros e sorrio.

— Pelo contrário. Eu acho que você gosta, sim.

Ele beija a palma da minha mão e me dirige um sorriso que é um misto de gentileza, carinho e intimidade, o que só faz comprovar que eu estou certa.

Concentrado, Cruz coloca atrás da minha orelha uma mecha do meu cabelo, mas desvia o olhar do meu quando a porta é aberta e o médico passa por ela.

— Prontos para ver o bebê de vocês? — inquire um doutor Rafael animado, sentando-se em seguida. Cruz e eu anuímos ao mesmo tempo, e uns três ou quatro minutos depois de iniciado o exame, o médico fala: — O desenvolvimento e o tamanho do bebê estão normais. A idade gestacional é de vinte e duas semanas. Nenhuma anormalidade aparente. — Continua olhando para o monitor, então gira um botão no painel do aparelho e imediatamente o som de batimentos cardíacos enche a sala. — E, como podemos ouvir, o coraçãozinho está batendo com força.

Emocionada, eu aperto a mão de Santino na minha. Ele faz o mesmo.

— É muito bom poder ouvi-lo e confirmar que está tudo bem. Doutor, será que podemos saber o sexo? — interpelo, lembrando que, em todos os

ultras que eu fiz, o bebê manteve as perninhas cruzadas, de modo que não foi possível ver.

Percebo que o médico me olha ligeiramente espantado.

— Você está com cinco meses e meio, normalmente a partir do quarto mês já é possível saber o sexo. Aliás, hoje em dia já dá para saber a partir da oitava semana, pelo exame de sexagem fetal, obtido por meio de um exame de sangue. Vocês não quiseram descobrir antes?

— Nós quisemos, mas o bebê não quis se mostrar ainda, e esse exame que o senhor mencionou, de sexagem fetal, eu não sabia que existia. Nas consultas de pré-natal, a minha médica não falou sobre ele, e eu também não perguntei se havia algum outro meio de descobrir.

O médico balança a cabeça e sorri.

— Entendi, mas agora, pelo jeito, o seu bebê mudou de ideia.

Arregalo os olhos, num misto de contente e bastante ansiosa.

— Então quer dizer que já podemos saber o que é?

Doutor Rafael faz que sim com a cabeça.

— Eu quero muito saber. E você, Santino, também quer saber?

Cruz faz cara de espanto e abre um lindo sorriso.

— É claro que eu quero! Pode dizer o que é, doutor!

Meu marido passa o braço pelos meus ombros, eu me acomodo em seu peito, e, juntos, aguardamos o médico nos dizer. No entanto, ele não só nos conta, mas, movimentando o transdutor, também nos mostra.

— É isso mesmo o que estão vendo. Dentro de cerca de três meses e meio, vocês serão os pais orgulhosos de um garotinho.

Por um momento, eu limpo a mente e me concentro unicamente no que estou vendo e ouvindo. É uma sensação maravilhosa poder ver o seu rostinho com ele ainda dentro de mim.

— Um menino... — Emocionada, giro o pescoço e procuro o rosto do pai dele. — Você viu? Nós vamos ter um menininho! — repito, em êxtase.

— Sim, eu vi, meu amor! — Cruz parece ainda mais encantado com a revelação. — Acho que agora vamos ter que arrumar um nome para ele. — Seus olhos brilham quando se encontram com os meus, e a mão livre vai direto para a minha barriga.

— Estou totalmente de acordo.

— Eu tenho um — Cruz revela.

O quê? Como assim ele já tem um nome? Nós nem chegamos a trocar ideias a respeito, já que decidimos esperar para ver o rostinho do bebê!

— Ah, é? Então me conta! — peço, corroendo-me de curiosidade.

Ele se aproxima e murmura no meu ouvido:

— Outra hora eu te conto.

Faço uma careta de ultraje, que Cruz ignora, aprumando o corpo e me brindando com um sorriso misterioso.

— Vem cá e coloca a mão aqui — chamo, mostrando uma parte da minha barriga. Ele pousa a mão no local indicado e me olha com espanto quando sente o movimento na palma.

— Ele está acordado e ouvindo a gente!

Cruz ri alto e fecha os olhos por um longo momento. Quando os abre, percebo que há algo diferente neles. E é com uma espécie de

reconhecimento que ele me olha fixamente.

— O que foi? — interpelo, sem conseguir me conter.

— Eu lembrei, Pilar!

— Lembrou o quê? — indago, confusa.

Observo como seu rosto se ilumina poucos segundos antes de responder:

— Eu me lembrei de tudo! De mim, de você e do nosso primeiro encontro! — revela, cheio de emoção.

CAPÍTULO 42

Cruz

Emocionados, Pilar e eu agradecemos e nos despedimos do doutor Rafael. De volta ao quarto, ajudo Pilar a subir na cama e puxo o lençol até um pouco abaixo do seu peito. Como a pressão arterial dela não voltou ao patamar considerado normal, o médico resolveu mantê-la aqui, em observação, por um período de vinte e quatro horas, assim será melhor monitorá-la.

— Eu sabia que a qualquer momento você se lembraria! Mas você recuperou a memória e se lembrou de tudo mesmo, Santino? — Pilar retoma o assunto que deixamos no ar quando o doutor Rafael nos interrompeu, dando o exame por encerrado.

Sentindo-me aliviado por ter resgatado as minhas lembranças, seguro sua mão e sento-me ao seu lado. Faço um carinho em seu rosto e, olhando em seus olhos, respondo:

— Sim. Eu me lembrei de tudo. Desde o instante em que os nossos olhares se cruzaram no restaurante do hotel, passando pela nossa conversa de horas antes de subirmos ao quarto. Eu me lembrei do que falamos dentro dele e, é claro, do que fizemos depois. — Faço uma pausa, para então provocá-la um pouco: — Eu me lembro de cada pequeno detalhe daquela noite, inclusive, do quanto você estava desinibida. — Pilar arfa e suas bochechas ficam rosadas, mas ela engole em seco e não fala nada. Brincando, agora, com o seu cabelo, fico sério e continuo: — Eu me lembrei também da minha saída precipitada na manhã seguinte e da derrapagem sob a chuva na estrada.

— Que bom. — Adoravelmente sem graça, minha linda esposa foge do meu olhar.

Sorrio.

— O que eu senti durante o tempo em que estivemos naquele quarto... eu não cheguei a esquecer realmente, Pilar. — Meu coração bate com força e meu fôlego fica preso na garganta enquanto passo meu nariz ao longo de sua bochecha, até que meus lábios estão na sua orelha. — Todas aquelas sensações que eu tive com você mantiveram-se intactas. — Aprumo o corpo para concluir. — Talvez estivessem só esperando o momento certo para voltarem à tona, o que de fato ocorreu quando nos reencontramos.

Pilar me brinda com um sorriso que me deixa louco de felicidade e eu a abraço com força. Essa mulher mexeu comigo de tal modo que virou a minha vida de cabeça para baixo. Ela me fez quebrar todas as minhas regras. Eu me apaixonei, nós nos casamos e, dentro em pouco, seremos pais de um menininho.

Estou a ponto de beijá-la, quando sou interrompido pelo toque do celular. Puxo o aparelho do bolso da calça e olho o nome da tela.

— É o Gilberto. Eu falei para ele me ligar em caso de urgência. Se está me chamando, é porque deve ser importante. — Pilar anui, eu me afasto e vou até a janela. — Santino falando...

— Ah! Santino! Desculpa, eu sei que você está no hospital, mas como me disse que eu podia ligar...

Reprimo um suspiro e corto sua fala ansiosa:

— Está tudo bem, Gilberto. Pode falar.

Escuto uma respiração profunda e imagino que o rapaz esteja tentando se acalmar.

— É sobre o potro novo. Eclipse. O veterinário está com ele agora. Parece que não está nada bem... — Gilberto segue falando, e embora seja um pouco cedo para fazer conjecturas, deixa claro que existem desconfianças do que pode ser, tanto que o veterinário pediu para coletar amostras da água e da ração oferecidas ao animal.

Minutos depois, após desligar o aparelho, eu o enfio no bolso, dando-me conta de que estou em um dilema. Devido ao fato de ser um Puro-sangue, cujo valor está na casa dos seis dígitos, a companhia de seguros vai ter que ser avisada. Romero não está em condições de resolver o assunto, então me pediram para retornar à fazenda, tanto para tomar ciência do que está realmente acontecendo com o cavalo quanto para tomar as providências necessárias.

— Santino, na falta do meu pai, você é o diretor interino da fazenda, e eu tenho certeza que papai gostaria que respondesse por ele. Adela pode ficar aqui me fazendo companhia, sem falar que Orestes está praticamente acampado em frente ao hospital. Pode ir com o Antero, ficaremos bem — afirma Pilar, após eu comentar com ela sobre o ocorrido com Eclipse.

Suspiro e a observo por um momento. Mesmo reticente em deixá-la, eu cedo e acato a sua sugestão.

— Está certo, mas prometa que vai me manter a par de como está indo! E sobre o Romero também. Eu quero saber de qualquer mudança, por mais simples e menor que seja.

Ela balança a cabeça, olhando para mim com um sorriso suave.

— Pode deixar. Eu prometo.

Deposito um beijo em sua barriga e, com um selinho, eu me despeço dela.

— Eu volto assim que resolver o que preciso — falo e caminho para a porta, mas paro e volto a passos largos. Beijo sua boca com fúria, só então eu saio.

Na sala de espera do andar, encontro Antero conversando com Adela, mas eles cortam o assunto quando notam a minha presença. Após nos saudarmos, ela sussurra algo para Antero, passa por mim e segue na direção do quarto de Pilar.

Pego Antero seguindo-a com os olhos e alço uma sobrancelha indagadora. Ele olha para mim, pigarreia e, dissimulado, finge-se de desentendido.

— O quê? — questiona.

— Espero que saiba o que está fazendo.

— Eu não estou fazendo nada. Você é que está parecendo um adolescente apaixonado — comenta, tirando o foco de si enquanto anda ao meu lado no corredor.

— E realmente estou muito apaixonado, meu amigo! — eu não tenho problema em confessar.

— Quem diria, hein?! Você me surpreendeu, tanto pelo casamento relâmpago quanto por me chamar para padrinho — admite.

— Eu acredito, porque surpreendi a mim mesmo. — Quando, minutos depois, chegamos ao fim do corredor, eu aperto o botão para chamar o elevador.

Do lado de fora, troco algumas palavras com o segurança, entramos na Van e deixamos o prédio cinzento para trás. Na metade do trajeto para a fazenda, eu mergulho em meus pensamentos, precisamente na última declaração feita por Joaquim Lobos. Ele sugeriu que, do caso dos nossos pais, houve uma consequência.

No lavabo, quando Pilar tocou no assunto, eu disse que o que ambos fizeram, ou deixaram de fazer, não era da nossa conta, o que é verdade. Eu não me abri com ela naquele momento porque pensei melhor e preferi não a estressar ainda mais, além disso, eu estava ocupado, lutando para absorver o impacto do que havia acabado de ouvir.

Algo mais foi revelado dentro daquele escritório, além do romance dos dois, dada a fúria de Romero, a ponto de passar mal. Desde então, eu não consigo deixar de pensar no assunto, que fica rodando e rodando dentro da minha cabeça.

Estou agitado, frustrado, ansioso e louco para tirar essa história toda a limpo, mas sou obrigado a esperar que Romero se recupere para poder contar. Nesse ínterim, o jeito é fazer o possível para manter o foco no que mais importa: minha mulher, meu filho e meu trabalho.

CAPÍTULO 43

Pilar

Não faz nem meia hora que Cruz foi embora, levando Antero com ele, e eu já sinto falta do seu sorriso torto, do brilho travesso e da suavidade que aqueles olhos muito azuis me transmitem. Sem mencionar todo o prazer que ambos prometem. Estou em um quarto de hospital e não deveria pensar nisso, mas dane-se. Eu penso e ponto.

Sorrio, divertida, e faço uma anotação mental para ligar para Vilma. Preciso pedir para ela providenciar a mudança do Cruz para o casarão. Será que ele vai concordar? Talvez Cruz prefira ficar naquela casinha mesmo, mas eu não. Hum, acho melhor tomarmos essa decisão juntos.

Mudo a nota mental para me lembrar de decidirmos sobre o lugar onde iremos morar assim que eu sair daqui. O casarão é confortável, é a minha casa e onde tenho tudo o que preciso. Acho que Cruz vai querer ficar lá, mas, de qualquer maneira, vou falar com ele primeiro.

E tem aquele outro assunto, também. Não, eu não quero pensar nisso agora. Sacudo a cabeça, afastando os pensamentos, e foco minha atenção em Adela, que folheia uma revista sentada numa poltrona sob a única janela do cômodo. A cena não teria nada de mais se minha amiga não fizesse questão de evitar o meu olhar.

— Você não vai me dizer nada? — pergunto, quebrando o silêncio.

Com cara de desentendida, ela ergue os olhos da revista.

— Eu não tenho nada para dizer. — Faz que não com a cabeça para enfatizar.

— Hum, não mesmo? Vou precisar ser mais direta, então, lá vai: está rolando alguma coisa entre você e o Antero?

Desta vez, é uma expressão de surpresa fingida que estampa o seu rosto. Eu não consigo deixar de sorrir ante tamanha canastrice. Meu Deus, Adela é uma péssima atriz!

— Não tem nada rolando com o Antero. Eu não sei de onde você tirou isso, Pilar. — Ela foge do meu olhar. De novo.

— Tem certeza? — insisto, pensando em como os dois são diferentes em personalidade; ela é efusiva e leve, enquanto ele faz mais o tipo sisudo e calado. Parecem não ter nada em comum, mas eu posso estar enganada. — Percebi que você tem agido de modo estranho desde ontem.

Com um suspiro, ela desiste da leitura e larga a revista em cima da poltrona. Ergue-se, abraça o próprio corpo e fica olhando o movimento lá fora através da janela.

— É impressão sua. Eu estou normal.

— Não, senhora. Você está tudo, menos normal. Vai, desembucha!

Ainda de braços cruzados, uma atitude claramente defensiva, Adela se vira para mim.

— Está me fazendo todas essas perguntas porque eu preferi passar mais uma noite na cidade a ir para a fazenda? Amiga, o que eu ia fazer lá? Você ia passar a noite com o Cruz, e eu não queria ficar sozinha. Foi só isso.

— Eu entendo! E não estou perguntando só porque resolveu ficar aqui. Eu notei um clima entre os dois, depois o Antero vem e faz o mesmo que você? Um mais um é igual a dois...

Uma sombra de sorriso passa pelo rosto bonito da minha amiga relutante.

— Está bem, sua intrometida curiosa!

Como é que é? Intrometida, eu?

— Olha só quem fala?! Quando o assunto é comigo, você não me deixa em paz até eu contar!

Adela gargalha.

— Tudo bem, eu sou mesmo um pouco intensa quando quero descobrir alguma coisa. E já que você quer tanto saber, então eu vou contar. Eu e o Antero tomamos uns drinques no bar do hotel e conversamos bastante. Ele é interessante, tem bom papo, e aquele jeito rústico meio selvagem dele... — Sem perceber, seu olhar se torna distante. — E que charme aquele homem tem! Minha amiga, vou te contar uma coisa, eu nunca conheci alguém tão charmoso como ele! — Percebendo que divagou, Adela limpa a garganta e conclui: — Ficou tarde, nós subimos para os nossos quartos e fomos dormir. Fim da história!

Estreito os olhos, decidindo se acredito nela ou não. Abro a boca para retrucar, mas a porta do quarto se abre e uma enfermeira adentra o quarto.

— Salva pelo gongo — murmuro, e não perco sua expressão de alívio. — Mas não pense que vou deixar para lá. Eu te conheço, Adela, sei que você não está me contando tudo. Tem mais coisa nessa história, e eu não pretendo desistir até descobrir o que é — ameaço, e Adela balança os ombros, como quem diz *"você só vai perder o seu tempo, se fizer isso"*.

Alheia à nossa conversa, a enfermeira prepara o aparelho, afere a minha pressão e anota o resultado no tablet.

— Está boa? — quero saber.

Ela guarda o aparelho na caixa e responde, educada:

— Abaixou um pouco, mas ainda está alta. O doutor Rafael virá vê-la em seguida. — E, com um sorriso simpático, deixa o quarto.

O médico aparece cerca de dez minutos depois. Assim que entra, vai logo me dizendo que eu não serei liberada agora, pois prefere ser pragmático e monitorar a minha pressão sanguínea por mais algumas horas.

Eu não tenho opção, a não ser assentir e esperar, porque sei que esse cuidado todo é necessário para que meu filho e eu possamos ficar bem. Não adianta nada ir para casa só para voltar logo depois.

Doutor Rafael caminha para a porta, e está prestes a deixar o quarto quando para, vira-se e fala:

— Ah! Eu ia me esquecendo. O seu pai acordou, dentro em pouco vai poder vê-lo. Já pode relaxar, ele está bem. Foi um susto, nada mais.

— Muito obrigada por me dizer, doutor! — aliviada, eu agradeço, então ele sai.

CAPÍTULO 44

Cruz

Dias depois

Após deixar o estábulo, entro no pátio na companhia de Antero e Alberto Soares, o médico veterinário. Faz três dias que ele está tratando Eclipse, e finalmente o animal está dando sinais de recuperação. Voltou a comer, está sem dor, e a inflamação no tornozelo traseiro esquerdo cedeu.

O potro já está apoiando a pata no chão e conseguindo trotar sem mancar, no entanto, ainda não sabemos o que causou as dores, a febre e a falta de apetite. Continuamos no aguardo do laboratório retornar com as análises das amostras enviadas.

É hora do almoço, e eu prometi que almoçaria com a Pilar. Ela passou um dia no hospital, e, quando retornou para a fazenda, conversamos e decidimos, em conjunto, morarmos no casarão. Consultamos o Romero, que não se opôs ao desejo da filha. Nós não retomamos a conversa sobre ele e minha mãe, devido ao seu estado de saúde. O médico que o acompanha deixou bem claro: nada de emoções ou estresse por alguns dias, ou ao menos até que ele se sinta bem o suficiente para conversar.

Olho para frente e vejo dois homens descerem de uma Dodge Ranger. Os dois vêm em nossa direção. Fixo os olhos neles e reconheço o mais velho. Trata-se do amigo de Romero, Joaquim Lobos. Por dedução, o mais jovem deve ser o filho dele, Lorenzo Lobos, o mal-intencionado que tentou usurpar a minha paternidade, que assediou e ameaçou a minha esposa.

Enquanto eles se aproximam, sinto a raiva subindo, como um vulcão antes da erupção. Respiro fundo, cerro os punhos e trinco a mandíbula.

— Nós conversamos mais tarde, Santino. — Alberto despede-se, eu aceno, e ele anda até um jipe preto estacionado não muito longo de onde estamos.

— Boa tarde, Santino! Antero! — Joaquim saúda quando chega, enquanto o filho fica ao seu lado, parado e só olhando.

Lanço um olhar afiado que abarca os dois.

— O que vocês querem? — rígido e seco, eu pergunto.

Diante da minha recepção nada amigável, o velho força um sorriso.

— Calma, Santino. Está arisco feito um garanhão selvagem. Guarde as suas armas, nós viemos em paz.

— Fale pelo senhor! — o mais novo grunhe, parecendo pronto para atacar.

— Lorenzo, vamos fazer como combinamos. Eu falo aqui.

Mesmo contrariado, ele assente. Cruzo os braços na altura do peito e me preparo para ouvir seja lá o que for que esse homem tem para me dizer.

— Estou aqui para te dizer uma coisa muito importante, algo que mais cedo ou mais tarde você teria que saber.

— Então anda logo, porque eu não tenho tempo para ficar de papo-furado.

— Paciência é uma virtude, rapaz.

— Lealdade também é, mas parece que não é algo familiar ao senhor.

Joaquim Lobos sorri com escárnio.

— Fala daquela briguinha que eu e o Romero tivemos?

— Briguinha?! O homem foi parar no hospital!

— Não era a minha intenção, entretanto, no calor do momento, acabei exagerando. E aquela não foi a primeira e não será a nossa última briga. Mas eu estou aqui hoje porque ele não está sendo honesto com você, que merece conhecer os fatos sobre a sua origem. Se eu imaginasse que você e Pilar pretendiam se casar, teria dito antes e evitado o pior, mas...

Lorenzo se intromete, cortando a fala do pai aos gritos:

— Para de enrolar, pai! — E, olhando para mim, emenda: — Eu soube que você e ela se casaram, mas o casamento não é válido. Terá que ser anulado.

— Anulado? Enlouqueceu? Quem é você para vir aqui me dizer isso?

Zangado, dou um passo à frente, mas Antero segura o meu braço.

— Calma, Santino! Violência não vai resolver nada. Só vai piorar as coisas. Vem, vamos sair daqui — chama, mas eu não me movo um milímetro. Eu não vou fugir desses dois!

— Não quer saber por que não podem continuar casados? — Lorenzo provoca.

— Não! — eu nego, sem vacilar.

— Mas vou dizer assim mesmo...

Joaquim impede o filho com um gesto da mão.

— Eu disse que quem fala aqui sou eu!

— Então fala logo, porra!

Joaquim respira fundo.

— Escute bem o que eu vou te dizer, meu rapaz: Rogério Cruz não era seu pai! Bom, não pai de sangue. — Enrijeço ao assumir o impacto da declaração, mas o homem ainda não terminou, e, apontando o dedo gorducho para o meu peito, dispara: — o Romero é o seu pai biológico!

— Isso não é verdade! Mas, se fosse, me diga: como o senhor sabe disso?

— Como eu sei? Amparo era minha prima. Acompanhei o namoro dos dois. Mas meu tio era contra, obrigou Amparo a terminar com Romero e logo deu um jeito de casar a filha com o primogênito dos Donato Cruz, uma das famílias mais ricas e tradicionais da época. Escutei uma conversa entre a sua mãe e a minha. Isso faz uns cinco anos. O Romero desconfiava, mas nunca teve certeza, só quando sua mãe estava no final da vida e o mandou chamar para contar a verdade.

Choque. Náusea. Dor no peito.

— E se o filho que Pilar espera é mesmo seu, é fruto de um incesto! — atalha Lorenzo. — Eu só queria olhar na sua cara quando você soubesse disso.

Eu vou ter um infarto, mas, antes, eu acabo com a raça desse canalha!

— Isso é uma mentira deslavada! Aceita que perdeu de uma vez e dá o fora daqui, antes que eu perca a pouca paciência que ainda me resta e parto a sua cara ao meio, pois vontade não me falta!

Ele solta uma gargalhada debochada, o que faz a minha cabeça girar. Vejo tudo vermelho, e, com dois socos certeiros, eu o derrubo. No chão, Lorenzo se apoia em um cotovelo. Ele segura o queixo e move a mandíbula, colocando-a no lugar. Em seguida, passa o dorso da mão no lábio cortado, a fim de limpar o sangue que escorre pelo canto da boca.

Seu olhar de ódio quando me encara só não é mais mortal que o meu.

— A Pilar ainda será minha! — provoca, e eu chego ao meu limite.

— Ela nunca será sua! Pilar é minha mulher e mãe do meu filho!

— E sua irmã! — Lorenzo esbraveja e se levanta. — Pergunta para o Romero, se é que ele é homem suficiente para dizer a verdade — desafia e avança sobre mim.

Em um milésimo de segundo, eu percebo que é tarde demais para desviar do soco que atinge a lateral da minha cabeça. Mas eu sequer tenho tempo de me sentir atordoado, pois, por puro reflexo, jogo o braço para trás para pegar impulso e revido o soco, acertando em cheio o nariz do desgraçado. Sinto a cartilagem movendo-se sob os nós dos meus dedos e sei que o quebrei.

— Isso foi por acossar a Pilar e tentar roubar a paternidade do meu filho!

Ele segura o rosto com as duas mãos e geme de dor.

Ótimo!, penso, ofegante, mas satisfeito. *A partir de hoje, a cara desse otário não será mais a mesma, e ele vai se lembrar de mim toda vez que se olhar no espelho.*

— Eu vou acabar com você, seu vaqueiro de merda! — Lorenzo grunhe entre gemidos, enquanto seu pai anda de um lado ao outro, sem saber o que fazer.

— Você não vai matar ninguém, muito menos o meu genro! E saiba que está duplamente enganado, Lorenzo! — uma voz fala às nossas costas. — Eu não sei com o que o seu pai andou enchendo a sua cabeça, mas a Pilar não é irmã do Santino, portanto, o casamento deles é legítimo! — Meu

alívio é indescritível, contudo, disparo um olhar indagador para Romero. — Eu sei. Nós conversamos depois, Santino.

Em silêncio, eu assinto, então ele continua:

— Orestes e Antero, peguem a picape e acompanhem esses dois senhores para fora da fazenda. Estão proibidos de colocar os pés nas minhas terras novamente. E se caso insistirem em voltar aqui, avisem aos rapazes que será considerada invasão de propriedade. — E virando-se para pai e filho, acrescenta: — Acredito que vocês imaginam o que fazemos com invasores de terras e ladrões de gado por essas bandas! — Seu tom é de ameaça quando conclui.

— Nos já vamos, e não precisamos de escolta nenhuma. Mas isto aqui ainda não acabou. Muito em breve, você vai voltar a ouvir falar de mim, Santino Cruz! — Lorenzo entra na Ranger, com um Joaquim aturdido o imitando.

— Não esquece do Flores! Santino Donato Cruz Flores! — grito alto o suficiente para ambos ouvirem. — E pode vir, estarei bem aqui te esperando! — desafio, mesmo sabendo que sua ameaça não passa de bravata. — Seu covarde!

Ressabiado, Lorenzo sai cantando pneus. Fico olhando a caminhonete levantar poeira e sumir na estrada, então viro-me para Romero, que fala:

— Vamos entrar, Santino. Conversaremos melhor no escritório.

CAPÍTULO 45

Cruz

Depois de assistir os homens entrarem na caminhonete e irem atrás da Dodge Ranger, como ordenado por Romero, subo a escadaria da entrada do casarão com o coração sambando mais que passista de escola de samba.

— Vilma, poderia chamar a Pilar e dizer que eu quero conversar com ela, por favor? — pede Romero.

— Sim, senhor. Farei isso agora mesmo — a governanta responde prontamente.

— Obrigado — Romero agradece, e enquanto Vilma sobe as escadarias a fim de fazer o que lhe foi ordenado, nós entramos no escritório. — Sente-se, Santino. Bebe alguma coisa? — oferece, junto ao aparador de bebidas.

— Um uísque puro. — Sento-me na poltrona de couro e fico à espera.

Romero pega uma garrafa de cristal, despeja dois dedos do conteúdo em um copo e me estende. Eu aceito e observo-o enquanto prepara um cálice de vinho tinto para si. Então, acomoda-se atrás da escrivaninha e sorve um pequeno gole da bebida.

— Enquanto esperamos, diga-me como está o Eclipse — pede, recostando-se no espaldar da cadeira.

— O veterinário me garantiu que ele está indo muito bem. A inflamação no tornozelo melhorou e Eclipse já consegue trotar sem mancar. No entanto, ainda não sabemos o que causou as cólicas e as dores intestinais. Estamos aguardando o resultado dos exames e das análises da ração e da água.

— Hum... entendo. Pelo que vejo, Alberto suspeita que Eclipse pode ter sido envenenado.

Tomo um gole do meu uísque.

— Ele prefere não se precipitar, mas não descartou a possibilidade.

Sério, Romero faz um movimento de concordância com a cabeça.

— Está sendo cuidadoso. Mantenha-me informado e reforce a segurança no estábulo. Diga ao Gilberto para redobrar a atenção e supervisionar a alimentação dos Puros-sangues pessoalmente. Vamos minimizar as chances de que isso volte a acontecer. Esses animais são valiosos demais, eu não quero perder nenhum deles.

Paro e olho para o uísque em meu copo. Eu não nego que estou agoniado com o que acabou de acontecer. Faz muito tempo que não chego às vias de fato em uma briga, e eu me arrependo, não do que fiz, e sim de não ter feito mais. Meu sangue ainda ferve a cada vez que me lembro do que Lorenzo disse sobre Pilar e eu sermos irmãos.

Naquele instante, meu coração quase parou, tamanho foi o meu susto. Eu fiz de tudo para não pensar nessa possibilidade, e quase caí de costas quando Joaquim colocou em palavras o meu maior medo. Se isso fosse certo, se Pilar fosse minha irmã... Meu estômago ainda se revolve só de pensar nisso, mesmo depois de Romero ter negado o fato com veemência.

— Você ama a minha filha? — pergunta de repente, despertando-me dos meus pensamentos.

— De corpo, alma e coração, Romero.

— Eu andei pensando, e confesso que não estou nada insatisfeito com a situação. Na verdade, depois disso tudo, algo de bom tinha que surgir,

certo? Santino Donato Flores Cruz, meu genro e pai do meu neto...

Eu o encaro, um pouco surpreso com sua atitude.

— Me surpreende um pouco ouvi-lo falar assim.

Pensativo, Romero inclina-se para frente e coloca o cálice sobre a mesa. Desliza a mão pela superfície lisa, então volta a olhar diretamente para mim.

— Sossega seu coração, meu rapaz. Não se atormente tanto. Pilar não é sua irmã, mas você é filho de uma mulher por quem eu sempre tive apreço e consideração. Confiei em você logo de cara porque um filho da Amparo só podia ser um homem honesto e de caráter, embora o Rogério fosse o oposto disso.

Abro a boca para falar, mas ouvimos um toque na porta, e quando esta é aberta, Pilar aparece. Parada no vão, ela intercala um olhar indagador entre nós.

— O senhor mandou me chamar? Está tudo bem? — questiona, parecendo um pouco insegura.

Romero confirma com um aceno.

— Entre, Pilar. Temos alguns assuntos para conversar.

Ela obedece, e mesmo apreensiva, sorri para mim e vem se sentar no descanso da poltrona onde estou.

— Você não prefere sentar na poltrona ao meu lado? É mais confortável. — Ela sorri e nega com a cabeça. Eu não insisto e envolvo sua cintura com o braço livre. — Não sei se você chegou a saber, mas o senhor Joaquim e o Lorenzo estiveram aqui há alguns minutos.

Pilar lança um olhar curioso para nós dois.

— Eu estava no banho, mas cheguei a ouvir um reboliço de vozes alteradas vindas do pátio quando saí. Fui até a janela para ver o que era, mas já não havia mais ninguém.

Balanço a cabeça, concordando.

— Eu acabei discutindo com o Joaquim e o Lorenzo. Nisso, um mal-entendido veio à tona, por isso o seu pai pediu que você viesse até aqui, ele vai esclarecê-lo. É melhor saber tudo pela boca dele.

Pilar olha apreensiva na direção do pai.

— Um mal-entendido? Que tipo de mal-entendido?

Percebendo a sua agitação, eu me apresso em acalmá-la:

— Sereia, por favor, apenas escute e tente se manter relaxada, está bem? Lembre-se de que para tudo há uma explicação.

Ela assente, e Romero faz um ruído de limpar a garganta, chamando nossa atenção para si.

— Bem, aqui estamos, os três, e eu...

Pilar levanta a mão e o interrompe:

— Pai, antes eu quero deixar bem claro que não vou mais discutir com o senhor. Eu não sei o que o senhor tem para me dizer, mas se for para brigarmos, eu prefiro me retirar.

Romero balança a cabeça, aquiescendo.

— Não se preocupe, Pilar. Eu não a chamei aqui com esse intuito. Pelo contrário. Quero falar sobre assuntos que vieram à tona e explicar as

minhas atitudes, principalmente nos últimos tempos. Mas confesso que nem sei direito por onde começar.

— A declaração do Joaquim Lobos — sugiro. Romero me brinca com um olhar interrogativo, então eu esclareço: — Aquela que o tirou do sério e o fez passar mal. Pode começar por aí.

Ele volta a se recostar na cadeira e puxa o ar devagar. Com certeza para ganhar tempo e coordenar os fatos na sua mente antes de começar a falar.

— Nossa, isso foi há tanto tempo... Sua mãe e eu éramos vizinhos naquela época, e frequentávamos a mesma escola. Começou como um namoro de adolescentes, mas eu sabia que assim que terminasse o colégio, meus pais me mandariam para fora do estado, então, na noite da formatura fizemos uma promessa. Prometemos que nada nem ninguém iria nos separar, e, para evitar que isso acontecesse, nós decidimos fugir juntos no dia seguinte.

Ele se dá uma pausa, o olhar perdido, distante, como se assistisse às cenas que está descrevendo.

— Eu fui ao local do encontro; ela... não. O pai foi no seu lugar. Eu me surpreendi quando o vi e perguntei como ele havia ficado sabendo. Mas o homem não fez suspense e foi logo dizendo que a filha tinha contado e pedido que fosse em seu lugar para falar comigo. Disse que Amparo mudara de ideia e não tinha coragem de me encarar. Eu não duvidei na hora, porque só nós dois sabíamos sobre aquele local. Fiquei com raiva, magoado e de coração partido.

— E por raiva e orgulho ferido, o senhor não quis mais saber dela — atalho, seguindo o seu raciocínio.

— Não foi bem assim. Mesmo pensando que Amparo havia me abandonado, eu a procurei, mas descobri que toda a família havia se mudado e que não tinham deixado o endereço. Muito tempo depois, eu soube que Amparo havia passado mal e fora obrigada a contar que estava grávida. Os pais ameaçaram tirar o bebê dela caso não fizesse o que mandassem.

— Minha nossa! O que fizeram com os dois... separá-los, e ainda usando uma mentira, foi muita crueldade! A pobre garota grávida, sozinha, afastada do homem que amava, tendo que se submeter à vontade dos pais e sendo obrigada a aceitar um casamento arranjado... — aparta Pilar, com o semblante pesaroso, mas logo sua expressão muda para raivosa e indignada. Provavelmente minha esposa se lembrou de que o Romero tentou fazer o mesmo com ela.

— Eu não vou dizer que foi um período fácil para mim, porque não foi. Os pais a enviaram para viver com uma tia no Paraná e logo arranjaram para que ela se casasse com o Rogério, que assumiu o filho que ela esperava como sendo dele. Rolou dinheiro e muita influência no meio disso. Para ele, foi extremamente vantajoso. O velho Donato Cruz havia ameaçado deserdá-lo se ele não tomasse jeito e constituísse família.

Romero segue com seu relato, contando que foi para São Paulo e, quando terminou os estudos, retornou para São Miguel. A vida seguiu seu rumo e ambos perderam contato. Ele não soube mais dela, até que, muitos anos depois, uma pessoa ligou em seu nome. Explicou a situação e disse que minha mãe precisava falar com ele com extrema urgência.

Na última vez que se viram, ela revelou que acompanhava a sua vida por meio de notas em jornais e parentes que ainda viviam aqui, por São Miguel, e lhe davam notícias suas. Foi aí que minha mãe contou que eu era

filho dele e o fez prometer não me dizer nada, porque tinha medo de que eu desprezasse a sua memória por ter mantido isso em segredo, já que minha vida poderia ter sido diferente se eu não estivesse sob os mandos e desmandos do Rogério.

Nesse ponto, estou arrasado por descobrir que minha mãe e eu sofremos tanto nas mãos do desgraçado porque ele sabia que ela amava outro e que eu era fruto desse amor. Porque, enfim, agora eu consigo entender a principal razão de o homem que me criou me tratar com tanta distância e desamor.

Minha mãe ainda contou que Rogério ameaçava matar o Romero e a mim, mas a deixaria com vida só para que ela sofresse caso falasse a verdade. Ele queria manter a mentira de que eu era seu filho por conta da sua imagem enganadora de homem decente e ótimo pai de família naquela cidade.

É duro lembrar e imaginar como as coisas poderiam ter sido caso... Ah, não importa mais. Corto a minha linha de raciocínio quando sou subjugado por uma onda devastadora de emoções. Sugo o ar com força e sinto a raiva inflando por todo o meu corpo. Um misto de confusão, frio e uma dor pungente esmagam o meu interior.

— Então, quer dizer que o que o Joaquim falou é verdade?

— Sobre você ser meu filho? — Para minha surpresa, Romero deixa aflorar uma gama de emoções na expressão de seu rosto curtido. Os olhos estão vermelhos e marejados quando ele me encara. — Sim, é verdade. A sua mãe me contou sobre você e também sobre o que houve com ela após nos separarmos.

— E quando foi isso?

— Pouco antes de falecer. Ela me chamou e nós conversamos.

Abaixo a cabeça, procurando entender o que estou escutando, obstante, parece que estou anestesiado. É tanta coisa fluindo, fazendo um rebuliço aqui dentro, e tudo ao mesmo tempo...

— Ela nunca me disse nada. Nunca deixou escapar um detalhe, uma pista. Nada! Jamais desconfiei que o meu pai não fosse o meu pai. Eu pensava que ele era ruim por natureza, que a maldade vivia dentro dele, por isso agia daquela maneira abusiva.

— Eu sinto muito pelo que os dois passaram na mão dele. Amparo tinha muito medo, coitada. Não só por ela. Por você também, e até mesmo por mim. Eu só posso imaginar o quanto deve ter sido difícil para ela guardar esse segredo por tantos anos.

Concordo com Romero. E não há mais o que dizer sobre isso, afinal, ambos já não estão mais neste plano. O melhor a fazer é deixar os mortos descansarem.

— Está mesmo certo de que sou seu filho? Sei que minha mãe não mentiria, mas quero saber do senhor... o que pensa disso tudo.

— Sim, estou certo, Santino. Depois da nossa conversa, eu precisava tomar algumas decisões, e comprovei o que ela me disse por meio de um exame de DNA, enquanto você estava em coma. Eu não coloquei a palavra da sua mãe em dúvida, mas precisava obter a confirmação para alterar o meu testamento. Minha intenção era reconhecê-lo como meu filho, mas você só saberia disso no dia que o documento fosse lido pelo meu advogado.

Impactado, eu arregalo os olhos. Caralho! As surpresas não param.

— Então, o senhor não pretendia me contar? Nunca?

Romero sacode a cabeça, negando.

— Sua mãe me fez prometer que eu não contaria nada, em vida, para você, contudo, diante da situação, vocês dois casados e esperando um bebê, eu não tive outra escolha. Se ela tivesse um vislumbre de como seria o futuro, com vocês dois unidos em matrimônio, eu não tenho nenhuma dúvida de que a própria Amparo te contaria a verdade.

— Entendo. Então, o senhor tinha a intenção de me reconhecer e me colocar no seu testamento?

— Não só pretendia, como você já está nele. Eu o alterei logo depois que você voltou do coma. Depois do infarto, eu não quis perder mais tempo.

— E o Joaquim o chantageou com isso — afirmo.

Romero toma um gole de seu vinho, colocando a pequena taça sobre uma mesinha.

— Não. Essa parte veio depois. Na verdade, suas ameaças começaram muito antes.

Escuto um arfar e sinto o corpo da minha mulher enrijecer sob meus dedos.

— Pilar me contou que o senhor fazia questão que ela se relacionasse com o Lorenzo. Inclusive, arrumava meios de se encontrarem.

— Está correto, mas eu só estava ganhando tempo até conseguir reunir coragem para revelar a verdade, porém, esse momento nunca chegou. Eu sempre soube que Pilar nunca aceitaria um compromisso imposto, ainda mais com aquele rapaz. Então, eu estava tranquilo, mas de vez em quando eu precisava sondá-la, fazer um teatro, armar um encontro, para que

Joaquim visse que eu estava fazendo a minha parte. Eu o enrolei por anos. — Romero olha diretamente para Pilar e fala: — Eu sei que não agi certo com você, que a magoei muito, e peço perdão por isso.

— Perdoá-lo vai levar um tempo, pai. O senhor me decepcionou demais.

— Eu sei. Criei uma confusão dos infernos que a obrigou a tomar uma decisão precipitada. Mas você mesma sabe que eu sempre quis que se casasse com um homem que fosse capaz de tocar esta fazenda ao seu lado. E não tenho dúvida de que o Santino é a pessoa certa. No fim do dia, o que importa é que vocês dois se amam e que eu serei avô em breve.

Pilar, que estivera ouvindo tudo calada e pensativa, como se estivesse em um transe, levanta-se e anda pelo escritório. Quando ela para, cruza os braços sobre o peito, respira lentamente e indaga:

— Espera um pouco... Ouvi direito ou estou ficando louca? Que história é essa do Santino ser seu filho, pai? O que está acontecendo aqui?

Vendo seu estado, eu vou até ela e a abraço, antes que fique histérica.

— Pilar, eu sei que é difícil ouvir tudo isso, mas lembra que eu te disse há pouco que para tudo existe uma explicação?

— Santino, se você é filho do meu pai, então eu sou sua... — Ela não consegue completar e me olha com angústia.

— É esse o mal-entendido ao qual eu me referi agora há pouco. Calma, não tire conclusões ainda. Ouça o que o seu pai tem a dizer até o fim, está bem? — eu peço e a seguir Romero retoma a palavra.

— Filha, eu entendo que você esteja se sentindo confusa, aflita e até com raiva de mim, mas se você fosse irmã do Santino, eu teria falado assim

que soube que ambos haviam se casado. O fato é que vocês não têm parentesco algum.

O rosto de Pilar, antes contraído, parece relaxar ante a informação, contudo, a angústia do que ainda está por vir segue presente.

— Se eu entendi direito e o Santino e eu não somos parentes, como o senhor acaba de afirmar, e ele sendo seu filho biológico, nesse caso... sou eu que não sou sua filha... — Sua voz vai morrendo conforme ela fala.

Nervoso, eu aperto o maxilar, pois me machuca testemunhar a dor e a agonia visíveis no rosto dela. Se fosse possível, eu absorveria todo o seu sofrimento para mim. Me corta o coração vê-la tão abalada, porém, tudo o que eu posso fazer no momento, é permanecer firme do seu lado.

Romero faz uma longa pausa. E parece se emocionar, pois quando a encara, seus olhos estão vermelhos e cheios d'água. No entanto, ele respira fundo e consegue manter a compostura.

— Biológica, não. Mas de coração, sim.

Nervosa, Pilar aperta-se mais a mim, claramente em busca de apoio.

— Então, eu sou adotada? — Escuto-a arfar após fazer a pergunta.

— Pilar, você é filha da Marieta... e minha. Eu sei, parece complicado, mas eu vou explicar. Uns três anos depois de nos casarmos, ela começou a falar em ter filhos. Era o seu maior sonho, ser mãe. E eu também queria. Nós tentamos por um ano e meio, e como nada aconteceu, ela me convenceu a procurarmos ajuda médica. Fizemos uma bateria de exames, e não foi fácil descobrir que eu havia ficado estéril por causa de uma varicocele não tratada.

Seguro a mão de Pilar, que está trêmula e gelada. Sei que não está sendo fácil para ela ouvir tudo isso. Tento, do jeito que posso, passar-lhe força.

— Nós sentamos e conversamos sobre as nossas opções na época: adoção ou fertilização *in vitro* usando um doador anônimo. Marieta queria vivenciar todo o processo da gravidez, assim, fizemos o procedimento duas vezes, sendo implantados três embriões de cada vez. Foram meses de tratamento, angústias e frustrações, mas, no fim, um embrião vingou. Eu nunca a tinha visto tão feliz, exceto no dia do nosso casamento, quanto no dia que ela descobriu que estava grávida e veio correndo me contar. Nós comemoramos, é claro, pois havíamos conseguido.

— Eu não sei nem como reagir a tudo isso... Estou chocada, mas aliviada por saber que Santino e eu não temos nenhum laço sanguíneo.

— Eu sou seu pai, e você é minha filha. Sempre foi e sempre será. Eu me dizia que a maneira como você foi concebida não fazia diferença, mas, lá no fundo, eu me considerava um fracasso e não queria que ninguém soubesse como eu me sentia. Por fora, eu não demonstrava nada, mas por dentro eu me consumia.

Com a voz embargada, Pilar indaga:

— É por isso que o senhor me rejeitava? Que resistia em admitir que eu tinha, e tenho, condições de tocar os negócios sozinha?

Romero muda o semblante. Bravo. Sentido.

— Pelo amor de Deus! Eu nunca a rejeitei, Pilar! É minha filha e eu te amo! Eu só considero a administração desta fazenda e dos outros negócios trabalho demais para uma só pessoa. Eu sempre tive ajuda, nunca fiz nada sozinho. E de uns anos para cá, os negócios se expandiram a ponto

de eu considerar dividir a diretoria, delegar responsabilidades. Escolhi o Santino, mas isso enquanto você estivesse na faculdade. Depois de formada, você voltaria e se uniria a nós, é claro.

Talvez refletindo sobre o que acaba de ouvir, Pilar fica muda. Então aproveito para esclarecer mais um ponto com Romero:

— O Joaquim disse que o senhor desconfiava que eu existia. Não quis tirar isso a limpo?

Ele nega.

— Joaquim mentiu. Eu não tinha ideia da sua existência. Sim, eu soube que a Amparo havia se casado e tido um filho, mas sempre pensei que fosse do marido. A essa altura, eu também estava casado, não fazia sentido remexer em coisas do passado. Como era primo dela, ele tinha acesso a vários membros da família. Um dia, muitos anos depois, Joaquim acabou descobrindo, por meio de uma conversa. Mas ele não me contou, guardou a informação para si e a usou para me forçar a aceitar que Pilar se casasse com Lorenzo, porém, antes disso, ele já me chantageava. Eu não sabia, mas Marieta contou para a mulher dele sobre o tratamento que fazia para engravidar.

— E por que o senhor nunca me contou? — Pilar soa magoada.

— Eu não contei porque, para mim, o modo como você foi concebida não era relevante. Você era minha filha e ponto. Eu não queria que se sentisse diferente por causa disso. Havia uma motivação egoísta, também. Eu não desejava que a minha infertilidade viesse à tona. Pode ser que eu tenha sido egocêntrico e orgulhoso demais, mas, para mim, era importante que o mundo não soubesse que Romero Dourado Flores não era capaz de

gerar o próprio filho. Sei que sou rabugento, intransigente e conservador. É o meu jeito, e eu acho que já estou velho demais para mudar — finaliza.

— Nunca é tarde para mudanças, pai — aparta Pilar.

— Pode ser. Pode ser. — Romero apoia as mãos na ponta da mesa e faz menção de se levantar. — Eu já disse o que tinha para dizer, a partir de hoje, pretendo colocar esse assunto de lado. Lembrem-se de que vocês dois se amam, estão casados, com o futuro assegurado e a ponto de se tornarem pais. Santino, nós possuímos um laço inquebrável, e agora que você está casado com a Pilar e será pai do meu neto, vamos ter muito mais. Bem, isso é tudo. — De repente, ele muda de assunto: — O almoço já deve estar pronto, e eu estou morto de fome. — Ergue-se e caminha para a porta. — Vocês vêm ou não?

Pilar balança a cabeça e suspira, como quem diz: você o ama ou o odeia, porque Romero Dourado Flores não tem jeito mesmo.

— Nós vamos em um minuto — aviso. Ele dá de ombros e sai. Viro-me para Pilar. — Muita coisa para absorvermos, não é?

— Demais! Mas, quer saber, eu vou seguir o conselho dele e deixar isso de lado, pelo menos por enquanto.

— Como o Romero disse, o que importa é que nós estamos bem. Pilar, pensa comigo: nós não ganhamos nada sofrendo por situações das quais não tivemos culpa nenhuma. Reconheço que é estranho saber que o seu pai é, na verdade, o meu pai biológico, mas o fato é que não temos como mudar o passado. Romero é seu pai e avô do nosso filho. Sei que você o ama, e vamos ter que conviver com ele. Acho que devemos deixar o passado de lado, nos ater a viver o presente e pensar no futuro. E uma

grande parte desse futuro é o nosso filho, que está aqui dentro e que eu não vejo a hora de conhecer. — Com carinho, eu afago e beijo seu ventre.

— Estou de acordo. Viveremos a nossa vida da melhor maneira possível. Não somos perfeitos. Ninguém é.

— Isso mesmo. E que sábia está me saindo a minha mulher! — falo com admiração e beijo sua boca. Após separarmos nossos lábios, eu olho em seus olhos e comento: — Um dia você mencionou que tinha uma carta na manga. Eu nunca soube ao que você se referia.

Ela sorri, matreira.

— Eu me referi ao fundo que a minha mãe me deixou e que vou receber no próximo ano. Falei aquilo porque pretendia usá-lo para iniciar a nossa vida, caso papai fosse contra o nosso casamento.

— Bem, já não será mais necessário.

— Pelo jeito, não. — Seu estômago ronca e nós rimos.

— Parece que não é só o Romero que está faminto. Vamos?

— Vamos — Pilar responde. Eu pego sua mão e, juntos, deixamos o escritório.

CAPÍTULO 46

Pilar

O almoço transcorre com cada um de nós imerso em pensamentos. O silêncio tenso só é quebrado pelo tilintar dos copos e dos talheres nos pratos. Confesso que sinto alívio quando finalmente peço licença e deixo a mesa. Nervosa, saio para a varanda, a fim de respirar o ar fresco do início da tarde.

Apoiada na mureta, eu fico de costas para as portas duplas. Os sons de raspar de cadeiras, pés arrastando-se no piso de madeira e da porta da frente batendo chegam aos meus ouvidos. Passa pela minha cabeça que papai foi dar uma volta antes da sua soneca da tarde.

Mesmo sem me virar, eu sinto alguém se aproximar. Pelo som das passadas, sei que Cruz veio se juntar a mim. Ele chega mais perto e eu aspiro o seu aroma limpo e sensual, um misto da colônia amadeirada e sabonete de maçã. Braços fortes e bronzeados me envolvem por trás.

Um suspiro de prazer escapa pela minha garganta quando o corpo grande e quente se molda ao meu. Uma mão envolve a minha cintura, enquanto a outra afasta os meus cabelos, e sinto seus lábios firmes depositarem pequenos beijos na coluna do meu pescoço.

— Você está bem? — Cruz pergunta juntinho à minha orelha, a voz profunda soando como uma carícia.

— U-hum. Estou bem, dentro do possível. E como está se sentindo o mais novo herdeiro dos Dourado Flores? — indago com suavidade, eu não quero que ele pense que guardo ressentimentos.

Faz tempo que passei a confiar nele, e, verdade seja dita, eu me senti valorizada quando papai disse que esperava que eu voltasse depois de formada e me unisse aos dois, tanto na administração da fazenda como nos demais negócios. O que a falta de comunicação não faz, não é mesmo? Muitas situações difíceis, mal-entendidos e sentimentos negativos poderiam ter sido evitados se o meu pai tivesse me chamado para termos uma boa conversa.

Cruz grunhe, trazendo-me de volta para o presente. Segurando os meus ombros, ele me gira para si, e eu me deparo com suas feições e seus olhos iluminados por um largo sorriso. Eu me perco um pouco neles, ergo os braços e envolvo a coluna de seu pescoço.

Ele tira uma mecha de cabelo dos meus olhos e fica me admirando sem falar nada, então me abraça forte e me beija. O abraço envolvente e o seu gosto provocam uma onda de arrepios deliciosos que deslizam pela minha espinha. Depois que nossas bocas se separam, eu olho para ele em silêncio, e por um longo tempo penso na gangorra emocional que vivi nos últimos meses. Mas volto a ficar alerta quando ele começa a me responder:

— Como eu disse antes, ainda estou tratando de absorver o que houve. Foram muitas coisas ao mesmo tempo. Eu vou precisar de um tempo para assimilar tudo. A notícia de que o Romero é o meu verdadeiro pai me pegou desprevenido, e saber que estou no testamento dele é atordoante. Mas o bom disso tudo é que seremos parceiros de vida tanto no amor quanto no trabalho. Vamos dividir tudo. — Cruz faz uma longa pausa, então emenda: — Bem, eu preciso fazer umas ligações sobre a compra do outro potro. Já está em fase final de negociação.

— Que bom. E meus parabéns! Você está se saindo muito bem, estou orgulhosa do meu marido fazendeiro-empresário.

— Obrigado, meu amor. É importante para mim ter esse reconhecimento. Eu me concentro em fazer um bom trabalho. Bem, agora eu vou dar um pulo no estábulo. Gilberto está monitorando o Eclipse, e o Antero ficou de rendê-lo em seguida.

— Mas o que será que houve com o Eclipse? Eu falei com o doutor Alberto e ele acredita que foi algum fator externo que desencadeou essa situação inesperada com o potro. Disse que não podia afirmar, mas desconfiava que poderia estar ligado a algo que o potro ingeriu. Alguma toxina...

— O Alberto não descartou a possibilidade de envenenamento, mas só saberemos com certeza após recebermos os resultados dos exames, o que deve acontecer dentro de dois a três dias. A boa notícia é que o Eclipse está reagindo à medicação, mas vou até lá para ver como ele está indo, e também preciso ver como está o circuito interno com o pessoal da segurança.

— Entendo. Trabalho, trabalho e mais trabalho. Quando vamos tirar um tempo para passearmos, só nós dois?

— Hum, que tal amanhã? Eu agilizo as minhas tarefas e delego o que puder para o Antero, assim terei algumas horas livres — declara com um sorriso. — Então eu me coloco em suas mãos para fazermos o que você quiser.

— Quer dizer que você se coloca nas minhas mãos para eu fazer o que quiser *mesmo*? — confirmo em tom provocante.

Cruz volta a sorrir, aceitando a provocação.

— Isso mesmo. Eu sei que você vai pensar em algo prazeroso e que satisfará a nós dois. — Sua fala soa maliciosa, assim como o seu olhar, e eu

amo esse seu lado sem vergonha. Ele fica tão sexy. Irresistível! — Confio em você. Agora eu preciso ir, sereia. Pretende ficar por aqui ou fez planos para esta tarde?

Sinalo positivo com a cabeça.

— Eu combinei com a Adela de irmos à cidade. Ela quer conhecer um pouco de São Miguel e aproveitar para fazer algumas compras. Aliás, isso me lembra de que precisamos decidir sobre o quarto do bebê. No primeiro mês, ele vai ficar com a gente, mas vai precisar do seu próprio cantinho um pouco mais para frente.

Cruz pensa um pouco.

— É verdade. Que tal aquele quarto que fica de frente para o nosso? Ele está vazio, não está?

— Está, sim. E eu acho a ideia ótima — digo, animada. — Isso quer dizer que a nossa permanência no casarão não será temporária, como imaginamos a princípio. Tudo bem para você, nós morarmos aqui para sempre?

— Sim, tudo bem para mim. Eu sei que é o que você quer, e não vejo problema nenhum em ficarmos por aqui mesmo. O casarão é bem grande, com muitos quartos e salas. Teremos privacidade, e o seu pai também.

— Eu sou louca por você, sabia disso?

Cruz gesticula que sim em resposta.

— Eu sinto o mesmo, sereia. — Nós nos beijamos e, a seguir, vejo Cruz abaixar-se, apoiar-se em um joelho e fazer o mesmo na minha barriga. Ele fica de pé novamente e enfia o chapéu na cabeça. — Nos falamos mais tarde — despede-se de mim, atravessa a sala e sai pela porta da frente.

Estou sentada no sofá, folheando uma revista, quando sou interrompida pelo ruído da porta sendo aberta. Giro o pescoço no exato momento em que Adela irrompe por ela.

— Onde a senhorita se enfiou? Nós marcamos de sair, e faz quase uma hora que eu estou aqui, plantada, esperando — reclamo ao vê-la adentrar a sala.

— Desculpa, amiga. Eu pensei em dar uma volta pelos arredores, e tudo é tão lindo que acabei perdendo a noção do tempo.

Fecho a revista e a devolvo à pequena pilha sobre a mesinha.

— Foi dar uma volta e tudo é tão lindo? U-hum, sei! Por acaso o Antero estava admirando a paisagem com você?

Ante o meu olhar intenso, Adela não tem opção a não ser falar a verdade.

— Nós almoçamos juntos, sim. — Arregalo os olhos e sorrio. — Não faz essa cara! Não está acontecendo nada. Como eu disse, ele tem um bom papo e é uma ótima companhia. Apenas isso.

Balanço a cabeça, achando graça no seu jeito ansioso de falar.

— É claro que é só isso.

Adela percebe que não conseguiu me convencer e abrupta, dá o assunto por encerrado.

— Você já esperou bastante por mim. Eu vou subir, tomar uma chuveirada, e já desço. — Sem esperar pela minha resposta, ela sobe os degraus de dois em dois.

— Isso, foge mesmo! — falo alto, e estou certa de que ela me ouviu. — Como se eu não te conhecesse, né, amiga? — emendo, mais para mim, enquanto passo a mão lentamente pelo contorno da minha barriga. — Ela pensa que me engana, mas não me engana, não. — Meu bebê se mexe e dá um chute. — Você também acha isso, verdade? Nesse angu tem caroço. Ah, se tem!



Mais tarde, vamos de helicóptero para a capital, e no centro comercial percorremos várias lojas, entramos no shopping, e Adela se dedica a fazer mais algumas compras. Entro em uma loja de artigos masculinos e procuro por algo para dar ao Cruz. Logo, Adela junta-se a mim e curiosa, esquadrinha o lugar com os olhos.

— O que você está procurando?

Dou de ombros, porque, na realidade, eu ainda não sei.

— Nada em particular — respondo, mas logo me corrijo. — Espera, isso não é verdade. Santino fez aniversário no mês passado e não foi comemorada. Ele não me disse nada, eu fiquei sabendo por acaso, por isso pensei em aproveitar e comprar algo, mas nem sei que presente dar a ele. – Faço uma careta de desânimo.

— Hum... que tal um chapéu novo? Uma camisa bem bonita? — Seu rosto se ilumina conforme vai falando. — Um par de luvas de couro? Garanto que ele usará bastante cada um desses itens.

— Pode ser. São ótimas sugestões, mas vamos ver. E você, não vai comprar nada para o Antero? — provoco e sorrio internamente, pois imagino qual será a resposta dela só de ver sua expressão de surpresa.

— Um presente para o Antero? Não que ele não mereça, mas eu não tenho nenhum motivo para isso. Do jeito que ele é, creio que acharia até estranho caso eu fizesse isso.

Percebo que eu a constrangi com a minha pergunta, quando vejo o tom de vermelho que colore as suas faces e os olhos fogem dos meus, caindo sobre uma bolsa de couro macio e com franjas.

— Ah, não exagere. Seria um presente de uma amiga para um amigo. É só dizer que esteve na cidade, viu algo que era a cara dele, e comprou. Simples assim.

— Hum... acho melhor não — Adela nega, logo mudando de assunto: — E então, já sabe o que vai levar para o seu amado?

— Acho que esses aqui — respondo e mostro os dois itens que separei, um cinto marrom de couro curtido e uma fivela prateada com um garanhão empinando as duas patas dianteiras em relevo. — O que ele usa está bem gasto e este é um conjunto bonito. Eu acho que Santino vai gostar.

— Também acho. A fivela é linda, e o detalhe do cavalo empinado deu um toque a mais. Tem tudo a ver com ele, amiga.

Concordo com um gesto, e com a minha compra definida, olho ao redor à procura do vendedor. Após efetuar o pagamento da compra, Adela e eu deixamos a loja. Cansadas e com fome, resolvemos fazer uma pausa e nos dirigimos até a praça de alimentação, entrando na fila de um *fast food* muito famoso.

Na nossa vez, Adela pede um sanduíche de frango, batata frita e refrigerante, enquanto eu peço uma porção de batata frita grande e um *sundae* tamanho médio. Pedidos feitos e retirados, voltamos para uma das

mesas, onde deixamos as nossas sacolas. Estamos na metade do lanche, quando Adela saca o celular para tirar uma foto minha.

— Ah, por que você fez isso? Eu nem me preparei. — Passo as mãos nos meus cabelos.

Adela faz uma careta engraçada e debocha da minha reclamação.

— Como se você, linda como é, precisasse se preparar para uma foto sair boa. Sabe muito bem que fica perfeita de qualquer ângulo — afirma com ar de riso. — Além disso, eu acho mais legal assim, sem esperar e te pegando de surpresa — explica, divertida. Eu acompanho seus movimentos com os olhos enquanto ela se ergue e vem para o meu lado da mesa. — E agora, nós vamos fazer uma *selfie* — declara, e rimos enquanto nos preparamos para o clique.

Na sequência, minha amiga volta ao seu lugar, e nos próximos minutos se concentra em postar a foto no seu perfil do *Instagram*. Depois de escrever a legenda, fala em voz alta: — Prontinho! — Conclui e me mostra o resultado. Sorrio, porque realmente a foto ficou muito boa. Inclusive aquela que me pegou desprevenida, com um ar sonhador no rosto.

— Ah, amiga, posso te dizer uma coisa?

— Fala — assinto e Adela pega minha mão.

Séria, ela me olha nos olhos e fala:

— Cada vez que eu vejo você e o Santino juntos, noto que há uma conexão, que são duas pessoas apaixonadas de verdade. É como se o amor viesse de dentro. E quando se olham, vocês têm esse brilho nos olhos capaz de cegar quem estiver por perto. Esse tipo de amor é muito raro de se encontrar.

Emocionada, estendo o braço e cubro a sua mão com a minha.

— Eu sinto o mesmo. O que o Santino e eu temos parece coisa de alma gêmea, sabe? Desde o início, eu me senti ligada a ele. De uma maneira definitiva e devastadora. Eu até tentei lutar contra, mas claro que fui vencida. Agora, seu que já era uma batalha vencida desde o início.

Adela para no meio do caminho de levar o sanduíche até a boca e arregala os olhos, em choque.

— Eu vivi para ouvir você falando em alma gêmea! Estou impressionada!

— As coisas mudam, as situações mudam, e, é claro, as pessoas mudam. Quando acontece, não há o que se possa fazer a respeito. E você ainda vai encontrar a sua, isso se já não a tiver encontrado.

Adela me encara, boquiaberta.

— Nossa, você não desiste! — Solta uma gargalhada. — A minha amiga está tão apaixonada que fica vendo romance em tudo quanto é lugar! — Seca os cantinhos dos olhos com as pontinhas dos dedos e respira fundo, então prossegue: — Não há nada entre mim e o Antero, mas, hipoteticamente falando, se tivéssemos algo, teria que ser passageiro. — Ao terminar, ela balança os ombros, num gesto que eu interpreto como desalento.

Concordo com Adela. Manter um relacionamento amoroso com ambos vivendo em estados diferentes deve ser muito difícil. Já ouvi falar de casais que conseguiram. Impossível, não é. Difícil? Com toda a certeza do mundo!

— Reconheço que a distância é um fator a se considerar, mas quem sabe não dariam um jeito? Antero é um homem curtido, do campo, e ambos

lidam com animais. De maneiras diferentes, é verdade, mas já é uma coisa que os dois têm em comum.

Pensativa, Adela nega com a cabeça.

— É verdade que nós temos o amor pela natureza e pelos animais em comum. Antero é um homem vivido, experiente, tem muita bagagem, enquanto eu sou só uma moça da cidade que teve pouquíssimos relacionamentos e que nos últimos anos se concentrou apenas nos estudos e no trabalho. Eu não sei se daria certo, apesar de que... Não, nada. — Ela sequer me deixa retrucar, porque dá o assunto por encerrado quando diz: — Chega deste assunto. São apenas conjecturas. Nós não temos, nem teremos, um relacionamento, só amizade. Ponto! — decreta com ar decidido.

Estranhamente, eu não acredito em nada do que Adela está me dizendo. É notório o seu interesse pelo vaqueiro charmoso e de semblante fechado, mas como eu não quero pressioná-la demais, concordo em falarmos de assuntos aleatórios enquanto comemos. Terminamos, apanhamos as nossas coisas e partimos.



O sol está se pondo quando o piloto pousa o helicóptero. O heliponto da fazenda não fica muito longe da sede, e em dez minutos finalmente adentramos o casarão. Largo as sacolas contendo a maioria do enxoval do bebê a um canto da sala e me jogo no sofá. Com esforço, por conta do meu estado, eu tento libertar meus pés inchados das botas de cano curto e suspiro de prazer e alívio quando consigo.

— Céus! Estou tão exausta! — Eu me abano com as duas mãos, mas está tão quente que é o mesmo que nada.

A temperatura lá fora não está tão alta, no entanto, eu sinto um calor maior que o normal. Olho para os meus pés com certo desgosto. Esta noite, depois de tomar um banho, vou precisar colocar as pernas para cima. Eu nem completei seis meses e eles já estão assim. Imagino como será quando eu estiver com oito ou nove meses...

— O que é tudo isso? — Vilma indaga, enxugando as mãos no pano de copa enquanto se aproxima, tirando-me dos meus devaneios.

Ergo a cabeça e encontro a mulher com os olhos esbugalhados. Curiosa, ela encara as sacolas com logos de várias lojas que minha amiga e eu trouxemos.

— Adela resolveu gastar uma boa parte da sua indenização comprando roupinhas e brinquedos para o bebê — deduro, olhando para a minha amiga, que não demora a se defender.

— Não é verdade! Eu gastei, sim, mas não foi muito. E como a futura madrinha do mini Santino, eu tenho o direito adquirido de poder mimá-lo.

— Mini Santino? Madrinha? Mas você não era a tia?

— Eu sou a tia dele também, ué! — reafirma e move os ombros. — Só estou incrementando o meu posto — completa e faz uma cara engraçada. Com muito custo, eu consigo reprimir o riso.

— Fico boba com a sua cara de pau, Adela.

Minha amiga gargalha e não tem jeito de segurar, então eu a sigo.

Vilma olha para nós duas e balança a cabeça, em um gesto de indignação fingida.

CAPÍTULO 47

Cruz

Guardo o ancinho, saio do galpão e limpo o suor da testa com o dorso da mão. O trabalho na fazenda é duro, sem dúvida, e parece não haver um fim para as tarefas diárias. Por mais cedo que eu comece, nunca consigo terminar o serviço antes do último raio de sol desaparecer atrás das montanhas. Mas eu não me importo; na verdade, é disso que eu mais gosto.

Depois de voltar da lida no campo e conversar por alguns minutos com o veterinário, dou meu dia por encerrado. Estou a meio caminho do casarão, quando escuto Antero me chamar. Intrigado com o que ele possa querer tratar comigo, corto o meu passo e espero o vaqueiro se aproximar.

— Santino, eu andei falando com os rapazes, como nós combinamos. Sondei alguns deles e perguntei se viram alguma coisa estranha no período em que estivemos fora — Antero explana ao chegar.

Assinto com a cabeça. Eu pensei em questionar os peões pessoalmente, mas como ainda sou considerado *um cara de fora*, tinha certeza de que eles não se abririam comigo, por isso achei melhor não os afrontar e pedi para o Antero fazer isso no meu lugar. Com discrição, sem dar bandeira, afinal, ainda não sabemos o que de fato ocorreu, e eu não quero que rumores se espalhem antes de termos certeza. Por agora, tudo o que temos são suspeitas.

— E o que você descobriu? — indago, obviamente muito interessado no que ele tem a me dizer.

Antero respira fundo, esvazia os pulmões e responde:

— Um deles, o Zé Renato, me escutou fazendo as perguntas, me esperou sair e veio me procurar. Ele contou que viu uma pessoa rondando os estábulos. Não disse nada antes porque era conhecido. Só veio a ligar os pontos mais tarde, quando ficou sabendo que o Eclipse adoeceu.

Ter ciência disso me faz ficar tenso feito corda de viola. Corro os dedos pelos cabelos e puxo o ar algumas vezes, precisando me acalmar.

— Entendi. Mas se era alguém conhecido, o que chamou atenção dele?

— O horário e a maneira como a pessoa se esgueirava para dentro do estábulo, justo onde fica a baia do Eclipse. Ele estava num canto fumando um cigarro, quando viu o Lorenzo chegando, isso porque já tinha visto o homem na fazenda na companhia do Romero. Na hora, eu me perguntei o que ele queria vindo aqui tarde da noite, se esgueirando como se devesse algo. Está mais do que na cara que não era para boa coisa.

— Não mesmo. Essa aparição dele é um caso para se investigar. Lorenzo vem aqui fora de hora e sem avisar, e no dia seguinte o Eclipse passa mal. Não precisa ser um gênio para saber que aí tem, meu amigo!

Antero dá uma última tragada na cigarrilha, apaga a bituca com a ponteira da bota e estreita os olhos.

— Eu não tenho a menor dúvida. E o que você pretende fazer com essa informação? Vai envolver a polícia rural? — questiona, olhando-me com os músculos do rosto contraídos.

Faço que sim.

— Esse é o caminho correto, mas só vou fazer isso quando tivermos certeza de que o cavalo foi envenenado e qual o tipo de veneno foi usado. Neste momento, não temos nada para mostrar a eles, é apenas uma suspeita

— pondero e meu amigo acena com a cabeça — apesar da presença não autorizada do Lorenzo nos estábulos, ninguém viu o que ele fez lá dentro. Nós sabemos que ele entrou, imaginamos o que fez, mas não temos nada de concreto. Mesmo com o testemunho do Zé, o que temos até agora são provas circunstanciais.

Antero anui, aceitando o que eu digo.

— Já reforçou a segurança nos estábulos, como conversamos? — indago.

— Assim que terminamos de falar, eu passei as ordens para o Gilberto e a equipe dele.

Assinto, em sinal de aprovação e prossigo:

— Já falei com o Orestes. Pedi para ele entrar em contato com a empresa de segurança para aumentarem o número de câmeras no pátio e no estábulo. Olhamos os CDs gravados, mas não achamos nada. O safado deve ter encontrado um ponto cego e não foi filmado, por isso a necessidade de um circuito mais abrangente. E precisamos continuar muito atentos. Qualquer acontecimento fora da rotina tem que ser reportado ao Orestes ou a mim imediatamente. Não podemos cometer nenhum erro. Romero não quer receber mais *surpresas* como a do Eclipse.

— Pode deixar, chefe. No que depender de nós, não haverá nenhuma surpresa — assegura Antero, com um ar bastante solene.

— Chefe? — indago, com intriga nos olhos.

— As notícias voam, meu rapaz. O pessoal todo já está sabendo da novidade. — Alço uma sobrancelha inquisidora. — Que você é filho do patrão.

— Percebo. Bom, eu não pretendo deixar isso interferir no meu trabalho.

— Sejamos realistas, Santino... Assim que você chegou, eles viram logo que você tinha a envergadura de um líder. É algo seu, natural. Não tem como evitar. Os rapazes te respeitam e te admiram, porque, apesar de ser o chefe, você coloca a mão na massa, não foge do trabalho pesado. E o fato de ser filho do dono só vai fortalecer esse seu espírito de liderança. Aos olhos deles, desde que o Romero delegou a administração da fazenda a você, se tornou o novo patrão. Pelo que vejo, apenas você não havia se dado conta disso ainda.

Coço o queixo e reflito por uns instantes sobre o que acabo de ouvir.

— Eu só estava fazendo o meu trabalho da melhor maneira possível. E sendo bastante honesto, eu mal tive tempo de pensar em tudo o que implica ser filho de um homem como o Romero. Até pouco tempo atrás, eu não passava de mais um empregado da fazenda dele. Hoje, sou casado com a Pilar, que está grávida do meu filho, e, juntos, vamos dividir esse mundão de terra, até onde a vista alcança. Acho que vai levar um bom tempo até eu me sentir *patrão*, como você diz que eles estão me considerando.

— Foi uma reviravolta e tanto na sua vida, e imagino que você tenha um bocado de coisa em que pensar, mas vai tirar de letra. E pode contar comigo! Bem, agora eu vou indo. — Após trocarmos um aperto de mãos, ele se despede: — Boa noite, Santino.

— Boa noite, Antero. — O vaqueiro acena e segue andando na direção do alojamento, enquanto eu retomo o meu caminho rumo ao casarão.

Chegando lá, cruzo a sala e vou lavar as mãos no lavabo do térreo. Quando termino, vou para a cozinha, encontrando Pilar sentada à mesa. Está sozinha, e sorri lindamente para mim assim que me vê. Retribuo o seu sorriso, ando até ela e lhe dou um selinho. Percebendo que o jantar está servido, eu me acomodo na cadeira oposta à dela, e fico sabendo que Romero já jantou e já se recolheu.

— E como foi o passeio dessa tarde?

— Bastante proveitoso, mas cansativo. Compramos algumas coisas para o bebê e para o quartinho dele.

— Que bom que se divertiu, mas hoje fez muito calor, e você está grávida, talvez por isso tenha se cansado tanto.

— Eu penso assim também, mas, de todo modo, de vez em quando faz bem sair daqui.

Aceno em concordância. Pilar e eu conversamos mais um pouco. Terminado o jantar, ajeitamos a coisas na cozinha e vamos para o nosso quarto. Enquanto subimos a escadaria, com o meu braço pousado em sua cintura, eu penso em como é bom chegar em casa, ao fim de um dia exaustivo, e ser recebido pela mulher da minha vida.

Uma semana depois de serem enviados para o laboratório, os laudos dos exames ficaram prontos. Tão logo os recebeu, Alberto veio me mostrar e confirmar que o Eclipse foi envenenado, mas que, por sorte, a dose não tinha sido suficiente para ser letal, e como foi tratado a tempo, o animal conseguiu se recuperar e não ficará com sequelas. Todos nós respiramos aliviados ao recebermos a notícia.

Com os resultados dos exames e das análises em mãos, somando o testemunho do peão Zé Renato, Romero e eu fomos pessoalmente à Goiânia formalizar uma queixa-crime na Decrab, delegacia de polícia especializada na repressão aos crimes rurais.

O delegado Firmino Sampaio, um homem, imagino, no meio da casa dos cinquenta, de aparência distinta e gestos enérgicos, recebeu a nós dois com deferência. Ele viu as provas e nos ouviu. Uma hora mais tarde e após o inquérito aberto, nós agradecemos sua receptividade.

Nós nos erguemos das nossas respectivas cadeiras, porém, antes de podermos deixar o local, o delegado Firmino fez questão de informar que entregaria o caso para Rodolfo Barcelos, tido como o melhor investigador da delegacia. Agradecemos mais uma vez e, depois de nos despedimos com apertos de mãos, Romero e eu partimos de volta para São Miguel.

— Bem, pelo menos a nossa parte está feita — afirmo, colocando o cinto de segurança, enquanto Romero faz o mesmo no assento ao lado do meu.

— É verdade, mas até certo ponto. O Firmino é um homem honesto, de confiança. Um dos poucos que ainda resta. Sei disso porque lido com ele há vários anos, mas mesmo ele tem seus limites.

— Estou de acordo, e por isso mesmo convém continuarmos atentos. Não podemos baixar a guarda nem subestimar os nossos inimigos.

Romero sorri e dá dois tapinhas no meu braço em sinal de aprovação.

— É assim que se fala, meu rapaz! Já vi que você tem sangue nos olhos. Eu procuro ser justo, mas ninguém mexe com o que me pertence e fica por isso mesmo. Lorenzo não perde por esperar, e se o pai dele estiver envolvido nessa sujeirada toda, ainda mais depois de tudo o que fez, eu faço

questão de vê-lo afundar com o filho. Joaquim Lobos sabe muito bem o que acontece quando se mexe com um Dourado Flores! — Sua fala, assim como suas feições, expressa a mais pura determinação.

EPÍLOGO

Pilar

Estamos em meados de julho, e, ao contrário dos dias anteriores, que foram de sol forte e nenhuma nuvem no céu, hoje o dia amanheceu cinza, com nuvens pesadas e escuras, prenunciando uma chuva que não tardará em cair. Ao longe, é possível ver os raios atingindo os pastos, seguidos do reverberar dos trovões.

Estremeço quando ouço o uivo selvagem e fantasmagórico das rajadas de vento agitando furiosamente os galhos das árvores que rodeiam o casarão. Enquanto o mundo parece cair lá fora, aqui dentro, as coisas estão mais tranquilas.

Mais cedo, quando entrei na cozinha, Vilma já estava de saída. Ela me viu e avisou que ia dar um pulinho na horta, que fica nos fundos da casa, para escolher as hortaliças e verduras para o almoço.

As demais empregadas estão ocupadas com seus afazeres, e eu fiquei sabendo por uma delas que papai tomou seu café e foi para o redondel. Mesmo sem poder trabalhar como antes, ele jamais deixou de se envolver com os cuidados e treinamentos dos seus amados Puros-sangues.

Cruz mal terminou seu café da manhã, pediu licença, deixou a cozinha e se enfurnou no escritório, onde se encontra até o momento. Ele disse que está fechando um contrato muito importante entre a *Dourado Flores* e um dos maiores frigoríficos do país para a entrega de milhares de cabeças de gado no próximo ano, isso logo após ter concluído a compra de mais um touro premiado e uma dúzia de matrizes para a fazenda.

Quanto a mim, eu tenho me cuidado muito. Tomo os remédios prescritos nos horários indicados, repouso sempre que posso e faço

pequenos passeios no entorno da sede. E não me esqueço de cuidar do gostoso do meu marido. Para ser justa, chegando à reta final da gravidez, ele tem cuidado mais de mim do que eu dele. E como a ordem dos fatores não altera o produto, o que importa mesmo é ambos ficarmos satisfeitos no final.

Mércia, a assistente do doutor Alberto, precisou tirar uma licença médica de última hora, e em vez de buscar por uma funcionária temporária no mercado e como minha amiga está desemprega, eu a convenci a substituí-la, assim, Adela tem trabalhado no consultório veterinário, ocupando-se principalmente da parte administrativa; alimentando as planilhas com os dados passados pelo doutor, digitando os relatórios e controlando o estoque dos remédios. Ela é responsável pelas cotações para compra de remédios, vacinas e suplementos sempre que necessário. E, também, assiste nos atendimentos aos animais.

Uma rajada de vento frio entra pela janela, eu estremeço e fecho a aba do meu roupão. Apoio a mão livre no ventre arredondado, erguendo a caneca com a outra e sorvendo um bom gole do meu café. Estalo a língua, porque, modéstia à parte, eu faço um café muito bom.

Termino e ando até a pia, ouvindo as primeiras gotas de chuva batendo no telhado. Depois de lavar e secar a xícara, fico na ponta dos pés e me estico toda para guardá-la no armário de cima. Isto feito, vou para a sala, com as minhas pantufas mal fazendo barulho no piso, e com uma mão apoiada na lombar, eu me sento e me ajeito no estofado.

Pego o controle. Minha intenção é procurar um programa qualquer para passar o tempo. Encontro um que parece interessante. Eu me distraio, contudo, nem cinco minutos se passam quando algo diferente acontece. Coloco a mão na base da minha barriga e a sinto dura. Muito dura.

Sinto um incômodo, um enjoamento na base da coluna, além dos que eu já venho sentindo nos últimos tempos: azia, os órgãos internos apertados, aumento do peso e retenção de líquido, causando um inchaço nos membros inferiores. Meu corpo inteiro se retesa e uma pontada forte, seguida de uma dor aguda, semelhante a uma punhalada, apresenta-se, e é como se algo estivesse sendo empurrado para baixo.

— Puta que pariu! — xingo entredentes, ofego, e sinto um imenso alívio quando o desconforto passa. Respiro fundo e paro por um momento para tentar entender que diabo de desassossego é esse, mas quando tudo se repete, eu já consigo imaginar o que está acontecendo.

Faço um esforço para me levantar, usando o braço como alavanca. Quando fico na vertical, um líquido transparente e morno escorre pelas minhas pernas, formando uma poça em torno dos meus pés. Um arrepio desce pela minha espinha quando eu me dou conta de que estou em trabalho de parto e que minha bolsa estourou.

Paro por uns instantes, procurando me lembrar de algumas das instruções das aulas que Cruz e eu assistimos nos últimos três meses. Primeiro: nada de pânico; não é porque a bolsa estourou que o bebê já vai nascer. Segundo: não esquecer de respirar como nos foi ensinado.

Com isso em mente, sigo para a escadaria e subo os degraus um a um. Chego ao patamar e faço uma pausa para descansar, então pego o corredor e entro no nosso quarto, sem me esquecer do intervalo de tempo entre as contrações. A primeira delas me pegou desprevenida, mas quando veio a segunda, eu olhei para o relógio da sala e memorizei a hora. Cerca de dez minutos depois, veio a terceira. O tempo de intervalo ainda é bom, e isso quer dizer que temos tempo suficiente para chegarmos ao hospital.

Entro no chuveiro, tomo um banho morno e relaxante, saio, seco corpo e cabelo e coloco uma roupa confortável. Como já deixamos as malas prontas, eu pego a primeira, com as minhas coisas, e a deixo na porta, em seguida, faço o mesmo com a menor, que contém as roupinhas do bebê. Arrumo as duas lado a lado sob a soleira, só então dou o alerta.

Vilma é a primeira a aparecer, parando no vão da porta aberta. No minuto seguinte, um Cruz levemente ofegante passa por ela e vem até mim, toma as minhas mãos nas dele e me encara com uma interrogação no olhar.

— É isso mesmo que você está pensando. Chegou a hora, meu amor. — Sorrindo, eu olho dentro dos seus olhos e aperto as suas mãos nas minhas.

— Sério mesmo? É hoje que vamos conhecer o nosso filho? Nós já saímos correndo daqui duas vezes rumo ao hospital, sempre alarme falso.

Emocionada, olho para ele, sorrio fraco e mordo de leve os lábios. Movo a cabeça confirmando e explico:

— Eu sei, mas desta vez é diferente. Santi, faz quinze minutos que a minha bolsa estourou e eu comecei a sentir um incômodo na base das costas, e agora as dores estão aumentando de intensidade. — Eu não controlo a minha ansiedade e acrescento: — Até hoje, você fez mistério, não quis contar de jeito nenhum, mas eu quero muito saber o nome que tem para o nosso filho antes de irmos para o hospital. — Mal termino de falar e outra contração se apresenta.

Fecho os olhos e travo os dentes. Caramba! Esta é mais longa e bem mais forte que as anteriores. Uno os lábios para reprimir um gemido alto e sou obrigada a contrair o rosto a fim de suportá-la. Segundos depois, quando a dor passa, eu relaxo.

— Eu só não disse antes porque queria esperar o nosso filho nascer — Cruz explica, e eu respiro fundo.

— Santi, para de enrolar e fala logo! — exijo, ofegante.

Suspirando, Cruz finalmente cede:

— Está bem, eu falo. Pensei em Pedro. Eu sempre gostei desse nome.

— Pedro Flores Cruz. É um nome forte, bonito. Também gostei — aprovo. Cruz pega a minha mão e a beija.

— Que bom, sereia. — Ajoelhando-se à minha frente, meu marido aproxima o rosto da minha barriga, pousa uma mão sobre ela e fala: — Oi, Pedrinho. É isso mesmo. Eu já posso te chamar pelo seu nome. — Ele me olha e ri. Faço uma careta em resposta, e Cruz se volta para a minha barriga. — Aqui quem está falando é o seu papai. Eu sei que você não vê a hora de sair daí. Está apertado aí dentro, *né*? Mas olha só, campeão, você vai precisar ter um pouquinho mais de paciência, porque logo, logo vai estar do lado de fora, está bem? Eu e a sua mamãe estamos ansiosos e mais que prontos para recebê-lo. Ah, só mais uma coisinha: tenta não maltratar muito a sua mãe, *tá* bom?

Como se compreendesse o que o pai acaba de dizer, o nosso garotinho faz um movimento amplo em resposta. Sinto a pele da minha barriga se esticando e podemos ver direitinho o contorno do seu bumbum só um pouco acima do meu umbigo.

— Viu isso, amor? O nosso filho escutou o papai dele!

Ante o momento que vivemos, eu sei que ele, assim como eu, está nervoso e preocupado, apesar disso, sua expressão é de puro deleite ao erguer o rosto. Maravilhado, Cruz sorri abertamente. Emocionada, eu devolvo o seu sorriso e assinto com a cabeça.

Quando Cruz fica de pé, franze a testa e varre o quarto com os olhos, dando a entender que não sabe ao certo o que deve fazer em seguida. Então, volta a olhar para frente, parecendo que só agora conseguiu se lembrar de algo muito importante.

— O tempo está muito ruim. Não tem teto, por isso eu acho que não vai ser possível utilizarmos o helicóptero. Nós vamos ter que ir para o hospital de caminhonete. — Cruz toca minha bochecha com a mão. — Sereia, você acha que consegue aguentar?

Faço um sinal de positivo.

— Acho que sim, mas é bom a gente se apressar, só para garantir.

— Está bem. Então vamos. — Cruz pousa a mão nas minhas costas e caminhamos juntos para fora do quarto. Estamos na porta quando ele se lembra das malas, puxa uma delas e retorna para o meu lado. — Despois eu pego a outra.

— Não precisa voltar, Santino. Eu levo a malinha do bebê — Vilma se prontifica.

— Obrigado, Vilma. Avise para o Romero que o neto dele está chegando e que estamos indo para o hospital. Não dá tempo de esperar por ele.

— É claro que eu aviso! Orestes pode levar o senhor Romero mais tarde.

Cruz assente e deixamos o casarão. Porém, antes de chegarmos aos pés da escadaria, uma nova contração me faz parar e agarrar o corrimão. Respiro algumas vezes, fecho os olhos com força e a espero passar. Ao meu lado, Cruz desliza a mão livre pelas minhas costas, massageando a minha

lombar. Na prática, não ajuda muito, mas sei que é o seu jeito de me ajudar, de me passar força e dizer que não sairá do meu lado.

— Pode andar? — indaga, encostando a mala no descanso da escadaria. Porém, antes que eu possa responder, ele me pega no colo e desce os últimos degraus comigo em seus braços.

Em minutos, estou acomodada no assento do carona da picape. Correndo, Cruz volta, pega a minha mala e a coloca na carroceria. Em seguida, faz o mesmo com a malinha do bebê. Enquanto ele dá a volta e se senta atrás da direção, Vilma vem até a minha janela.

— Que a Nossa Senhora do Bom Parto lhe dê uma boa hora, Pilar! — ela deseja, afagando a minha mão.

— Obrigada. Estou confiante de que vai dar tudo certo. — Encaro-a com firmeza, porque acredito no que estou dizendo.

— Claro que vai! Não tenho dúvida, mesmo assim, eu vou ficar aqui rezando por vocês. Não custa nada. — Vilma sorri, solta a minha mão e se afasta.

Eu me despeço dela com um aceno e afivelo o cinto de segurança.

— Droga. Eu preciso ligar para a doutora Renata e avisar que estamos a caminho. Mas tudo bem, eu faço isso no trajeto. — Cruz dá a partida, e eu sinto um friozinho na barriga no instante em que ele manobra para entrar na estrada com destino ao hospital.

Mais tarde, quando chegamos, Cruz estaciona a caminhonete na frente do complexo de três andares. Não demora muito e a médica aparece, recebendo a nós dois com um sorriso acolhedor. Enquanto o meu marido se ocupa em preencher os papéis referentes à minha internação, eu me

acomodo em uma cadeira de rodas, que é empurrada por um largo e comprido corredor.

Poucos minutos depois, entramos em um dos quartos. A médica me explicou no caminho até aqui que vou ficar aguardando o momento de ir para o centro cirúrgico, só então Cruz será autorizado a se juntar a nós.

Eu gostaria muito de dar à luz ao meu filho por um parto normal, porém, diante da gravidez de risco, a obstetra preferiu não se aventurar. Mesmo com os medicamentos e os cuidados necessários, a minha pressão sanguínea tem oscilado nos últimos tempos, e por causa do estresse da situação em si e do esforço físico empregado em um parto natural, a possibilidade de ela se elevar durante o processo é grande demais.

Eu me sinto aliviada por ter alcançado a trigésima oitava semana de gravidez, o que já foi uma vitória imensa. Muitas gestantes com o mesmo problema que o meu acabam dando à luz antes da hora. Num parto prematuro, tanto a mãe quanto o bebê correm risco e necessitam de cuidados especiais.

Após ponderar sobre tudo isso, a doutora Renata optou por realizar uma cesariana. Cruz e eu concordamos, porque a nossa maior prioridade é que o nosso bebê nasça forte e cheio de saúde.

Desejo ardentemente ser uma boa mãe. Eu quero abraçá-lo, criar esse laço especial e o amor incondicional que só um filho pode despertar; quero ter a delícia de observar um pequeno e novo ser humano descobrindo o mundo; quero cuidar, alimentar, dar banho, vestir e até mesmo passar as inevitáveis noites em claro. Volta e meia eu me distraio observando essa imensidão de pastos e imagino os passeios que nós três faremos quando ele for maior; penso nas viagens, nas cavalgadas e nos banhos de rio.

Já posso até ver os seus olhinhos brilhantes à espera do primeiro bolo de aniversário. Oh, céus! Tanta coisa para viver, aprender e ensinar...

Apesar da incerteza do que me espera, eu respiro fundo e sorrio.

Sim, vai dar tudo certo.

Cruz

Seguro o meu pequeno com o maior cuidado. Sorrio abertamente para ele, com todo o amor que sinto e que transborda do meu peito. Ele é tão perfeito. Parece-se comigo, admito, mas tem no olhar e nos traços o mesmo ar tranquilo e suave da mãe. Vejo nele tanto de mim quanto de Pilar. Eu não posso evitar pensar que estou vivendo um sonho e já me peguei, por diversas vezes, me perguntando se tudo isso é mesmo real.

As coisas por aqui andam tranquilas. Joaquim e Lorenzo não voltaram a dar as caras. Eu não sei se desistiram de nos atacar ou estão esperando para contra-atacar. De qualquer maneira, a investigação do envenenamento do Eclipse segue em andamento, enquanto isso, nós não relaxamos na segurança e nos mantemos sempre alertas. Uma coisa é certa: nessas terras, aqueles dois não voltam a colocar os pés.

Romero tem se recuperado bem, e o trabalho na fazenda tem sido feito em harmonia. Eu estou à frente de tudo, mas nós sempre conversamos e eu peço a sua opinião quando é preciso tomar certas decisões, principalmente sobre os seus preciosos cavalos Puros-sangues.

Eu ainda estou me acostumando com a ideia de tê-lo como pai, e ele a mim como filho. Mas isso só o tempo mesmo resolverá. O homem não está acostumado a demonstrar seus sentimentos, e eu procuro entendê-lo. Existindo respeito e admiração mútuos, para mim é o que importa.

Pilar já está mais maleável com o pai, apesar de Romero continuar ranzinza e teimoso feito um cavalo xucro. Mas como ele mesmo disse, é o seu jeito, contudo, já é possível perceber uma certa mudança nele, principalmente quando se encontra na presença do neto. Tudo indica que o nosso pequeno será capaz de realizar o milagre de amolecer o coração do avô.

Afastando o olhar do Pedro por um instante, eu procuro por ela e a encontro parada junto à porta, mais linda do que nunca. Uma beleza capaz de roubar minha respiração. Ofego, impressionado com a sua visão, meu olhar bebendo cada detalhe dela. O cabelo está preso em um rabo de cavalo alto e firme, o olhar verde-mar cintila doce e quente ao se encontrar com o meu.

Meus olhos descem para o arco gracioso de seu pescoço, pelos ombros esguios, parando na curva dos seios cheios, e logo vem esse desejo incontrolável de beijá-la, de tocá-la, mas eu preciso reprimi-lo, porque o bebê começa a chorar. Sua fralda está limpa, por isso eu imagino que ele chora de fome. Entrego-o para Pilar, que se senta e o recebe nos braços.

Observo o meu garotinho aconchegado à sua mãe e os seios lindos dela alimentando-o. A visão estimula um instinto primitivo dentro de mim e sinto um orgulho danado do que eu e ela fizemos. Sinto essa necessidade de gritar bem alto para que todos saibam que são meus.

— Eu nunca fui tão feliz — confesso, do mais profundo do meu coração. — Amo vocês dois.

Pilar me encara e seus olhos brilham.

— É maravilhoso sentir o seu amor. Eu e o Pedrinho — olha para o nosso filho e depois para mim — também amamos você, Santino.

Fim.

SOBRE A AUTORA

Angie Mello é leitora assídua desde a mais tenra idade. Quando não está escrevendo, ela passa o tempo vendo filmes, documentários, séries e ouvindo música. Mora em São Paulo — Capital.

ACOMPANHE A AUTORA NAS SUAS REDES SOCIAIS

FACEBOOK PERFIL FANPAGE

WATTPAD PERFIL

TWITTER: @angiemello

INSTAGRAM: @angiemello11

AGRADECIMENTOS

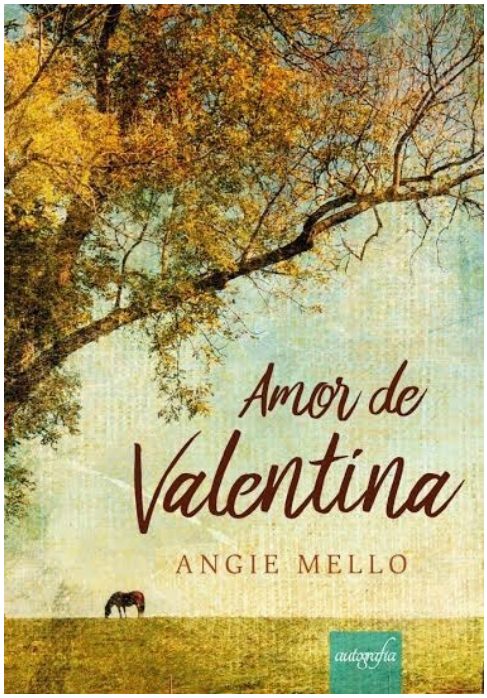
Em primeiro lugar, um enorme OBRIGADA aos meus queridos leitores que acreditam no meu trabalho. Vocês que são a razão de eu poder fazer da escrita o meu ofício. E são vocês que me impulsionam a seguir contando histórias. Muito obrigada! De coração!

Agradeço a minha querida revisora Luhana Andreoli, por cuidar com tanto carinho dos meus livros – já são dez revisados por você! Valeu demais pelas inúmeras conversas no WhatsApp, pelos toques, pelo carinho e pelo apoio.

Um muito obrigada às Anjinhas que me acompanham na plataforma gratuita, que votam e comentam em cada capítulo das minhas histórias, tornando-se assim, milhares de leitores betas.

Vocês, juntamente, com a minha família são a minha rede de segurança e peças fundamentais nessa minha jornada. Sou infinitamente grata por não soltarem a minha mão e por fazerem parte deste meu sonho.

OUTROS TÍTULOS



Amor de Valentina

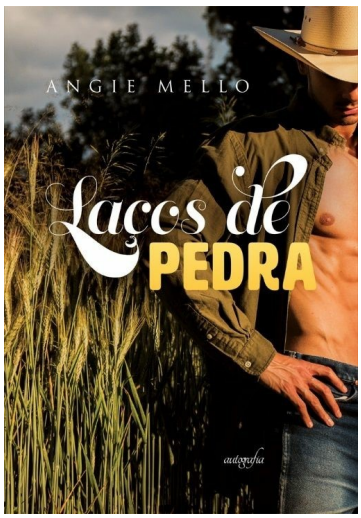
Valentina Valdez, 27 anos, independente e profissional competente.

Depois da morte do pai decide que é tempo de tentar um recomeço e deixa a cidade onde vive, se candidatando a uma vaga de veterinária em Goiânia. Durante o trajeto, perde o controle do carro e sofre um acidente. Por coincidência, é socorrida pelo dono da fazenda para onde se dirigia, a fim de fazer a entrevista.

Matheus Zanetti, 31 anos, é um fazendeiro e dono de um haras.

Um homem determinado e seguro do que quer para si. Se fez sozinho à custa de muito trabalho, esforço e dedicação. Seu maior sonho é encontrar a mulher da sua vida e constituir uma família.

Será que o destino, que os unirá em um mesmo lugar, vai conseguir provar para Valentina, que ela está enganada quanto ao que pensa sobre o amor? E Matheus? Encontrará nela, a mulher com quem poderá dividir seus sonhos, sua vida e seu futuro?



Laços de Pedra

Arthur Zanetti. 28 anos. Motoqueiro. Cowboy. Pegador.

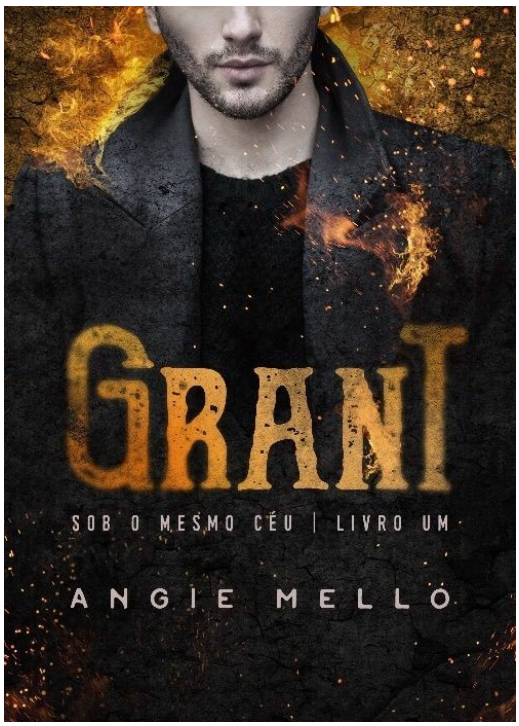
Depois de ter causado o acidente onde o irmão gêmeo sai gravemente ferido, abandona sua vida na fazenda, por não conseguir lidar com a culpa. Se foi sem saber que deixaria para trás, muito mais que um coração partido. Vários anos depois ele está de volta, a pedido do pai, que após sofrer um infarto, não está em condições de seguir cuidando dos negócios da família.

Victória Ventura. 26 anos. Engenheira Agrônoma. Mãe solo.

Ela sabe o que é ser abandonada. Foi deixada para trás por quem jurou que ficaria sempre ao seu lado. Ferida, levou muito tempo para que voltasse a confiar e a abrir o coração, porém, quando decide se dar uma nova chance, um diagnóstico inesperado muda tudo e ela sai em busca do passado. Pouco tempo depois, este retorna, reivindicando o que acredita possuir por direito: seu coração e seu filho.

Em meio a segredos, mentiras, conflitos, culpas e ressentimentos, a confirmação de que a química entre eles ainda está lá, mais forte do que nunca e é explosiva.

Arthur e Victória têm todos os motivos para permanecerem separados e apenas um, capaz de uni-los. Será que a paixão que sentem, será forte o suficiente para que fiquem juntos?



Grant – Série Sob o Mesmo Céu – Livro 1

Grant Collins. Policial. 28 anos.

Vítima de uma traição sórdida, é enviado para a prisão. Após conseguir sua liberdade, com a ajuda do amigo e advogado Trent Campbell, decide que é seu dever ir atrás do chefão da operação que investigava antes de ser incriminado e condenado injustamente. Sua intenção é desbaratar a rede de tráfico humano montada pelo algoz e seus comparsas, enviando todos para o mesmo inferno de onde acaba de sair, a prisão de San Quentin.

Devido a uma ameaça feita contra sua família, Grant se vê obrigado a deixar a cidade de San Diego e decide se mudar para Nova York, onde, sem muitas opções, se torna um faz-tudo para poder sobreviver, mas que não o impede de continuar seguindo as pistas que o levarão ao seu único propósito: obter reparação e justiça.

Danna Green. Dona de Casa. 34 anos.

Ela vive um casamento de fachada em uma luxuosa mansão nos Hamptons, sob o domínio de um marido controlador, possessivo e arrogante que não ama ninguém além de si mesmo. Sempre foi tratada como sua escrava pessoal, na cama e fora dela. Quando sente que não pode mais suportar, Danna toma a maior decisão de sua vida e inicia uma luta em busca da própria identidade.

O destino unirá essas duas almas. Ele anseia por esquecer os fantasmas do passado. Ela deseja sair de um casamento fracassado. Grant & Danna, um casal improvável em busca de libertação e um recomeço.



Aaron – Série Sob o Mesmo Céu – Livro 2

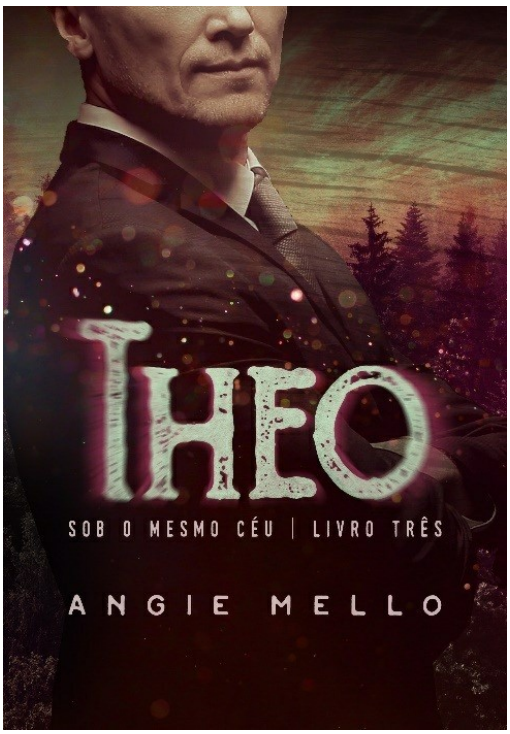
Tudo o que Aaron desejava, era terminar os estudos, se divertir com os amigos e curtir o seu início de namoro com a bela Amy. Porém, as coisas nem sempre saem como se quer, e ele vê sua vida tomar um rumo diferente do planejado. Devido a um acontecimento trágico do passado, Aaron se torna alvo de um amor materno obsessivo. Sentindo-se incapaz de suportar a situação sufocante e opressora dentro de casa, decide se alistar no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

Após o período de treinamento, é enviado para um país em conflito, em uma missão de reconhecimento, onde a patrulha da qual fazia parte sofre um atentado e todos são dados como mortos em combate.

Dois anos se passam, e Aaron, que sobreviveu ao ataque por milagre, é resgatado, mas não é mais o mesmo rapaz despreocupado de antes. Regressou com cicatrizes no corpo e na alma, e sem grande parte das

lembranças dos últimos quatro anos de sua vida. Resgataram o seu corpo, mas será possível fazer o mesmo com a sua mente e o seu coração?

Segredos, conflitos, drama e paixão são os tópicos desta história de superação e amor.



Theo – Série Sob o Mesmo Céu – Livro 3

Theodoro Zanetti – Advogado – Divorciado

Quando jovem, Theo saiu Brasil a fim de tentar a sorte no exterior. A cidade escolhida foi Nova York, onde aterrissou em busca do "sonho americano". Uma vez na cidade, terminou seus estudos na área de Direito, casou-se com sua namorada, Sienna, e viu Aaron, seu único filho, nascer. Anos se passam. Segredos são revelados e traições descobertas. Desiludido, pede o divórcio e passa a acreditar que é hora de mudar. Nostálgico e sentindo falta de sua terra natal, toma a decisão de regressar ao Brasil para tentar se reconectar com suas origens.

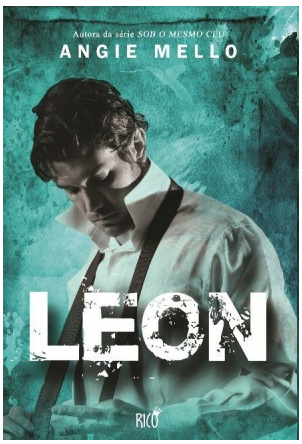
Isadora Meirelles – Fazendeira – Viúva

Isadora casou-se com Ricardo Medeiros, porém, não foi um casamento feliz. Logo após a lua de mel, se deu conta do quanto o marido era um homem possessivo e abusivo. Viciado em jogo e no turfe, perdia o que tinha e o que não tinha. Com dez anos de casada, ela enviúva e passa a

criar seus dois filhos, tocar a fazenda e cuidar dos negócios sozinha. Totalmente dedicada ao trabalho e à família, relacionamentos sérios não estão em seus planos, muito menos voltar a se casar.

Um homem e uma mulher que levam na bagagem histórias de desamor, traição e decepção. O que será que o destino ainda tem reservado para eles? Existe uma idade limite para encontrar e viver um grande amor?

Uma história repleta de intensas emoções. Ciúmes, sexo, amor, chantagem, obsessão, reviravoltas e recomeços.



Leon – Série Sob o Mesmo Céu – Livro 4

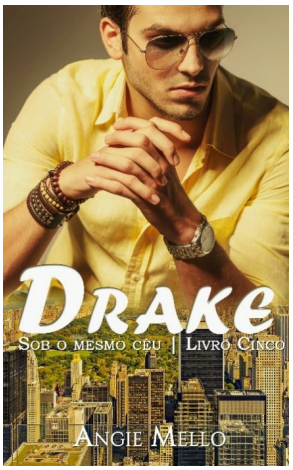
Ele sofreu duas perdas irreparáveis e tão dolorosas que desejou deixar de respirar.

Leon vê Melissa, sua esposa grávida de sete meses, ser usada como escudo durante um assalto. Depois da morte do bandido por um atirador de elite, sua pressão arterial sobe a um nível assustador. É socorrida, mas entra em colapso. Uma cesariana de emergência é feita, mas tanto Melissa quanto o bebê não resistem e morrem. Após o enterro da mulher e do filho, e não conseguindo permanecer na cidade onde se casou, fez planos e sonhou com um futuro feliz, Leon sobe em sua moto e foge, passando a viver como um ermitão, numa cabana afastada, por três longos anos.

Um determinado dia, ele recebe uma carta da mãe, implorando pelo seu retorno, pois o senhor Jethro Carter, seu pai e com quem não mantém uma boa relação, foi diagnosticado com uma doença fatal e tem pouco tempo de vida. Leon reluta, mas, ao mesmo tempo, se pergunta se não chegou a hora de voltar e retomar sua vida e seu trabalho. No passado, foi um dos melhores e mais requisitados guarda-costas, acostumado a custodiar ricos e famosos, altos executivos e políticos.

Decide regressar à cidade. Revê a mãe e tem uma conversa com o pai. Pouco tempo depois, seu caminho se cruza com o de uma morena bonita, de grandes olhos castanhos e pernas compridas. Zayla e Leon sentem a forte atração que um exerce sobre o outro, desde o primeiro momento, porém, ambos têm seus próprios motivos para não estarem à procura de um novo relacionamento.

Uma história de superação, paixão, intrigas e amor. Prepare-se para suspirar da primeira até a última página.



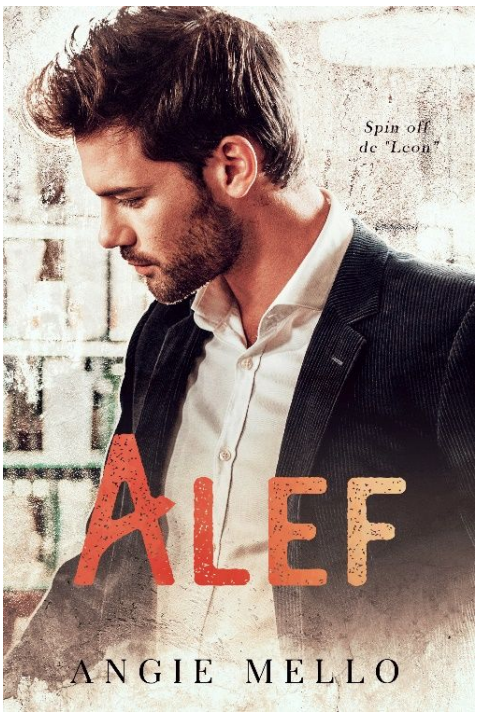
Drake – Série Sob o Mesmo Céu – livro 5

Drake é um jovem responsável, honesto e trabalhador. Criado só pela mãe, não chegou a conhecer o pai, nem mesmo sabe o nome do homem que o gerou. Essa situação indefinida em sua vida é algo que ainda não conseguiu superar. Dono de um temperamento introspectivo, é adepto dos esportes e tem um apego especial pela prática do boxe, pois é onde consegue extravasar o estresse do seu trabalho e manter o equilíbrio físico e mental.

Há cerca de um ano, mantém um relacionamento com Yasmin, a filha mais nova de um poderoso magnata preconceituoso e controlador. Porém, num determinado dia, a jovem termina o namoro dos dois alegando que, se não o deixar, o pai a expulsa de casa e tira seu nome do testamento. Decepcionado, com o coração partido e acreditando ter sido apenas um brinquedo para uma garota mimada, Drake decide aceitar o inevitável e segue em frente, determinado a esquecê-la.

Contudo, as coisas nem sempre são como parecem ser. Quando parte para a Espanha custodiando um alto executivo, coincidentemente também seu amigo de treino, Drake não faz ideia de que está muito perto de

reencontrar a mulher que tanto anseia esquecer e que, por fim, a verdade virá à tona.



Alef – Série Sob o Mesmo Céu – Spin off de Leon

De um lado, temos Alef, um homem que amou demais, a ponto de deixar tudo por sua amada, mas foi traído. Ferido, ele tomou a agonizante decisão de entregar a esposa para a justiça.

Do outro lado, temos Maya, cuja ambição desmedida foi sua maior ruína. Julgada, foi condenada a passar um ano na prisão, porém, o seu pior castigo não foi perder a liberdade, e sim a confiança e o amor do homem da sua vida.

Ele jura que não sente mais nada e que tudo acabou.

Ela tem a esperança de conseguir reconquistá-lo.

Quem está certo e quem está se enganando?



Do que são feitos os sonhos

George é um dedicado pai de família, tem duas ótimas filhas, um casamento estável e uma carreira invejável. Fez fortuna como empresário e está sempre em busca de novos empreendimentos. Porém, ainda que sua vida semelhe à perfeição, nem tudo é o que parece.

Ele não é um homem feliz. Seu casamento com Maristela, uma socialite que segue uma rotina rígida, sem espaço para imprevistos ou surpresas, há muito acabou. Disposta a tudo para manter as aparências, a mulher nunca mediu esforços para mantê-lo ao seu lado. No passado, George cedeu às suas chantagens por amor às filhas, as duas pessoas a quem mais ama na vida.

Durante uma viagem a trabalho, conhece Isabella, uma jovem simples e com menos da metade de sua idade, mas que mexe com ele a ponto de fazê-lo se perguntar se seu destino é mesmo permanecer preso a um

casamento de conveniência ou se ainda não é tarde demais e ele tem direito à felicidade.

Órfã desde os nove anos de idade, Bella é a mais nova de três irmãos, por isso sempre foi superprotegida, tanto por Eros, o do meio, quanto por Enrico, o mais velho. Estudiosa e determinada, batalhou muito para cursar Pedagogia, um sonho que alimentava desde a infância.

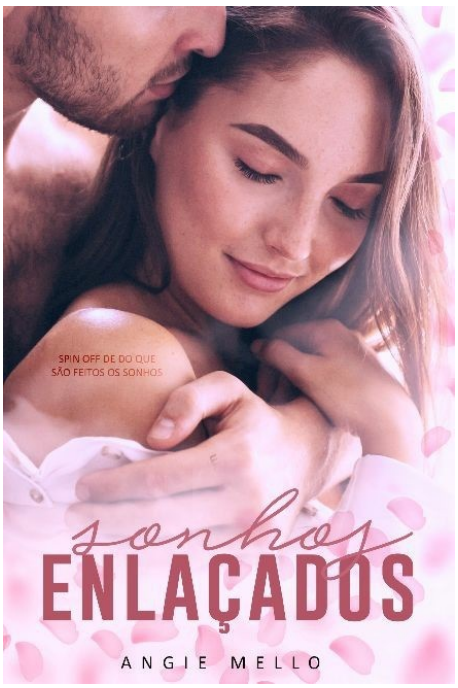
A conclusão do curso torna Bella o maior motivo de orgulho de Enrico, que abriu mão de seus próprios sonhos e aspirações para trabalhar e sustentar a casa, e assim manter a família unida.

Em um fim de tarde, no caminho para casa, um acidente acontece e Bella se depara com George, um homem cujo estilo e aparência são diferentes das pessoas com quem convive. Apesar das diferenças, logo Bella se vê fascinada por seu olhar intenso, intrigada pela áurea de mistério que o envolve e por seu charme maduro.

Uma mulher obsessiva e que não está disposta a perder, dois irmãos mais velhos e protetores, diferença de idade e classe social são alguns dos obstáculos contra os quais ambos terão que lutar para defender seu amor.

Embarque na história de Bella e George e venha descobrir...

Do Que São Feitos os Sonhos.



Sonhos Enlaçados

Spin off do livro Do que são feitos os sonhos

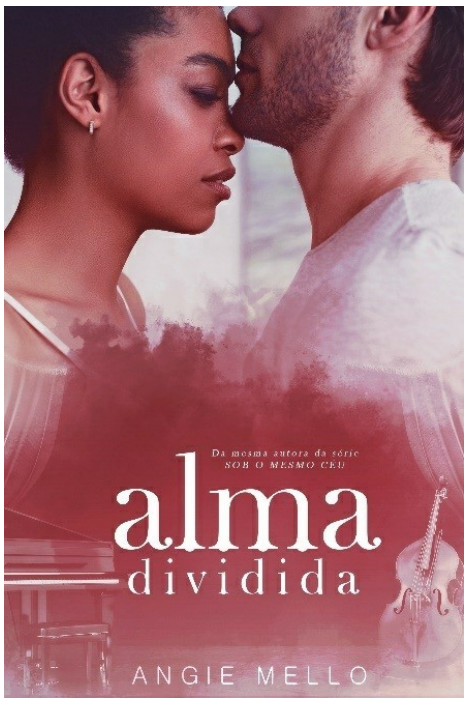
Bonito, imponente e sério, Enrico é o único homem capaz de fazer o mundo de Alana balançar com apenas um olhar, mas eles não têm nada em comum, pelo contrário, não poderiam ser mais diferentes.

Enrico perdeu os pais em um acidente de carro numa noite chuvosa, e desde então sua vida mudou e ele nunca mais foi o mesmo. Marcado pela tragédia e sendo o mais velho de três irmãos, abriu mão de seus sonhos e aspirações para trabalhar, sustentar a casa e manter a família unida.

Vários anos depois, é traído da pior maneira possível, o que o torna um homem desiludido e amargurado. Quando sua irmã mais nova se apaixona por um homem mais velho, conhece Alana e sente-se bastante mexido pela jovem, porém, a situação em que se encontram é delicada e ambos batem de frente logo de cara.

Ela o despreza e ele não a suporta, mas a antipatia mútua não impede que uma forte atração surja entre os dois, pegando-os de surpresa.

Alana e Enrico terão que tomar uma decisão: reprimir o que sentem ou viver uma paixão tão indesejada quando avassaladora.



Alma Dividida

Scarlet é uma jovem musicista que, após uma vida de lutas, estudos e sacrifícios, está prestes a realizar seu sonho de menina: ela acaba de ser contratada para acompanhar o ***Duo Ulinov*** em sua mais recente turnê pelo mundo.

Liderado por Dimitri Ulinov, um dos maiores violoncelistas da atualidade e reconhecido pelo estilo impetuoso e arrojado, o grupo adquiriu fama internacional pelo talento inegável dos seus componentes e pela proposta musical inovadora, onde mescla a música clássica, o pop e o rock, arrastando dezenas de milhares de fãs para assistirem aos seus shows pelo mundo.

Entre a tão sonhada carreira de pianista e a própria segurança, Scarlet se verá obrigada a enfrentar não apenas um passado que insiste em persegui-la onde quer que vá, mas também a paixão avassaladora que nasce entre ela e o músico carismático e de temperamento difícil.

Alma Dividida é um romance intenso, encantador e romântico. Uma história envolvente, emocionante e que vai conquistar o seu coração.